

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DA PAISAGEM EM ÁREAS  
ÚMIDAS**

**Estudo de Caso: Área Úmida Capellanía, Bogotá – Colômbia.**

**PEDRO IGNÁCIO SALAZAR SALAMANCA**

Orientador: Prof. Dr. Ulisses Franz Bremer  
Porto Alegre, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DA PAISAGEM EM ÁREAS ÚMIDAS**  
**Estudo de Caso: Área Úmida Capellanía, Bogotá – Colômbia**

**PEDRO IGNÁCIO SALAZAR SALAMANCA**

Professor Orientador: Ulisses Franz Bremer

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação  
em Geografia como requisito  
para obtenção do título de  
Mestre em Geografia.

Comissão Examinadora:

Dr. Luís Alberto Basso (POSGEA – UFRGS)

Dr<sup>a</sup> Cláudia Luísa Zeferino Pires (POSGEA – UFRGS)

Dr<sup>a</sup> Marlise Amália Reinehr Dal Forno (UFRGS – Campus Litoral Norte)

Porto Alegre

2015

# UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**Reitor:** Carlos Alexandre Netto

**Vice-Reitor:** Rui Vicente Oppermann

## INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

**Diretor:** André Sampaio Mexias

**Vice-Diretor:** Nelson Luiz Sambaqui Gruber

Salazar S., Pedro Ignacio

Análise da percepção da paisagem em áreas úmidas – Estudo de Caso: Área Úmida Capellanía, Bogotá – Colômbia. / Pedro Ignacio Salazar Salamanca. - Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2015. [205 f.] il.

Dissertação (Mestrado).- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Porto Alegre, RS - BR, 2015.

Orientador(es):Ulisses Franz Bremer

1. Paisagem 2. Percepção 3. Imagens mentais 4. Áreas úmidas I. Título.

CDU 911

---

Catálogo na Publicação

Biblioteca Instituto de Geociências - UFRGS

Renata Cristina Grun

CRB 10/1113

Dedicado a meus pais que sempre me  
têm acompanhado, apoiado e  
entregado seu amor incondicional em  
os momentos alegres e não tão  
alegres de minha vida; a minhas irmãs  
e irmãos, sobrinhas e sobrinhos e a  
minha tia que desde o céu está  
pendente de mim.



## AGRADECIMENTOS

Dou graças a Deus por abrir as portas necessárias da vida para que se fizesse possível a grande oportunidade de estudar em Brasil; estou agradecido com ele porque sempre esteve a meu lado, especialmente naqueles momentos difíceis da maestria. A minha mamãe, Flor María Salamanca Moreno e a meu papai, Pedro Ignacio Salazar, quem gozaram e sofreram, talvez mais que eu, a cada instante, a cada momento e a cada vivência que tive durante minha estadia em Porto Alegre. Dou ademais graças ao resto de minha família, meus irmãos, Helena, Rosa Edelmira, Flor María, Martha Judith e Héctor Camilo; a meus sobrinhos, Laura Elena, María de los Ángeles, Luisa Fernanda, Pedro David, Ivan Gonzalo e Daniel Sebastián, além de Juanita Sofía e Mathias, por converter em minha bússola e não deixar que perdesse o norte.

Agradeço ademais à Organização de Estados Americanos (OEA) por outorgar-me a bolsa com a que pude estudar em Brasil, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por aceitar em sua alma mater, em suas salas de aula; a CAPES por dar-me a bolsa sem a qual não teria podido estudar fora de meu país e desenvolver este projeto que contribuirá um grão de areia ao sustento e preservação do banhado Capellanía para que as gerações presentes e futuras possam desfrutar e apreciar esta beleza natural que Deus nos brindou e que não podemos nem devemos deixar acabar.

Muito obrigado aos meus professores: a o Ulisses Franz Bremer meu tutor quem sempre esteve disposto a me ajudar. As minhas professoras Dr. Dirce Maria Antunes Suertegaray, Dr. Nina Simone Vilaverde Moura, Dr. Tânia Marques Strohaecker, Dr. Cláudia Luísa Zeferino Pires; a meus professores Dr. Luís Alberto Basso, Dr. Laurindo Antonio Guasselli, Dr. Roberto Verdum y Dr. Aldomar Arnaldo Rückert, quem me brindaram seu apoio e conhecimento incondicional.

Assim mesmo dou graças à professora Susana Barrera Lobatón e meu grupo de investigação ESTEPA; ao professor Luis Antonio Castillo e a Professora Norah León que desde Colômbia sempre confiaram em mim. Assim mesmo, as pessoas da localidade de Fontibón, lá em Bogotá e a Fundação Humedal Capellania que em todo momento estavam pendentes de meus progressos e necessidades, especialmente a senhora Melba Pineda Medellín e seu senhor marido Francisco, e

dom Edgar Gonzáles e sua esposa a senhora Margarita, a eles e suas famílias muito obrigado.

Agradeço à colônia colombiana em Porto Alegre que me recebeu com grande carinho, a meus colegas de maestria e doutorado, que ainda que muitas vezes não compreendiam o que eu dizia, faziam todo o possível por me colaborar. Muito obrigado a Brasil por portar-se tão bem comigo a Porto Alegre por me fazer sentir outro gaúcho; à colônia peruana, equatoriana e paquistanesa por converter em meus amigos.

Por último, dou-lhe mil graças a meus três parceiras em Porto Alegre: Marcela Barrera, Diana Sánchez e Sara Fernandes Borth por sua companhia, apoio e amizade incondicional, e por suposto a meu parceiro e grande amigo Alexi Cusva Verdugo quem desde Bogotá brindo-me um apoio total para sacar adiante este projeto, brindando-me sua colaboração e amizade absoluta. A todos vocês obrigado totais.

Porto Alegre, 10 de abril de 2015.

Porque o tempo não é um obstáculo,  
senão uma bênção.

(BARRERA-CORTÉS, 2015)

## **RESUMO**

Esta tese analisa a percepção da paisagem da área úmida de Capellanía localizada na cidade de Bogotá Colômbia. A investigação mostra como a paisagem não se baseia simplesmente na estética e na sensibilidade do ambiente. Através de análise de documentos históricos, entrevistas e mapeamento participativo pela percepção dos moradores, entende-se que ela se sustenta em uma série de percepções e imagens mentais que historicamente os grupos dominantes têm imposto na sociedade para permitir um ordenamento territorial determinado, o que Cosgrove (1985) denominou exercício do poder sobre o espaço.

Identificaram-se as imagens ambientais e os atores históricos que contribuíram para configurar e transformar a paisagem do banhado Capellanía através do tempo, os principais impactos ambientais acontecidos durante o século XX produto dos ordenamentos territoriais estabelecidos, finalizando com a percepção dos atores atuais que se relacionam direta ou indiretamente com este ecossistema.

Palavras chave: Paisagem, percepção, imagens mentais, ordenamento territorial, impactos ambientais, áreas úmidas.

## **RESUMEN**

Esta tesis analiza la percepción del paisaje del humedal Capellanía localizado en la ciudad de Bogotá Colombia. La investigación muestra cómo el paisaje no se basa simplemente en la estética y la sensibilidad del ambiente, sino que se sustenta en una serie de percepciones e imágenes mentales que históricamente los grupos dominantes han impuesto en la sociedad para permitir un ordenamiento territorial determinado, en lo que Cosgrove (1985) denominó como ejercicio del poder sobre el espacio.

Para ello, se identificaron las imágenes ambientales y los agentes históricos que contribuyeron a la configuración y transformaron del paisaje del humedal

Capellanía a través del tiempo, los principales impactos ambientales acontecidos durante el siglo XX producto de los ordenamientos territoriales establecidos, finalizando con la percepción de los agentes actuales que se relacionan directa o indirectamente con este ecosistema.

Palabras clave: Paisaje, Percepción, humedales, Imágenes Mentales, Ordenamiento Territorial, Impactos Ambientales.

## **ABSTRACT**

This thesis analyzes the urban landscape perception of the Capellanía wetland located in Bogota, Colombia. Although the urban landscape is supported by the esthetic and the sensibility around it, this research shows that perception and the mental images have a high influence to set of laws that control the territorial space. These two variables have imposed by different dominant groups, which is related to power exercise over territorial space (Cosgrove 1985).

The research identified the environmental images and the different agents that contributed in the current configuration and transformation of the Capellanía wetland landscape. It started with the evaluation of the environmental impacts during the XX century as a consequence of different set of laws that organized the territorial space; and finalized with the perception of the current agents that interact with the wetland ecosystem directly or indirectly.

Keywords: Landscape, Perception, wetlands, Mental Images, Space Planning, Environmental Impacts.

## LISTA DE ANEXOS

ANEXO A.....	202
--------------	-----

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1-1 LOCALIZAÇÃO DO BANHADO CAPELLANÍA, FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA. ....	20
FIGURA 2-1 GEOMORFOLOGIA DO DISTRITO CAPITAL. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	24
FIGURA 2-2 TIPOS DE ÁREAS ÚMIDAS DO DISTRITO CAPITAL DE BOGOTÁ. FONTE DAMA (2004, P. 15). .....	26
FIGURA 2-3 LOCALIZAÇÃO DA LOCALIDADE DE FONTIBÓN NO DISTRITO CAPITAL DE BOGOTÁ. FONTE: CONSERVACIÓN INTERNACIONAL COLÔMBIA 2008, P. 6-8. ....	27
FIGURA 2-4 EL ÁREA ÚMIDA CAPELLANÍA ENCONTRA-SE LOCALIZADA EM A LOCALIDADE DE FONTIBÓN MAIS EXATAMENTE EM AS UPZS DE FONTIBÓN (75), MODELIA (114) E CAPELLANÍA (115). FONTE: CONSERVACIÓN INTERNACIONAL COLÔMBIA 2008, P. 6- 12. ....	28
FIGURA 2-5 ÁREA ÚMIDA CAPELLANÍA. FONTE: DAPD GOOGLE EARTH. EM BOTERO 2009, P. 10. MUDANÇAS REALIZADAS PELO AUTOR.....	29
FIGURA 2-6 CANAL FONTIBÓN ORIENTAL – ÁREA ÚMIDA CAPELLANÍA. FONTE: CONSERVACIÓN INTERNACIONAL - COLÔMBIA 2008; P. 1-2 CAPÍTULO 1. ....	33
FIGURA 2-7 DESCARGA DO BANHADO CAPELLANÍA AO CANAL FONTIBÓN. FONTE: CONSERVACIÓN INTERNACIONAL - COLÔMBIA 2008; P. 1-5 CAPÍTULO 1. ....	33
FIGURA 2-8 FLORA CARACTERÍSTICA DO BANHADO CAPELLANÍA: BOTONCILLO (BIDENS LAEVIS); FONTE: (CONSERVACIÓN IINTERNACIONAL - COLÔMBIA 2008).....	34
FIGURA 2-9 FLORA CARACTERÍSTICA DO BANHADO CAPELLANÍA: LENTILHA D’ÁGUA (LEMNA SPP.) FONTE: (CONSERVACIÓN IINTERNACIONAL - COLÔMBIA 2008).....	34
FIGURA 2-10 FLORA CARACTERÍSTICA DO BANHADO CAPELLANÍA: DUAS ESPÉCIES DE JUNCO (JUNCUS EFFUSUS, SCHOENOPLECTUS CALIFORNICUS). FONTE: (CONSERVACIÓN IINTERNACIONAL - COLÔMBIA 2008).....	35
FIGURA 2-11 EXEMPLOS DA FAUNA DO BANHADO: RÃ ( <i>HYLA LABIALES</i> ). AUTOR: GUILLERMO FLOREZ (2005). FONTE: <a href="http://www.colarte.com/colarte/foto.asp?idfoto=204454">HTTP://WWW.COLARTE.COM/COLARTE/FOTO.ASP?IDFOTO=204454</a> .....	35
FIGURA 2-12 EXEMPLOS DA FAUNA DO BANHADO: AVES “ <i>CHISGA CAPANEGRA</i> ” ( <i>CARDUELIS PSALTRIA</i> ). AUTOR: GUILLERMO FLOREZ (2005). FONTE: <a href="http://www.colarte.com/colarte/foto.asp?idfoto=204453">HTTP://WWW.COLARTE.COM/COLARTE/FOTO.ASP?IDFOTO=204453</a> .....	36
FIGURA 2-13 EXEMPLOS DA FAUNA DO BANHADO: SERPIENTE SABANERA ( <i>ATRACTUS CRASSIACAUDATUS</i> ). AUTOR: GUILLERMO FLOREZ (2005). FONTE: PERIODICO EL TIEMPO EM: <a href="http://www.colarte.com/colarte/conspintores.asp?idartista=8125&amp;pest=obras&amp;tipo=1&amp;carpeta=ofidios">HTTP://WWW.COLARTE.COM/COLARTE/CONSPINTORES.ASP?IDARTISTA=8125&amp;PEST =OBRAS&amp;TIPO=1&amp;CARPETA=OFIDIOS</a> .....	36
FIGURA 3-1: RESUMO DOS TRÊS PONTOS DE VISTA DEFINIDOS NESTE AMBIENTE DE PESQUISA: A. LOPEZ (2001); B. HOTTOIS (2000); C. BOADA (2003) – FONTE: ALTERADO DE ANGEL (1996). AS ÁREAS HACHURADAS INDICAM A ZONA DE CONFLITO. ....	41
FIGURA 3-2 PERCEPÇÃO ESPACIAL DO SUJEITO, DOS LUGARES VISITADOS E REMOTOS. FONTE, ESTÉBANEZ JOSÉ (1979, P. 9).....	57
FIGURA 3-3. EM ESTA GRÁFICA MOSTRA-SE A UNIÃO DA PERCEPÇÃO INDIVIDUAL (PI) E A PERCEPÇÃO SOCIOCULTURAL (PSC) EM A CRIAÇÃO DA IMAGEM MENTAL DAS	

PAISAGENS VIVIDAS. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	59
FIGURA 3-4 RESUMO DA ABORDAGEM OPERACIONAL DO PARADIGMA COMPORTAMENTAL PELA GEOGRAFIA E PERCEÇÃO. FONTE: ESTÉBANEZ, 1982. ....	59
FIGURA 3-5. EM ESTA GRÁFICA APARECEM AOS QUATRO ACTORES PRINCIPAIS TRANSFORMADORES DA PAISAGEM. ELABORAÇÃO PRÓPRIA BASEADO EM: JARAMILLO (1994) E HARVEY (1977). ....	63
FIGURA 5-1 CAMALHÕES PRÉ-HISPÂNICOS, ÁREA ÚMIDA DE JABOQUE, BOGOTÁ, COLÔMBIA. FONTE: ADESSA 2006, P. 74 .....	83
FIGURA 5-2 SISTEMA DE CULTIVO DE SULCOS E CAMALHÕES. FONTE: MODIFICADO DE BOADA RIVAS (2006) EM DÍAZ-FORERO (2013 P. 107) .....	84
FIGURA 5-3 CAMALHÕES PRÉ-HISPÂNICOS EM FORMA DE XADREZ, MARGENS NORTE DO RIU BOGOTÁ. FONTE: FOTOGRAFIA AÉREA IGAC 1976: .....	84
FIGURA 5-4 CAMALHÕES PRÉ-HISPÂNICOS EM FORMA DE XADREZ, ÁREA ÚMIDA TIBABUYES, BOGOTÁ COLÔMBIA 1956. FONTE: JORGE ESCOBAR. <a href="HTTP://HUMEDALESBOGOTA.COM/2011/09/16/TIBABUYES-TIERRA-DE-LABRADORES/">HTTP://HUMEDALESBOGOTA.COM/2011/09/16/TIBABUYES-TIERRA-DE-LABRADORES/</a> .....	84
FIGURA 5-5 RECONSTRUÇÃO HIPOTÉTICA DO MONÓLITO 9 NO 965 DC, MOSTRANDO A RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE A POSTA DE SOL NO SOLSTÍCIO DE DEZEMBRO E O PONTO DE OCULTAÇÃO DA ESTRELA ANTARES. FUENTE: IZQUIERDO & LÓPEZ, EM SANTIAGO 2012, P. 173. ....	85
FIGURA 5-6 PLANO GEOMÉTRICO DA CIDADE DE SANTAFÉ. FONTE: SALDARRIAGA 2000. ....	90
FIGURAS 5-7 BOGOTÁ SÉCULO XVI. TENTO-SE DESTERRAR À NATUREZA DAS CIDADES. FONTE: <a href="HTTP://BITACORASDEBOGOTA.BLOGSPOT.COM/2007/01/LA-COLONIA-EN-EL-SIGLO-XVII.HTML">HTTP://BITACORASDEBOGOTA.BLOGSPOT.COM/2007/01/LA-COLONIA-EN-EL-SIGLO-XVII.HTML</a> . ....	91
FIGURA 5-8 POVO DE ÍNDIOS DURANTE A COLÔNIA. ....	92
FIGURA 5-9 PINTURA DAS TERRAS PÂNTANOS E ANEGADOS DO POVO DE BOGOTÁ, 1614. ALONZO RUIZ GALDÁMEZ E JUAN DE AGUILAR RENDÓN. NESTA IMAGEM APARECE PARTE-A SUL OCIDENTAL DA ATUAL BOGOTÁ DISTRITO CAPITAL. O NORTE DESTA MAPA ESTÁ LOCALIZADO À DIREITA, ISTO É, O OCIDENTE ENCONTRA-SE EM A PARTE SUPERIOR DO PLANO. DE ACORDO A JUAN DAVID DELGADO, O GRANDE RIO QUE SE APRECIA EM A PINTURA E QUE A PERCORRE DE NORTE A SUL É O RIO FUNZA, QUE ATUALMENTE LHE CONHECE COM O NOME DE BOGOTÁ. AO ORIENTE DO RIO, EM A PARTE BAIXA DA PINTURA ENCONTRAM-SE OS TERRITÓRIOS DO QUE ATUALMENTE É FONTIBÓN E ENGATIVÁ. FONTE: DELGADO 2010, P. 119.....	97
FIGURA 5-10 CAMELLÓN DE OCCIDENTE. AVENIDA DE COLÓN. ANO DE 1865. FONTE: CENTRO DE ESTUDOS DE ARQUITETURA E MEIO AMBIENTE (CEAM). ARQUIVO FOTOGRÁFICO MUSEU DE DESENVOLVIMENTO URBANO IDCT. EM. ROJAS 2000. ....	99
FIGURA 5-11 BOGOTÁ VISTA DESDE O OESTE. A SABANA DE BOGOTÁ É UM ALTIPLANO QUE ESTÁ RODEADO POR CERROS E BANHADOS QUE DIFICULTAM A ENTRADA E SAÍDA DE PESSOAS E MERCANCIAS DURANTE A COLÔNIA, A REPÚBLICA E AS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX. AUTOR: GRAVADO DE J HARRIS. 1851. CRÉDITOS REVISTA CREDENCIAL HISTORIAL, EDIÇÃO 133, JANEIRO DE 2001. CREDENCIAL 2001. FONTE: <a href="HTTP://WWW.COLARTE.COM/COLARTE/FOTO.ASP?IDFOTO=258442">HTTP://WWW.COLARTE.COM/COLARTE/FOTO.ASP?IDFOTO=258442</a> .....	102
FIGURA 5-12 MAPA DE BOGOTÁ ELABORADO POR CARLOS CLAVIJO (1892), REFORMADO EM 1894. FONTE: CARREIRA 2007, P. 273.....	103
FIGURA 5-13 PLAZA MAYOR, HOJE PLAZA DE BOLÍVAR. IMAGEM DO ANO 1846. FONTE: <a href="HTTP://WWW.REVISTACREDENCIAL.COM/CREDENCIAL/SITES/DEFAULT/FILES/STYLE/S/890X610/PUBLIC/1_2.JPG?ITOK=XDWAN3RD">HTTP://WWW.REVISTACREDENCIAL.COM/CREDENCIAL/SITES/DEFAULT/FILES/STYLE/S/890X610/PUBLIC/1_2.JPG?ITOK=XDWAN3RD</a> .....	104
FIGURA 6-1 BONDE EM CHAMAS, 9 DE ABRIL DE 1948. ....	117
FIGURA 6-2 EDIFÍCIOS DESTRUÍDOS, 9 DE ABRIL DE 1948.....	117
FIGURA 6-3 ÁREAS ÚMIDAS DE BOGOTÁ – DÉCADAS DOS 30 E O 40. FONTE: BYRON	

CALVACHI. EM: ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. SECRETARÍA DISTRITAL DE AMBIENTE SDA. 2008, P. 84 .....	121
FIGURA 6-4 CRESCIMENTO DA ÁREA URBANA AO OESTE DE BOGOTÁ, 1912-1990. FONTE: “BOGOTÁ: CIUDAD DENSA Y COMPACTA” SALAZAR, J Y ROA, F. (2008), EM: ARQUITECTURA URBANA BOGOTÁ. CENTRO EXPANDIDO. PÁGINA VIRTUAL DE LA UNIVERSIDAD DE LOS ANDES, FACULTAD DE ARQUITECTURA Y DISEÑO <a href="HTTP://PORTFOLIOS.UNIANDES.EDU.CO/GALLERY/16063157/ARQ-URBANA-BOGOTA-CENTRO-EXPANDIDO-">HTTP://PORTFOLIOS.UNIANDES.EDU.CO/GALLERY/16063157/ARQ-URBANA-BOGOTA-CENTRO-EXPANDIDO-</a> .....	124
FIGURA 6-6 ÁREA ÚMIDA CAPELLANÍA 1952. FOTO AÉREA, ESCALA 1:10.000 FONTE: IGAC .	129
FIGURA 6-7 ÁREA ÚMIDA CAPELLANÍA 1952. ESCALA 1:18.000. FONTE: SALAZAR-SALAMANCA PEDRO; CUSVA ALEXI; BARRERA SUSANA; POVEDA EDER.....	130
FIGURA 6-8 ÁREA ÚMIDA CAPELLANÍA 1973. FOTO AÉREA, ESCALA 1:10.000 FONTE: IGAC .	131
FIGURA 6-9 ÁREA ÚMIDA CAPELLANÍA 1973. ESCALA 1:18.000 FONTE: SALAZAR-SALAMANCA PEDRO; CUSVA ALEXI; BARRERA SUSANA; POVEDA EDER. ....	131
FIGURA 6-10 ÁREA ÚMIDA CAPELLANÍA 1985. FOTO AÉREA, ESCALA 1:10.000 FONTE: IGAC .....	133
FIGURA 6-11 ÁREA ÚMIDA CAPELLANÍA 1985. ESCALA 1:18.000. FONTE: SALAZAR-SALAMANCA PEDRO; CUSVA ALEXI; BARRERA SUSANA; POVEDA EDER.....	133
FIGURA 6-12 ÁREA ÚMIDA CAPELLANÍA 1997. FOTO AÉREA, ESCALA 1:10.000. FONTE: MUÑOZ JHON.....	135
FIGURA 6-13 ÁREA ÚMIDA CAPELLANÍA 1997. ESCALA 1:18.000. FONTE: SALAZAR-SALAMANCA PEDRO; CUSVA ALEXI; BARRERA SUSANA; POVEDA EDER.....	135
FIGURA 6-14 ATIVIDADES EDUCATIVAS COM MENINOS NO BANHADO A CONEJERA. FONTE: THOMAS MCNISH. EM ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ; SECRETARÍA DISTRITAL DE AMBIENTE 2008, P. 203. ....	140
FIGURA 6-15 CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS PARA APARTAMENTOS SOBRE TERRENOS QUE PERTENCIAM AO BANHADO. FONTE: FOTOGRAFIAS PRÓPRIAS.....	141
FIGURA 6-16 VIAS QUE TÊM FRAGMENTADO A ÁREA ÚMIDA CAPELLANÍA E TRAÇADO DA AVENIDA LONGITUDINAL DE OCIDENTE – ALO -FONTE: DAPD GOOGLE EARTH. EM BOTERO 2009, P. 10. ....	142
FIGURA 6-17 ATERRO REALIZADO COM LICENÇA AMBIENTAL DA CURADORIA DA ZONA. FONTE: FOTOGRAFIAS PRÓPRIAS.....	143
FIGURA 7-1 EM ESTA GRÁFICA APARECEM AOS QUATRO ATORES PRINCIPAIS TRANSFORMADORES DA PAISAGEM DURANTE A COLÔNIA EM A SABANA DE BOGOTÁ. ELABORAÇÃO PRÓPRIA BASEADO: JARAMILLO (1994) E HARVEY (1977)..	147
FIGURA 7-2 EM ESTA GRÁFICA APARECEM AOS QUATRO ATORES PRINCIPAIS TRANSFORMADORES DA PAISAGEM DURANTE A REPÚBLICA EM A SABANA DE BOGOTÁ. ELABORAÇÃO PRÓPRIA BASEADO EM: JARAMILLO (1994) E HARVEY (1977). ....	147
FIGURA 7-3 EM ESTA GRÁFICA APARECEM AOS QUATRO ATORES PRINCIPAIS TRANSFORMADORES DA PAISAGEM DURANTE O SÉCULO XX E A PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI EM A SABANA DE BOGOTÁ. ELABORAÇÃO PRÓPRIA BASEADO: JARAMILLO (1994) E HARVEY (1977). ....	150
FIGURA 7-4 RESUMO DA ABORDAGEM OPERACIONAL DO PARADIGMA COMPORTAMENTAL PELA GEOGRAFIA E PERCEPÇÃO. FONTE: ESTÉBANEZ, 1982. ....	151
FIGURA 7-5 RESUMO DO COMPORTAMENTO DA GEOGRAFIA NA ABORDAGEM DO PARADIGMA OPERACIONAL E DA PERCEPÇÃO 2. FONTE: MODIFICADO ESTÉBANEZ, 1982 EM SALAZAR-SALAMANCA & RODRÍGUEZ, 2014: P. 144.....	151
FIGURA 7-6 RESUMO DO PARADIGMA OPERACIONAL NA ABORDAGEM À GEOGRAFIA DO COMPORTAMENTO E DA PERCEPÇÃO 3. FONTE: MODIFICADO DE ESTÉBANEZ, 1982; EM SALAZAR-SALAMANCA & RODRÍGUEZ, 2014: P. 144.....	152



FIGURA 7-7 RESUMO PERCEPÇÃO DA PAISAGEM EM ÁREAS ÚMIDAS. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	153
FIGURA 7-8 CRESCIMENTO URBANO 1938-2010; PERÍODOS DE URBANIZAÇÃO. FONTE: SALAZAR-SALAMANCA PEDRO; CUSVA ALEXI; BARRERA SUSANA 2015.....	154
FIGURA 7-9 CRESCIMENTO URBANO RELACIONADO COM O BANHADO CAPELLANÍA 1938-2010. FONTE: SALAZAR-SALAMANCA PEDRO; CUSVA ALEXI; BARRERA SUSANA 2015. ....	155
FIGURA 7-10 DINÂMICA DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E REDUÇÃO DE ÁREA BANHADO CAPELLANÍA 1938-2010. FONTE: SALAZAR-SALAMANCA PEDRO; CUSVA ALEXI; BARRERA SUSANA 2015. ....	156
FIGURA 7-11 ÁREA URBANIZADA DENTRO DO BANHADO CAPELLANÍA POR ANO. FONTE: SALAZAR-SALAMANCA PEDRO; CUSVA ALEXI; BARRERA SUSANA 2015.....	157
FIGURA 7-12 CRESCIMENTO URBANO 1938-2010. FONTE: SALAZAR-SALAMANCA PEDRO; CUSVA ALEXI; BARRERA SUSANA 2015.....	158
FIGURA 7-13 QUALIDADE DO AR. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	159
FIGURA 7-14 CONTAMINAÇÃO VISUAL. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	159
FIGURA 7-15 QUALIDADE DA ÁGUA. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA .....	160
FIGURA 7-16 LIMPEZA DO BANHADO. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	160
FIGURA 7-17 PRESENÇA DE FLORA E FAUNA. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA .....	160
FIGURA 7-18 DELIMITAÇÃO DO BANHADO. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	161
FIGURA 7-19 ESTADO GERAL DO BANHADO. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	161
FIGURA 7-20 ¿CONSIDERA QUE O BANHADO ESTÁ BEM PROTEGIDO? FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	162
FIGURA 7-21 VOCÊ SE SENTE SEGURO PARA CAMINHAR O BANHADO? FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA .....	162
FIGURA 7-22 ASPECTOS POSITIVOS DO BANHADO. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	163
FIGURA 7-23 ASPECTOS NEGATIVOS DO BANHADO. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	164
FIGURA 7-24 ATIVIDADES QUE REALIZA NO BANHADO. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	165
FIGURA 7-25 SITUAÇÕES NEGATIVAS PARA O BANHADO. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA .....	166
FIGURA 7-26 REAÇÕES ANTE AS AÇÕES NEGATIVAS NA CONTRAMÃO DO BANHADO. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA .....	167
FIGURA 7-27 COMO MUDAR AS ATITUDES NEGATIVAS NA CONTRAMÃO DO BANHADO? FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA .....	168
FIGURA 7-28 COMPROMISSOS QUE ASSUME A COMUNIDADE EM DEFESA DO BANHADO CAPELLANÍA. FONTE: FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA .....	169
FIGURA 7-29 HOMEM DESPEJANDO LIXO. FONTE: ATIVIDADE REALIZADA PELO AUTOR.....	170
FIGURA 7-30 MAQUINARIA DA EMPRESA DE ACUEDUCTO E ALCANTARILLADO DE BOGOTÁ INTERVINDO O BANHADO. FONTE: ATIVIDADE REALIZADA PELO AUTOR. ....	171
FIGURA 7-31 FAUNA E FLORA DO BANHADO. FONTE: ATIVIDADE REALIZADA PELO AUTOR. ....	171
FIGURA 7-32 CERCA COMO ASPECTO NEGATIVO DO BANHADO. FONTE: ATIVIDADE REALIZADA PELO AUTOR. ....	172
FIGURA 7-33 CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS AO REDOR DO BANHADO. FONTE: ATIVIDADE REALIZADA PELO AUTOR. ....	172
FIGURA 7-34 O AUTOPISTA LONGITUDINAL DE OCCIDENTE COMO FATOR DE RISCO PARA OS CORPOS DE ÁGUA. FONTE: ATIVIDADE REALIZADA PELO AUTOR.....	173
FIGURA 7-35 VEGETAÇÃO ALTA. FONTE: ATIVIDADE REALIZADA PELO AUTOR. ....	173
FIGURA 7-36 RESULTADOS OBTENIDOS AL INDAGAR SOBRE LOS ASPECTOS QUE CAUSAN SENTIMENTOS TOPOFILIA HACIA EL HUMEDAL CAPELLANÍA.....	174
FIGURA 7.37. RESULTADOS OBTENIDOS AL INVESTIGAR SOBRE LAS CARACTERÍSTICAS QUE PRODUCEN SENTIMENTOS DE TOPOFOBIA HACIA EL HUMEDAL CAPELLANÍA.....	175

## LISTA DE TABELAS

TABELA 2.1: USO DA TERRA NA REGIÃO DO BANHADO CAPELLANÍA.....	31
TABELA 4.1: NÚMERO DE AMOSTRAS PARA ESTUDO.....	72
TABELA 4.2: NÚMERO DE QUESTIONÁRIOS PARA ESTUDO .....	74
TABELA 4.3: FOTOS AÉREAS.....	75
TABELA 4.4: IMAGENS DE SATÉLITE.....	75
TABELA 6.1: PASSAGEIROS E TONELADAS DE ÔNUS TRANSPORTADOS.....	114
TABELA 6.2: CRESCIMENTO POPULACIONAL DE BOGOTÁ.....	115

## LISTA DE SIGLAS

ADESSA: Asociación para el Desarrollo Social.

ALO: Avenida Longitudinal de Occidente.

AP: Ate Presente.

CAN: Centro Administrativo Nacional.

CI: Conservación Internacional.

CAR: Corporaciones Autónomas Nacionales.

CEP: Convenio Europeo del Paisaje.

DAMA: Departamento Administrativo del Medio Ambiente.

DANE: Departamento Administrativo Nacional de Estadística de Colombia.

D.C.: Distrito Capital.

DIVIPOLA: División Político-Administrativa de Colombia.

EAAB: Empresa de Agua y Alcantarillado de Colombia.

ESTEPA: Espacio Tecnología y Participación, grupo de investigación de la Universidad Nacional de Colombia, sede Bogotá, Facultad de Ciencias Humanas, departamento de Geografía.

ha: Hectáreas.

mm: Milímetros

msnm: Metros Sobre el Nivel del Mar.

OEA: Organización de Estados Americanos

PNUMA: Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente.

S.A.: Sociedad Anónima

UPAC: Unidad de Poder Adquisitivo Constante.

UPZ: Unidad de Planeación Zonal.

## SUMARIO

<b>SUMARIO.....</b>	<b>15</b>
<b>Capítulo 1. Introdução .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 OBJETIVOS .....</b>	<b>19</b>
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	19
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	19
<b>Capítulo 2. Caracterização da área úmida Capellanía .....</b>	<b>21</b>
<b>2.1. ZONAS DE SAVANA ALAGADIÇA EM BOGOTÁ ESTRUTURA BIOFÍSICA .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2. GEOMORFOLOGIA E SOLOS DO DISTRITO CAPITAL.....</b>	<b>23</b>
<b>2.3. ECOSSISTEMAS NATURAIS BÁSICOS DA SABANA DE BOGOTÁ.....</b>	<b>25</b>
<b>2.4. ÁREA ÚMIDA CAPELLANÍA.....</b>	<b>27</b>
<b>2.5. CLIMA .....</b>	<b>29</b>
<b>2.6. GEOMORFOLOGIA E SOLOS DO BANHADO CAPELLANÍA.....</b>	<b>30</b>
<b>2.7. USO DO SOLO .....</b>	<b>31</b>
<b>2.8. HIDROGRAFIA DO BANHADO CAPELLANÍA .....</b>	<b>32</b>
<b>2.9 BIODIVERSIDADE.....</b>	<b>33</b>
<b>Capítulo 3. Fundamentação Teórica .....</b>	<b>37</b>
<b>3.1. DEFINIÇÃO DE AMBIENTE.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2. DEFINIÇÃO E HISTÓRIA DO CONCEITO DE PAISAGEM .....</b>	<b>42</b>
3.2.1. A Paisagem Como Conceito Pré-científico.....	45
3.2.2. A Paisagem Como Conceito Científico .....	47
<b>3.3. PERCEPÇÃO DA PAISAGEM: ARTICULAÇÃO ENTRE OBJETIVO E SUBJETIVO NA     LEGITIMAÇÃO DA TRANSFORMAÇÃO DO AMBIENTE.....</b>	<b>56</b>
<b>3.4. PAISAGEM URBANO: FORMA E FUNÇÃO EM PROCURA DE DESENVOLVIMENTO     ECONÓMICO.....</b>	<b>60</b>
<b>Capítulo 4. Procedimentos Tórico-Metodológicos .....</b>	<b>65</b>
<b>4.1. ESTUDO DE GABINETE .....</b>	<b>65</b>
<b>4.2. METODOLOGIA QUALITATIVA .....</b>	<b>67</b>
4.2.1. Cartografia Participativa.....	68
4.2.2. Entrevistas em profundidade .....	70
4.2.3. Amostra de base para a metodologia qualitativa .....	71
<b>4.3. METODOLOGIA QUANTITATIVA.....</b>	<b>73</b>
<b>4.4. PROCESSAMENTO DE FOTOS AÉREAS E IMAGENS DE SATÉLITE .....</b>	<b>75</b>
<b>Capítulo 5. Transformação Histórica da Paisagem da Área Úmida Capellanía, Bogotá, Colômbia.....</b>	<b>78</b>
<b>Primeira parte: contextos Pré-hispânico, Colonial e Republicano.....</b>	<b>78</b>
<b>5.1. ORIGENS: CONTEXTO PRÉ-HISPÂNICO .....</b>	<b>79</b>
<b>5.2. CONTEXTO DA COLÔNIA.....</b>	<b>87</b>
<b>5.3. CONTEXTO REPUBLICANO .....</b>	<b>100</b>
<b>Capítulo 6. Transformação Histórica da Paisagem da Área Úmida Capellanía, Bogotá, Colômbia.....</b>	<b>110</b>

<b>Segunda parte: Primeira e Segunda Metade Século XX; Primeira Década Século XXI.....</b>	<b>110</b>
<b>6.1. CONTEXTO PRIMEIRA PARTE SÉCULO XX.....</b>	<b>110</b>
6.1.1 Industrialização em Bogotá .....	112
6.1.2 Energia Elétrica em Bogotá.....	113
6.1.3 Meios de transporte.....	113
6.1.4. População.....	115
6.1.5 Saúde Pública.....	118
<b>6.2. CONTEXTO SEGUNDA PARTE DO SÉCULO XX: A CIDADE E A LOCALIDADE DE FONTIBÓN.....</b>	<b>121</b>
<b>6.3. Transformação Espaço-temporal da Paisagem: Área Úmida Capellanía.....</b>	<b>128</b>
6.3.1 Área Úmida Capellanía em 1952 .....	128
6.3.2 Área Úmida Capellanía em 1973 .....	130
6.3.3 Área Úmida Capellanía em 1985 .....	132
6.3.4 Área Úmida Capellanía 1997.....	134
<b>6.4. CONTEXTO PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI .....</b>	<b>136</b>
<b>Capítulo 7. Análises de Resultados.....</b>	<b>144</b>
<b>7.1 EVOLUÇÃO DA PERCEÇÃO DAS ÁREAS ÚMIDAS DE FONTIBÓN .....</b>	<b>144</b>
<b>7.2 QUESTIONÁRIOS.....</b>	<b>158</b>
7.2.1 PERGUNTAS REFERENTES AO ESTADO DO BANHADO .....	158
7.2.2 RELAÇÃO COM A ÁREA ÚMIDA CAPELLANÍA.....	165
<b>7.3 CARTOGRAFÍA PARTICIPATIVA.....</b>	<b>169</b>
<b>7.4 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE .....</b>	<b>174</b>
<b>Capítulo 8. Conclusões .....</b>	<b>177</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>181</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>202</b>

## Capítulo 1. Introdução

---

### 1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em nível mundial e até faz pouco tempo, viram-se aos banhados<sup>1</sup> como lugares que atraem, abrigam e acumulam aspetos negativos para a sociedade (Astrálaga 2002). Esta investigação começou há oito anos, quando pela primeira vez comecei a pesquisar os banhados da cidade de Bogotá. Aquilo que eu via como pântanos isolados, os vizinhos destas paisagens viam paraísos naturais. Nesse momento dei-me em conta que a percepção de alguns pesquisadores e planejadores urbanos iam na contra mão da percepção das pessoas que se relacionam dia após dia com eles. A partir desse dia mudei meu rumo geográfico e comecei a estudar, desde o zero, a análise ambiental desde a percepção da paisagem.

No caso da América Latina, os ecossistemas encontrados em áreas urbanas ou subúrbios se constituem nas áreas mais propensas ao seu desaparecimento, principalmente devido à vulnerabilidade que enfrentam pela ocupação antrópica desordenada e pela contaminação dos solos que fazem parte destes corpos naturais. No caso de rios, córregos e áreas úmidas encontradas em cidades ou perto delas, tornaram-se as partes mais frágeis do ambiente, sofrendo grandes transformações que certamente precisam ser estudadas por meio de ferramentas teóricas como o conceito de paisagem, que representa uma visão monista das relações naturais e culturais, sendo esta a configuração causal direta de todas as áreas geográficas.

A análise geográfica da percepção da paisagem torna-se relevante na medida em que este contribui as bases necessárias para o conhecimento dos imaginários que permitem ou não certas condutas ambientais dos planejadores do

---

<sup>1</sup> O lugar de trabalho desta tese é o “*Humedal Capellanía*”, nesta investigação a palavra *humedal* se traduzirá como “banhado” ou “área úmida” que são as palavras em português que mais se ajustam ao significado que possui o termo *humedal* em espanhol.

território e/ou as comunidades que se relacionam direta ou indiretamente com os diversos ecossistemas, em um tempo e lugar específicos.

Para isso, serão analisadas e interpretadas as percepções históricas que modelaram a paisagem, destacando a dimensão natural e a dimensão sociocultural, pesquisando sobre as razões políticas, econômicas e sociais que levaram a configurar esta paisagem em particular.

Esta investigação está dividida em oito partes assim: na primeira, faz-se uma apresentação geral do que é a investigação em si, dando passo à parte dois em onde se faz uma caracterização muito pontual com respeito ao que é o banhado Capellanía, Fontibón que é a localidade à que pertence e Bogotá, a cidade na que está localizada e com a que tem compartilhado uma história comum. Caracterizou-se a parte física do banhado, tomando como referências: sua história geológica, a geomorfologia, a biodiversidade, o clima, os solos e sua hidrografia.

Depois segue a parte três que faz referência à fundamentação teórica a qual parte com a história do conceito da paisagem, desde a época pré-científica até converter-se em um termo científico. A partir daí faz-se uma análise da percepção, as imagens mentais e seu significado simbólico para criar um modelo de atuar, pensar, interpretar e transformar a realidade, nosso meio e por suposto as paisagens que compõem o cotidiano.

No quarto capítulo, explicam-se os procedimentos técnico-operacionais que se utilizaram para atingir os objetivos propostos, por que se utilizaram e como foram utilizados. No capítulo cinco desenvolve-se a valoração histórica da percepção da paisagem do banhado Capellanía, por médio da utilização das técnicas e ferramentas que o conceito de paisagem dá à geografia. Nesta seção, analisou-se o contexto pré-hispânico, período colonial e período republicano para passar depois ao capítulo seis, no que se analisaram os contextos denominados primeira parte do século XX, segunda parte do século XX e, por último, a primeira década do século XXI.

Nos capítulos sete e oito encontram-se as análises de resultados e as conclusões desta árdua, mas grata pesquisa.

## **1.2 OBJETIVOS**

### **1.2.1 OBJETIVO GERAL**

Analisar a dinâmica espacial da área úmida Capellanía (Figura 1.1) através da mudança, evolução e transformação da paisagem, usando as ferramentas teórico-metodológicas que essa perspectiva proporciona ao estudo geográfico do ambiente e, por meio deste, examinar as dimensões objetivas (transformações físicas) e subjetivas (relação ser humano/natureza baseada na percepção do primeiro sobre o segundo) que determinaram a configuração atual desse local específico.

### **1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Analisar as conexões das imagens ambientais encontradas na pesquisa histórica realizada e as estratégias de planejamento adotadas pelos gestores públicos em cada um dos intervalos de tempo em que a pesquisa foi dividida.

Identificar historicamente os diferentes agentes que interagiram na configuração atual da paisagem da área úmida do Capellanía.

Indagar os impactos positivos ou negativos acontecidos no sistema territorial do banhado Capellanía durante a divisão territorial imposta durante o século XX e quantificar o resultado espacial destes;

Examinar a percepção da comunidade sobre o banhado Capellanía, durante o período 2000-2010 e verificar se houve uma mudança significativa a respeito da percepção histórica da sociedade de Bogotá em relação a isso;

Determinar o sentido de pertence e o compromisso da população vizinha a Área Úmida Capellanía, a respeito da recuperação deste e assinalar as vantagens e/ou problemas que enfrenta a vizinhança do banhado Capellanía (sentimentos de topofilia ou topofobia).



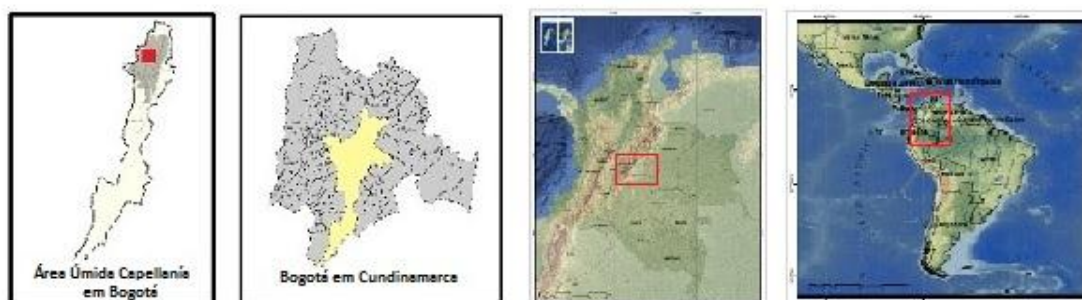
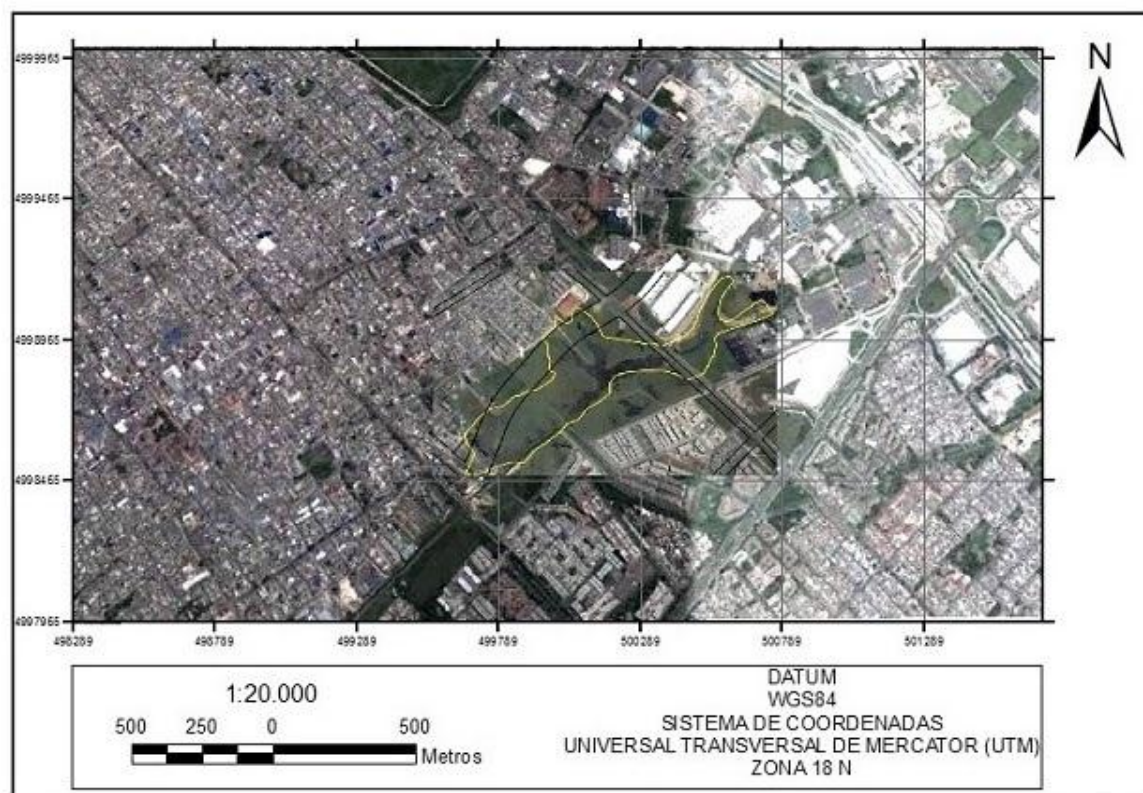


Figura 1-1 Localização do banhado Capellanía, FONTE: Elaboração própria.

## **Capítulo 2. Caracterização da área úmida Capellanía**

---

Nesta parte será abordada, de forma geral, a origem natural dos banhados da Sabana de Bogotá, partindo de uma escala regional, realçando a configuração e evolução da *Cordillera Oriental* da Colômbia, sua relação com a escala global, indicando as alterações climatológicas que influenciaram a origem da paisagem das áreas úmidas. Posteriormente, serão explicadas as características geomorfológicas das áreas e sua biodiversidade, de grande importância para compreender a configuração da savana e das zonas úmidas de Bogotá.

### **2.1. ZONAS DE SAVANA ALAGADIÇA EM BOGOTÁ ESTRUTURA BIOFÍSICA**

A região teve origem como resultado do choque entre as placas de Nazca e América do Sul, levando à elevação e dobradura do que hoje é a Cordilheira dos Andes. De acordo com Van der Hammen (2003) cerca de 3,5 milhões de anos atrás, quando faltava pouco para a Cordilheira Oriental atingir sua altura atual, já havia um proto-rio Bogotá; três milhões de anos atrás começou o afundamento de onde hoje é a savana, isso graças à ativação de uma série de falhas que afetaram esta parte do território: "Como resultado do colapso, a bacia é formada por drenagem impedida, com lagoas e pântanos; em seguida, uma grande lacuna onde deságua o rio Bogotá e seus afluentes atuais" (2003; p, 21).

Posteriormente, cerca de três a 2,5 milhões de anos atrás, quando a cordilheira dos Andes completa sua formação, diminuem ostensivamente os terremotos e os tremores da terra, a região passa de mudanças geológicas contínuas à mudanças climáticas. Primeiro com um arrefecimento global que inicia uma sucessão de grandes glaciações e períodos interglaciais. Para Van der Hammen, os ciclos destas alterações climáticas são da ordem de 20.000, 40.000 e 100.000 anos. "Durante o último milhão de anos da história da Terra, houve 10 ciclos glaciais-interglaciais, com duração de 100 mil anos cada um." (2003; p.21).

Cerca de 70.000 anos atrás, começou a primeira parte da última glaciação.

Em seguida, entre 60.000 e 28.000 anos, a humidade aumentou e diminuiu o frio, processo este que causou o aumento do nível da água no lago, atingindo a altura de 2.600 metros acima do nível do mar, em alguns casos. De acordo com os resultados do Van der Hammen, estudos palinológicos com base em amostras de núcleos tomadas na savana:

“Grandes quantidades de água, muito mais do que no presente, saíam da Savana fazendo o salto de Tequendama, cujo tamanho (comprimento e volume) deve ter sido várias vezes maior do que hoje. Esta corrente d’água deve ter erodido mais sobre o ponto de saída do planalto”. (2003; p. 22).

Posteriormente, cerca de 28.000 anos atrás, o clima perde umidade e a quantidade de água que chega ao lago diminui, dando início ao secamento da lagoa, deixando à intempérie o fundo lodoso ou de areia, conforme o caso. Este último se juntou ao terreno ondulado e, devido à grande quantidade de argila presente, originou uma condição de má drenagem, que propiciou o surgimento de pequenos lagos e áreas pantanosas.

Devido a uma ligeira inclinação das colinas a oeste e de norte a sul, os rios que antes desaguavam na lagoa juntaram-se ao rio Bogotá, encontrando seu caminho de saída no Salto de Tequendama, criando as *chucuas*<sup>2</sup> atuais.

A configuração atual e que conhecemos da savana, ocorre cerca de 13.000 anos atrás, quando começa o Tardiglacial, que dura até 10.000 anos AP. Na transformação total acontecida nas áreas úmidas da savana, o homem também teve grande envolvimento, ainda que em um começo, para perto de 5000 anos atrás, não foi do todo significativa (VAN DER HAMMEN, 2008 Y 2003; RANGEL 2003).

“Esta situação original que acabamos de descrever existiu desde o começo do Holoceno, até que o homem começou a transformar. Os caçadores-recolectores que se encontravam na região desde o Tardiglacial, não mudaram esta situação senão muito localmente e marginalmente”. (VAN DER HAMMEN, 2003, p. 26).

No caso específico da planície de inundação do rio Bogotá e seus afluentes, o maior impacto foi devido à agricultura, e posteriormente, com a metropolização das

---

<sup>2</sup> "Chúcua" é o termo com que se conhece aos banhados para os antigos habitantes da Sabana de Bogotá, “em língua muisca quer dizer “pesqueira”” (MARTÍNEZ; CASALLAS; CHIGUASUQUE, 2007; p. 25). Na atualidade utiliza-se para nomear riacho ou vales erosivos pequenos, com alguns lugares pantanosos, mas não banhados extensos. (VAN DER HAMMEN, 2008; 2003).

zonas próprias das áreas úmidas.

“Com o crescimento da cidade aumenta também as ações de aterro de áreas úmidas (frequentemente com escombros), no vale dos rios, em as *chúcuas* e nos banhados da planície geral. Tudo isto leva a uma grande redução dos banhados da planície e dos vales dos rios. A maioria do que fica atualmente são os das *chúcuas*, em parte criadas por ação antrópica e em general fortemente contaminadas-eutrofizadas”. (VAN DER HAMMEN, 2003, p. 46).

Durante todo este processo evolutivo que se deu em a Sabana de Bogotá, se produziu uma série de transformações sucessivas na fauna e a vegetação da região, produto especialmente das mudanças paleoclimáticas nos que se observa um ciclo contínuo de glaciações e deglaciações. Só até faz uns 3000 anos o clima se estabilizou ao que se observa em a atualidade. Estes câmbios contínuos em as condições climáticas fizeram que a vegetação mudasse ao mesmo ritmo, esta “flutuo desde o páramo aberto nas épocas mais frias, até o bosque subandino, próprio de o atual andar cafeteiro, nas mais cálidas” (PÉREZ, 2000; p. 35); o mesmo ocorreu com a fauna.

Na atualidade o grande transformador da paisagem é o ser humano, devido às decisões, ações e construções que está realizando em procura do progresso e o desenvolvimento das nações.

## **2.2. GEOMORFOLOGIA E SOLOS DO DISTRITO CAPITAL**

Geomorfológicamente a Sabana de Bogotá caracteriza-se por ser uma grande altiplanicie preenchida por depósitos fluviolacustres, processo este que começou no Terciário e se concluiu no Quaternário recente. Assim mesmo, esta altiplanicie está demarcada por cerros, "de forma larga, seguindo os eixos estruturais tectônicos" (PÉREZ, 2000; p. 9). As montanhas limítrofes são rochas sedimentares que se depositaram desde o Terciário, no momento de encontro das placas de Nazca e da América do Sul. Para este autor, a Sabana de Bogotá apresenta duas grandes unidades morfo-estruturais (Figura 2.1):



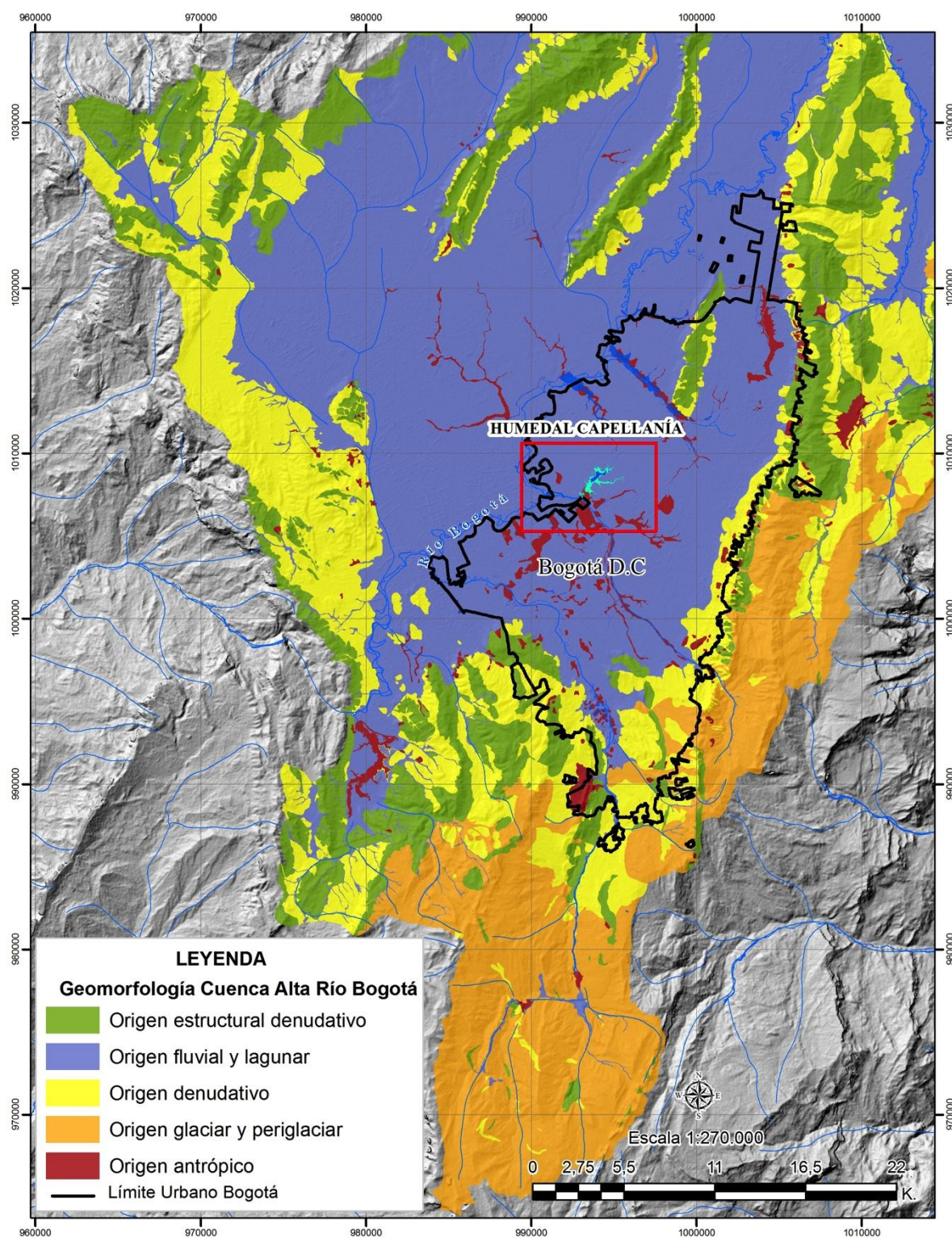


Figura 2-1 Geomorfología do Distrito Capital. FONTE: Elaboração própria.

- Uma região plana, levemente inclinada, formada por depósitos coluviais da planície de inundação do rio Bogotá e seus afluentes;
- Uma área montanhosa constituída por formações rochosas sedimentares

de rochas duras e argilosas moles.

A área de estudo pertence à região plana. Esta tem uma origem fluvial e lagunar, além de antrópica.

Quanto aos solos da Sabana de Bogotá, estes estão muito influenciados pela cinza vulcânica que chegou das erupções ocorridas na *Cordillera Central* do Colômbia. De acordo a Perez (2000; p. 34) “estas cinzas, ao decompor-se e misturar-se com o húmus da vegetação, formaram uma camada de solo escuro de 50 a 150 cm de espessura de grande fertilidade conhecido como solo vulcânico ou *Andisol* (USDA-NRCS, 2010)”. Além deste tipo de solo e de solos hidromórficos, de acordo com a classificação da USDA-NRCS (2010), encontram-se solos das classes dos *entisols*, *inceptisols*, *alfisols* e *planosols*.

### **2.3. ECOSSISTEMAS NATURAIS BÁSICOS DA SABANA DE BOGOTÁ**

Especificamente o Distrito Capital de Bogotá “abarca um marco ecossistêmico que se estende desde os paramos de Sumapaz aos 3.490 msnm até os 2.600 msnm na planície de inundação do rio Bogotá.” (ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ, DAMA; 2006 p. 27). Em esta área encontramos os seguintes ecossistemas naturais básicos: o bosque andino baixo, o bosque alto andino e o páramo. Ademais, os matagais xerofíticos e a vegetação dos banhados (PÉREZ, 2000; p. 17).

Quanto aos banhados, nesta área encontram-se três tipos diferentes de banhados, classificados tendo como baseie sua origem, morfologia e posição orográfica: banhados de páramo, andinos de ladeira e de planície (Figura 2.2).

Os banhados que se encontram em a cidade de Bogotá, incluído Capellanía, são banhados de planície. O processo de formação e transformação deste tipo de banhados através do tempo, pode-se dividir em duas etapas assim: numa primeira instância pela origem natural da Sabana de Bogotá e depois com as mudanças realizadas pelos seres humanos; cabe realçar que este tipo de banhado é o que mais alteração tem sofrido pelo contato direto que tem mantido com as comunidades que têm ocupado este território.

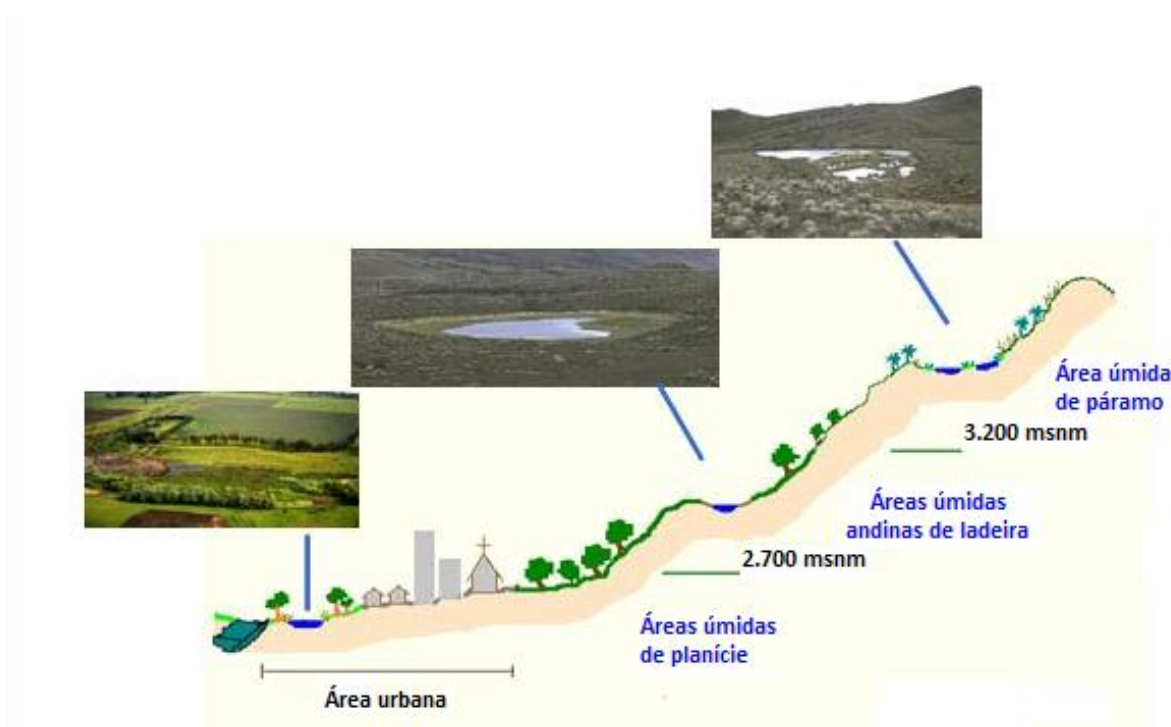


Figura 2-2 Tipos de Áreas Úmidas do Distrito Capital de Bogotá. Fonte DAMA (2004, p. 15).

Estes banhados têm como características principais que se encontram a uma altura menor dos 2700 msnm, ademais são lacustres fluviais, com áreas ligeiramente inclinadas, quase planas, mas morfologicamente não são uniformes. No caso específico do Distrito Capital de Bogotá, isto é, para os banhados que se encontram ao custado oriental do rio Bogotá:

“Correspondem aos formados pelo represamento do escoamento superficial dos cursos de água afluentes do Rio Bogotá, por desbordes do mesmo, por interação entre ambos processos e por flutuações do nível freático. Dentro deste grupo se acolhe também aos meandros ou antigos braços do Rio Bogotá e seus afluentes a seu passo pela cidade, os quais, dependendo de seu estado de evolução, podem se constituir em corpos de água estacional ou permanentes alimentados por desborde ou pelo nível freático.” (DAMA, 2002; em HERRERA, Y. DIAZ, M. VARGAS, P. RODAS, J. y DIAZ, C., 2004; p. 12).



## 2.4. ÁREA ÚMIDA CAPELLANÍA

O banhado tem uma área total de 27 hectares, Está localizada no oeste de Bogotá, Colômbia, mais precisamente na localidade nona de Fontibón<sup>3</sup> (figura 2.3). É parte das Unidades de Planejamento Zonal (UPZ)<sup>4</sup> de Modelia, Fontibon e Capellanía (figura 2.4). Limita ao norte com a Rua 43 e com a fábrica de *Coca-Cola*. Ao sul com a *Avenida Ferrocarril de Occidente* e a subestação Elétrica de Fontibón; ao oriente com as adegas de *Avesco*, *Gilpa* e *Challenger*; ao surocidente com o conjunto San Diego e ao ocidente com a Rua 94 a e os bairros Rincão Santo, Cofradía e o Rubí (ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ, 2012; p. 72).

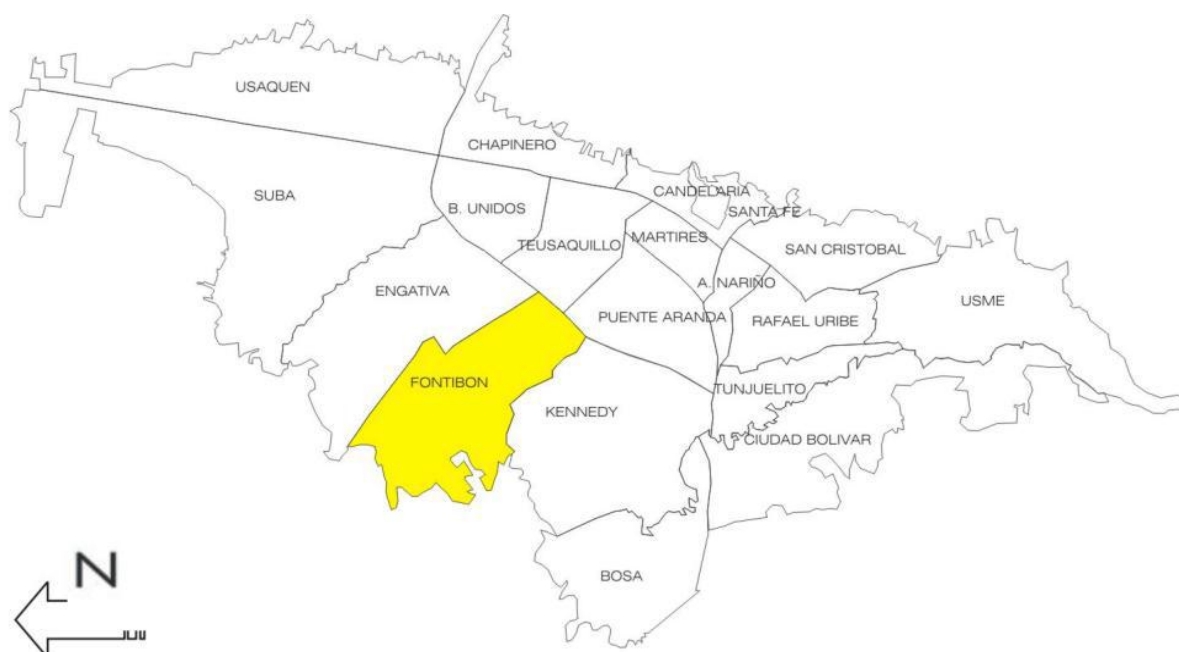


Figura 2-3 Localização da localidade de Fontibón no Distrito Capital de Bogotá. Fonte: Conservación Internacional Colômbia 2008, p. 6-8.

<sup>3</sup> A divisão política-administrativa da Colômbia (DIVIPOLA) de acordo a López (2013) compõe-se principalmente por departamentos, municípios e territórios especiais diversos e de fronteiras, ademais por províncias, subregiones, Corporações Autônomas Regionais (CARs), vilas e bairros. E quanto à estrutura política administrativa de Bogotá Distrito Capital, esta se divide em 20 localidades que se subdividem em UPZs (Unidade de Planejamento Zonal).

<sup>4</sup> As Unidades de Planejamento Zonal (UPZ) são “conformadas por um bairro ou conjunto de bairros tanto no solo urbano como no solo de expansão, que mantêm uma unidade morfológica funcional. Estas unidades são um instrumento de planejamento a escala zonal e vicinal.” (CONSERVACIÓN IINTERNACIONAL – COLÔMBIA, 2008 p. 1-12).



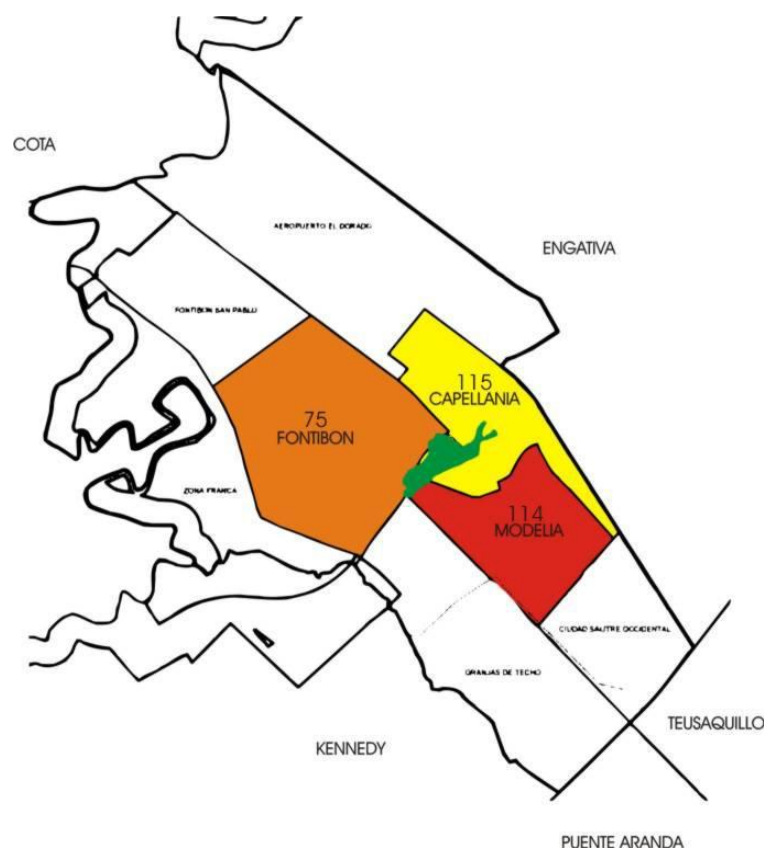


Figura 2-4 El área úmida Capellanía encontra-se localizada em a Localidade de Fontibón mais exatamente em as UPZs de Fontibón (75), Modelia (114) e Capellanía (115). Fonte: Conservación Internacional Colômbia 2008, p. 6-12.

Atualmente esta zona úmida é dividida em duas seções, que para efeitos de localização se denominaram Zona Norte e Zona Sul. A primeira, a zona norte, situa-se ao oeste da *Avenida Ciudad de Cali*, ao custado norte da Avenida A Esperança até a Rua 42 a. Neste sector encontram-se indústrias como *Coca-Cola*, *Challenger*, *Avesco-Kokorico* e *Gilpa S. A.* Também se encontra uma zona de estacionamento.

Ou segundo setor, a zona sul encontra-se localizado ao custado sul da Avenida a Esperança até a Avenida *Ferrovía de Occidente*. Este é o maior dos dois setores que formam o banhado. Está rodeado, a oeste, pelos bairros La Cofradía, Rincón Santo, Rubí, Ferrocaja e a leste pelos bairros San Diego, Fuentes de Dorado II, Mallorca, Modelia Occidental e Capellanía (Figura 2.5).



VIAS PROJETADAS — ZONAS VERDES — DIVISÃO PREDIAL —

Figura 2-5 Área Úmida Capellanía. Fonte: DAPD GOOGLE EARTH. Em BOTERO 2009, p. 10. Mudanças realizadas pelo autor.

## 2.5. CLIMA

Esta área tem clima frio, com uma temperatura média de 13,4°C, com um sistema de chuvas bi estacional; o período chuvoso vai de abril até junho e de outubro até novembro; os meses mais secos são dezembro até março e julho até setembro. De acordo com Gutiérrez & Salinas (2005), os valores médios são os seguintes:

- Temperatura: 13.4°C
- Velocidade do vento: 2,1 m/s
- Direção do vento: Nordeste
- Precipitações: 794 milímetros/ano
- Umidade Relativa: 75%

- Evaporação: Oscila entre 72,1 e 104,4 mm ao mês e estima-se uma evaporação anual aproximada de 1.065 mm.

Em Bogotá as precipitações não são muito altas, a temperatura é baixa, a humidade relativa é alta e a evaporação supera a precipitação. Assim, parte da água proveniente da precipitação e dos recursos fluviais próprios de cada banhado permanece no sistema, garantindo a existência destes ecossistemas na cidade.

Mas ao revisar os dados do banhado Capellanía podemos observar que tem um déficit no aporte anual de água. De acordo a *Conservación Internacional* (2008) este banhado permanece principalmente pela água que lhe chega das redes de esgoto e conexões irregulares contíguas a ele; a companhia *Hidromecánicas*, que prestava serviços ambientais para a prefeitura, concluiu ademais, que este banhado tem uma taxa de redução de área de 2%, produto dos aterros que se fazem continuamente sobre ele para construção urbana e da eutrofização a que está exposto (CONSERVACIÓN IINTERNACIONAL - COLÔMBIA 2008; p. 2-36).

## **2.6. GEOMORFOLOGIA E SOLOS DO BANHADO CAPELLANÍA**

A Área Úmida Capellanía é um banhado de planície; de acordo com Muñoz-Barrera (2006, p. 114) este banhado é uma *cárcava*<sup>5</sup> gerada sobre o terraço do rio Fucha. Apreciam-se dois litologias diferentes na zona de estudo: a primeira localizada sobre o terraço alto e a segunda gerada pela planície de inundação do rio Fucha.

Sabe-se também, por estudos paleontológicos baseados em testemunhos extraídos no domínio (MUÑOZ-BARRERA, 2006 p. 128), que a área úmida de Capellanía foi um lago onde se depositou grande quantidade de matéria orgânica, este lago era a antiga Laguna do Tintal, pertencente à bacia hidrográfica do Rio Fucha. As mudanças mais abruptas na geomorfologia da zona úmida são devidas a causas antrópicas, durante a segunda metade do século passado, ocasionado principalmente por aterros e construção de moradias.

Este tipo de morfologia e as características próprias do setor produzem solos

---

<sup>5</sup> Terminologia em espanhol para se referir a processos de ravinamentos .

de tipo *entisols*, *inceptisols*, *alfisols* e solos hidromórficos (VAN DER HAMMEN, 2008; p. 66).

De acordo ao Dimas Malagón (1998), os *entisols*, são solos de cor ocre, de muito baixa evolução, com presença de minerais primários que se encontram em mesclas de vários tipos de argilas. Os solos *inceptisols*, são solos com uma evolução que flutua entre média e baixa. Também tem minerais primários e ao igual que os *inceptisols*, se apresentam em uma mistura de diferentes tipos de argilas.

Os *alfisols* são solos com uma evolução que vai de moderada a alta. Tem presença de argila mesclada e presença de minerais primários e micas. Os solos hidromórficos (*Planossols* e *Gleissols*, EMBRAPA, 2009) são encontrados nos vales aluviais do rio Bogotá e seus afluentes. Nestas áreas, que apresentam uma contínua subida e descida do nível freático, produzem alteração e redistribuição de ferro e outros minerais, criando manchas nos horizontes de cor cinza, ocre e avermelhado, produto de oxidação e redução sucessivas.

## 2.7. USO DO SOLO

Nesta área o solo é classificado como de atividade múltipla, pois nele se encontram áreas residenciais, industriais e institucionais. Para o nordeste e leste do banhado Capellanía, o uso da terra é principalmente industrial, encontrando fábricas como *Coca-Cola*, *Kokorico*, *Gilpa* e as oficinas de *Transmilenio*. Para o norte, oeste e sul, o solo é predominantemente residencial. Gutiérrez e Salinas (2005), categorizaram o uso da terra em torno da área banhada do Capellanía (especificamente, a bacia aferente), os resultados estão na tabela 2-1.

**Tabela 2.1: Uso da terra na região do banhado Capellanía.**

ÁREA	Ha	%
Residencial	73,8	33,6
Industrial	73,2	33,3
Comercial	23,1	10,6
Libre	49,4	22,5
TOTAL	219,7	100

FONTE: GUTIÉRREZ E SALINAS (2005)

De acordo com Gutierrez e Salinas, a área estimada da bacia aferente é de 219,7 ha, “em geral, a bacia do pantanal é amplamente interferida e regulada, porque o uso do solo é geralmente associado com as atividades humanas, que exigem uma evacuação rápida do escoamento.” (CONSERVACIÓN IINTERNACIONAL - COLÔMBIA 2008; p. 1-3 capítulo 1).

## **2.8. HIDROGRAFIA DO BANHADO CAPELLANÍA**

A área úmida Capellanía pertence à sub-bacia do rio Fucha. O banhado apresenta muitos sangradouros barrados, devido à construção de várias rotas de comunicação importantes para a cidade: a mais antiga, a construção da Avenida 13, obstruiu a entrada direta do banhado para o rio Fucha. Posteriormente, a construção da ferrovia, e das avenidas Eldorado, Boyacá e La Esperanza dividiu o banhado em duas partes.

Antigamente, a área úmida tinha um sangradouro com seu próprio divisor de águas, recebendo aportes hídricos da própria planície. (MUÑOZ-BARRERA, 2006), mas por causa dos canais construídos em seus limites, a água que entra no banhado está diminuindo. É por isso que os alagadiços fluem lentamente e com pouca vazão antes de desaguar no canal de Fontibón Oriental.

As correntes que podem ser observados no banhado são o Canal Oriental de Fontibón e o coletor da Avenida da Esperanza. O primeiro é mais importante porque ele drena a maior quantidade de água do banhado, no entanto, “este canal está isolado hidricamente do banhado” (CONSERVACIÓN IINTERNACIONAL - COLÔMBIA 2008; p. 1-2) (Figura 2.6 – 2.7).

Este banhado não recebe contribuas de água subterrânea. De acordo a estúdios realizados por Van der Hammen (2003) o nível freático na Sabana de Bogotá tem diminuído dramaticamente, este fenômeno se apresenta por duas causas principais: em primeiro lugar a exploração de aquíferos, atividade que se realiza desde a colônia até nossos dias. Em segundo lugar, devasta-a e perda de coberturas que tem sofrido os cerros orientais. A maior parte da água total do banhado prove de águas residuais industriais na zona norte e de redes de esgoto e conexões erradas em parte-a sul.





Figura 2-6 Canal *Fontibón Oriental* – Área Úmida Capellanía. Fonte: CONSERVACIÓN INTERNACIONAL - COLÔMBIA 2008; p. 1-2 capítulo 1.



Figura 2-7 Descarga do Banhado Capellanía ao Canal Fontibón. Fonte: CONSERVACIÓN INTERNACIONAL - COLÔMBIA 2008; p. 1-5 capítulo 1.

## 2.9 BIODIVERSIDADE

Quanto à flora, esta se caracteriza pela presença de: *enea* (*Typha angustifolia*); *capim kikuyu* (*Pennisetum clandestinum*); *juncos* (*Juncus effusus* e *Scirpus californicus*); *Botoncillo* (*Bidens laevis*) (Figura 2.8; 2.9 e 2.10). Estas plantas protegem o banhado de processos erosivos e oferecem abrigo à fauna local e

migratória. Entretanto, uma planta arbórea vem se tornando dominante na área, trata-se do eucalipto (*Eucalyptus sp.*), uma espécie exótica que prejudica esses ecossistemas (CONSERVACIÓN IINTERNACIONAL - COLÔMBIA 2008).



Figura 2-8 Flora característica do banhado Capellanía: *botoncillo* (*Bidens laevis*); Fonte: (CONSERVACIÓN IINTERNACIONAL - COLÔMBIA 2008).



Figura 2-9 Flora característica do banhado Capellanía: lentilha d'água (*Lemna spp.*) Fonte: (CONSERVACIÓN IINTERNACIONAL - COLÔMBIA 2008).





Figura 2-10 Flora característica do banhado Capellanía: duas espécies de *juncos* (*Juncus effusus*, *Schoenoplectus californicus*). Fonte: (CONSERVACIÓN IINTERNACIONAL - COLÔMBIA 2008).

Sua fauna é representada por espécies como as *monjitas* (*Agelaius icterocephalus bogotensis*); *caicas* (*Gallinago nobilis*); *tingua piquirroja* (*galinha-da água*); e *chorlos playeros* (*Tringa spp.*). A vegetação arbórea e arbustiva dá abrigo para aves migratórias como canárias (*Sicalis citrina*), *melros* (*Turdus Fuscater*); *chisgas* (*Carduelis psaltria*), bem como espécies migratórias, como *cerrojillos* (*Dendroica fusca*), *atrapamoscas* (*Virens Contopus*), *vireos* (*Vireo sp*) e *bobitos* (*Coccyzus americanus*), entre outros. (CONSERVACIÓN IINTERNACIONAL - COLÔMBIA 2008) (Figuras 2.11; 2.12 e 2.13).



Figura 2-11 Exemplos da fauna do banhado: Rã (*Hyla labiales*). Autor: Guillermo Florez (2005). Fonte: <http://www.colarte.com/colarte/foto.asp?idfoto=204454>





Figura 2-12 Exemplos da fauna do banhado: aves “chisga capanegra” (*Carduelis psaltria*). Autor: Guillermo Florez (2005). Fonte: <http://www.colarte.com/colarte/foto.asp?idfoto=204453>



Figura 2-13 Exemplos da fauna do banhado: Serpiente sabanera (*Atractus crassicaudatus*). Autor: Guillermo Florez (2005). Fonte: Periodico El Tiempo em: <http://www.colarte.com/colarte/ConsPintores.asp?idartista=8125&pest=obras&tipo=1&carpeta=Ofidios>

## **Capítulo 3. Fundamentação Teórica**

---

No dia 30 de junho de 1968, durante a 45ª sessão do Conselho Económico e Social das Nações Unidas, é levada em conta, pela primeira vez nesta organização, a crise ambiental global. Nesta reunião, foi recomendada a realização de uma Assembleia Geral sobre "os problemas do meio ambiente humano", que foi realizada em Estocolmo em 1972 e, como resultado disso, foi criado o Programa das Nações Unidas Para o Meio Ambiente (PNUMA).

Muito antes deste encontro, vários pesquisadores já analisavam o problema ambiental que estava causando ideias e práticas que visam o progresso e o desenvolvimento das nações. Assim, no início do século XX, vários estudiosos já apontavam suas ideias em conferências, fóruns, livros e artigos em geral. De acordo com Maria Such (2000, p. 30), entre esses primeiros esforços podem ser nomeados a "Primeira Conferência Internacional Sobre Proteção de Paisagens Naturais", realizada em Berna, em 1913; a "Primeira Conferência Internacional Sobre a Proteção da Flora e da Fauna", em 1923 e o "Congresso Constitutivo da União Internacional Para a Proteção da Natureza", que foi patrocinado pela UNESCO em 1948. Além disso, não pode ser esquecido o livro "Primavera silenciosa", de Rachel Carson em 1960, considerado por muitos como "histórico ponto de inflexão em relação à mudança global" (BOADA *et al.*, 2003, p. 12).

Assim sendo, é percebido que a pesquisa sobre as questões ambientais têm relativamente pouco tempo, mas a análise com respeito ao ambiente a partir da perspectiva da relação entre o ser humano e a natureza tem uma longa história. Assim, os estudos podem ser rastreados de volta à Grécia antiga (ANGEL MAYA, 2002; GLAKEN, 1996).

Já na modernidade, a geografia torna-se a principal fonte deste tipo de análise, especialmente na segunda metade do século XIX, quando se consolidou como ciência; são estudos realizados por pesquisadores como Kant (espaço geográfico), Ratzel (território), Humboldt (paisagem), etc., que colocavam definições, teorias e métodos de análise, com a correspondente base epistemológica, nas

relações entre a sociedade e natureza.

Atualmente, o debate sobre o ambiente ultrapassou fronteiras geográficas e tornou-se um conceito universal e transversal a todas as ciências, mas também conseguiu atingir as esferas públicas, privadas, políticas e económicas, tornando este termo à muleta de um sem-número de trabalhos técnicos ao extremo que "não aprofundam a reflexão metodológica e epistemológica" (ECHEVERRIA, 1997, p. 28). É por isso que, para esta pesquisa, é necessário começar com uma análise da definição de ambiente, lembrando o pesquisador Julio Carrizosa, quando disse que "qualquer discussão sobre o meio ambiente tem que retornar até sua definição" (2005, p. 15).

Assim, o pensamento que aqui se faz é, em primeiro lugar, apresentar uma classificação das definições do ambiente, tendo como base os elementos que conformam o sistema, a função e o conflito que podem ser subtraídos da sua análise. Na sequência, será discutido o ambiente na modernidade, chegando ao conceito de paisagem como método de análise monista e de complexa realidade. Aprofunda-se na percepção e na imagem, conceitos que acompanham este termo e, finalmente, se faz uma explicação e a importância das imagens que norteiam as mudanças na paisagem.

### **3.1. DEFINIÇÃO DE AMBIENTE**

O termo ambiente é um conceito que está "tremendamente na moda" (BERTRAND, 1991 em RODRIGUEZ, 1997, p. 79), por ser de grande interesse científico e social dada as implicações diretas do bem estar do ser humano no planeta; a paz e tranquilidade que a modernidade em algum momento colocou pela gestão da natureza através da ciência e da tecnologia, estão sendo perdida, levando à percepção de destruição, crise e perigo iminente em que se encontra a população mundial, pela destruição que está causando o *homoeconomicus* (ESTÉBANEZ, 1992, p.65) nos diferentes ecossistemas do planeta, de modo que a esfera político-econômica representada pela modernidade siga o seu caminho; ou seja, que o ambiente e sua análise está ligada diretamente ao desenvolvimento e progresso económico das nações. Mas o que é ambiente, o que é a relação que ele tem com a paisagem e a importância para sua conservação?

Definições de ambiente há centenas – para a realização deste trabalho, a

busca focou-se em livros especializados no tema, artigos de revistas acreditadas, além de monografias, dissertações e teses de doutorado, à procura de uma possível classificação dos significados que surgem com relação ao conceito de ambiente. O resultado da análise resultou em três grupos diferentes de definições, tendo como base os elementos que conformam o ambiente, além da função, hierarquia e conflitos que podem ser vistos em cada um deles.

No primeiro grupo, encontram-se definições como a de Diego López, que afirma ser o cenário que envolve os seres animados e inanimados. Para este autor, o ambiente "consiste de duas partes: o ambiente físico e natural e o ambiente humano e socioeconômico" (2001, p. 15). Lopez se refere ao ambiente como um todo composto por duas partes: a primeira é a natureza, descrita como uma superfície que envolve a passagem diária da humanidade no planeta, isto é, como um simples cenário em que se desenvolve a sociedade. O segundo é o ambiente humano, que descreve como sinónimo de socioeconômico, que infere nas relações de coesão que une a comunidade, e isso com o seu entorno formam as relações comerciais.

A partir desta perspectiva, o conflito ambiental tem origem "na relação entre a natureza e a sociedade, e acontece na faixa conflito entre os dois sistemas" (Angel 1996, p. 22). A cultura, ao perceber a natureza como fornecedor de bens e serviços, torna os indivíduos da sociedade em *homoeconomicus*. Deste ponto de vista, a relação que se teria com a natureza poderia ser enquadrada pela apropriação e transformação desta. Ao analisar esse modelo, e retornando para Angel Maya (1996), inferem-se duas premissas: primeiro, ele estaria dizendo que o social não faz parte da natureza; além disso, que o problema ambiental não está em valores, atitudes e decisões de toda a sociedade em conjunto.

Num segundo grupo estão alguns pesquisadores que destacam a técnica e a ciência. Um exemplo desta forma de ver o ambiente aparece na proposta de Gilbert Hottois, que define o ambiente como "o meio originalmente circundante que apenas depende marginalmente do tecnocosmos para o crescimento, reprodução ou desenvolvimento" (2005; p, 21). Este conjunto de definições mostra o ambiente como a união de três sistemas: em primeiro lugar está a natureza, tomada neste sentido como a totalidade dos ecossistemas em que não houve intervenção do homem, como espécie. Esta é uma Natureza "que vive uma regressão violenta" (Santos, 2000, p. 202); é pura, pois não depende, ou o faz em pequena medida, das

atividades humanas para completar seu ciclo natural.

O segundo elemento é o tecnossistema, constituído pela natureza que foi "tocada" de alguma forma, direta ou indiretamente, pelas habilidades, conhecimentos e atitudes de pessoas que a desenvolveu ao longo do tempo, tornando-a uma "segunda natureza" (SANTOS, 1996, p. 87).

Por último, um sistema social que se relaciona com o ecossistema ao transformá-lo. Deste ponto de vista, o ambiente é um cenário que está diretamente relacionado com a espécie humana através da ciência e do trabalho. O desenvolvimento técnico-científico da sociedade é o que define a extensão e taxa de apropriação e transformação da natureza. Por esta visão, o problema ambiental surge "das relações críticas entre ecossistema, tecnossistema e sociossistema." (ANGEL, 1996. p. 22).

Analisando o modelo, o problema ambiental surge quando o social se relaciona à natureza tentando que esta se "adapte" aos seus fins e exigências comerciais (SANTOS 1996). Este modelo tem a mesma falha que o anterior, porque sugere que os conflitos ambientais não atingem toda a sociedade ou toda a natureza em seu conjunto.

Outra corrente argumenta que "meio ambiente é um termo que serve para definir toda a sociedade e a natureza, habitat, cidades, economia, instituições e cultura" (BOADA, 2003, 10)<sup>6</sup>. Esta definição mostra o ambiente como uma unidade compacta entre o sociocultural e a natureza. O ser humano já não é um ser superior, como discutido na modernidade, mas parte da natureza; sua liberdade de transformar, ocupar e concluir não é ilimitada. Tornou-se parte ativa, criativa e destruidora do ambiente, e está ciente do desastre que pode causar ou evitar.

Deste ponto de vista, o ambiente torna-se um objeto híbrido entre a natureza e a sociedade, composto de duas partes ou elementos inseparáveis, mantidos em contínua interação e, portanto, em constante mutação. Essa dinâmica ocorre ao longo do tempo e em diferentes lugares e sociedades, dependendo dos valores individuais e de grupo da comunidade. O ambiente é uma unidade inseparável porque a sociedade e a cultura fazem parte da natureza, mas também a natureza é

---

<sup>6</sup> Esta é uma definição que se origina na teoria dos sistemas vivos. De acordo com Boada (2003), esta é uma teoria com raízes na biologia do organismo, da sociologia, da ecologia, da teoria dos sistemas em geral e da cibernética. A ideia central é que o todo, neste caso, é o meio ambiente, não se pode reduzir à soma das partes que o conformam, pois as características e propriedades de cada um deles muda ao integrar-se ao sistema.



um conceito criado a partir da cultura e preservada ou destruída pela sociedade. Fala-se ainda que o conflito ambiental faz parte de todo o sistema e não apenas de um segmento dela.

Assim, na revisão dos trabalhos sobre definição do conceito de ambiente, pode-se observar que há uma relação constante entre os elementos que o compõe, ou seja, a sociedade, a sua cultura e a natureza; o que muda é o nível de consciência sobre a implicação do ser humano nas mudanças que ocorrem continuamente no mundo, isto é, na medida em que a definição se torna mais complexa, o ser humano tem uma maior responsabilidade pelas mudanças e transformações do ambiente, através do trabalho e da apropriação dos sistemas naturais. (Figura 3.1).

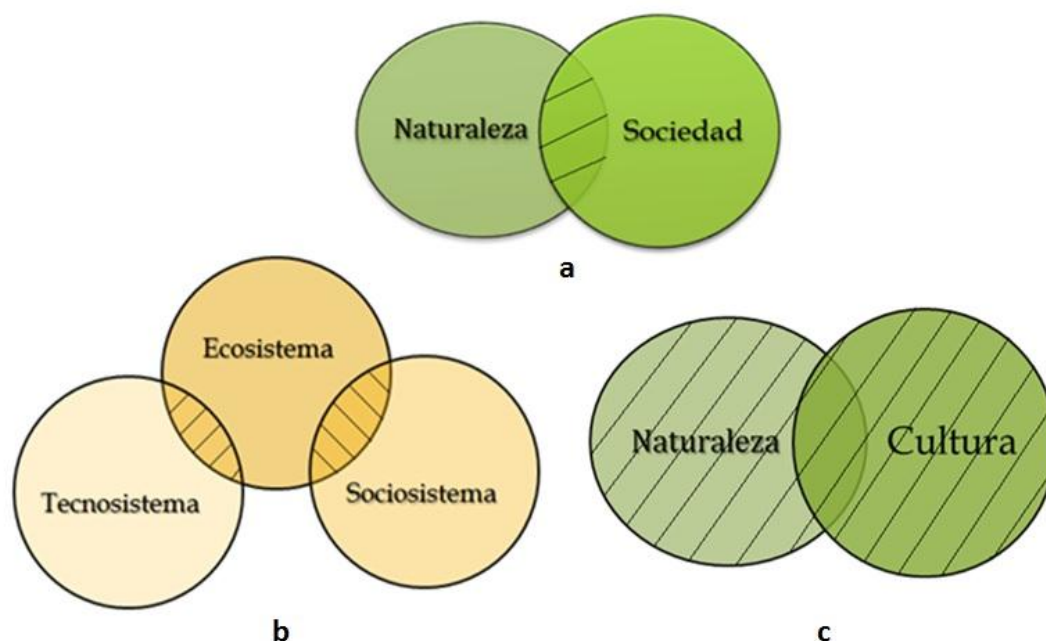


Figura 3-1: Resumo dos três pontos de vista definidos neste ambiente de pesquisa: a. Lopez (2001); b. Hottois (2000); c. Boada (2003) – Fonte: Alterado de Angel (1996). As áreas hachuradas indicam a zona de conflito.

De acordo com autores como Leff (2000), Corrêa da Silva (2000), Vargas (2005) e Galochet (2009), entre outros, análises realizadas sobre questões ambientais são fundamentais para mostrar erros, falhas e abusos da modernidade e do capitalismo sobre a sociedade e a natureza.

A inconveniência do conceito "ambiente" radica em haver-se tornado uma ideia de grande aceitação e poder, ao ponto que os "políticos se apoderaram do

termo." (TRICART, 1972, em GALOCHET, 2009, p.14). À medida que esta contextualização era generalizada e tomava força em esferas sociais, políticas e económicas, foi permeada por particularidades individuais que o utilizaram para seus interesses, especialmente em questões como globalização e território.

Assim foram criados conceitos como o desenvolvimento sustentável e a economia verde, de grande aceitação internacional, que iniciam a partir de erros conceituais como a dualidade entre o homem e a natureza, além de exagerar as soluções fundamentadas na ciência e na tecnologia, ignorando o conhecimento local e ancestral. Finalmente, criam-se metodologias de ação que não levam em conta os diferentes níveis da sociedade e da cultura, eliminando as características próprias de cada lugar. Tudo isso numa tentativa de conciliar a dimensão económica com a social e a ecológica.

### **3.2. DEFINIÇÃO E HISTÓRIA DO CONCEITO DE PAISAGEM**

Segundo o professor Armando Corrêa da Silva (2000), a geografia é uma subtotalidade. Esta declaração é feita ao criticar as visualizações geográficas positivistas que analisam relações entre a sociedade e a natureza, deixando de lado as inter-relações entre o real e o imaginário, o ato e objeto, a ciência e o mítico, o global e o local, ou seja, realiza a análise com base na dualidade, uma clara orientação dos paradigmas dominantes na modernidade<sup>7</sup>. Esta visão também é predominante em alguns estudos relacionados a problemas ambientais atuais, por isso podemos inferir que estes estudos são, em grande parte, uma análise incompleta da realidade.

Para este autor, a solução certa seria estudar o ambiente através do conceito de paisagem, suas metodologias e sua análise, uma vez que a paisagem tem a capacidade de analisar o ambiente como um sistema complexo que articula a unidade existente entre o ser humano e a natureza; em suas análises propõe “uma posição unificadora frente à dicotomia natureza-cultura – comum no pensamento

---

<sup>7</sup> Para Ulloa (2002), através da história, a imagem ambiental que a ciência ou religião têm promovido em seus discursos, se tem plasmado de duas formas diferentes. O primeiro é chamado monista, a segunda dualista. Na visão monista, não há separação entre o natural e o social, os dois estão unidos para formar o divino terrenal. O tipo de relação dualista separa o humano do não humano (p. 140).

científico dominante – que dificulta qualquer entendimento ecológico e social, do ontem, do hoje e do futuro” (URQUIJO 2008. URQUIJO 2009. Pág. 231). Isto é, permite superar essas deficiências e aprofundar o estudo dos problemas ambientais, sem esquecer as características físicas e bióticas e sociais deste (ROUGERIE, 1996, em GALOCHET, 2009, p. 18).

A paisagem é uma realidade complexa onde se relacionam os aspetos objetivos e subjetivos do ambiente (RIVASPLATA, 2010. p. 55), articulados por uma imagem criada a partir de percepções individuais e coletivas da cultura específica de uma sociedade, ou seja, é uma visão do ambiente de ponto de vista monista, que articula os aspetos naturais e socioculturais de um território. (URQUIJO & BARRERA, 2009, p. 227) Portanto, a paisagem não é apenas um inventário de objetos bióticos e abióticos do lugar, nem a soma das ferramentas, realizações ou construções de uma comunidade (CORRÊA DA SILVA, 2000) É uma realidade histórica e geográfica das mudanças no ambiente, num determinado período de tempo e lugar. Ademais, de acordo a Ojeda, a paisagem é resiliente (com grande capacidade de adaptação) e socialmente aceitável (identificadora, simbólica, auto-organizada e auto gerenciada). (2010, p. 1)

Além disso, uma análise da paisagem do ponto de vista da percepção, não apenas basear-se em estética e sensibilidade deste (MADERUELO 2005), deve ir mais longe e encontrar metodologias e modelos de pesquisa para identificar e explicar os elementos históricos que originaram e estruturaram a paisagem em um tempo e lugar determinado. É por isso que neste trabalho o termo percepção é considerado como a ideia sobre a qual constrói e modifica a paisagem e está diretamente relacionada com “o exercício do poder sobre o espaço” (COSGROVE 1985; Pág. 45)<sup>8</sup>.

Esta afirmação se baseia no fato de que, ao longo da história, cada hegemonia tende a ver o mundo através de sua própria perspectiva que tenta homogeneizar culturalmente, criando uma série de símbolos e imagens que se transformam em geral e universal, para, assim, perpetuar no poder de suas visões, ideias, objetivos e metas. Para Tuan “Os seres humanos, como um grupo ou

---

<sup>8</sup> Neste ponto, é necessário fazer uma distinção clara entre paisagem e território. A este respeito, Claudia Pires escreve: “O território, expressão das relações sociais, políticas, económicas e culturais, localizadas num determinado tempo e espaço, assume importância nos estudos da paisagem, pois torna-se referência na verificação das contradições entre as formas de apropriação simbólica e concreta da natureza e da produção social do espaço.” (2010; p. 36)



individualmente, tendem a perceber o mundo com o «eu» no centro” (2007 p 49). O autor chama a isso de comportamentos egocêntricos e etnocêntricos, comportamentos que tendem a estruturar o comportamento social e território de uma maneira e não de outra, um fato que está constantemente se visível na paisagem, tornando-se a distinção clara que separa, divide e distância um do outro, uma comunidade de outro, a uma cultura de outra:

“Os indivíduos são membros de grupos e todos aprendem, em diferentes graus, a diferença entre «nós» e «eles», entre pessoas reais e menos reais, entre o seu próprio território e território estrangeiro. O «nós», é no centro. Os seres humanos perdem seus atributos humanos como se move para longe do centro.” (Yi Fu Tuan 2007; p. 49-50).

Ou seja, ao longo da história, a construção da paisagem foi e está intimamente ligada ao planejamento, gestão e controle do território, a grande diferença é encontrada nos traços culturais que cada sociedade lhe imprime um determinado tempo e lugar, “sendo aqueles que dão sua identidade histórica” (SALAZAR & CUSVA 2014; p. 384).

“A paisagem é uma ideia que torna visível a estética de um tempo e um lugar especial, e, portanto, é uma expressão cheia de simbolismo que naturaliza comportamentos, identidades, laços (ECKBO 1969 MÁSMELA 2010); hierarquias e conflitos espaciais, políticos, econômicos e administrativos (COSGROVE 2002)”. (SALAZAR & RODRÍGUEZ 2014; p. 136)

Saavedra exemplifica claramente este fato, quando escreve:

“Qualquer sociedade, independentemente do modo de produção, tem se esforçado, ao longo do tempo, através da realização de ações de forma planejada. Nos primeiros períodos da antiguidade foram planejadas: redes de estradas; a preservação das terras agrícolas; canais e distribuição de água; grandes cidades na Mesopotâmia e no Egito; o assentamento imponente dos incas, maias e astecas”. (SAAVEDRA 2001; em SALAZAR-SALAMANCA & CUSVA 2014; p. 383-384).

De acordo com o acima exposto, para fazer um estudo da paisagem é necessário fazer uma pesquisa histórica que permita examinar os câmbios ocorridos em o lugar de estudo e analisar o porquê e para que deles; em no caso de América, esta pesquisa deve estar diretamente relacionada à racionalidade moderna, porque

esta se tornou no pensamento filosófico hegemônico em ocidente e como tal, é a que tem determinado o parâmetro a seguir nas transformações que se realizaram nos últimos 500 anos em diferentes lugares do continente.

É neste contexto histórico que se originaram termos como território, natureza, ambiente e paisagem (SALAZAR & CUSVA 2014; p. 385). Especificamente, este último, tem conexões diretas com conceitos hegemônicos que queria implementar a modernidade, conceitos que são representados na paisagem através da subjetividade individual burguês, perspectiva linear, o uso sistemático de cartografia, topografia e geometria euclidiana, utilizado em pinturas e construção de jardins (COSGROVE 1985; p 45-46); mas também na nova forma arquitetônica das cidades, exemplo é a técnica grade que é usada para dar um novo toque de modernidade para as cidades recém-fundadas na América (PALACIO 2008. 140 p).

O termo paisagem ao longo dos anos foi enriquecido principalmente pelas diferentes posições e ângulos a partir dos quais tem se observado, estudado e analisado. De acordo com Salazar & Cusva (2014) e Urquijo & Barrera (2009), a história deste conceito pode ser dividido em duas fases, como segue:

### **3.2.1. A Paisagem Como Conceito Pré-científico**

O conceito de paisagem na Europa começa a ser reconhecido no século XVI. (COSGROVE, 2002, p. 73-74) Este período, tem a particularidade de ser o momento em que os avanços técnico-científicos realizados, somados às descobertas geográficas e ao avanço e posicionamento do capitalismo como poder econômico e político da sociedade europeia, fazem a mudança da visão do mundo, e, a partir desse momento, da percepção da natureza e do território. Estes dois elementos podem transformar e controlar o livre arbítrio do ser humano.

É quando a paisagem torna-se uma espécie de registro que armazenava a informação da vida diária, como a demarcação de propriedades e conceitos estéticos de organização espacial, além de modas e costumes das diferentes classes sociais, métodos e formas de comportamento de indivíduos e sociedades específicas; mas também, estilos de vida, aspirações e conquistas que trouxeram felicidade para as pessoas, felicidade que se movia com as mudanças sociais promulgadas pelo Renascimento e a reforma, ou seja, através da paisagem procura-

se "... descrever e representar a realidade social ligada ao controle territorial" (SALAZAR & CUSVA, 2014. p. 390).

De acordo com Salazar & Cusva (2014), Urquijo e Barrera (2009), Pickenhayn (2007), Fernández-Christlieb e Garza (2006) e Maderuelo (2005) pode-se traçar as raízes lingüísticas da paisagem até as antigas línguas germânicas e latinas. Quanto à primeira, vem da palavra *Landschaft*, formada pela associação de duas partículas: *Schaffen*, modelagem do terreno e *Land*, que se refere ao solo, à terra, ou seja, *Landschaft* refere-se à modelagem do território. (URQUIJO e BARRERA, 2009, p.233) Este termo se expandiu rapidamente a outros países como Holanda (*Landskip*), Inglaterra (*Landscape*) e Lombardia, regiões estas em que a posse da terra se fundamentou nas "novas" formas capitalistas de apropriação. (COSGROVE, 2002).

O termo Paisagem, no século XVI, torna-se uma percepção do espaço por um indivíduo, a partir de um local estratégico, sugerindo "uma relação de poder e controle do observador ao observado" (SALAZAR & CUSVA, 2014, p. 392).

Nestes trabalhos são registrados:

"... Limites extremos do território, subdivisões dentro do limite, estradas e trilhas, o uso da terra, as atividades agrícolas e pecuárias, áreas urbanas e rurais, áreas de florestas, fontes de água, enfim, tudo o que é relevante para o correto manejo do território, conforme a concepção germânica daquele momento". (FERNÁNDEZ & GARZA 2006, p. 4)

A segunda raiz, aquela que provém do termo latino, origina-se de "*paese* e, por derivação, *paesetto*, *paesaggio*; o mesmo sentido das palavras francesas *pays* e *paysaje*." (MADURELO, 2005, p.25).

Há também palavras como *paisagem* no português e *paisaje* no espanhol (URQUIJO e BARRERA, 2009, p. 233) Ambos os casos se originam a partir da palavra *pagus* ou *pago*. (BRUNET *et al.* 1992 em FERNANDEZ & GARZA, 2006, p. 5) Esta raiz está intimamente ligada ao terrinha (terra natal), que está sendo atendido, ou seja, é um conceito que une a terra, a produção e as pessoas que nela habitam.

A grande similaridade destas duas raízes lingüísticas é, em primeira instância, a descrição de "conexões substanciais entre o coletivo humano e seus direitos públicos ou de usufruto sobre os recursos naturais em uma área definida"

(COSGROVE, 2002, p. 71), quer dizer que possuem uma visão monista do ambiente. Em segundo lugar, as duas expressam uma porção de terra visível ao olho humano e com distância tal que pode ser percorrida a pé. (URQUIJO & BARRERA, 2009; FERNANDEZ & GARZA, 2006; MADERUELO, 2005; COSGROVE, 2002).

### 3.2.2. A Paisagem Como Conceito Científico

É no século XIX que se começa a falar de paisagem científica. O ponto de viragem ocorre no momento em que a ciência começa a distanciar-se substancialmente da arte. Segundo Grassi (2006, p. 9) esse fenómeno ocorre porque a ciência posicionar-se como o único canal a poder expressar e explicar, de forma consistente e precisa através de conceitos e definições, os fenómenos da natureza; e não na linguagem humana comum, cheia de imagens, metáforas e analogias.

O primeiro pesquisador que falou de paisagem científica foi o alemão Alexander Von Humboldt (1769-1859), que o definiu como "o carácter íntegro de um trecho de terra" (MÁSMELA, 2010, 16-17). Este autor desenvolveu o primeiro trabalho ambiental de tipo único, incorporado em sua obra "Cosmos"<sup>9</sup>, onde desenvolveu o conceito de "meio" para explicar a relação entre seres humanos e natureza (CLAVAL, 1996; FERNANDEZ, 2004. p. 12).

A paisagem, a partir dessa visão, se opõe aos conceitos cartesianos e newtonianos que estavam tornando-se verdades hegemónicas, oferecendo a partir desta perspectiva "a possibilidade de conciliar o fato e o significado, a natureza e o espírito." (ORTEGA, 1999, p. 122).

Para Humboldt é muito importante a imagem, a estética, a forma e as conexões que existem entre o orgânico e o inorgânico, bem como sua relação com os seres humanos, retomando assim em suas análises, as raízes alemãs e inglesas da paisagem, combinando desta forma em seus estudos, o mundo real com o artístico. Em seu livro *Cosmos*, no prefácio do autor ao primeiro volume, fala da

---

<sup>9</sup> A obra "Cosmos" consta de cinco tomos que foram publicados nos seguintes anos: o primeiro em 1845, o segundo em 1847, o terceiro em 1850, o quarto em 1858. O quinto foi publicado após o falecimento de Humboldt, no ano de 1859 (MIRANDA, 1977).

pintura da natureza, "que abrange o conjunto dos fenômenos do universo, desde as estrelas nebulosas até a geografia das plantas e animais, terminando nas raças humanas." (Cosmos, Volume I, p. XIII). Para ele, esta tabela é composta por quatro elementos diferentes que conforme um único conjunto, um todo, um organismo vivo. Em primeiro lugar, está o céu. Com este fragmento da pintura se quer, "... contemplar o universo, e descrever em seu conjunto toda a esfera dos céus e este mundo em que vivemos." (Op. cit., p. 80).

O segundo elemento é a terra, parte que trata da "distribuição de elementos sólidos e líquidos, a figura da terra, suas variações de densidade média, justamente com as variações que experimenta a certa profundidade e, finalmente, o calor e a tensão eletromagnética do globo." (Cosmos, Volume I, p. 166) A vida orgânica, o terceiro elemento, é representado por animais e plantas.

O quarto - e último elemento que compõe a obra - é o ser humano e seus sentimentos. Humboldt escreve:

"Mas esse espetáculo da natureza estaria incompleto se não considerarmos de que forma se reflete no pensamento e na imaginação, predisposta às impressões poéticas. Um mundo interior nos é revelado, que não iremos explorar como faz a filosofia da arte, para distinguir em nossas emoções o que pertence à ação dos objetos externos sobre os sentidos, daquilo que emana das faculdades da alma ou diz respeito às disposições dos vários povos nativos". (Cosmos, Volume II, p. 3)

Apesar da concepção exclusiva e integradora que Humboldt tinha da paisagem, seus estudos foram orientados principalmente para a botânica, mas abriu caminho para outros pesquisadores como Boas, Sorre, Sauer, Cosgrove e Bertrand, que levaram este conceito e o aplicaram em suas análises.

No início do século XX, começa a construir-se na Rússia a ciência da paisagem, *Landschaftovédénie* (FROLOVA, 2001, p. 2-3), que se forma seguindo os ideais e as teorias da geografia romântica alemã, mas com o passar do tempo tornarem-se estudos de solo, principalmente, onde gradualmente se perde o elemento antrópico constitutivo do ambiente.

Também no início do século XX, e igualmente seguindo os postulados de Humboldt e Ritter, define-se na França a Geografia Regional. O principal expoente dessa tendência é Vidal La Blanche, que "rejeitou o positivismo de Auguste Comte, o determinismo geográfico e a descrição enciclopédica de lugares." (URQUIJO;

BARRERA, 2009 p. 240). A partir desta perspectiva, o espaço é concebido como um todo equivalente à natureza, ao ambiente, ao território. Estudos a partir destas premissas mostram à natureza como um recipiente onde se desenvolvem as atividades sociais e produtivas, diferenciadas pelas capacidades e atitudes físicas das diferentes regiões. De acordo com esta escola, "o homem se desenvolve na natureza como parte dependente." (ORTEGA, 2000, em GONZÁLEZ, 2008, p. 26).

Para os geógrafos regionais:

O que se estudava era o conteúdo visível na paisagem e as possíveis relações que se conseguissem estabelecer entre todos os elementos, como por exemplo, entre o solo, o clima e a vegetação, ou entre as características do meio físico e as formas de uso do solo por parte das comunidades habitantes do lugar. (DELGADO, 2003, p. 25).

O tema principal dos estudos realizados pelos autores da corrente da geografia regional é a transformação das paisagens: o lugar específico sobre a superfície terrestre em onde este ocorre, sua localização e sua descrição (física, biótica e cultural). Com os resultados obtidos define-se o tipo de região que se está examinando e posteriormente se compara com outras, só para revelar a diversidade e heterogeneidade dos espaços que compõem o planeta Terra.

O começo do século passado, nos anos trinta e quarenta, origina-se e fortalece a geografia cultural, e o acadêmico mais influente desta corrente é Carl O. Sauer. Esta era uma geografia com muitos matizes antropológicos e historicistas, que tenta afastar dos postulados do positivismo determinista e do positivismo economicista (LUNA, 1999).

Para Sauer, a geografia deve ser afastada da criação de leis espaciais e centrar na investigação das diferenças existentes nas diversas áreas, regiões ou lugares que compõem o espaço. Para este autor, a geografia é "uma ciência que encontra seu campo inteiro na paisagem" (DELGADO, 2003, p. 24).

"A cada paisagem tem tanto individualidade como relação com outras paisagens, e o mesmo é verdadeiro para as formas que o integram. Nenhum vale é realmente semelhante a qualquer outro vale; nenhuma cidade a réplica exata de alguma outra cidade". (SAUER 2006, p. 6)

Este pesquisador definia a paisagem como "uma área composta por umas associações diferentes de formas, físicas e culturais. Sua estrutura e função são



determinadas por formas integrantes e dependentes” (PIRES 2010, p. 35). Neste sentido, a paisagem não é uma observação individual de um lugar, é a “generalização derivada da observação de cenários individuais” (SAUER 2006, p. 6).

Assim mesmo, Sauer e seus seguidores analisavam os vestígios, rastros e marcas que o ser humano deixa na paisagem ao se relacionar e transformar a natureza para seu benefício, já sejam em forma de construções, jarrões ou ferramentas. O objetivo das investigações da escola de Sauer é:

“... a reconstrução histórica do meio natural e das forças humanas que modificam a paisagem, a identificação de regiões culturais homogêneas definidas em base a elementos materiais (cerâmica, material de construção ou tipos de moradias) ou bem elementos não materiais como religião ou línguas e dialetos; e por último o estudo da ecologia cultural histórica prestando especial atenção em como a percepção e uso humano da paisagem vem condicionada por elementos culturais”. (LUNA 1999, p. 72)

As investigações unilaterais que tentavam se constituir desde a geografia regional e a geografia cultural foram fortemente desvalorizadas e criticadas pelo avanço da geografia quantitativa que promulga a criação de leis e modelos para prever o comportamento das diferentes comunidades, numa tentativa de "ganhar o respeito" das chamadas ciências exatas. Para estes pesquisadores, os modelos devem ignorar os comportamentos, percepções, atitudes, valores e símbolos que a sociedade dá à natureza, deixando livre a passagem para estudos que contribuam para o planejamento do espaço, a apropriação e exploração excessiva dos recursos ambientais num lugar específico. Para Estébanez, "a geografia quantitativa é mais uma renovação metodológica (...), dirigida à aparência da paisagem, muito mais do que à sua essência." (2000, em P. GONZÁLEZ, 2008, p. 30).

A partir destas premissas:

“A Geografia abandonou suas reivindicações de ciência única, tornou-se abstrata, e a paisagem, como principal objeto de estudo, deu lugar ao espaço. (Yeates, 1972; Holt-Jensen, 1980; Stoddard, 1982; Butler, 1986; Haggett, 1994) Nas palavras de Unwin (1995, p.173), "a preocupação central girava em torno do espaço, a quantificação e o desenvolvimento de teorias." (DELGADO, 2003, p. 36).

Em meados do século XX surgiu na França a Escola dos Anais, liderada por Lucien Febvre e Marc Bloch. (URQUIJO; BARRERA, 2009, p. 243) Henry Lefebvre,

em seu livro *La Production de L'espace* escreve que não se deve analisar o espaço como uma unidade contínua e horizontal, mas como uma sucessão de três horizontes, camadas ou níveis, assim: I. Representações do espaço; II. Práticas espaciais; e III. "Espaços de representação." (OSLENDER 2002).

A primeira camada é chamada por Lefebvre de representações do espaço, esta é criada por técnicos, usando mapas, imagens de satélite, *ortofotos* e estatísticas, os chamados Mapas Temáticos. A segunda camada, que denomina Práticas Espaciais, é o espaço percebido pelos habitantes de uma área específica. Finalmente, existem os espaços de representação, eles próprios os espaços vividos, cheios de objetos naturais ou criados pelo homem, cheios de significados subjetivos dados pela cultura de cada sociedade em um determinado tempo e espaço, porque para as pessoas de culturas diferentes, com outras vivências ou experiências, irá significar uma coisa diferente.

Assim mesmo, para Lefebvre o conceito de espaço faz referência a uma unidade social e natural na que se desenvolvem uma série de relações políticas de poder baseadas no saber, e expressadas por meio da paisagem material e discursos de dominação e resistência (OSLENDER 2002).

Nos anos setenta consolida-se a geografia radical. Esta é uma corrente teórica possuidora de um compromisso político de bases marxistas de esquerda, nascida do modernismo (e, como tal, compartilha ideias dualistas entre o ser humano e a natureza), critica os modelos teóricos e práticos do capitalismo que tentam tomar e manter o poder na sociedade global. Geógrafos radicais "são geógrafos que postulam uma transformação da realidade e acreditam que a geografia pode ser uma ferramenta útil para obter uma transformação." (ESTEBANEZ, J. PUYOL, 2000, em GONZÁLEZ, 2008 p. 31).

O assunto de estudo destes geógrafos é o espaço social, produto da interação contínua entre as comunidades e a natureza, natureza que já é transformada pelo trabalho, as técnicas e ferramentas próprias a cada tempo e lugar:

"O espaço de interesse para a geografia radical não é o espaço absoluto como recipiente para objetos geográficos; nem uma determinada porção ou região da superfície da terra; nem o sistema abstrato de movimentos, nós, redes, superfícies e hierarquias". (DELGADO, 2003, p. 80)

Um geógrafo radical de grande importância é Milton Santos, que crítica os

geógrafos positivistas, porque – segundo ele – deixaram a “geografia como viúva do espaço”, e “como uma disciplina mais encantada com o solo do que com a sociedade.” (DELGADO, 2003, p. 97). Santos é um forte crítico do *homoeconómicus* e seu projeto de globalização em que se aproveitam os recursos próprios de um lugar para o bem individual, e não o geral, deixando de fora as comunidades locais.

Para Santos são de grande importância o tempo e as ferramentas que as sociedades criam, em diferentes estágios de sua existência, para transformar a natureza, tornando-a uma segunda natureza; em outras palavras, a passagem de "coisa" para "objeto"; onde “coisa” para Santos, refere-se a "produto de uma evolução natural", enquanto que “objeto” refere-se a "produto do desenvolvimento social." (2000, p. 55).

De acordo a este autor, "o que define o espaço geográfico são os objetos contidos, a valorização dada a esses objetos e o tipo de relações entre os indivíduos que habitam esse espaço." (GONZÁLEZ, 2008 p. 48) A partir desses estudos, o espaço subjetivo terá uma forte base teórica sobre a qual será reforçada a análise, por e desde a geografia.

Para Milton Santos, não deve ser confundido espaço com a paisagem; com respeito a este último escreve: "A paisagem é um aspeto ou parte da configuração territorial. Mas, na terminologia geográfica atual, estas duas expressões - Configuração geográfica e paisagem- frequente e equivocadamente substituir a palavra, espaço" (SANTOS, 2000, p 64).

Essa ideia é complementada por afirmar que "a paisagem é um conjunto de formas em um dado momento, expressa heranças que representam relações sucessivas localizadas, entre o homem e a natureza. O espaço é o encontro dessas formas ao longo da vida que anima" (SANTOS, 2000, p. 86). A paisagem é criada em diferentes momentos da história, formando assim um palimpsesto onde são fatos, funções e ações do passado no presente, enquanto o espaço é atual, "com uma função atual, em resposta às necessidades atuais da sociedade" (SANTOS, 2000, p. 87).

Embora geógrafos radicais começassem a apoiar a ideia de um espaço subjetivo, isto irá se tornar objeto de estudo de geógrafos de percepção e comportamento. A estas correntes pertencem geógrafos que captam sua base metodológica no neopositivismo, complementado por tendências comportamentais. Fundamentam seus estudos nas generalizações, comprovação de hipóteses e

construção de teorias, leis e modelos científicos a partir de estatísticas provenientes de pesquisas e mapas cognitivos, principalmente pelo que possa ser incluído no paradigma quantitativo. (ESTEBANEZ, 1981, p. 16) Partem do conceito que "o comportamento do sujeito é determinado pela imagem que ele tem do mundo ao seu redor." (GONZÁLEZ, 2008, p. 37).

Ainda, esta corrente nutre-se teoricamente da psicologia ambiental e da psicologia cognitiva, além da sociologia. A Psicologia Ambiental, pauta diretrizes para entender os sinais que estruturam a paisagem, símbolos que estão registrados pelo sujeito em uma cultura e pressionados por interesses pessoais e gerais da sociedade a que pertence. A Sociologia ajuda a analisar os símbolos e as imagens coletivas que impactam e transformam, em maior medida, o território. Daí a grande importância dada a ele, neste atual desenvolvimento de mapas cognitivos.

Geógrafos de percepção e comportamento têm, como objeto, o estudo da cidade. Um dos principais autores desta corrente é Kevin Lynch, com seu livro *The Image of the City*, que em sua análise, conclui que "a cidade é composta de marcos (*pontos de referência*), nós (interseções ou pontos estratégicos), estradas (ruas, estradas, canais), limites (paredes, estradas) e bairros." (GONZÁLEZ, 2008, p. 41) Além dele, dois espanhóis - José Estébanez e Constancio de Castro Aguirre - que através de seus livros e artigos, desenvolveram o potencial da geografia da percepção e do comportamento para estudos de planejamento do uso, da paisagem e da cidade, explorando uma visão única, onde a imagem é o conector entre a natureza e o comportamento humano. É por isso que desenvolveram metodologias baseadas em mapas cognitivos, como ferramenta para estudos geográficos e ciências sociais em geral.

Para autores pertencentes à escola de percepção e de comportamento, "a paisagem é mais dentro de cada homem que ele faz próprio, que os objetos materiais que dão imagens para os sentidos" (PICKENHAYN 2007; p. 231), segundo esses autores, a paisagem existe na medida em que o homem vive, participar e interagir com ele.

Para finalizar, no final dos anos setenta, começa a consolidação de uma geografia humanista, nascida em oposição à chamada "ditadura intelectual da abordagem quantitativa em Geografia" (SANGUIN, 1981, em ESTÉBANEZ, 1982, p. 14).

Estes geógrafos aplicaram outras formas do conhecimento, como o

existencialismo e a fenomenologia, que deram origem à "chamada geografia humanística." (BUTTIMER, 1990; UNWIN, 1995; PEET, 1998, em DELGADO, 2003, p. 103) Em seus trabalhos - uma vez que esta corrente é ajustada acima do método científico por atitudes humanistas carregadas de valores, sentimentos, intuições, etc., que se materializam em atitudes e forma de ser do humano com o seu ambiente, tornando o "espaço recipiente" dos positivistas em "lugar", que este o espaço ligado à pessoa por "estreitos laços emocionais" (ESTÉBANEZ, 1982, p. 16), criticando diretamente à sociedade tecnológica e ao chamado homem-económico.

A Geografia Humanística decreta que "O contexto multicultural do presente reafirma a necessidade de compreender as culturas, não apenas do ponto de vista do coletivo, mas também de seus territórios, e a percepção deles." (CAPELL, H. et al, 2002, em GONZÁLEZ, 2008, p. 48). Para esses pesquisadores é de vital importância estudar as populações e as culturas, a fim de examinar as causas que produziram uma paisagem em particular. Para isto irão explorar as ferramentas, as conexões sociais com os seus arredores, as imagens e percepções do ambiente, analisando especialmente o património cultural das diferentes sociedades.

Um dos autores representativos da geografia humanística é Yi Fu Tuan, um pesquisador para quem esta corrente "está interessada em explorar a experiência humana do espaço e do lugar" (DELGADO, 2003, p 111). Suas principais obras são *Topofilia* (1974) e *The Perspective of Experience* (1977), em que explora valores, sentimentos e experiências culturais das comunidades em torno de locais específicos. Especificamente, no seu trabalho *Topofilia*, parte da premissa que todos os seres humanos são diferentes, mas, no entanto, procura por semelhanças em diferentes culturas, tentando encontrar algum grau de generalização.

Para os geógrafos humanistas:

"A noção de lugar, entendida como algo socialmente produzida, torna-se paisagem, quando os limites aparentes deste borrão ou cobrar novos significados a partir de práticas verbais. "A paisagem e sua linguagem é um código que é compartilhado e utilizado coletivamente" (PEIMBERT 2014; p. 54)".

Ao realizar o percurso histórico de aproximação ao conhecimento académico e científico da paisagem, fica evidente que isso tem sido muito importante no ordenamento do território, desde e a partir do pensamento moderno. De acordo com

Salazar e Cusva (2014), Nogué (2010; 2008), Correa da Silva (2000) as características positivas que conseguiram colocar a paisagem como um elemento essencial no ordenamento do território são as seguintes:

- A paisagem é restrita, observável e mensurável, por isso é um ponto de partida fundamental em estudos sobre biótico, abiótico e sócio-cultural em um lugar ou região, daí que se diga que o conceito e as metodologias relacionadas à paisagem, têm as ferramentas necessárias para analisar o espaço em diferentes escalas, dependendo da finalidade e alcance procurados;
- A paisagem resume as relações históricas de apropriação, manejo e controle exercidos por uma cultura dada, sobre os recursos naturais, coordenando as diferentes relações de poder e controle na sociedade e de essa cultura com o seu território.
- Desde a paisagem podem ser analisadas em diferentes escalas, questões territoriais, impactos e conflitos ambientais. (BERTRAND e FROLOVA, p. 257);
- A paisagem reflete o imaginário sociocultural de uma comunidade e suas relações verticais e horizontais (TUAN, 2007) com o ambiente, com o seu Deus ou deuses e com os outros indivíduos da comunidade.
- A paisagem é algo tangível, que pode permanecer no tempo. As pessoas passam, as mudanças ocorrem, mas o cenário continua como um palimpsesto que relaciona eventos históricos passados e presentes. Ele tem a capacidade de exibir a ética, a moral e a política da cultura em um determinado tempo e espaço, ou seja, não existe paisagem sem uma sociedade que o conceba, nem uma sociedade sem uma paisagem criada. (PICKENHAYN, 2007).
- A paisagem é um termo que permite estudos interdisciplinares com relação a uma problemática ambiental existente, pois a ela convergem várias maneiras de criar conhecimento, seja do tipo científico ou artístico.

Assim, os estudos ambientais realizados do ponto de vista da paisagem, permitem aproximar a realidade das comunidades e analisar as percepções e imaginários que dominam as relações entre cultura e natureza, e que resultaram em impacto ambiental negativo ou na conservação ambiental dos recursos próprios de



cada território, por isso que "a paisagem tem sido utilizada para a análise, diagnóstico, avaliação, monitoramento e acompanhamento do planejamento territorial (áreas urbanas, rurais, de reservas e de conservação)." (SALAZAR E CUSVA, 2014, p. 400).

Neste ponto, pode-se dizer que as mudanças no meio são permitidas ou não, dependendo da percepção da paisagem e das imagens que são criadas a partir dele, e por isso é muito importante aprofundar este tema.

### **3.3. PERCEPÇÃO DA PAISAGEM: ARTICULAÇÃO ENTRE OBJETIVO E SUBJETIVO NA LEGITIMAÇÃO DA TRANSFORMAÇÃO DO AMBIENTE**

A percepção "é a característica psicológica que permite ao indivíduo transformar os estímulos sensoriais em uma experiência coerente e organizada." (ESTÉBANEZ, 1982, p. 94) A principal fonte de estímulo para os seres vivos acontece em seu ambiente, em seu espaço vital, onde circula e no qual opera. Esta característica contribui para a adaptação do indivíduo ao seu ambiente, descobrindo individualmente ou em grupo, a maneira correta de se comportar ante os elementos e objetos do território, tomando como base a carga subjetiva que a cultura à qual pertence lhe atribua a cada um deles. Ou seja, através do processo de percepção, o sujeito "Identifica (assinala) um objeto; o interpreta (valora); e, finalmente, projeta sobre dito objeto um conjunto de expectativas." (GONZALEZ, 2008, p. 121).

Para Estébanez (1979), a percepção espacial do sujeito, dos lugares visitados e remotos, começa no espaço pessoal, onde se encontram os sentimentos íntimos e mais profundos de cada ser humano (Figura 3.2). A partir desta primeira área começa a gestação das escolhas que cada pessoa faz sobre seu ambiente. A percepção individual criada neste espaço, reforçada pelas experiências e emoções, é polida pelas tradições e ensinamentos de amigos, familiares e outras pessoas significativas. À medida que a pessoa atinge certa independência de seu grupo original, cresce socialmente, assim como suas ligações com o exterior.

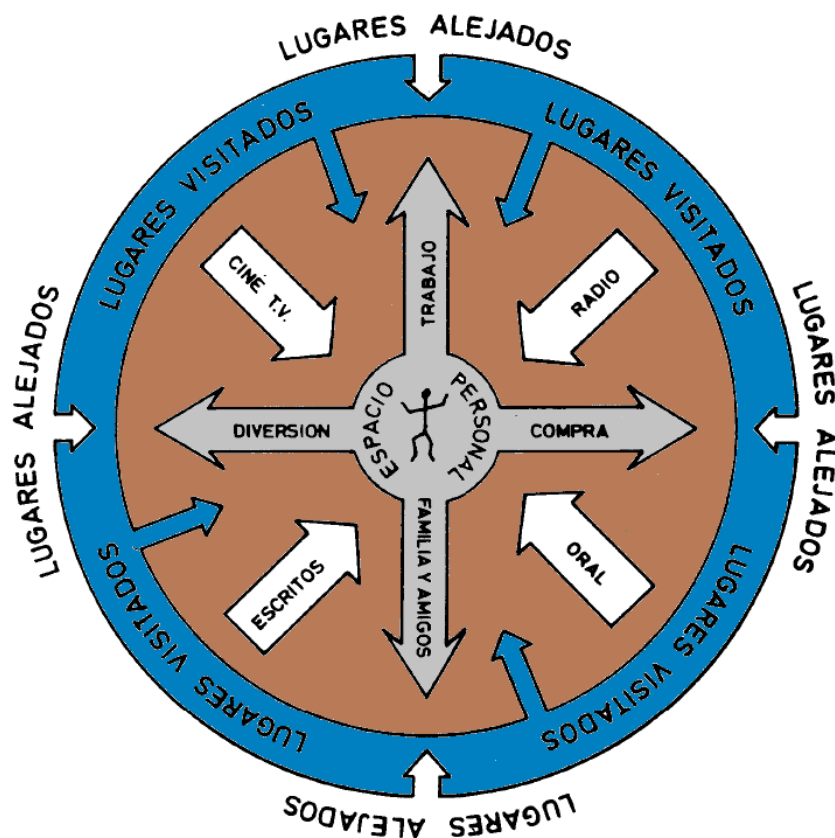


Figura 3-2 Percepção espacial do sujeito, dos lugares visitados e remotos. Fonte, ESTÉBANEZ José (1979, p. 9).

Desta forma, o indivíduo entra em contato com novas informações a partir da mídia formal ou informal, para fortalecer, aperfeiçoar ou mudar a percepção dos espaços conhecidos, próximos ou distantes, e desconhecidos, assimilando uma base de dados correspondente a eventos e ações que são tomadas como verdades universais (ESTÉBANEZ, 1982, p. 95). De acordo com o exposto, surge a pergunta: Se na percepção da paisagem prevalece a percepção individual, ou a percepção sociocultural imposta por uma classe dominante, para manter o poder económico e político de um território dentro de um determinado tempo e espaço.

Quanto à percepção individual, alguns pesquisadores concordam com o fato de que cada ser humano possui uma visão egocêntrica e antropocêntrica do mundo (TUAN, 2007, p. 49). Esta imagem faz com que cada imagem do ambiente natural e social seja única para cada pessoa, seja pelas experiências, interesses e objetivos que cada um busque ou queira, mas especialmente pela personalidade que ele tenha; o papel que a pessoa desempenha na sociedade, muda com a idade, o sexo, a religião, a raça, o status socioeconómico, etc., assim como a importância que tiver em cada cultura. Em algumas comunidades, um caçador pode ser mais importante

que um colecionador, um administrador ou uma dona de casa, por exemplo. Isso indica que em todas as sociedades "a educação, formal e informal, tem sido realizada de forma seletiva, e, portanto, diferentes pessoas têm diferentes versões do mesmo evento." (SANTOS, 1996, p. 60).

A percepção sociocultural procura uma ordem, um sistema coerente e organizado "como um esforço para estabelecer relações significativas dentro da vasta multiplicidade de fenômenos com os que se depara o indivíduo." (Op. cit., p. 34) Para isso, é criada uma série de imaginários mentais, que recriam uma realidade partilhada por todos, ou pelo menos da maioria. A partir do momento em que começa a educação das crianças, a cultura é responsável pela introdução de práticas que as levarão a serem aceitas pela comunidade. Para homogeneizar pensamentos e atitudes, as classes dominantes têm desenvolvido uma série de estruturas sociais formais e informais, com base no que A. D. Rodríguez chama de "experiência comunicacional".

Para esse autor:

"Nos processos de comunicação intervêm processos de diálogo e interação que criam, nutrem e restabelecem os laços sociais e a sociabilidade entre os indivíduos e os grupos sociais que compartilham a mesma experiência e identificam quadros da mesma ressonância histórica de um passado comum". (RODRÍGUEZ, 1994, em SANTOS, 2000, p. 269).

As estruturas sociais formais estão constituídas por escolas, colégios, templos, igrejas, associações políticas, além dos meios de comunicação, que bombardeiam continuamente cada pessoa, mostrando-lhe o caminho certo para pensar, conceber e agir em comunidade. Estruturas informais são formadas por diferentes grupos de amigos, vizinhos e conhecidos com os quais cada pessoa interage, ou seja, a percepção é um comportamento humano orientado. (CORRÊA DA SILVA, 2000, p. 20).

Percepções individuais e socioculturais formam uma amálgama onde são esculpidas as propriedades subjetivas e objetivas que deveriam ter os elementos da paisagem apreciados no ambiente. Estes incluem a estética e a ética, que devem possuir a valorização do uso e a categoria social que irá representar. Mas qual percepção prevalece? A resposta está em cada pessoa, ou seja, cada homem e mulher tomam a decisão com base em sua educação, status socioeconómico,

caráter e conveniência de situação. Esta natureza oscilante do poder dentro das sociedades, é a principal causa do grande dinamismo da paisagem (3.3).

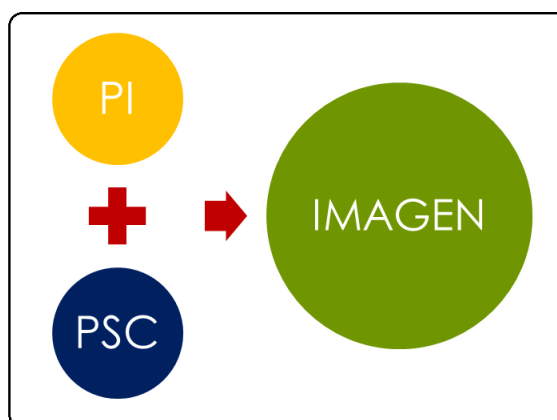


Figura 3-3. Em esta gráfica mostra-se a união da percepção individual (PI) e a percepção sociocultural (PSC) em a criação da imagem mental das paisagens vividas. Fonte: Elaboração própria

Tanto percepções como imagens mentais, apoiam e legalizam um modo de ser, de agir, de dominar e de se apropriar. Zárte, afirma que "as imagens mentais são visões muitas vezes simplificadas e – amiúde – distorcidas, da realidade" (1991, p. 177). As imagens mentais do ambiente são representações individuais de espaço de vida, da realidade pessoal consciente ou inconsciente, fortalecidas pelas interpretações coletivas da sociedade e das instituições em que está imersa. Esta imagem distorcida que cita Zárte é a fonte que determina o comportamento e a valorização do indivíduo em relação à paisagem. Para Estébanez, "o conceito de imagem ou realidade percebida é a ligação média entre o ambiente real e o comportamento humano, portanto, não pode compreender-se nem comportamento, nem o relacionamento meio/homem, sem entender a imagem" (1981, p. 17) (Figura 3.4).

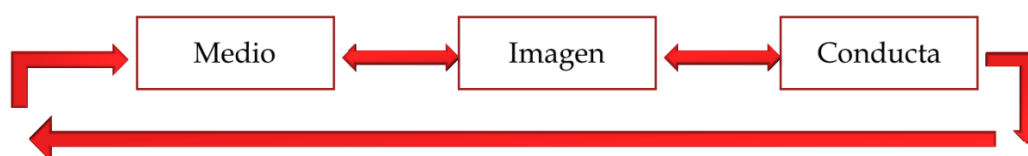


Figura 3-4 Resumo da abordagem operacional do Paradigma Comportamental pela Geografia e Percepção. Fonte: ESTÉBANEZ, 1982.

Santos (1996) acredita que é preciso superar o fato da imagem como aparência, indo mais longe e analisar a imagem como significada. Por esta razão, é

importante estudar a imagem que cada grupo social apresenta em seu ambiente, porque irá mostrar e identificar padrões protetores ou destrutivos com ele. Desde uma perspectiva multi-escalar, esta imagem criada fornece ideias importantes para a compreensão de fenômenos como a proteção radical de vastas áreas naturais ou a destruição dos ecossistemas com fins lucrativos – em macro e micro escalas –, ou simplesmente decidir qual caminho é usado da casa ao ponto do ônibus público em um determinado momento, em um bairro qualquer – micro-escala.

### **3.4. PAISAGEM URBANO: FORMA E FUNÇÃO EM PROCURA DE DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO.**

As paisagens hoje mais do que nunca estão dialeticamente relacionadas com as atividades humanas. A cidade e as suas funções concentram a maioria das atividades e relações sociais, sendo estes os motivos para a replicação e transformação da paisagem urbana<sup>10</sup>. Paisagem que se configura pela ação das funções urbanas e está incorporada em suas formas. É possível identificar paisagens associadas às atividades da economia, expressas em formas de características industriais, comerciais, etc., ou funções destacadas em tipos de habitação residencial, projetos de arquitetura, formatos de materiais e padrões de construção, bem como outras funções.

Função e forma estão ligadas às estruturas da paisagem e, claro, são a expressão das relações sociais de poder, num determinado momento e ambiente. Os espaços da cidade e os conflitos que podem ser vistos na mesma, é uma produção sociocultural que se origina quando chocam as diferentes percepções da paisagem que têm os atores que transformam, constroem e adequam os centros urbanos a suas necessidades, isto é, os indivíduos e comunidades que fazem cidade, criando um mosaico de espaços (THIELE 2004; p. 14), o ou uma “cidade caleidoscópica” em palavras de Pedro Abramo (2006).

De acordo com Yi Fu Tuan, “a hipótese econômica percebe a cidade como consequência de um superávit econômico” (2007; p. 204). Na cidade, o solo perde

---

<sup>10</sup> De acordo com Javier Maderuelo, o conceito de “paisagem urbana” nasceu de meio século, aproximadamente em 1959, quando Gordon Cullen usou o termo paisagem urbano como um título para um dos seus livros. De acordo com Maderuelo este livro foi a “análise de fenômenos visuais, perceptivos e construtivos que a cidade oferece” (2010, p. 576).

seu caráter fértil e produtor, torna-se uma mercadoria, em que a intercâmbio metabólico humano-natureza como base de valor de troca é perdido (SANABRIA 2007; p. 242). Agora, o seu valor é medido na capacidade que tem de garantir lucros aos detentores desses “itens econômicos”, como base para futuros espaços em que eles podem exercer atividades urbanas (JARAMILLO, 1994).

Todo este processo de adequação e edificação do espaço para vender posteriormente o solo construído, é uma atividade econômica no qual se relacionam a grosso modo, quatro atores principais, assim: Em primeiro lugar acha-se o proprietário de terras original, que é o detentor do título de propriedade dos terrenos sobre os quais se pensa construir. Em segundo lugar, encontra-se o capitalista construtor, que tem o capital para comprar os terrenos e os transformá-los obtendo assim uma mais-valia ao entregar um produto terminado.

De acordo a autores como Jaramillo (1994) e Harvey (1977), neste processo econômico de expansão da cidade capitalista, estes dois atores participam na construção da cidade mediante um processo que se realiza em três passos ou movimentos, como Ricardo Sanchez os chamava. Para ele: “Dominação, Transformação e destruição da natureza é o movimento triplo da humanidade para construir o social, e seu mais avançado espaço, a cidade.” (2004; p. 269-270).

O problema é que esses processos só buscam o ganho financeiro, sem considerar a riqueza da paisagem que cada espaço tem, e assim, neste processo a humanidade “varreu as relíquias coloniais, eles enterraram bacias, eles asfaltada os prados e devorou as pessoas moradoras” (ANGEL MAYA 2003; p. 58), deixando a seu passo profundos conflitos ecológicos distributivos.

O terceiro ator é o usuário final quem é o que compra a construção (JARAMILLO 1994; p. 131-134). Este ator em particular, apresenta duas percepções diferentes: em primeiro lugar econômico, pois os centros urbanos, de acordo com Harvey, o piso tem uma dupla possibilidade de proporcionar ganho, “como valor de uso atual e futuro e como valor de troca potencial ou atual agora e no futuro” (1977; p. 164-165). Quanto à primeira, esta se representa na percepção de bem-estar que se cria ao estar vivendo em um lugar determinado, com uma classe determinada de pessoas e desfrutando certos lugares aos que só pode aceder uma determinada classe social titular do monopólio de um espaço, desse espaço que se adquiriu. Em relação ao valor de troca, este se refere a mais-valia que o possuidor da terra ou a propriedade pode adquirir com a venda a um preço mais elevado na compra.



Em segunda instância, este ator muda sua percepção quando o lugar que habita, o ambiente no que se desenvolve, a paisagem do que faz parte e conhece se converte em seu lar. Neste ponto Yi Fu Tuan fala de "topofilia". Ele define este termo como "as manifestações específicas do amor humano para o lugar" (2007, p. 129). Essas emoções, de acordo com o autor, originam-se dos belos cenários; contato físico com o ambiente; a sensação de bem-estar físico e mental a ser alcançados; familiaridade com o local e lealdade para com o site ao qual ele pertence e a própria lealdade "é uma emoção poderosa" (Yi Fu Tuan 2007, p. 142).

Finalmente, para Harvey, o quarto ator é representado por autoridades do governo (1977; p. 164), que representam o Estado. Este é quem define as regras relativas ao uso e operação do espaço urbano. Estas normas podem mudar no tempo dependendo das necessidades e decisões que os entes governamentais criam convenientes, devido a que uma das funções do estado é procurar o progresso, bem-estar e desenvolvimento da sociedade em general. Este processo faz que as cidades cresçam, ocasionando que, muitas zonas tradicionais mudam o uso do solo<sup>11</sup>, gerando a contínua mudança da paisagem (Figura 3.5).

Para Lambin, mudanças no uso da terra são principalmente devido a três causas: "(1) a conversão da cobertura do solo (como uma mudança de agrícola para urbano), (2) a degradação do solo (por exemplo, erosão e salinização), (3) a intensificação de usos (irrigação, uso maciço de fertilizantes, etc.)" (LAMBIN 1997; em PASCUAL 2004, p 184). Ao produzir-se um destes três processos, terá mudança de uso do solo e muito seguramente se conduzirá a um conflito ambiental<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> O "uso do solo" ou "uso da terra" são conceitos que nascem depois da guerra para orientar o desenvolvimento das nações (BRAND 1994). Segundo este autor, este método é um dos muitos que foram criados para limpar a bagunça que é a natureza. É uma maneira de simplificar e domar os sistemas naturais para atingir o máximo desempenho com o mínimo de energia. Para Brand: "O boom no planejamento do "uso da terra" é o regime de acumulação fordista, cujos princípios de racionalização massificada dos processos de produção, divisão jerarquizada do trabalho e novos sistemas de administração e controle da força de trabalho" (BRAND 1994; Pág. 237).

<sup>12</sup> Para esta investigação, os conflitos ambientais são manifestações das contradições sociais, na forma de perceber, sentir e planificar as relações entre o ser humano e a natureza e que podem desembocar em impactos ambientais. Estas contradições apreciam-se nas lutas pela reivindicação dos atores sociais que procuram, "uma sociedade ambientalmente saudável, a conservação ou preservação da natureza, e pelos valores éticos e estéticos que se dão entre eles e seu meio natural." (PEREZ-RINCÓN 2014, p. 14). De acordo às leis de Colômbia, um impacto ambiental é "qualquer alteração no médio ambiental biótico, abiótico e socioeconômico, que seja adverso ou benéfico, total ou parcial, que possa ser atribuído ao desenvolvimento de um projeto, obra ou atividade." (Decreto 2041 do Ministério do Meio ambiente e Desenvolvimento Sustentável dos 15 de outubro de 2014, por médio do qual se regulamenta o Título VIII da Lei99 sobre licenças ambientais. Título I, das Disposições Gerais, Artigo 1º, Definições. Visto em



Figura 3-5. Em esta gráfica aparecem aos quatro actores principais transformadores da paisagem. Elaboração própria baseado em: JARAMILLO (1994) e Harvey (1977).

Nas áreas urbanas, usos do solo que podem ser vistas são: residencial, administrativa, de produção e comércio e serviços. Neste caso, o conflito sobre o uso da terra surge da capacidade do solo para sustentar os edifícios em que as pessoas vivem, trabalham e trocam produtos, em outras palavras, a “capacidade que tem este para produzir espaço construído” (JARAMILLO 1994; Página 100) em zonas que podem ou não ser adequadas para um fim determinado.

Atualmente, o crescimento formal e informal da metrópole, em lugares urbanos que têm outros usos da terra, faz que se encontrem “diferentes formas de ordenação e ocupação do território” (HERNÁNDEZ; ROJAS & SANCHEZ, 2013; p. 258), ocasionando conflitos entre os diferentes atores que têm diferentes imagens e percepções da natureza e entre os seres humanos e a natureza, que levam a problemas ambientais.

Neste contexto, a morfologia urbana complementa a análise do processo de configuração do conceito de paisagem, dando importância à estrutura sociocultural, expressa na materialidade das relações que estão localizados em cada elemento e agente da paisagem urbana. Esta perspectiva ajuda a analisar os principais

problemas ambientais ocorridos no desenvolvimento urbano.

As ruas, por exemplo, são proeminentes e pioneiras, são elas os eixos básicos que funcionam como um quadro para o génesis da forma urbana, expandindo os limites da futura paisagem urbana, conectando parcelas que posteriormente se converteram em quadras urbanas. A construção de quarteirões se comporta, por sua vez, como ilhas dentro parcelas, orientando o tipo de forma dos bairros futuros. Claro, estas ruas, casas e edifícios não existem isoladamente, todos estão integrados em sua origem e evolução, em a criação da cidade.

Por esta análise da paisagem urbana e sua morfologia, pode-se compreender a origem e a transformação da cidade, perguntando sobre os interesses da estrutura social, refletida no poder político e económico, os quais finalmente guiam as funções e as formas urbanas no contexto histórico da sociedade urbana.

Os argumentos acima fazem mergulhar na multi escalaridade, sobre temas como as tendências de urbanização global, as políticas adotadas pelos diferentes períodos de governo nacional e da cidade, o planejamento urbano, os impactos ambientais sobre os ecossistemas e outros – aparentemente distantes - na formação da paisagem urbana e no ambiente, mas que tem uma explicação real quando a história da cidade é reconstruída.

Neste ponto, é importante considerar a ideia de Kevin Lynch (1992), que reflete em sua obra "Gestão da Paisagem" a estreita relação entre paisagem e ordenamento territorial moderno, com base na pergunta: Quem deve gerir a paisagem? E sobre este raciocínio, começar a fazer outras perguntas tais como quem conseguiu administrar a paisagem? E quais foram os resultados dessa administração? Por último, quem deve planificar e ordenar a paisagem? (LYNCH, 1992, em Salazar & Cusva, 2014, p. 378).

## **Capítulo 4. Procedimentos Tórico-Methodológicos**

---

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, seguimos três tipos de metodologias: em primeiro lugar, foi realizado um estudo de fontes documentais ou estudo gabinete<sup>13</sup>; também, foram utilizadas metodologias qualitativas e quantitativas.

### **4.1. ESTUDO DE GABINETE**

Para uma maior aproximação das causas e consequências das transformações espaço temporais da paisagem, torna-se necessário revisar a história local, regional, nacional e até global para encontrar as decisões políticas, econômicas e sociais que contribuíram para a transformação dos territórios correspondentes ao lugar de investigação, a fim de encontrar os itens que contribuam para uma melhor análise dos dados obtidos que se utilizarão na presente pesquisa.

De acordo com o Convênio Europeu de Paisagem (CEP) (JIMÉNEZ & PORCEL 2008), deve-se colocar muita atenção às mudanças que podem ser apreciadas na paisagem através do tempo, e recomenda a utilização de textos históricos que possam dar pistas sobre as causas dos processos evolutivos que se dão em cada lugar e atores-chave que permitiram e/ou apoiaram esta mudança.

Por esta razão, foi feita uma revisão da literatura sobre a história de Bogotá, mais especificamente relacionada com Fontibón e a relação urbana dessas duas populações; a investigação começou desde quando os primeiros habitantes formavam um povo indígena na era pré-hispânica; avançando até o presente, ou seja, quando Fontibón é anexada ao Distrito Especial de Bogotá. Esta revisão foi realizada em três fases sucessivas: primeiro, pela análise de artigos publicados em

---

<sup>13</sup> Para González (2008, p. 143) o estudo de gabinete forma outro grupo de metodologias diferente ao das comumente utilizadas nas Ciências Sociais, isto é, as metodologias qualitativas e quantitativas, a saber, porque as duas anteriores são dados coletados pelo próprio pesquisador, a diferença das fontes documentárias, já que esta é informação coletada por outros profissionais com seus próprios objetivos, que muito seguramente são diferentes aos da pesquisa em curso.

periódicos/jornais e revistas indexados. Na sequência serão usados livros especializados e será revista a história da área de estudo. Por último examinaram-se teses de mestrado e doutorado, especialmente aquelas com ênfases em geografia.

Para realizar a revisão da história da paisagem em questão, esta se dividiu em cinco momentos diferentes tendo como base eventos especiais que mudaram costumes, valores e formas de apreciar o mundo, nosso ao redor, nossos semelhantes e sem sombra de dúvidas, nós mesmos<sup>14</sup>. O primeiro corresponde ao contexto “pré-hispânico”, período em que a zona foi habitada pelos aborígenes destas terras, a família Muisca. Esta etapa termina com a chegada dos espanhóis, iniciando com eles a descrição "contexto colonial". Este segundo período, termina com a independência da (ex-colônia) Colômbia da Espanha.

Neste ponto histórico começa o “contexto republicano”, que termina com a chegada dos primeiros anos do século XX, isso é devido a acontecimentos históricos de grande importância para o país, como o fim da Guerra dos Mil Dias (17 de outubro de 1899 a 21 de novembro de 1902), guerra que deixou o país afundado em uma época de crises econômicas; somado a isso na época se sofre pela perda de uma grande parte do território nacional ao separar-se Panamá de Colômbia e converterem-se em países independentes (novembro 1903). Nesse momento, é quando a nação é forçada a buscar o desenvolvimento e progresso do país com exportações de produtos como o café, principalmente.

O século XX dividiu-se em duas seções, a primeira corresponde aproximadamente aos “primeiros cinquenta anos deste século”, durante esta época se busca o progresso do país depois da guerra dos mil dias, tendo como contra o fundo sociopolítico as mudanças estruturais impostas pela modernidade e as mudanças estruturais que o país se viu obrigado a fazer como a primeira e segunda guerra mundial. Este período termina com o “Bogotazo”<sup>15</sup>, acontecimento histórico

---

<sup>14</sup> Esta divisão faz-se com base em duas fontes, a primeiro Alberto Mendoza Morales (1988-1989), e a segunda, Susana Barreira-Lobatón (2010). O professor Mendoza escreve que a partir da época pré-hispana Colômbia tem passado por três etapas para sua administração: a conquista e colônia; a transição republicana e a República de Colômbia, mais exatamente a República de Colômbia de 1905, ano em que sobe à presidência o Geral Reyes que reorganiza e reunifica o país, como já estava a ponto de se dividir em nações menores pelos diferentes conflitos internos que se apresentaram ao redor deste ano. A partir da subida ao poder de Reis, o país mantém uma extensão mais ou menos constante. Ademais, desde esse momento a divisão política administrativa que toma se baseia em departamentos, como o é até o presente. Em segundo lugar, Susana Barrera-Lobatón, que com a sua teoria de eventos relacionales reforça e complementa o argumento de Mendoza.

<sup>15</sup> O Bogotazo é um acontecimento histórico ocorrido em Bogotá o 9 de abril de 1948. Este dia foi assassinado o caudillo liberal Jorge Eliécer Gaitán, ato que produziu violentos protestos na cidade capital e no resto do país,

ocorrido em Bogotá, mas que se entendeu porém todo o país, dando começo um conflito armado que ainda existe hoje na Colômbia que, todavia ainda não terminou<sup>16</sup>.

Por último, está a segunda parte do século XX, onde se dão as grandes mudanças no capital produto da imensa quantidade de migrantes que chegam à cidade por causa do conflito interno, buscando abrigo, segurança e um lugar para morar. É neste ponto que as áreas úmidas da cidade começam a experimentar um novo tipo de pressão, tornando-se o solo para a expansão urbana o capital.

Com esta metodologia se procurou encontrar e analisar as imagens históricas do ambiente e sua relação com as mais importantes estratégias de manejo da terra na Sabana de Bogotá, Fontibón y a Área Úmida Capellanía. Da mesma forma, foram identificados os agentes sociais que contribuíram para a atual configuração da paisagem ao longo do tempo.

Finalmente, examinaram-se os impactos positivos ou negativos que tiveram a divisão territorial imposta no século XX sobre o ecossistema. Neste ponto, é importante lembrar Sousa-Santos (1991), que advertiu que “a terra deve ser vista como uma dinâmica complexa histórica e geográfica” (VELEZ; RÁTIVA & VARELA, 2012, p. 63).

## 4.2. METODOLOGIA QUALITATIVA

Os métodos qualitativos, de acordo com Garcia P (1992 GONZÁLEZ 2008, p. 152), “são bastante utilizados por geógrafos interessados nas relações entre homens e espaço, através das percepções e práticas que eles têm”.

Usando essa perspectiva de investigação, procuram-se pessoas que contam sua própria história e não a escrita nos livros, muitos dos quais narram só uma parte dos fatos. Deste modo, o pesquisador aborda as interpretações, imagens e comportamentos que uma pessoa ou grupo de pessoas têm com seu meio em um tempo e lugar determinado.

Por isso, diz-se que os métodos qualitativos ajudar a encontrar os diferentes

---

convertendo-se num dos factos mais relevantes da história colombiana, porque desatou a violência na nação inteira.

<sup>16</sup> Ao dia de hoje, tanto o Estado como a guerrilha estão sentados na mesa de negociação procurando uma saída política ao conflito e encontrar por fim, um cese ao fogo.



discursos existentes que contribuíram de alguma forma para a transformação das paisagens específicas, para este caso, a Área Úmida Capellanía.

A metodologia qualitativa para procura e obtenção de dados correspondentes à percepção que as pessoas têm sobre Capellanía, fundamentou-se em dois aspetos: criação de mapeamento participativo pela comunidade e entrevistas em profundidade a pessoas comprometidas com ações e preservação desta área húmida.

#### **4.2.1. Cartografía Participativa.**

No geral, a cartografía participativa é um método qualitativo de coleta de dados com base na pesquisa realizada pela "um grupo de pessoas não especialistas e que estão associados por um interesse comum" (CORBETT, 2009, p. 6) no caso deste trabalho, a ideia era fazer um mapeamento da percepção paisagem a Área Úmida Capellanía<sup>17</sup>.

À criação de mapas por parte da comunidade, tendo como base unicamente as memórias e experiências de vida de cada um dos participantes, para formar de acordo com essas lembranças, os aspectos positivos e negativos que diferentes indivíduos têm e/ou sentem pelo areas úmidas e seus arredores.

De acordo com Corbett (2009), cartografía participativa é importante, pois com base nas informações obtidas, podemos ver as várias maneiras em que uma cultura ou uma sociedade perceber e apreciar a paisagem, mas, além disso, este mapeamento nos permite observar como a comunidade entende e age com a sua paisagem.

Seguindo este autor, também são importantes porque a comunidade tem informações que podem ser valiosas na hora de planejar, preservar e gerenciar os recursos de um país, informações que podem ser capturados neste tipo de mapeamento, e, posteriormente, quando se trabalha em coordenação com os pesquisadores, governo e organizações sociais que promovem a protecção

---

<sup>17</sup> Na atualidade existem diferentes metodologias com suas respectivas aplicações, usuários e fins baseados nos mapas criados pelas comunidades; estes trabalhos realizados assim possuem diferentes nomes, alguns deles, mapas mentais, cartografia social, mapas cognitivos, cartografia colaborativa e dialogante, mapas preferenciais etc. Para o presente trabalho, e seguindo o Corbett (2009) denominou-se Cartografía Participativa ao conjunto formado por todos esses tipos de trabalhos cartográficos realizados com as pessoas que se relacionana direta ou indiretamente com o lugar de trabalho, neste caso, o banhado Capellanía.

ambiental, você pode visualizar os problemas presentes e construir um banco de dados que irá tornar-se o primeiro passo para a tomada de decisões de manejo da terra.

Finalmente, de acordo com o autor, a cartografia participativa contribui para a resolução de conflitos no seio da comunidade, comunidades vizinhas e com as autoridades estaduais, porque as pessoas que estão diretamente relacionados a eles, se tornam defensores, vigilantes destes lugares.

A técnica escolhida foi a “mapeamento esboço” (CORBETT, 2009, p. 41)<sup>18</sup>. O esboço é um desenho à mão livre, sem guia de mapeamento a seguir. Para fazer esses mapas, cada pessoa recebeu uma folha DIN-A-4, lápis, borracha e lápis de cor. Cada participante desenhar a Área Úmida Capellanía, mostrando aspectos agradáveis e / ou desagradáveis considerados relevantes. Esta atividade foi realizada com vários membros da comunidade, estudantes do ensino médio e ativistas ambientais que trabalham diretamente na conservação de áreas úmidas.

Ao começar o exercício explicou-se claramente que no mapa, se colorisse com vermelho as ações, espaços ou objetos que não gostassem ou parecessem negativas do banhado. Assim mesmo, se colorisse com cor verde as ações, espaços ou objetos que gostassem ou parecessem positivas do ou para o banhado.

Dos exercícios realizados, o que mais claramente mostra a percepção que a comunidade tem do banhado foi a realização dos mapas, já que neles se refletiu os espaços, situações e ações que beneficiam ou prejudicam meio ambiente.

Para este relatório realizaram-se um total de 40 mapas, dos quais 12 são de tipo descritivo e 28 de tipo extractivo. De acordo a Olga Bermúdez (2005), os mapas descritivos são aqueles em que está claramente definida a área na que se está desenvolvendo a investigação, exemplo disso, são os planos topográficos que em algumas ocasiões lhes dão aos voluntários que colaboram com o projeto para que sobre ele localizem os lugares que representam algo para ele ou ela. Os mapas de tipo extractivo são aqueles nos que não se utiliza um plano como tal, nem pontos de referência somente se trabalham com as lembranças que mais chamam a atenção do voluntário e que este plasma em um desenho, e esta representação da realidade

---

<sup>18</sup> A proposta citada aqui por Corbett (2009) está muito relacionada com a definição de mapa cognitivo que em sim é “um mapa dentro da mente, que alude a uma interioridade mental que guia a deslocação e estrutura o comortamiento espacial do indivíduo” (CASTRO 1999; em MONTOYA 2007, p. 171). O que se procura com este tipo de exercícios é conhecer o significado e a imagem que a cada sujeito lhe dá à paisagem que percorre, conhece e faz parte.

se toma como um tudo.

A metodologia para esta análise foi ver esses detalhes que se repetem em cada um dos desenhos e obter um primeiro olhar para os aspectos que chamaram a atenção dos voluntários que fizeram realização deste exercício, a fim de encontrar os pontos positivos e negativos que a comunidade acredita que fazem parte da zona húmida e precisa potencializada ou reforçada.

#### **4.2.2. Entrevistas em profundidade.**

Em sessões posteriores, e com o apoio da vizinhança do banhado Capellanía, foram realizadas entrevistas em profundidade dirigidas a pessoas do Conselho de Ação Comunitária, vizinhos e pessoas comprometidas com ações e preservação desta área húmida.

A entrevista em profundidade é "uma análise exaustiva das atitudes e até mesmo a personalidade global do indivíduo questionou" (DUVERGER 1962. GONZALEZ 2008, p. 155). É um encontro entre duas pessoas que falam sobre um determinado tema, um diálogo que ocorre entre um profissional e um informante, que pode ou não ter um roteiro básico, tudo dependendo da técnica que o pesquisador considerar mais adequado para atingir os objetivos de investigação.

De acordo com Robles (2011 p. 40), a principal razão para entrevistas em profundidade "é entrar na vida do outro, penetrante e detalhado no transcendente, decifrar e entender os gostos, os medos, as alegrias, tristezas, ansiedades e louvor, significativo e relevante para o entrevistado", ou seja, as experiências dos indivíduos dentro da comunidade, para o caso específico desta pesquisa, os sentimentos e emoções que cada pessoa tem em relação ao seu espaço, seu ambiente e paisagem, mas comunicada em suas próprias palavras.

Esta metodologia procura "Construir o sentido social de um indivíduo ou do grupo de referência ao qual o indivíduo pertence" (DELGADO & GUTIERREZ 1994; em GONZÁLEZ 2008, p 154) em outras palavras, a construção social que tem uma comunidade sobre um comportamento, situação ou objeto qualquer, neste caso, o banhado Capellanía e, assim, dar pistas sobre as atitudes, valores e normas do grupo. Essas regras permitem ou proíbem praticas e ações sobre este objeto imaterial ou material e as ações correspondentes em caso tal que não se cumpra o

estabelecido.

Além disso, esta técnica ajuda a descobrir os atores que contribuíram de alguma forma para a transformação da área úmida, particularmente nos últimos 50 anos de história, impactos positivos ou negativos que trouxeram diferentes jurisdições territoriais na área úmida. Finalmente, ele também ajuda a determinar o sentido de pertença das pessoas entrevistadas para com a área úmida Capellanía.

#### **4.2.3. Amostra de base para a metodologia qualitativa**

De acordo com Gonzalez a metodologia qualitativa está “tentando chegar a todos os pontos de vista” (2008, p. 156), ou seja, na metodologia qualitativa tenta obter dados reais que contribuem significativamente para a análise de resultados e, para isso, não importa o número de indivíduos que constituem a amostra, o importante é tratar de abarcar por meio da mostra o número máximo de discursos existentes, para assim atingir o objetivo proposto na investigação, se acercando o mais possível à realidade vivida.

Cantoni (2009) propõe quatro métodos não probabilísticos que oferecem alternativas para encontrar o número adequado de pessoas que podem ser parte do total da amostra: disponível amostragem, amostragem quota, amostragem intencional e amostragem *Snowball* ou de bola de neve.

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, a mais interessante é a amostragem intencional, onde "cada elemento da amostra é selecionado para um propósito" (SCHUTT, 2003; GONZÁLEZ 2008 p 156). Este autor acredita que para escolher os melhores possíveis informantes, eles devem ter conhecimento, experiência e relação com o tema que se está pesquisando, para deste modo ampliar a faixa de pontos de vista.

No mesmo sentido, os autores afirmam que para obtenção de dados que abrangem um maior número de discursos, as melhores variáveis de trabalho são de gênero e idade, porque são características que os indivíduos não podem mudar. Agora, outra variável que também se teve em conta, foram os anos vividos na localidade de Fontibón, porque a maior idade, maior o número de experiências e conhecimentos com relação à área Úmida Capellanía (tabela 4.1).

Tabela 4.1: Número de Amostras para Estudo

POSSÍVEIS DISCURSOS COM BASE NO GÊNERO E IDADE			Nº DISCURSOS
VARIÁVEIS			
TEMPO DE MORADIA EM FONTIBÓN (ANOS)	GÊNERO	ANOS	
n ≤ 10	HOMEM	6 - 29	1
		29 ≤ n	1
	MULHER	6 - 29	1
		29 ≤ n	1
10 < n	HOMEM	6 - 29	1
		29 ≤ n	1
	MULHER	6 - 29	1
		29 ≤ n	1
			8

FONTE: Elaboração própria.

Ou seja, há um total de oito indivíduos que podem ser considerados como o número mínimo de amostras a ser estudado. Quanto às entrevistas, a base de oito sujeitos de estudo respeitou-se; as entrevistas não foram filmadas, apenas a voz foi gravada, porque alguns dos informantes se sentiram intimidados pela câmera de vídeo. Outro problema que se encontrou foi o tempo. Ao momento de fazer as entrevistas tinha-se um questionário de apoio para sua realização, mas na maioria de casos, os únicos temas tratados, foram os do questionário baseie.

Tomou-se a idade de 29 anos, porque Colômbia começou a pôr em prática as políticas de proteção dos banhados propostas na sétima conferência de partes realizada em Costa Rica no ano de 1999, só até o ano 2002, isto é, as primeiras pessoas de Colômbia que receberam uma formação ambiental dirigida à proteção, cuidado e preservação dos banhados, estão ao redor desta idade.

Para o desenvolvimento do “mapeamento esboço”, a base é maior, porque se tomou a decisão de analisar amostras de algumas escolas na área e observar a percepção ambiental da educação em Bogotá hoje. A característica comum dos sujeitos que participaram, é seu reconhecido trabalho comunitário para a recuperação do Banhado Capellanía.

### 4.3. METODOLOGIA QUANTITATIVA

De acordo com Argibay (2009), a metodologia quantitativa contribui à verificação ou não das hipóteses propostas no começo da investigação e para atingir os objetivos propostos, e para alcançar esta tarefa, analisa os dados coletados a partir de uma amostra dos indivíduos que compõem o universo a população de estudo, caso específico da área úmida Capellanía e sua paisagem, pessoas que estão relacionados direta ou indiretamente com o objeto de estudo.

Este método é diferente da qualitativa, pois a metodologia quantitativa, "Concentra-se em comportamento externo do indivíduo. Geralmente, ele se concentra no que o sujeito investigado diz, diz que diz, diz que faz, diz se sente e que ele diz que acha" (GONZÁLEZ 2008, p. 164).

Para a metodologia quantitativa, ao igual que a metodologia qualitativa, se tomou a decisão de utilizar a Mostra não Probabilística, isto porque para o desenvolvimento da investigação não é tão importante "a representatividade dos elementos, senão uma cuidadosa e controlada eleição de sujeitos com certas características definidas previamente na proposta do problema" (CANTONI 2009).

Para a coleta e posterior análise de dados utilizou-se uma combinação de dois tipos diferentes de métodos não probabilísticos: a amostragem por quotas e a amostragem intencional. A amostragem por quotas elegeram-se porque é um método rápido, econômico e seguro. Este método permite formar grupos de pessoas que contribuem à investigação por seu conhecimento e experiência, diminuindo deste modo, a margem de erro, assim seja pequena a mostra. A amostragem intencional escolheu-se pelas propriedades que já se mencionaram anteriormente e que contribuíam à análise proposta na metodologia quantitativa.

De acordo a Gardner (2003 em ARGIBAY 2009, p. 24), a quantidade mínima de sujeitos por variável é de cinco, sugerindo para algumas investigações um número de 30. Devido ao curto tempo e baixo orçamento, determinou-se uma mostra pequena, com um número total de 60 mostras (tabela 4.2).



Tabela 4.2: Número de questionários para estudo

QUESTIONÁRIOS COM BASE NO GÊNERO E IDADE		
VARIÁVEIS		Nº QUESTIONÁRIOS
GÊNERO	ANOS	
HOMEM	6 - 18	12
	18 < n	17
MULHER	6 - 18	16
	18 < n	15
		60

FONTE: Elaboração própria

Para realizar a análise, os voluntários entrevistados dividiram-se em quatro grupos classificados pela idade e o gênero; a cada grupo tinha um número aproximado de 15 sujeitos de prova, isto para fazer uma comparação entre diferentes formas de perceber a área úmida tomando como base as experiências vividas e a nova educação ambiental que se está dando. A mostra foi tomada em dois colégios do setor, em duas reuniões de tipo ambiental, e na Feira Ambiental, todos estreitamente unidos à zona de Fontibón. Os voluntários escolhidos deviam viver perto da área úmida Capellanía e ter algum conhecimento deste ecossistema.

As perguntas o questionário aplicado (Anexo 1)<sup>19</sup> foram classificadas em três grupos: no primeiro, as informações pessoais do entrevistado; no segundo a percepção das áreas úmidas conforme a visão de cada participante; e no terceiro item, seu relacionamento e sentimentos de pertence a este habitat. Essas questões são baseadas naquelas feitas por Bermudez (2005) ao realizar os Mapeamentos de Representações Sociais e do Campus Universitário da *Universidad Nacional de Colômbia*. Neste trabalho em específico, os questionários procuram:

- Descobrir as características de maior interesse do banhado para a comunidade.
- As condições ambientais do banhado.
- Se o banhado é um espaço integrador ou não, dos residentes da zona.
- Os serviços que presta este banhado à comunidade.

<sup>19</sup> Os questionários não foram traduzidos ao português, porque se elaboraram na língua da população entrevistada.

- O sentido de pertence e identidade com o ecossistema.
- Responsabilidade da cada pessoa com o banhado e sua reação a diferentes ações.
- Compromissos da comunidade com o banhado.

Por estes métodos de investigação dualizada, qualitativa e quantitativa, procura-se uma aproximação da real percepção que a comunidade tem do banhado Capellanía. Será feita esta análise tentando unificar estes dois critérios, de modo que eles se complementem.

#### 4.4. PROCESSAMENTO DE FOTOS AÉREAS E IMAGENS DE SATÉLITE

A ênfase foi dada à análise espacial multi-temporária, com base na interpretação fotografias aérea e imagens de satélite, com o objetivo de estudar a morfologia do cenário a ser encontrado em cada uma delas e assim conseguir realizar um comparativo com base nas alterações apreciadas, extraindo então as relações atuais entre a percepção cultural da natureza e as mudanças acontecidas em diferentes épocas. As fotos e imagens trabalhadas foram (Tabelas 4.3 e 4.4):

**Tabela 4.3: FOTOS AÉREAS**

VOO	FOTOS	ANO	ESCALA	FONTE
A-27	108-127	1938	1:24000	IGAC
C-619	107	1952	1:18000	IGAC
C-773	146-148	1956	1:9000	IGAC
C-1190	11-13	1967	1:9600	IGAC
C-1190	24-26	1967	1:9500	IGAC
C-1436	106	1973	1:18800	IGAC
C-2186	130	1985	1:38500	IGAC
C-2233	3-4	1985	1:28900	IGAC
-----	-----	1997	1:18000	MUÑOZ JHON

Fonte: Elaboração própria

**Tabela 4.4: IMAGENS DE SATÉLITE**

ANO	ESCALA	FONTE
2010	1:25000	Google Earth

Fonte: Elaboração própria

Estas fotos e imagens foram trabalhadas com três tipos diferentes de software: ArcGIS 9.8, ERDAS 9.8 e IDRISI ANDES para complementar, desta maneira, a análise dos dados obtidos no estudo do gabinete e metodologias qualitativas e quantitativas utilizadas, assim, que os resultados têm uma base real nos hectares ganhas ou perdidas e alcançar um modelo dinâmico de transformação da área úmida.

As fotos foram trabalhadas de três formas diferentes assim: em primeira instância, com as fotos aéreas dos anos 1952; 1973; 1985 e 1997 analisou-se, de forma descritiva, a transformação da paisagem do banhado Capellanía durante o século XX. Calculou-se a perda de área total deste ecossistema à medida que passava o tempo.

O resultado corresponde ao trabalho realizado por alguns integrantes do grupo de investigação ESTEPA (Espaço Tecnologia e Participação) e que foi apresentado em dezembro de 2014, à comunidade de Fontibón. Esta exposição foi encabeçada pelo mestrando Pedro Ignacio Salazar Salamanca, mostrando o progresso da pesquisa feita para sua dissertação de mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estava acompanhado pela diretora do grupo de pesquisa, a professora Susana Barreira Lobatón, além de Alexi Ernesto Cusva Verdugo e Eder Poveda, também integrantes do grupo ESTEPA.

Em segunda instância, tomaram-se as fotos aéreas de 1938, 1956, 1967 e 1985, além da imagem de satélite de *Google Earth* de 2010 e criou-se o mapa “Dinâmica do Processo de Urbanização e Redução de Área, Banhado Capellanía 1938-2010”. Com esta metodologia se procura reconstruir espaço temporalmente a transformação do banhado Capellanía e por suposto a dinâmica de perda de área deste ecossistema durante o século XX e a primeira década do século XXI. Para isso, se dividiu o tempo em três períodos diferentes: o primeiro que vai de 1938 a 1967; o segundo de 1968 a 1985 e o terceiro de 1986 a 2010. Por meio deste trabalho analisa-se velocidade de transformação, principais *UPZs* causantes da perda de área e possibilidades a futuro.

Em terceira instância criou-se o mapa “Crescimento Urbano Relacionado com o Banhado Capellanía 1938-2010”. Para este mapa se trabalharam as fotos aéreas dos anos 1938, 1952, 1967, 1973, 1985, 1997 e a imagem de satélite de *Google Earth* de 2010. Por médio desta metodologia conseguiu-se comparar o

crescimento urbano da zona vizinho ao Banhado Capellanía com a perda de área deste ecossistema, década a década. Lastimosamente foi impossível conseguir uma fotografia aérea da década dos quarenta adequada para trabalhar.

## ***Capítulo 5. Transformação Histórica da Paisagem da Área Úmida Capellanía, Bogotá, Colômbia.***

### ***Primeira parte: contextos Pré-hispânico, Colonial e Republicano.***

---

A paisagem atual da Zona úmida Capellanía, é o resultado de uma série de transformações que este ecossistema tem sofrido ao longo do tempo. Estas mudanças físicas não têm sido a esmo, é a materialização espacial das formas em que as sociedades têm percebido o ambiente. Estas percepções servem como base para a criação de imagens que se materializam no ambiente e em suas paisagens deixando sua impressão é este, impressões que se vislumbram ao fazer a reconstrução espaciotemporal de Fontibón, zona na que se encontra localizado o banhado, a qual está muito relacionada à expansão urbana ao ocidente da cidade de Bogotá.

Para fazer essa restauração histórica, a seguir ser exibiram os seguintes contextos históricos divididos em dois capítulos: em o capítulo cinco, contexto pré-hispânico, a colônia, e a república; no capítulo seis, primeira metade do século XX; segunda metade do século XX, para finalizar com a primeira década do século XXI.

Em cada um destes períodos de tempo, serão apresentados e discutidos os aspectos socioculturais mais importantes que moldaram a paisagem em área úmida do Capellanía, nos seguintes aspectos: a cultura hegemônica, as percepções e imagens ambientais dominantes; as estruturas sociais e as técnicas que predominam na cada divisão histórica analisada.

Quanto à cultura, se identificarão os valores, símbolos e crenças predominantes na cada fase histórica estudada para encontrar as bases sobre as quais se criou e fortaleceu uma imagem do ambiente que permitiu ou proibiu algumas condutas ambientais na cada sociedade e que por suposto se materializaram no espaço.

O segundo ponto refere-se à organização espacial como um fator de

pressão ambiental sobre a natureza que sustenta as populações humanas; neste ponto as máquinas e técnicas utilizadas em diferentes momentos, para a produção e transformação do ambiente, também irá ser considerado. Finalmente, para cada período é nomeado, as construções urbanas feitas na área de estudo, principalmente estradas e bairros foram construídos em ou perto da área úmida Capellanía.

## 5.1. ORIGENS: CONTEXTO PRÉ-HISPÂNICO

A Sabana de Bogotá com a configuração e sua história natural, tinha um alto potencial para acomodar uma sociedade por seus recursos. Na primeira fase, o local foi habitado por caçadores-coletores que deixaram vestígios que datam 13.000 anos antes do presente, na fase do Tardo Glacial.

Cerca de 5.000 anos atrás, começou a consolidar a formação de grupos indígenas na Sabana de Bogotá (ALCALDÍA LOCAL DE FONTIBÓN 2008, p. 26), esta paisagem com uma grande vocação ecológica facilitou a concentração da população neste lugar, gestão para expandir seus domínios no planalto com atividades de produção agrícola, pesca, caça e outras práticas.

Faz aproximadamente 4.000 AP apareceram os primeiros agricultores na Sabana de Bogotá e 500 anos depois mudaram a dieta para o consumo do milho (CORREAL URREGO, 1990, em SANTIAGO 2012, p. 170). De acordo a este autor, a partir do ano 1.200 AP aparecem os primeiros grupos *pré-muisca* na savana: “alguns destes assentamentos se registaram bem perto dos banhados ou *chúcuas* desta zona; não obstante, o acesso aos recursos esteve mais orientado para o rio que para os banhados.” (2012, p. 170). Posteriormente e paulatinamente, esta área se converte no território próprio da família Muisca.

A sociedade Muisca era uma sociedade de natureza fiscal com uma organização social matrilinear em grupos familiares chamados *utas* que conformam *Capitanias*, que eram parte de uma *cacicazgo* e, finalmente, eles foram moldando Confederações; eles eram governados por *zipas*. Esta sociedade se organizou espacialmente de maneira dispersa sobre o altiplano, suas moradias, denominada



*Bohíos*<sup>20</sup>, construía-se ao redor de hortas. Também se fundaram centros cerimoniais onde governavam os *Caciques* e *Zipas*.

Os indígenas em general tinham a obrigação de realizar dois tipos de trabalhos, o primeiro era familiar e o segundo comunal, os dois consistiam basicamente em tarefas agrícolas. Com respeito às terras, estas eram de apropriação comunitária, para os muiscas não existia a propriedade privada; a terra e o território são parte de sua cosmogonia, de seu ser, são um com eles e seus espíritos e antepassados, “o território não é um terreno, uma porção de solo delimitada, é todo aquilo sobre o qual domina a vida. O território é um espaço de pensamento e sabedoria”. (DIAZ CRUZ, 2011; p. 40).

Assim mesmo, para os Muiscas todo o relacionado com a água também fazia parte do mítico-divino como fonte criadora do universo. O lagos, rios e zonas húmidas na Sabana de Bogotá eram reverenciados pelo Muisca como eles acreditavam que eles eram a morada dos deuses; quanto a estes, os chibchas eram politeístas, mas a deusa principal era Bachué, mãe criadora todos os homens e mulheres:

“Como outros relatos, o de *Bachué* enfatiza a capacidade procriadora da mulher, benéfica e aquática. É pela água que se acham vinculados estes pais da humanidade. Dela emergem mãe e filho para fecundar a humanidade, e a ela retornam tempo depois os esposos convertidos em serpentes, já idosos e inférteis; ainda que ele permanecerá nesta terra iconograficamente representado por uma figura de ouro.

*Bachué* é a mãe das águas, pois não somente surge e retorna pela lagoa de Iguaque senão que inaugura o culto das águas, que é seu próprio culto. Também inicia às gentes nas cerimônias de arroios, lagoas e rios, como em Guatavita ou Bosa que recolhem as águas do rio Bogotá” (CORREA 2005, p. 206)

Para investigadores como Susy Bermúdez (2000) e Roberto Restrepo (1995), este fato se plasma claramente na relação de respeito e proteção que esta cultura tinha para a natureza. Enquanto o homem representava ao sol, a mulher representava a terra, como portadora e criadora das sementes que davam aos

---

<sup>20</sup> Um *bohío* é a casa tradicional indígena de diferentes culturas colombianas, incluídos os *muiscas*. Pode albergar desde uma família até uma centena de pessoas. Encontraram-se *bohíos* de forma retangular e ovalada, todo como uma estratégia de sobrevivência (BECKERMAN, 1979; em INSTITUTO COLOMBIANO DE CULTURA HISPÁNICA, 2000).

humanos, alimento e moradia principalmente, motivo pelo qual se valorizava, preservavam e cuidava o ambiente, em onde a reprodução do natural está acima da exploração e a dominação.

“Neste momento, o mundo do neolítico se povoa de estatuetas sagradas, imagens femininas de formas opulentas, começa uma estética hoje em desuso, que propõe o temporão culto à Deusa Mãe, o eterno feminino, terra e água, fertilidade, e morte. Paralelamente, a sociedade converte-se em matriarcal e a sabedoria da mulher, conservadora do ambiente, organizadora e inovadora, leva as rendas das sociedades primárias”. (RESTREPO 1995, p. 3)

Ademais a água das lagoas era utilizada para banhos, rituais dos recém-nascidos, das donzelas que chegavam à puberdade e homens que davam o passo da infância a idade adulta, ou que iam ser consagrados como sacerdotes. Além disso, eles eram condutos ou caminhos que comunicavam o mundo dos vivos com o mundo dos mortos, isto é, com o para além. Pode ser dito em soma, que boa parte da vida religiosa dos chibchas girava em torno das lagoas, como centro dador de vida e morte.

De acordo com a mitologia Muisca, um dos momentos em que a água é associada à morte pode ser visto quando os descendentes de *Bachué*, abandonando os padrões de adoração e bem da sociedade, e seguiram os maus conselhos de *Huitacá* (ROJAS 2000) Ou *Chía* – a lua - (CORREA 2005), causando o castigo de *Chibchacum*, relato este, que é escrito por Uricoechea no século XIX:

“Indignado Chibchacum, diziam os indígenas, por causa dos excessos da planície de Bogotá, resolveu castigá-los anegando suas terras, para o qual lançou repentinamente sobre a planície os dois rios Sopó e Tibitó afluentes principais do Funza, que dantes corriam para outras regiões, as quais as transformaram em um vasto lago. Refugiados os chibchas nas alturas, e em vésperas de perecer de fome, dirigiram suas súplicas a *Bochica*, o qual se apareceu uma tarde ao se pôr o sol no alto do arco-íris, convocou à população e lhes ofereceu remediar seus males, não suprimindo os rios que poderiam lhe ser úteis em tempos secos para regar suas terras, senão lhes dando saída. Arrojando então a vara de ouro que tinha nas mãos, abriu esta a brecha suficiente nas rochas de Tequendama, por onde se precipitaram as águas deixando a planície seca, e mais fértil com o limo acumulado.” (URICOECHEA. Em ROJAS 2000, p. 17)

Por meio da ação realizada por *Bochica*, segundo a mitologia muisca, originaram-se os lagos, lagoas, rios e banhados na Sabana de Bogotá. A partir deste mito, pode ser apreciado outro aspecto importante dos muisca em relação com a água, e este consiste em que os muisca se abasteciam diretamente dos rios e lagos do território, de um território que conheciam perfeitamente, e porque não, convivendo com os ciclos de abundância e escassez, compreendendo que não é um recurso infinito senão que pode ser acabado, esgotar e, portanto, deve ser cuidado. É por isso que um dos ofícios principais dos sacerdotes muisca, era manter certa ordem entre os elementos naturais e os homens:

“Assim, *Chía*, a lua, quem controla as marés das águas, também a associa com a desordem social, pois, induze as gentes a abandonar as normas e o culto, atraindo para os prazeres e o lazer, simbolicamente abstraídas em animais noturnos como a coruja; e com o descontrole da natureza representado pelas inundações da Savana. Esse caráter da Lua tem como contrapartida a *Bachué* quem não só aparece como a Mãe universal e Dona das Águas senão que, como se recordará, antes de retornar à lagoa de Iguaque convertida em serpente exortou à civilização o culto entre as gentes. E além da falta da infidelidade da esposa do cacique do Guatavita, ela emergirá desde o outro mundo através da lagoa para advertir as secas, as fomes, as doenças e mortes ocasionadas pelas mudanças imprevistas da natureza”. (CORREA 2005, p. 215)

Esta ordem era necessária para atingir boas colheitas das quais se obtinha o alimento necessário para a subsistência da comunidade e um remanescente que servia para o intercâmbio com outros grupos. Duas técnicas principalmente eram utilizadas para cultivar no ocidente de Bogotá: a primeira consiste em não criar povos ao lado dos cultivos e os pomares, senão viver em *bohíos* nas partes altas da savana para assim, trabalhar nas épocas secas, e transladar às partes altas quando chegassem às inundações. Movimento que permitia certa estabilidade agroecológica às zonas cultivadas.

A segunda técnica utilizada na atividade agrícola e que se moldou na paisagem o transformando, e que ainda podem ser apreciados como relictos do

passado, é o sistema de cultivo de sulcos e camalhões<sup>21</sup> distribuídos ao longo das principais vertentes e planície de inundação. As trincheiras eram utilizadas para pesca-a e os camalhões para o cultivo.

Os camalhões são campos elevados de aproximadamente 0,5 m de altura, 1 m de espessura e vários metros de longo, que dependendo da zona, as condições climáticas, geográficas, hidrográficas, etc., construía-se, para melhorar as colheitas, seguindo três padrões diferentes: paralelo, perpendiculares e como xadrez (Figura 5.1; 5.2; 5.3 e 5.4). Segundo Díaz-Forero.

“Um se localizou paralelo ao corpo de água e muito próximo a ele, para o utilizar na pesca; outro se construiu perpendicular a este sobre as zonas de inundação, permitindo a circulação da água para regar os cultivos e utilizar nas épocas mais secas; e o terceiro construído em forma de xadrez, localizado em áreas algo mais altas, para o utilizar em épocas de inverno, quando os camalhões que se encontravam bordeando o rio eram cobertos pelo crescente (BOADA 2006 em DÍAZ-FORERO 2013, p. 107).



Figura 5-1 camalhões pré-hispânicos, Área Úmida de Jaboque, Bogotá, Colômbia. Fonte: ADESSA 2006, p. 74

---

<sup>21</sup> Em Colômbia e outros países como Equador, se conhece este tipo de construções indígenas com o nome de camellones. Para este trabalho a palavra camellones traduziu-se como camalhões construção que realizam alguns camponeses em arredores do área de Minas Gerais e que é muito parecido em sua forma e função ao das estruturas indígenas prehispânicas em a Sabana de Bogotá.

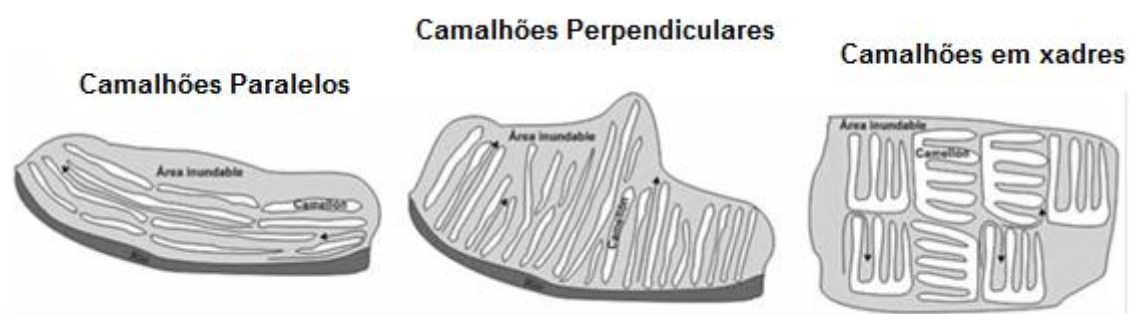


Figura 5-2 Sistema de cultivo de sulcos e camalhões. Fonte: Modificado de Boada Rivas (2006) em Díaz-Forero (2013 p. 107)

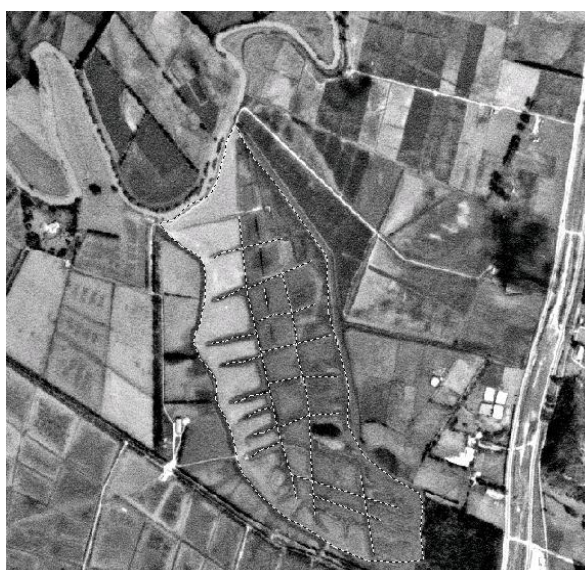


Figura 5-3 camalhões pré-hispânicos em forma de xadrez, margens Norte do rio Bogotá. Fonte: Fotografia aérea IGAC 1976:



Figura 5-4 camalhões pré-hispânicos em forma de xadrez, Área Úmida Tibabuyes, Bogotá Colômbia 1956. Fonte: Jorge Escobar. <http://humedalesbogota.com/2011/09/16/tibabuyes-tierra-de-labradores/>



Ademais, é importante realçar que em banhados como Jaboque, se encontram monólitos que se relacionam com a localização de *camellones* e canais (Figura 5.5). Alguns arqueoastrônomos como Harry Marriner asseguram que estes monólitos estão associados com a constelação de escorpião, mas para a cultura Muisca esta constelação representava a “grande serpente”. Por médio destes monólitos, assegura este pesquisador, podia-se predizer:

“No dia exato de qualquer dos amanheceres ou postas de sol em solstício, olhando acima do monólito adequado e segundo a direção que permitisse o alinhamento para os cerros precisos, para ver a saída do sol ou estabelecer sua distância” (DIAZ CRUZ, 2011, p. 42).

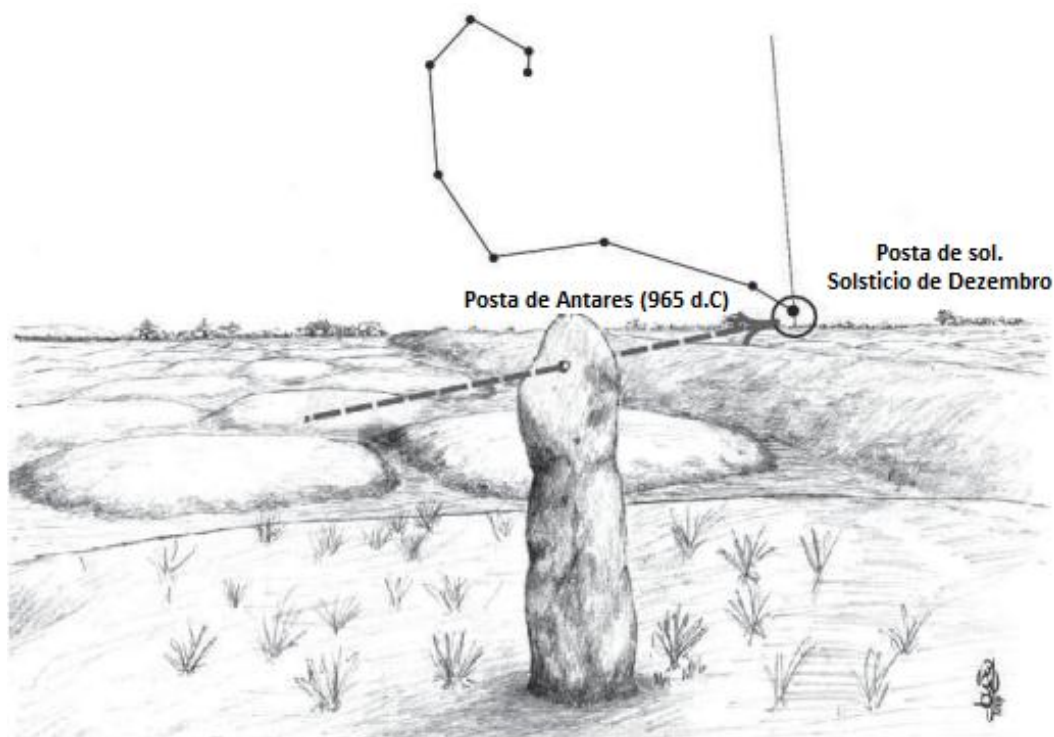


Figura 5-5 Reconstrução hipotética do Monólito 9 no 965 d.C, mostrando a relação existente entre a posta de sol no solstício de dezembro e o ponto de ocultação da estrela Antares. Fuente: Izquierdo & López, em SANTIAGO 2012, p. 173.

Isto é, os monólitos poderiam ter servido como suporte para a construção e leitura de calendários astronômicos que seriam de grande utilidade para a produção agrícola, porque através deste sistema sabiam exatamente as datas de sementeira e colheita. Mas assim mesmo, como guia para os ritos que constituíam a cultura



Muisca, aspecto que dá mais peso à teoria monista do ambiente que possuía esta sociedade<sup>22</sup>:

“O universo muisca é um universo cósmico, como uma pirâmide na qual se relacionam cosmos, mãe terra e homem. O universo muisca é a unidade do homem com o mundo ao qual pertence, a relação harmoniosa e originária com o passado, o presente e o futuro, com os deuses espirituais que transcendem em tempo e espaço” (CHAPARRO CABIATIVA<sup>23</sup> em DIAZ CRUZ 2011, p. 39)

O intercâmbio de produtos que se realizam desde e para Bogotá, se efetuava por médio de relações comerciais “verticalmente” com outras comunidades assentadas nos diferentes andares bioclimáticas da cordilheira, o que ofereceu variedade de produtos para a população. É importante realçar que Bogotá se encontra recostada sobre os cerros orientais e a modo de escudos protetores se encontravam seis populações de índios: “Fontibón, Engativá, Suba, Usaquén, Usme y Bosa”.

Quanto a Fontibón, Este ponto era de grande importância por ser a entrada e saída de Bogotá para o ocidente, não só em tempos pré-hispânicos, senão até a atualidade. É por isso que o nome desta população, para os muisca, significava “poderoso capitão” (VEEDURÍA DISTRITAL 2004, p. 13) em alusão à grande responsabilidade que sustentava esta comunidade, ao ser o primeiro bastião protetor de Fusa - nome de Bogotá para os indígenas -. Assim mesmo, nas épocas seguintes, Fontibón continuou exibindo esta importância. Para os espanhóis, este assentamento era conhecido como Povo da Real Coroa:

“Para os que saíam de Bogotá, nele começava a savana indígena, crioulo e “orejona”, porque se começava a ver a cara da Colômbia nativo e mestiça. E ali terminava para o viajante, procedente de Cartagena ou de Espanha ou de qualquer outra parte, a angústia de chegar a Santafé, que trazia a alma colada a seu cansaço. Desde então, foi uma cidade ansiada” (VELANDIA 1983, p. 14).

---

<sup>22</sup> Miguel Fernando Etayo Cadavid e Jhon Meyer Muñoz Barrera descobriram em suas respectivas investigações 19 monólitos (DIAZ CRUZ, 2011; p. 39), os quais na atualidade não existem. No ano 2004 a *Empresa de Acueducto e Alcantarillado de Bogotá* decidiu atravessar um cano *ENCOR* ao meio do espelho de água do Banhado Jaboque. Para levar a cabo esta tarefa derrubaram praticamente tudo, acabaram com esta parte da memória e património histórico dos Muisca.

<sup>23</sup> Dom Gonzalo Chaparro Cabiativa, é um líder do “*cabildo*” indígena de Suba, Bogotá Colômbia.

Mas ademais era importante pelos produtos agrícolas que se cultivavam em seus terrenos, entre os que se encontrava a batata, o milho, “*quinua*”, “*ibias*”, “*cubios*”, vários tipos de feijão, etc. (GUIO; PALACIO 2008, p. 198-199). “À chegada dos espanhóis a Bogotá a savana caracterizava-se por contar com uma extensa vegetação, rios, banhados e pastos, além de uma fauna conformada por espécies nativas de aves, cervos, “*curies*” e coelhos”. (ALCALDÍA LOCAL DE FONTIBÓN 2008, p. 27).

## 5.2. CONTEXTO DA COLÔNIA<sup>24</sup>

À chegada dos espanhóis a América, há um reordenamento na administração territorial. De acordo a Mendoza (1988-1989), quando começa a conquista do chamado Novo Reino de Granada, a coroa espanhola a divide em unidades administrativas denominadas *gobernaciones* (para 1542, o que é o atual território colombiano, estava dividido em três delas) e municípios. Em 1550 cria a Real Audiência (1550-1717), unidades administrativas descentralizadas que estavam conformados por *oidores* que tentavam resolver os pleitos entre povoadores.

No ano de 1717, cria-se o *Virreinato* da Nova Granada (1717-1810), com esta mudança, os espanhóis criam às províncias, que eram grandes divisões territoriais administrativas de América, assim mesmo, as províncias se dividiram em “*cantonês*” e estes em municípios.

Todas estas mudanças se regiam por médio de leis que se criavam desde Espanha para o território americano. A primeira nasce da junta de Burgos em 1512 (MENÉNDEZ 2009, p. 27). Ainda que fosse só uma consulta da coroa a vários teólogos e juristas com respeito às novas colônias nas Índias, se trataram dois temas fundamentais: a guerra contra os índios e sua justificativa; ademais o sistema de “*repartimento*”.

---

<sup>24</sup> De acordo a Menéndez, a conquista de América foi muito curta, por isso alguns autores a ignoram de suas análises históricas. Este autor escreve: “O processo denominado de forma comum «*conquista*» durou um curto período de tempo; quando Cortês culminou suas campanhas contra os astecas, em 1522, só tinham passado trinta anos da descoberta. A partir de aqui, o avanço espanhol para o interior do continente foi constante e contínuo, de tal modo que podemos dizer que em meados do século XVI a empresa conquistadora estava concluída.” (2009 p. 23).

Dos dois temas tratados, o que tem relação direta com o presente trabalho é o do sistema de *repartimentos*<sup>25</sup>, porque foi a primeira forma de reordenação espacial que se fez no continente americano e que originou o primeiro impacto ambiental dos hispanos sobre os banhados da Sabana pelo ônus populacional e a exploração à que começaram a ser submetidos.

Mas as conclusões destas consultas deram como resultado as chamadas Leis de Burgos que sentaram as bases jurídicas para as *encomiendas*<sup>26</sup>. Estas encomendas são basicamente os mesmos *repartimentos*, só que com normas mais elaboradas:

“... desde um ponto de vista jurídico, significou o surgimento de obrigações mútuas (COLMENARES 2007, p. 37), de modo que um grupo de famílias indígenas encomendava-se a um colono, chamado a sua vez “*encomendero*” quem ficava autorizado para apropriar dos tributos que os indígenas deviam como súbditos à Coroa e para utilizá-los como trabalhadores em serviços pessoais, além de ficar facultado para exigir-lhes algumas prestações econômicas (HISTORIA DE COLOMBIA 1998, p. 451). O “*encomendero*” estava forçado a velar pelo bem-estar de seus encomendados e proporcionar-lhes uma educação, especialmente religiosa que a adiantava o chamado sacerdote doutrinário (OTS 1941, p. 26). Bem valha se aclarar que a encomenda não concedia ao “*encomendero*” a propriedade sobre as pessoas físicas, nem sobre as terras nas que se assentavam os índios encomendados” (HERNÁNDEZ 2012, p. 27).

Devido ao trato de escravos que lhe davam aos indígenas, a alta taxa de mortes na população aborígine e o grande poder que tinham adquirido as encomiendas no Novo Reino de Granada, se criam as Leis Novas que, entre outras coisas, tentam acabar com encomenda-as, ademais criam os *resguardos*, que eram

---

<sup>25</sup> Os *Repartimentos* são uma classe de relação econômica índio-espanhol na que o primeiro é repartido (daí o nome) a uma autoridade espanhola representada pelo colono; nesta relação, o índio tinha a obrigação de cumprir com os trabalhos que lhe atribuisse o espanhol, não existiam regras, limites nem autoridades que regulassem as ações dos conquistadores. O resultado desta relação foi o começo da queda vertiginosa na população indígena devido principalmente ao mau trato e os abusos aos que eram submetidos (GONZÁLEZ, 1977 em HERNÁNDEZ 2012, p. 23).

<sup>26</sup> De acordo a Margarita González, *encomienda* nasce em 1503, mas as Leis de Burgos são as que definem as normas fundamentais desta relação socioeconômica entre os indígenas e os espanhóis (GONZÁLEZ 1977, em HERNÁNDEZ 2012, p. 26). Assim mesmo, esta norma foi totalmente abolida o 29 de novembro de 1718 (OTS 1941, em HERNÁNDEZ 2012, p. 30), ainda que a Coroa Espanhola desde o ano de 1542, com a promulgação das Leis Novas já tentava abolir este tipo de relação (MENÉNDEZ 2009, p. 39).

“vastas zonas territoriais delimitadas, dentro das quais os índios deviam desenvolver sua vida econômica e produzir os bens necessários para sua subsistência, estas terras eram possuídas em comum pela comunidade indígena” (CIFUENTES 2006, em HERNÁNDEZ 2012, p. 33). Para autores como Marta Herrera, esta nova relação socioeconômica, indígena – espanhol dá-se pela diminuição da população nativa e o aumento do interesse dos novos colonos pelas terras que ficavam baldias (HERRERA & BONNETT).

Agora, há que deixar muito em claro que estas leis estipulavam claramente a divisão social dos territórios americanos em duas sociedades diferentes, a República dos brancos e a República dos índios (OSORIO 2004). Para esta autora:

“Assim, a existência de leis penais sobre as políticas de separação residencial, nas que podem ser distinguidos cinco etapas (MÖRNER 1970), manifesta o conteúdo político de fomentar a separação residencial, que procurava especialmente controlar, “elementos perturbadores” como os forasteiros e vadios, ante a existência de um modelo da república cristã que seguia sendo a representação da cidade de Deus. Neste modelo, a desordem moral ou a contravenção sexual, acusações entre outras feitas aos vagabundos e forasteiros, podia chegar a revestir uma conotação moral de rebeldia política.” (2004, p. 279).

Quanto às cidades, tentou-se que as novas urbes coloniais fossem de tipo moderno (PALACIO & ROUILLON, 2008. Pág. 140), implantando uma forma arquitetônica baseada em quadricula, a qual daria o começo de um tipo dado de morfologia urbana, um tipo de trace onde as vias ligariam os centros povoados de passado pré-hispânico ou fundacional, configurando a morfologia da cidade (Figura 5.6).



Figura 5-6 Plano geométrico da cidade de Santafé. Fonte: SALDARRIAGA 2000.

A cidade converteu-se no antagonista do campo. O humano como ser dominante, devia ordenar e aperfeiçoar a natureza, e isto o conseguia por médio da construção de cidades que se começavam a converter no habitat das pessoas:

“... Santafé de Bogotá caracterizou-se por uma tenaz vontade de consolidar uma oposição à geografia circundante, um espaço artificial que representava a “civilização” e a apropriação humana do território. A dimensão verde no espaço público era alheio ao conceito colonial do urbano, onde o médio construído conformava um universo que se contrastava com o meio natural” (PALACIO 2008, p. 24-25).

Este dualismo entre “o civilizado e o bárbaro” tendo como base a natureza, se materializou na paisagem urbano por médio da criação de praças e ruas na que era impossível observar algo que tivesse relação com o campo (Figura 5.7). A natureza encontrava-se encerrada nas casonas da época e era representado por grandes jardins nos que prevalecia uma ordem estética e artística determinada:



Figura5-7 Bogotá século XVI. Tento-se desterrar à natureza das cidades. Fonte: <http://bitacorasdebogota.blogspot.com/2007/01/la-colonia-en-el-siglo-xvii.html>

“A cidade define-se como o espaço da vida política e social, no que se transformavam os costumes indígenas, “ferozes, por outras humanas” (CALVO 1995), e ensinava-se, como o afirmava o jurista Solórzano Pereira, “a verdadeira agricultura, a construção de casas, a reunião em povos, a leitura, a escritura e outras artes que em outros tempos lhes eram estranhas” (Ibíd.). Para o ideal da “república cristã”, era central expandir “a forma de vida” urbana, já que esta possibilitava controlar o espaço e os sujeitos que o habitavam, bem como os recursos e a mão de obra que explodiam estes.” (OSORIO 2002, p.283).

Como contraparte às cidades de brancos, se encontravam os povos de índios, que representava a parte rural da cidade, a atrasada, a não civilizada (Figura 5.8).

“Para a segunda metade do século XVI, como resultado da aplicação da política de congregações, isto é, reordenação dos assentamentos dos indígenas para que sua estrutura física se adequasse às exigências de vida “em pólicia” imposta pelo invasor, falou-se de juntar aos índios em povos e começou-se a utilizar o termo composto de povo de índios para referir-se a estes novos assentamentos.” (HERRERA & BONNETT 2001, p. 19).





Figura 5-8 Povo de índios durante a colônia.

Fonte: <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/geografia/region3/a3.htm>

A estrutura dos povos de índios consistia basicamente no *resguardo* (terras de propriedade comunitária) o portal, a igreja, a cruz atrial, a casa do sacerdote, a casa do cacique e a casa do *cabildo* (OSORIO 2002). Dentro destas comunidades, os espanhóis impuseram um nível hierárquico que imitava em grande parte o utilizado pelos habitantes originários, isto com o fim de facilitar seu domínio. No caso dos muiscas na Sabana de Bogotá, A nova pirâmide conformou-se da seguinte maneira: caciques, governadores, capitães, prefeitos, tenentes, fiscais, cantores e sacristães (HERRERA 1993, p. 10), mas não há que esquecer, que na hierarquia do poder, as cidades sempre estiveram acima dos povos de índios.

Na Sabana de Bogotá, a “República de brancos” estava representada por Santa Fé, cidade que posteriormente lhe mudou o nome a Santa Fé de Bogotá e depois simplesmente Bogotá. A “República de índios” estava representada por Facatativá, Nemocón, Fúquene, Fómeque, Zipacón, Tabio, Tocancipá, Suba, Bosa, Soacha, Engativá, Fontibón e Cota (PALACIOS, 2008 em DIAZ-FORERO, 2013 p. 109), mas a maioria dos índios finalmente acabou como renegados em Bosa, Suba e Fontibón.

Apesar dos grandes esforços feitos pela coroa espanhola por dividir e segregar “a República de brancos e a República de índios”, a realidade mostrou outra coisa:

“A divisão em duas sociedades ideais, uma urbana e outra rural, onde a habitação nelas estava determinada pelo princípio de mordomia que



organizava toda a sociedade colonial, e que determinava que só os brancos tinham a mordomia de habitar a cidade, não passou de ser o sonho de uma ordem que não pôde ser realizado. Efetivamente, impôs-se a realidade, a necessidade de contar com o trabalho indígena para construir as cidades, e para satisfazer as demandas de serviço na vida quotidiana urbana. Isto foi o que aconteceu na Santafé colonial". (ZAMBRANO 1997).

A Sabana de Bogotá, como toda região imersa no território conquistado, dominado e colonizado pelos espanhóis, não estava isenta de todas estas mudanças na cena político-administrativo que logicamente repercutiam na configuração do espaço. Para este período da história, a região em questão apresenta como principal atividade econômica a agricultura, a criação de gado e a mineração; a presença de indústrias e de produção industrial era quase nula, esta estava constituída unicamente pelo trabalho dos artesãos (TÉLLEZ, 1997, em SUÁREZ 2009, p. 51).

A diminuição progressiva no número de indígenas, a extinção de alguns *resguardos* e a perda de hectares de outros em favor de particulares fez que a zona rural da Sabana durante a época colonial, começasse uma transformação total de sua paisagem. As *encomiendas* que se encontravam na Sabana se converteram progressivamente em fazendas<sup>27</sup> (SANTIAGO 2012); as terras que ficaram livres se converteram em Quintas e Estâncias<sup>28</sup>.

Uma nova distribuição espacial aparece na paisagem da savana fazendo que mude radicalmente, já que passou de sustentar uma população mais ou menos dispersa na época muisca, a uma população em núcleos de povos de brancos, povos de índios, *resguardos*, paróquias, *quintas*, estâncias e fazendas que causaram a concentração de pessoas em um espaço mais ou menos reduzido, começando o desequilíbrio dos ecossistemas locais.

Durante este período, na Sabana de Bogotá estabeleceu-se uma

---

<sup>27</sup> Em um começo as fazendas recebiam o nome de estâncias. (SUÁREZ, 2009, p. 22). De acordo a Friede "a fazenda não só foi uma empresa econômica, senão a base fundamental para a criação do poder político e do prestígio social, a partir do século XVIII" (FRIEDE 1965, GUILLÉN MARTÍNEZ 2003 em SANTIAGO 2012 p. 174)

<sup>28</sup> *Quinta* é "a fazenda de labor no campo com seu casario. Disse assim porque o arrendador dela dá ao senhor por concerto a quinta parte do que apanha de frutos. "O mesmo significa "*quintería*" e "*quintero*" é o tal arrendador "" As estâncias são "porções do território que se distribuíam entre os soldados a cavalo que tinham servido na guerra, após a conquista de um país qualquer" (CARRASQUILLA, 1989 em SUÁREZ 2009, p. 16).

continuidade histórica na localização e permanência de atividades socioeconômicas sobre o altiplano. Mas apresenta-se, como é lógico, um conflito não só pelo território, senão ademais pela imposição dos símbolos, leis, normas e percepções da cultura ocidental. De acordo a Susy Bermúdez:

“É conveniente assinalar que à chegada dos conquistadores e ao longo do período colonial, devido à tradição judia cristã e pelo desenvolvimento do capitalismo, se implantou o imaginário de uma cultura antropocêntrica que não coincidiu com muitas das tradições indígenas. É mais, recordemos que quem chegou faziam parte de culturas sedentárias que mantinham uma relação com o meio caracterizado pela propriedade privada” (BERMÚDEZ 2000).

Começa-se uma aculturação progressiva dos indígenas desde duas vias: a primeira por médio dos castigos e leis reguladoras destas práticas; a outra foi cristianizando ao povo muisca. Quanto à primeira, os castigos iam desde torturas, desterros; penitências singelas como orações, jejuns, missas, etc. Outros castigos podiam ser açoite, enforcamentos, mutilação ou a fogueira (HENSEL 2003).

A segunda via a cristianização do povo muisca, realizou-se por médio de uma série de igrejas, *capellanías* e paróquias católicas que se construíram como base para originar núcleos povoados, que hoje conformam centros históricos. Entre os que se encontrava, como se disse anteriormente, Fontibón. Esta organização não só serviu para converter aos nativos, senão ademais para recolher mais facilmente os tributos. No caso de Fontibón, a missão evangelizadora realizou-a os jesuítas.

Muitas dos costumes dos indígenas começam a perder-se; por exemplo, a herança matrilinear que praticava o Povo Muisca, com a chegada dos espanhóis mudou radicalmente, a partir da conquista, a herança começa a ser de tipo patrilinear, ideia que é reforçado por tintes culturais espanholes como o machismo; a Eva pecadora; a Virgem Maria como mãe do messias, mas submissa e de baixo perfil dentro da sociedade, etc. (ACOSTA 2002 e BERMÚDEZ 2000).

Durante os séculos de colonização, a natureza só era valorizada pelo que esta era capaz de produzir. Todos aqueles ritos que se relacionavam com sua veneração, se vão perdendo com o tempo até quase desaparecer, devido aos fortes castigos que aplicavam às pessoas que descobriam os praticando.

Muitos dos lugares sagrados para os muiscas, como o eram os banhados e os corpos de água, uma vez feita a reordenação espacial no Novo Reino de Granada ficam na metade das fazendas, dando o espaço social, cultural e político para ser intervindos e possam ser convertidos em solos “produtivos” economicamente falando. Os métodos utilizados foram trincheiras, cercas de drenagem e a construção de *jarillones* entre outros (SANTIAGO, 2012).

O que hoje é o ocidente do Distrito Capital de Bogotá, durante a colônia mudou de uma paisagem dominada pelos riachos e os banhados a uma Sabana cheia de estancieros com resguardos e fazendas que começaram o lento, mas contínuo dessecamento dos “pântanos” para a agricultura extensiva e a criação de gado.

Com respeito a isto, Camilo Pardo Umaña diz o seguinte:

“... passo a passo, a vasta extensão da Sabana foi dessecando-se, ao quadricular o homem seu solo com trincheiras e mais trincheiras, que serviam também para lindar as fazendas e dentro destas, os diferentes poteiros, que se iam semeando dos melhores pastos. ” (1880, em DELGADO, 2010, p. 123).

Agora, apesar da luta tenaz que mantinha a cidade por se manter isolada do campo e os povos de índios, a capital não estava, nem podia estar separado do resto da região e por suposto do país. Aparte do grande fluxo de pessoas que chegavam ou saíam de Santafé por questões de trabalho, também arribavam ou partiam visitantes, turistas, cientistas, etc., bem como mercadorias, muitas das quais proviam ou saíam da costa colombiana ou Espanha, tendo que percorrer obrigatoriamente o caminho de ocidente, que unia o rio Magdalena com a capital, cruzando deste modo por Fontibón.

Esta rota tinha dois problemas: o primeiro consistia nos banhados que se encontravam ao ocidente de Santafé. Terrenos pantanosos difíceis de transitar. O segundo consistia nas inundações que se apresentavam nos tempos chuvosos e que ocasionavam as crescentes do rio Bogotá; problema que somado ao primeiro, faziam quase impossível percorrer este caminho.

Quanto aos banhados, e de acordo ao pesquisador Rodrigo Rojas, até

inícios do século XVIII tentou-se ocultar a existência destes lugares aos servidores públicos espanhóis, e por suposto à coroa, porque o fato de fundar uma cidade perto desses ecossistemas constituía uma falta grave às leis de Índias:

“... tendo-se resolvido de povoar alguma província ou comarca das que estão na nossa obediência, ou depois descobrissem, tenham os povoadores consideração e advertência a que o terreno seja saudável, se há pastos para criar ganhados, montes e árvores para lenha, materiais de casas e edifícios; Muitas boas águas para beber e regar: índios e naturais a quem possa-lhes pregar o evangelho. Tentem ter a água perto, e que possa ser conduzido ao povo e fazendas, a derivando se fosse possível para melhor se aproveitar dela... Não tenham perto lagoas nem pântanos, em que procriar animais venenosos, nem acha corrupção de ares, nem águas...” (Leis de Índias citado pela Empresa de Acueducto e Alcantarillado de Bogotá, no Água na História de uma cidade. Em ROJAS 2000, p. 21).

Santafé é fundada em um lugar com água, grande quantidade dela; ademais, ao redor da cidade há populações originárias que precisam ser evangelizadas, mas assim mesmo está localizada bem perto de grandes extensões de pântanos, motivo pelo qual nas crônicas desta época, “os banhados desaparecem do panorama da Savana” (ROJAS 2000, p. 25). Os únicos aparecimentos destes ecossistemas em narrações e crônicas são para contar acontecimentos anedóticos de Santafé e a Sabana, em livros como o *Carnero*, escrito em 1638 por Juan Rodriguez Freyle (1566 - 1640) (Figura 5.9).

O segundo aspecto, a temporada de chuvas, quando estas chegavam, a única forma de sair ou entrar da cidade pelo ocidente, consistia em usar balsas, o que ocasionava caos na comunicação com as populações vizinhas, porque produzia atraso até de vários dias no transporte de pessoas e mercadorias.

“Este povo [Fontibón] teria podido desaparecer porque estava em um terreno pantanoso formado por lagoas naturais e as águas represadas dos então caudalosos rios Vicacha ou San Francisco e Fucha e o espaçoso e esparramado Bogotá. Os dois primeiros convergiram no lugar de Ponte Aranda e depois em um só, que umas vezes se chamava San Francisco e outras Fucha, desembocavam no Funza.” (VELANDIA 1983, p. 87).





Figura 5-9 Pintura das Terras pântanos e anegados do Povo de Bogotá, 1614. Alonzo Ruiz Galdámez e Juan de Aguilar Rendón. Nesta imagem aparece parte-a sul ocidental da atual Bogotá Distrito Capital. O norte deste mapa está localizado à direita, isto é, o ocidente encontra-se em a parte superior do plano. De acordo a Juan David Delgado, o grande rio que se aprecia em a pintura e que a percorre de norte a sul é o rio Funza, que atualmente lhe conhece com o nome de Bogotá. Ao oriente do rio, em a parte baixa da pintura encontram-se os territórios do que atualmente é Fontibón e Engativá. Fonte: DELGADO 2010, p. 119.

Bem como os banhados quase desaparecem das crônicas nos primeiros séculos da colônia, reaparecem em comentários e livros escritos por visitantes, aventureiros e pesquisadores que chegaram a Santafé pelo caminho de ocidente no final do século XVIII e começos do XIX. Um deles é Alexander Von Humboldt, que em seu diário faz algumas notas sobre a Savana de Bogotá e suas zonas húmidas:

“[...] já que a parte do Plano de Bogotá, entre Facatativá e Fontibón é a mais baixa, o rio forma aqui consideráveis pântanos, restos do antigo Lago Funza, de ali a quantidade de aves aquáticas, *Platalea*, *Ardea*, “*Phoenicopterus...*”, e os melhores pastos. Mais para o sul o rio Bogotá une-se ao rio Techo que passa por Fontibón (e que recebe aos dois rios de Santafé, o rio San Agustín e o de San Francisco), por último, mais para o sul ainda, se une ao rio Serezuela e o rio Bosa ou Tunjuelo (dos quais o primeiro brota das serras entre Facatativá e Bojacá, e o último no vale de

Usme rico em gesso). Segundo isto, o rio Bogotá recebe todas as águas do grande Plano de Santafé. Em Canoas, não obstante, este tem somente 137 pés de largo e máximo 5 ½ pés de profundidade – uma prova da desmesurada evaporação na reduzida prisão barométrica do ar, e da muita água que se estanca nos pântanos. Seguramente que os árabes e os peruanos colocariam presas (diques) no rio para causar inundações artificiais em uma planície tão aflito pelas secas. Mas aqui vivem os espanhóis [...]” (FLOTA MERCANTE GRAN COLOMBIANA 1982. Em ROJAS 2000)

Como Fontibón era a saída da cidade para ir ao rio Magdalena pelo ocidente, é lógico pensar que se teria que construir uma via adequada que unisse estas duas populações. De acordo com Carrizosa (2001), durante a história colombiana por trás da construção de vias de comunicação no país “encontra-se uma maranha de interesses e de ideologias que correspondem a muito diferentes visões do território, do progresso e da vida colombiana.” (CARRIZOSA 2001, p. 175).

Este ponto é de vital importância destacá-lo, porque a primeira via que se construiu neste setor para unir a Fontibón com a capital, e que afetou diretamente ao Banhado Capellanía, se fez principalmente para que o Licenciado Aunsibaes ou Anuncibay, pudesse visitar a sua noiva – a qual se foi para Techo no ano de 1578 -. É muito possível que por trás deste pedido se propusessem diversos motivos, entre os que poderia estar o progresso da cidade, mas o evento principal que mobilizou a este “*Oidor*” foi a partida de sua amada. A via em questão é a rua treze, construção que obstaculizo o passo natural do banhado Capellanía até o rio Fucha (Figura 5.10):

“Trouxe o capitão Olaya uma grande balsa, para levar a sua filha. Saliolos acompanhando o licenciado Aunsibaes até o porto da balsa, onde viu embarcar sua alma, e que se ia por aquelas largas piélagos, e até a perder de vista, não voltou à cidade, e chegou tarde, porque mal podia sair dos maus passos. Outro dia na Real Audiência propôs o caso, e a perversidade do caminho, consultado e saiu determinado de que se fizesse um “*camellón*”. Cometesse que se pusesse em execução ao “*Oidor*” Francisco de Ancibaes, o que não descuidou no fazer, que hoje dura e chega até Fontibón, que o podemos agradecer ao amor do licenciado Ancibaes, pois que o puseram por capitulação, não faço eu muito no escrever” (RODRÍGUEZ: El Carnero. Em ROJAS 2000, p. 23).

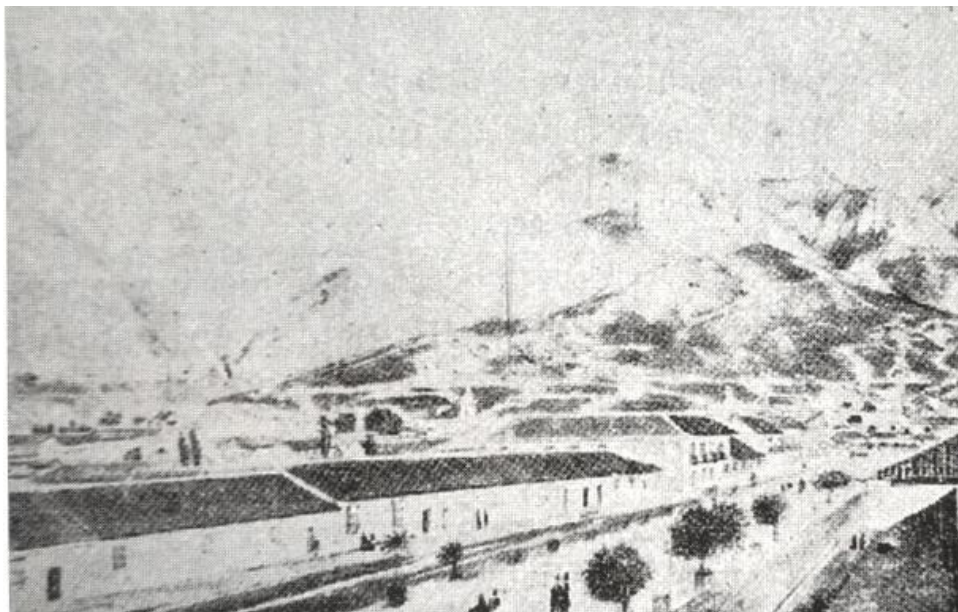


Figura 5-10 Camellón de Occidente. Avenida de Colón. Ano de 1865. Fonte: Centro de Estudos de Arquitetura e Meio ambiente (CEAM). Arquivo Fotográfico Museu de Desenvolvimento Urbano IDCT. Em. Rojas 2000.

José María Cordovez Moure escreve a respeito:

“Muito conhecida é a história dos amores do Oidor Anuncibay com dona Jerónima de Olaya e Herrera, o qual fez construir as calçadas à frente de Capellanía, a imediações de Fontibón, e a de Ponte Grande ao Cerrito, para visitar a sua dama, que vivia em Funza, sem perigo de emborcar nos pântanos de forçada travessia formadas a frente do Tintal, e entre o Santuário e dito ponte. Desde então se mudou a balsa de juncos pelo cavalo para atravessar a Savana de Bogotá.” (CORDOVEZ 1921. Em: VELANDIA 1983, p. 93).

Para terminar este ponto da história, deve ser enfatizado que o processo de aculturação dos índios na Savana de Bogotá, e sua forma de ver, apreciar, e viver o ambiente teve sucesso, a tal ponto que os antigos costumes quase se perdem em lugares como Fontibón:

“O que estes doctriberos chamavam idolatria era o culto que os índios tributavam a seus deuses, particularmente a *Bochica*, cujas estatuetas de ouro e varro conservaram muitos anos os descendentes chibchas, até quando convertidos em camponeses desmemoriados e já diluída em sua



alma a presença imaginária de seus antepassados, esquecê-los definitivamente” (VELANDIA 1983, p. 69).

Ademais, as novas concentrações de população que planejaram os espanhóis, tanto nas cidades como nos povos de índios, ainda que em um princípio fossem pequenas, se converteram no começo dos desequilíbrios ambientais no setor, não só pelas mudanças no ecossistema devido à mudança de uso do solo, senão ademais pelo consumo a cada vez maior de água e sua contaminação, bem como a destruição de seus bebedouros.

Quanto ao *camellón* de Aunsibaes ou Anuncibay, este foi o primeiro capítulo de uma série de mudanças na paisagem da savana com a ânsia de ligar a cidade com o rio Magdalena, a costa Atlântica colombiana e o mundo, procurando o progresso local por médio da indústria incipiente do momento e o comércio, atividades que precisam a contínua implementação de meios de transporte que agilizem o intercâmbio de produtos. A construção e uso destes meios de comunicação, como no caso da rua treze, produzem uma série de impactos sobre os diferentes ecossistemas que atravessam:

“... processos de extinção e diminuição de populações ou fauna e flora, sobre os padrões da rede de drenagem, a qualidade de águas e a estrutura dos ecossistemas aquáticos; sobre a estabilidade dos terrenos e a erosão dos solos; sobre a contaminação do ar, o ruído e em general a qualidade de vida dos assentamentos humanos; sobre os relictos e monumentos históricos” (CARRIZOSA 2001, p. 176).

### 5.3. CONTEXTO REPUBLICANO

Ao começo da república, só existiam duas classes sociais: a classe alta e o povo. Posteriormente, aparece uma terceira classe social, formada por artesãos e comerciantes, mas as maiorias das pessoas pertencem às classes menos favorecidas. Para os dirigentes políticos e acadêmicos deste período, é urgente que a nação atinja o progresso. É por isso que começa uma nova aculturação, tomando como base o pensamento utilitarista de Bentham, cujas prioridades consistiam na ciência e o útil, permitindo o desenvolvimento econômico e social da nação (CLARK

2007; RINCÓN 2005).

É bem como, as elites que se encontravam no poder, tomam uma série de decisões, tanto para a cidade como para o campo, baseadas nas percepções que se tinham de alguns atores econômicos do momento, para atingir o progresso do país, decisões que provocaram mudanças radicais a todo nível, transformações que se expressaram no meio, mudando novamente as paisagens existentes.

Mas, ¿por que se chegou a esta situação? De acordo a Mendoza (1988-1989) a partir de 1810 a Nova Granada começa a luta por sua independência de Espanha, produzindo uma desintegração geral na região. A partir deste momento originam-se uma série de Estados e Repúblicas que procuram se independentizar de Espanha e de Santafé de Bogotá. De acordo ao autor, estes desacordos ocasionam a primeira guerra civil em Colômbia que concluiu com a criação da Confederação das Províncias Unidas da Nova Granada. Em 1819 cria-se a República de Colômbia também chamada a Grande Colômbia, país que existiu durante 11 anos.

Em 1830 separam-se do país Venezuela e Equador; isto faz que para 1831 se crê um novo país ao que se chamou *República de la Nueva Granada* (1831-1858). Seguindo a história colombiana e ao Mendoza, em 1858 nasce a Confederação Granadina (1858-1863), um Estado criado pelo partido *conservador*. Em 1863 cria-se *Estados Unidos de Colômbia* (1863-1886), Estado formado pelos *liberales* radicais da época. Em 1886 o país toma o nome de *República de Colômbia* (1886-1903). Em 1903 Colômbia perde a Panamá, que se converte imediatamente em um Estado soberano.

Em todo este processo de criar e destruir Estados, originam um ciclo constante de guerras que deixam ao país na quebra. O período Republicano, Bogotá e o que na atualidade conforma o Distrito Capital, o começam pressionados por uma economia instável e à baixa, problema que se acrescenta pelo isolamento territorial que a natureza lhes impõe (Figura 5.11).

Com uma economia em mau estado e o isolamento ao que estava submetida a capital e os povos mais próximos, incluído Fontibón, surgem dois reptos para os governantes: em primeiro lugar, criar uma imagem de cidade moderna, progressista e cosmopolita, uma cidade que mostre aos países vizinhos que Colômbia era um país forte e pujante apesar de estar continuamente em guerra.

Mas assim mesmo, levantar a moral do povo colombiano que via como através do tempo sua Nação se ia desmoronando, não só pelas guerras, senão ademais, pelas ideias separatistas que constantemente apareciam e que ameaçavam com a desintegração do país<sup>29</sup>. Para isso se precisava uma série de características físicas e arquitetônicas que a capital não possuía, a cidade ainda vivia na época colonial.



Figura 5-11 Bogotá vista desde o ocidente. A Sabana de Bogotá é um altiplano que está rodeado por cerros e banhados que dificultam a entrada e saída de pessoas e mercancias durante a colônia, a República e as primeiras décadas do século XX. Autor: Gravado de J Harris. 1851. Créditos Revista Credencial Historial, edição 133, janeiro de 2001. Credencial 2001. Fonte: <http://www.colarte.com/colarte/foto.asp?idfoto=258442>

Em segundo lugar, e muito relacionado com o primeiro ponto, o isolamento não permitia fluidez em o intercâmbio económico com sócios estratégicos de tipo nacional e internacional. No referente a Bogotá, cidade capital:

“Durante esta época [1810-1910] Santafé de Bogotá viveu ao interior de estrutura urbanística colonial de traçado ortogonal, não necessariamente pré-moderno (Figura 5.12). Igualmente os confines desta estrutura

<sup>29</sup> Juan Carlos Pérgolis escreve ao respeito: “Desenvolvida nesses termos, a investigação permitiu-nos ver o desejo a sociedade de Bogotá do século XIX por integrar a um mundo que estava para além do altiplano que continha a pequena cidade. As imagens da ilusão modernista da gente de Bogotá especificaram-se lentamente desde o início da construção do Capitólio Nacional em meados do século XIX, até 1926, quando a remodelagem da Praça de Bolívar, obra de Alberto Manrique Martín, definiu a imagem do centro da cidade. Assim, em termos de Benjamin, o sonho modernista da infância da sociedade de Bogotá se converteu em um conto “feérico” que deu forma à nova cidade.” (2011, p. 6).





passeio e encontro da elite social após missa na Catedral. Assim se definiu o centro da cidade burguesa de fim de século” (2011, p. 9).



Figura 5-13 *Plaza Mayor*, hoje *Plaza de Bolívar*. Imagem do ano 1846. Fonte:

[http://www.revistacredencial.com/credencial/sites/default/files/styles/890x610/public/1\\_2.jpg?itok=xdWaN3rd](http://www.revistacredencial.com/credencial/sites/default/files/styles/890x610/public/1_2.jpg?itok=xdWaN3rd)

Quanto à zona rural, dizia-se que estava cheia de fazendas nas que se desperdiçava seu potencial natural, pelo que se tomaram medidas para romper com costumes coloniais que não conseguiram tirar proveito das terras. De acordo com González:

“A paisagem rural estava dominada nesses momentos por fazendas coloniais bastante improdutivas, as quais refletiam valores culturais herdadas dos espanhóis que lhes atribuíam muito status de possuir terras, mas, por sua vez relacionada a uma visão do trabalho como algo ignóbil (SAFFORD 1989. FAJARDO 1983. LEGRAND 1988). Emulação da nobreza europeia ilustrada dedicada às ciências humanas e jurisprudência emulação e afastadas dos trabalhos manuais e práticos” (GONZALEZ J. 2001. p. 86).

Ademais se achava que as melhores terras estavam em mãos pouco aptas para contribuir com o progresso que se procurava no país, mas ademais que sua ocupação estava na contramão do livre mercado e a privatização que queria ser implantado. As novas formas de governo, opinadas pelos princípios do Estado Nação no estabelecimento da nascente república, com o propósito de mudar radicalmente a aquisição e tenência da terra no território nacional, emitiram duas leis

e aplicaram o Código Civil da União em 1873, para propiciar o crescimento econômico que precisava a nação.

Em primeiro lugar, em 1850 estabeleceu-se a lei de Desamortização de Terras (FORERO 1999), pela qual se adjudica juridicamente a liberdade aos indígenas, terminando com a colonial propriedade coletiva dos resguardos. Isto produziu a distribuição de terras entre seus membros, acarretando uma estratégica concentração da terra ao ser possível negociar no marco da propriedade privada:

“Desde a Conquista espanhola e o estabelecimento da *Nueva Granada* colonial muitas comunidades indígenas sobreviventes mantiveram suas terras. A Coroa espanhola tinha protegido estes direitos sobre as terras comunais, chamando-as *resguardos* e recebendo a câmbio o pagamento de um tributo por parte do cada homem indígena adulto. Com a Independência, aboliu-se o tributo e os indígenas foram incorporados à República como contribuintes e proprietários privados. Não todos seus grupos de indígenas preferiram os impostos republicanos a mudança do tributo colonial nem todos aprovaram a privatização das terras dos resguardos. Em alguns casos, apresentaram-se protestos pela privatização das terras comunais porque estas podiam ser vendidas por fora da comunidade”. (CLARK 2007)

Em segundo lugar, em 1863, Tomás Cipriano de Mosquera efetuou a “Desamortização de mãos mortas” (PALACIO 2008, p. 30). Com estas leis puseram-se nas mãos dos terratenente, as grandes extensões de terra que tinham a igreja. É bem como começa a transição da organização colônia territorial (representados em Povos de Índios, posteriores Resguardos, as Villas, Paróquias e capellanías) à acentuação das fazendas e a conseguinte concentração da terra na Sabana de Bogotá.

No caso das capellanías, estas eram extensões de terra que se deixavam à igreja e que se escrituravam a perpetuidade ao santo de devoção da pessoa que as doou. O produto que se obtinha delas se utilizava para pagar missas a nome da pessoa que as cedia (YEPES 2001, p. 135). Uma destas capellanías, a de Fontibón, foi doada pelo Cacique Dom Juan de Fontibón, o 26 de setembro de 1647:

“Eu Dom Juan Cacique do povo de Fontibón da Real Coroa digo: que dentro dos *resguardos* de dito povo há oito quadras de terra pouco mais ou menos tocante às de minha *Cacicazgo*, e não as cultivo nem as posso cultivar por ter novas, e a mim nem a meus sucessores lhe faz nem lhe têm de fazer



falta, e em consideração que a igreja não tem capellanía para memória dos Caciques meus tios e antecessores, cujos bens têm consumido, e que Deus Nosso Senhor será servido e seu culto divino aumentado, e a minha anima e a dos ditos tios e sucessores receberão sufrágio, fundo na dita igreja de Fontibón uma capellanía e memória perpétua, e assinalo por dote dela as ditas oito quadras de terra, em que se farão coas e cerca e tem de ser Capelão perpétuo dela o pai cura que fosse de dita igreja...”. (Arquivo Paroquial e nos Protocolos do Notário 3ou de Bogotá de 1865, Livro Não 489 do Arquivo Nacional. Em VELANDIA 1983, p. 120).

Estas terras correspondem ao que agora se conhece como bairro Capellanía.

Posteriormente, muitas fazendas do setor também mudariam de donos e por razões mercantis ou partilhas de heranças de famílias, se fragmentariam permitindo a parcelação e o denominado processo de “lotação”, mas para este período da história, a dessecação dos banhados da savana, realizava-se para ampliar as terras de cultivo para o ocidente principalmente.

En tercer lugar, y muy ligado al desagüe o desecación de lagunas y humedales, en 1873 comenzó a regir el Código Civil de la Unión en el cual se recalca que la propiedad privada es el núcleo del desarrollo del país (GUIO, PALACIO 2008, p. 208). De acordo a estes autores, em Colômbia, a partir da implementação desta Lei, converte-se à natureza em coisa, e todas as coisas podem ser convertidas em valores comerciais. Agora, esta teoria se aplicava aos solos, mas não à água, ou o que estava coberto por elas. É por isso que nesta época, finais do século XIX, se incrementou a dessecação dos banhados, procurando novos solos para cultivar e assim obter mais rendimento econômico no mesmo espaço com que se contava.

Estas leis estavam unidas à busca do progresso através da produção agrícola, entrando por este médio ao comércio internacional. Uma vez privatizadas e concentradas as terras em grandes fazendas produtoras, focaram-se em duas estratégias específicas: em primeiro lugar, começou-se a introduzir no campo ferramentas e tecnologias de ponta. Ao mesmo tempo, traçou-se como objetivo urgente a implementação dos meios de transporte necessários para agilizar e facilitar a entrada e saída de produtos e mercadorias.

Para melhorar a produção no campo, aplicou-se a agricultura científica (GONZÁLEZ J. 2001 p. 77). Esta metodologia começou com a aplicação de agroquímicos aos cultivos e o cruze de diferentes espécies de gado bovino trazido do velho continente para criar uma raça resistente ao médio da savana e que por suposto, produzia mais e melhor leite e carne. Ao prosperar estes animais, os ecossistemas mudaram ao mesmo tempo em que as paisagens locais.

“A mudança de vegetação natural durante a colônia foi gradual e de importância relativa; no entanto, a exploração ganadeira gerou mudanças nas savanas herbáceas onde inicialmente se estabeleceu, já que o pisoteou do ganhado atuou como mecanismo de pressão seletiva, favorecendo aquelas espécies resistente ao pisoteou ou as que se disseminavam através do esterco” (YEPES 2001, p. 130).

Os pastos endógenos da Sabana de Bogotá não eram bons para sustentar as novas populações de animais trazidos do velho continente, pelo que se trouxe o *kikuyo*, espécie de pasto que se reproduz mais fácil e é resistente ao pisoteou do ganhado. Outras espécies introduzidas foram o pinho e o *eucalipto*. Esta última chega entre “1857 e 1865” (RUIZ 2008, p. 55), e utilizou-se para ajudar na dessecação dos banhados e dar-lhe mais espaço ao ganhado e aos cultivos.

O parcelamento das fazendas, a intensificação do ganhado bovino, porcino, ovino, etc., o aparecimento de pragas como as ratas e carrapatos, além de certas práticas que se começaram a utilizar para combatê-las – como o queima-, somado à implantação de novas espécies de vegetais, e a construção de canais e diques, transformaram as estruturas ambientais próprias da savana.

Estas implementações e algumas outras, procuravam aumentar a produção, o que implica ao segundo ponto proposto para atingir o progresso: sacar fácil e rápido o produzido. Neste momento histórico os banhados são vistos como obstáculos naturais para o desenvolvimento já que faz muito tortuoso o trânsito contínuo de mercadorias dentro da Sabana. Para acabar de uma vez com este problema, a tarefa mais urgente foi construir as vias de comunicação necessárias para unir a Sabana de Bogotá com o rio Magdalena; a Bogotá com o mar. Salvador Camacho Roldán escrevia em 1858:

“A civilização de um povo mede-se pela rapidez, longitude de suas

comunicações, aos olhos do europeu habituado às necessidades da vida real, país sem caminho, país bárbaro, são sinônimos”. Agregava: “a saída ao mar equivale ao prolongamento indefinido da melhor das vias conhecidas; é pôr-se em relação com todos os grandes povos marítimos e entrar no círculo de ação da atividade universal”.

Como conclusão escreveu:

“Por isso, [...] procurar saída, pronta e fácil aos rios navegável e ao oceano, deve ser o primeiro passo de um povo que aspire a merecer o nome de civilizado. E este passo não o deu ainda Bogotá”. (SANCLEMENTE 2008, p. 86)

Para atingir este fim, começou-se a construção da ferrovia, começando com duas linhas: ferrovia do norte e a da ferrovia de ocidente. De acordo a Sanclemente (2008), o 20 de julho de 1889 inaugurou-se a linha que ia desde Facatativá até Bogotá e em 1909, se uniu via trem a Bogotá com o rio Magdalena.

Mas estas ideias liberais não tiveram o impacto procurado, devido à forte oposição dos *conservadores* e o clero. Isto desembocou em uma guerra civil que dessangrou ao país e não permitiu atingir o progresso desejado. É por isso que se diz que a paisagem colonial se manteve, em grande parte, durante a República.

Apesar disso, as leis e decisões do Estado, conseguiram afetar diretamente a Fontibón, e por suposto ao banhado de Capellanía, ao preparar as bases sobre as quais se dariam as grandes mudanças desta paisagem no século XX. Especialmente, a lei de “Desamortização de Mãos Morridas” e a Lei de “Desamortização de Terras” porque originaram uma mudança nos donos da terra:

Neste sentido, resulta de grande interesse a estimativa de Villamarín, a qual considera que para o século XVIII o 60% ou 70% da terra na Sabana de Bogotá pertencia a grandes fazendas localizadas principalmente nas zonas mais fértil e plana da planície. O 30% a 40% restante, correspondia a terras ocupadas por resguardos indígenas, bem como por brancos pobres, mestiços e mulatos, configurando zonas caracterizadas por formas intensivas de produção em pequenos fundos, denominadas estâncias. (VILLAMARÍN 1975; em DELGADO 2010, p. 105).

Com as ações que tomou o Estado durante o século XIX, os primeiros danificados foram os indígenas, já que passaram de ser os donos da terra a simples peões ou deslocados de seus antigos terrenos. Em o mesmo sentido, os brancos pobres e os mulatos também correram com a mesma sorte, sendo obrigados a deslocar-se à cidade. Outros que perderam grandes extensões de terra foram as diferentes companhias de Jesus.

Todas estas propriedades foram a parar às mãos de terratenentes e fazendeiros, os quais se apropriam das terras do ocidente de Bogotá, os quais ao tentar incrementar a extensão dos solos produziram a constante dessecação e fragmentação dos corpos de água e “pântanos” que encontravam em diferentes terrenos.

Outras ações de Estado e que afetaram ao banhado Capellanía, foram obras estruturais que procuravam a modernização da cidade, como por exemplo, a ampliação da Rua Treze, e a construção e melhoras a Ferrovia de Occidente, afetaram ao banhado Capellanía ao alterar ainda mais sua função natural.

## **Capítulo 6. Transformação Histórica da Paisagem da Área Úmida Capellanía, Bogotá, Colômbia.**

### **Segunda parte: Primeira e Segunda Metade Século XX; Primeira Década Século XXI.**

---

“Já para a segunda década do novo século, o cavalo e os carros começaram a ceder seu protagonismo com o automóvel; e nos vagões da ferrovia, que para 1926 chegava desde Porto Salgar pelo ocidente e desde Usaquén pelo Norte era enviado o gado a Santafé até quando a construção de estradas não só agilizou o transporte de passageiros, senão também o de produtos agropecuários.” (RUIZ 2008, p. 57).

Neste século geram-se as grandes transformações para a cidade de Bogotá e por suposto para os banhados do altiplano. Para resumir este processo tão complexo, primeiro fez-se a análise da percepção que se tinha nesta época com respeito ao ambiente, sua relação com as técnicas e avanços científicos que contribuíram a fortalecer umas tendências do crescimento urbano específicas na cidade, posteriormente o processo de metropolização e conurbação exercida pela capital sobre a localidade de Fontibón e por último realçaremos as relações do mencionado com o banhado Capellanía.

#### **6.1. CONTEXTO PRIMEIRA PARTE SÉCULO XX**

Durante a segunda parte do século XIX, Colômbia viu-se submetida a uma série de conflitos armados internos pela dominação do poder econômico, social e político do país. De modo que se sofreram uma série de guerras civis nas que o poder mudou sucessivamente de mãos entre os *conservadores* e *liberales* da época, a cada um dos quais impunha leis mediante as quais se procurava, a seu modo, o progresso da nação. Durante a hegemonia *liberal* impuseram-se leis baseadas na propriedade privada e a modernização do Estado, para atingir o desenvolvimento do

país. Uma delas, a Desamortização de Mãos Morridas afetou diretamente à igreja, provocando que esta, desaprovasse as propostas *liberales* da época:

“[...] desde muito dantes de recobrar suas perdidas mordomias, a igreja católica foi a portadora de um pensamento claramente anti-moderna, que foi recolhido politicamente, pelos *conservadores* e posto em prática pelo Estado após 1886.” (AGUILERA 1997. Em CARDEÑO 2007, p. 20).

Esta série de conflitos desembocou na Guerra Civil dos Mil Dias (1899-1902), que deixou ao país sumido em uma profunda crise em todos os aspectos da vida nacional.

“No século XX em Colômbia foi recebida com a *Guerra dos Mil Dias*, situação à que não foi alheia Bogotá, mas o maior problema que enfrentava a cidade ao início deste século foi um de saúde pública. O contexto fiscal e político, fruto da guerra, impediu a pronta solução ao problema sanitário. A administração principal carecia de um programa de desenvolvimento urbano que incluísse a construção de novas obras de abastecimento e de ampliação da cobertura do serviço domiciliário de água, assim o futuro da cidade se apresentava nebuloso.” (OSORIO 2008, p. 184).

É por isso que ao finalizar o conflito, ao início do século XX, se começou a gestar um ideal de progresso interno baseado no desenvolvimento modernista de Inglaterra e Estados Unidos de Norte-América, ideia que se fomentou a partir da década dos 1920, principalmente por “... a expansão econômica do café, a influência norte-americana, o pagamento da indenização pela perda do istmo de Panamá e a missão Kemmerer (ambas em 1923)” (GUIO; PALACIO 2008, p. 217).

Baseados nas metodologias modernistas (SANABRIA, 2007), tomaram-se decisões que procuravam romper com a mentalidade colonial que ainda prevalecia no país. Mas esta mudança, de um Estado colonial a um Estado moderno, que começou na primeira metade do século XX, se deu em duas fases, assim:

“A primeira [fase] vai de 1917 até 1930, e caracteriza-se pela crise do comércio mundial na etapa conhecida como a Grande Depressão. A modernização do país, e ao mesmo tempo da cidade, projetou-se no seguinte período: 1930-1948.” (CARDEÑO 2007, p. 25).



De acordo ao pesquisador Luís Acevedo, no caso de Bogotá e os municípios vizinhos, foram quatro os elementos básicos que mudaram a paisagem da região: as indústrias; a energia elétrica; as ferrovias, as vias e os meios de transporte; os bairros operários, e o crescimento demográfico urbano (ACEVEDO 2006. Pág. 22). A estas quatro, podemos-lhe somar outro elemento que chegava de Europa, a proposta dos higienistas (CARDEÑO 2007. Pág. 29), cinco elementos que estão estreitamente relacionados, e que foram básicos para levar a Bogotá e suas populações vizinhas pela senda do modernismo, modernismo que se encontrava de moda nos países economicamente mais poderosos da época.

### **6.1.1 Industrialização em Bogotá**

O primeiro elemento, a industrialização, Bogotá para esta época apresentava todas as características físicas que se requeriam para promovê-la: população para trabalhar, disponibilidade de energia elétrica e água, acessibilidade a matérias prima, e vias de comunicação para mobilizar a mercadoria. Silvia Arango diz ao respeito:

“A nascente indústria localizou-se naqueles lugares que contaram com dinheiro suficiente, uma rede média de meios de comunicação, uma mão de obra abundante e um setor de população moderno, educado e pujante. Muitas poucas cidades colombianas reuniam estes requisitos, e Bogotá foi um dos lugares privilegiados onde puderam ser assentadas as novas instalações industriais. O desenvolvimento industrial em Bogotá durante os anos trinta e quarenta permite a criação de novos postos de trabalho, a criação de um setor de trabalhadores industriais e uma nova dinâmica econômica”. (ARANGO 1979. Em CARDEÑO 2007, p. 35).

Assim, as indústrias se converteram em polos de desenvolvimento, que atraíam a grande quantidade de gente à cidade a procurar trabalho. A partir dos anos trinta, esta migração trouxe como consequência a criação de uma série de bairros dispersos, como parches que começaram a colonizar o ocidente do centro da capital. Este fenômeno foi causado porque as fazendas que loteavam para construir casas, não eram contíguas. Além disso, essa característica determinou que estes primeiros bairros a não contassem com serviços básicos.

### **6.1.2 Energia Elétrica em Bogotá**

Muito unida à indústria e como segundo elemento, se encontra a capacidade que tinha a cidade de Bogotá de produzir energia elétrica. De acordo a Luís Acebedo (2006), a primeira empresa elétrica de Bogotá aparece no final do século XIX, e chamava-se Samper Bruhs e Cía. A ela a seguiu, em 1920, A Empresa Nacional de Eletricidade, que funcionava com capital norte-americano. Para 1927 Bogotá comprou a maioria das ações das duas empresas elétricas locais e ao juntá-las, formou As Empresas Unidas de Energia Elétrica. Em 1930, construiu-se a represa hidroelétrica do Muña, para dar-lhe luz principalmente ao setor industrial da cidade.

Esta eletricidade era trazida à cidade por médio de uma série de mastros e cabos que tinham que atravessar várias fazendas em seu caminho. Os proprietários destas, como condição para permitir o passo aéreo dos cabos e a colocação das estacas em suas terras, lhe exigiram à empresa de energia que lhes brindasse o serviço de alumbrado.

“É bem como os primeiros municípios da Sabana servidos por energia elétrica foram Sibaté, Soacha, Bosa e Bojacá, ao sul ocidente da cidade, e Fontibón, Funza, Mosquera e Madrid, ao ocidente, pela cercania aos lugares onde se localizavam as plantas de geração da energia para Bogotá”. (ACEBEDO 2006, p. 31).

### **6.1.3 Meios de transporte**

O terceiro elemento, as ferrovias, as vias e os meios de transporte, foram a atividade à que o Estado colombiano investiu mais na década dos 20: “Os investimentos [entre 1923 e 1928] passaram de 16.2% ao 53.9% com ênfase na construção de ferrovias.” (SANCLEMENTE; PALACIO 2008, p. 111). Enquanto no século XIX a preocupação foi exportar na primeira metade do século XX o ideal econômico consistiu em seguir exportando, mas assim mesmo abastecer o mercado local.

Todos os projetos que se tinham só em papel no século XIX, por fim

começaram a ser realidade. Em 1909 por fim inaugurou-se a via do trem que uniu a Bogotá com o rio Magdalena. Em 1917 constrói-se a estação da Sabana (PALACIO; ROUILLON 2008, p. 135), tornando-se a principal saída de Bogotá em direção ao Ocidente, tanto de transporte de mercadorias e de passageiros (Tabela 6.1).

**Tabela 6.1: Passageiros e toneladas de ônus transportados pela ferrovia da Sabana 1921-1930.**

FERROVIA DA SABANA		
ANOS	NÚMERO DE PASSAGEIROS	TONELADAS DE ÔNUS
1921	926.522	139.832
1922	1'140.012	137.812
1923	1'048.643	187.568
1924	1'290.051	191.904
1925	1'325.151	227.018
1926	1'275.531	250.000
1927	1'460.000	278.481
1928	1'609.551	283.760
1929	1'676.073	300.013
1930	1'546.512	220.420

FONTE: ORTEGA (1932). Em ACEBEDO (2006, p. 25). Modificações próprias.

O automóvel começa-se a tomar as cidades e as vias de acesso a elas, se convertendo "... no elemento organizador da estrutura urbana, cânon e medida de tudo." (PALACIO; ROUILLON 2008, p. 150). Uma vez implementa-se este médio de transporte a começos do século XX, começa-se a estruturar também as vias públicas de Bogotá e a Sabana. Deste modo, o automóvel converte-se na grande concorrência da ferrovia, "entre outras coisas, porque foram desenhadas paralelas a seu traçado." (ACEBEDO 2006, p. 27).

Para 1938, e devido ao aumento em compra-as de autos e ônibus para o serviço público movido por gasolina, começa-se a construção de vias pavimentadas. Ao ocidente, a Avenida das Américas – construída em 1948 - e a Avenida Colón (Rua 13), converteram-se nos eixos sobre os quais se fortaleceu a criação de moradia para o ocidente da cidade.

Quanto à aviação, esta chega a Colômbia em 1919 a Medellín e Barranquilla e em 1920 chega a Bogotá, mais exatamente ao bairro *Muzú* (SANCLEMENTE; PALACIO 2008. p. 109-110). Para 1929 constrói-se o aeródromo de *Techo*, localizado na localidade de *Kennedy*, mas nesse então fazia parte de *Techo*, antiga

*Techotiba*, população que pertencia a Fontibón (VELANDIA 1983). Nesta época utilizava-se para transportar passageiros, imprensa e correios (ACEBEDO 2006. Pág. 28). Cabe recordar que a Avenida das Américas se construiu para ligar o centro da cidade com o aeroporto de Techo.

#### 6.1.4. População.

O quarto elemento é a população; para 1900 a municipalidade tomou uma organizaram administrativa inovadora mediante um corpo administrativo que permitisse incidir na expansão da cidade. Formularam-se normas urbanas centradas na infraestrutura, regulamentação de construção, urbanização de terrenos etc. Mas é até 1923 quando se cria uma proposta de planejamento para Bogotá (SALDARRIAGA 2000, p. 88) Plano Bogotá Futuro liderada por Kart Brunner onde se prolongaria a estrutura urbana e se diminuiria o tamanho de maças ou parcelas urbanas. Como o mostra a gráfica do crescimento populacional (Tabela 6.2), a cidade ao igual que as principais de Latino América, sofreram a tendência de concentração populacional e sua conseguinte expansão, em sua maioria de caráter não regulado nem planejado.

**Tabela 6.2: Crescimento populacional de Bogotá.**

ANO	HABITANTES DE BOGOTÁ
1.905	100.000
1.928	218.000
1.938	330.000
1.951	648.240
1.964	1.697.311
1.973	2.718.546
1.980	3.800.000
1.985	4.441.470
1.993	5.484.244

**FONTE:** JIMÉNEZ (2005)

O período mais intenso na concentração populacional foi o de 1930-1940, afetando a distribuição da cidade. Este panorama, somado à crise econômica do setor agrícola durante esta década, deu a possibilidade que na Sabana de Bogotá, se desse uma mudança no tipo de economia presente, passando das grandes fazendas à indústria e o comércio.

“[...] as consequências em curto prazo da crise dos trinta são consideráveis

e reverterem em uma redistribuição do rendimento: esta crise de caráter deflacionário arruinou os capitais baseados na agricultura, nas grandes fazendas colhidas sobre a base de empréstimos que os proprietários de terras pressionados não estiveram em capacidade de pagar. Isto permitiu que outras camadas da população, como os comerciantes e os inversores, que contavam com dinheiro líquido, se fizessem a uma série de bens imóvel sobre os quais aumentarem seus ganhos.” (ARANGO 1979. Em CARDEÑO 2007, p. 37).

Esta perda no valor econômico da terra como produtora agrícola, e o alto número de pessoas que chegavam o diário à cidade procurando refúgio, trabalho e uma melhor qualidade de vida, se conjugaram para originar um processo de loteio nas terras ao oeste da cidade, criando novos bairros que se encontravam dispersos, que se afastavam a cada vez mais do centro da cidade, mas que se acercavam fisicamente aos municípios vizinhos.

Posteriores políticas como o acordo 21 de 1944, do Conselho de Bogotá, ordenou a deslocalização da atividade industrial para diminuir os conflitos urbanos criados (CARDEÑO 2005, p. 79), o que originaria o início de várias localizações industriais ao oeste da cidade, como Puente Aranda, Fontibón e Morato. Medidas como estas e a pouca execução de políticas permitiram que a cidade começasse a expandir-se.

A concentração populacional junto com a falência de controle do distrito e a falta de planos de regulação para este princípio de século contribuiu a que as necessidades da cidade não fossem satisfeitas e a expansão não planejada (urbanização ilegal) tomasse protagonismo na criação de bairros sem serviços públicos básicos. Contribuindo ao crescimento e aumento das relações funcionais de Bogotá com os municípios vizinhos.

Dantes de explicar os processos mencionados, tem-se que resenhar as tendências do século XX, baixo o início dos grandes planos urbanos para a cidade, aos quais lhes adjudicam grande parte das transformações da cidade moderna de Bogotá. O auge da tendência da arquitetura moderna, promulgadas pelo Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, exposta pelos arquitetos Lhe Corbusier, José Luís Sert e Paul Lester Wiener e postuladas no Plano Piloto e Plano Regulador para Bogotá, iniciado com a criação do escritório do plano regulador em 1948. As razões

para implantar este plano recaem em:

- A recuperação da cidade posterior ao *Bogotazo* (Figuras 6.1 y 6.2).
- A crescente demanda de serviços pela crescente população.
- A nascente tendência de cidades modernas em Latino América materializada em sua arquitetura funcional.
- A incorporação do modelo latino-americano de Substituição de Importações por Industrialização, o qual precisaria cidades funcionais plasmadas na Carta de Atenas de Le Corbusier.



Figura 6-1 Bonde em chamas, 9 de abril de 1948.

Fonte: <http://anarquismoencolombia.blogspot.com/2012/10/el-bogotazo.html>



Figura 6-2 Edifícios destruídos, 9 de abril de 1948.

Fonte: <http://span3001-104.wikispaces.com/La+Violencia+y+el+Bogotazo+en+Colombia>



A razão para citar tão importante plano urbano no contexto da expansão urbana ao oeste recai em que o plano se desenhava baseado em quatro elementos: plano regional, plano urbano, plano metropolitano e o centro cívico, tentando planejar a cidade a diversas escalas, mas a realidade foi que se centrou no capacete urbano, o qual se delimitava pela atual Carreira 30, ignorando a crescente expansão da cidade pela Rua 13 e o atual Fontibón.

Além disto, não se fez presente uma perspectiva de valoração à natureza, fundamental para o futuro da cidade. E claro não se aprofundou a crescente relação da cidade com os municípios vizinhos que para o momento se evidenciava. Depois, em 1954 mediante o decreto legislativo 3640 de 1954 o distrito se conformaria pelos municípios de Bogotá, Usme, Bosa, Fontibón, Engativá, Suba, y Usaquén. Anexação que determinaria o futuro do rio Bogotá, os cerros e a maioria dos banhados. Por último recalcamos que o Plano Piloto e Plano Regulador foi exemplo para os posteriores planos urbanos do Bogotá.

### **6.1.5 Saúde Pública**

Por último, o mapa do começo de século da cidade de Bogotá configura-se por uma crescente necessidade de sanear e controlar os problemas de saúde pública:

“No século passado viu-se também um crescimento a cada vez mais rápido de Bogotá, invadindo, enchendo ou secando os banhados que dantes limitavam a cidade, especialmente ao oeste e em parte para norte. A contaminação das águas por águas negras e lixo era já um problema em época da colônia, mas se voltou dramático na segunda metade do século passado. Os vales erosivos menores da planície foram utilizados sistematicamente para o transporte de águas negras e industriais, convertendo-os a eles e ao rio Bogotá em uma cloaca malcheirosa.” (VAN DER HAMMEN, 2003, p. 28).

Esta percepção de sujeira em direta relação com as doenças que se apresentavam na cidade, promovem uma série de mudanças a nível urbano para melhorar o bem-estar social para as pessoas de Bogotá, e assim mesmo a saúde pública.

“A higiene, ou a limpeza, passaram a significar a modernização, o aparecimento de novas formas de vida urbana: é questão de higiene a erradicação de certos bairros, é questão de higiene a construção de moradia nova, é questão de higiene a extensão do aqueduto, é questão de higiene a pavimentação das ruas [...] baixo o eixo de limpeza/sujeira, esconde-se uma série de significados afines: o novo/o velho; a cultura/a ignorância; a abertura/o enclaustramento.” (ARANGO 1979. Em CARDEÑO 2007, p. 30).

Agora, a pressão neste setor da Sabana de Bogotá, não só provia da capital. Fontibón ao ser ponto primeiramente e saída de Bogotá ao ocidente, fortalecido pela indústria, a eletricidade e os meios de comunicação, teve o maior crescimento, em vários aspectos, dos municípios que protegia à antiga Funza:

“Dos municípios de Usaquén, Suba, Engativá, Fontibón, Bosa e Usme, o maior crescimento demográfico deu-se em Fontibón, que multiplicou sua população em mais do duplo entre o censo de 1938 e o de 1951, e a sua vez urbanizou a maior parte de seus habitantes. Não sucederia o mesmo com nenhum dos demais municípios da borda ocidental da cidade, que mantiveram uma população eminentemente rural. [...] O caso de Fontibón é saliente pelo tamanho das indústrias, a variedade e o caráter manufatureiro, o qual coincide com uma condição mais urbana de sua população.” (ACEBEDO 2006, p. 77).

Estes cinco elementos, as indústrias; a energia elétrica; as ferrovias, as vias e os meios de transporte; Os bairros operários, e o crescimento demográfico urbano e as propostas higienistas, propiciaram uma série de ações que alteraram o ambiente natural da Sabana de Bogotá. No caso dos banhados, converteram-se em estorvos, obstáculos da natureza para poder construir casas, fábricas ou vias de comunicação. Ademais, ao ser catalogado como pântanos, se consideravam lugares que albergavam sujeira, contaminação, doenças ou vetores delas. Por esta imagem, autorizou-se sua dessecação.

Um exemplo palpável disso pode ser apreciado em fevereiro 18 do ano de 1905, quando o presidente de Colômbia, Rafael Reyes, promulgado o Decreto 40. Leste dizia:

Sobre dessecação de lagoas, lameiros e pântanos O Presidente da

República de Colômbia, em uso das faculdades que lhe concede o artigo 121 da Constituição de Colômbia, em uso das faculdades que lhe concede o artigo 121 da Constituição, DECRETA:

Artigo 1º- O governo procederá a fazer deslindar os lagos, lagoas, lameiros e pântanos de propriedade nacional, dos prédios ribeirinhos pertencentes a particulares.

Parágrafo: Para os efeitos de deslinde de que trata o presente artigo, se declaram de propriedade da nação, os terrenos que tenham estado inundados ou ocupados pelas águas nos últimos dez anos. R. Reyes. (ROJAS 2000, p. 64).

Este decreto tinha como objetivo legalizar “a dessecação de lagoas, lameiras e pântanos que julgue conveniente” (RUIZ 2008, p. 62). Os corpos de água que se julgavam como convenientes para dessecar, eram aqueles que obstaculizaram o progresso da nação, isto é, que não permitissem a realização de vias de comunicação, a construção de empresas, a expansão de mono cultivos ou que fossem considerados como lugares que propiciassem a expansão de algum tipo de doença.

Um claro exemplo da aplicação deste decreto se observou no dessecamento da lagoa de Fúquene, para poder construir sobre ela vias de comunicação e expandir os terrenos para o cultivo (GUIO; PALACIO 2008, p. 210).

Em Fontibón, a dessecação do banhado Capellanía foi constante, tratando de retirar obstáculos ao progresso. Os solos que não eram aptos para a agricultura, se lotearam para criar bairros operários, outros se deixaram quietos, quase abandonados, em espera de melhores preços:

“... avaliou-os [os terrenos do setor] por serem espaços com grandes parcelas de terrenos vazios para desenvolvimentos imediatos. Estes espaços correspondem à área entre Modelia e Fontibón, até o centro administrativo nacional; a área contígua à autopista Medellín para perto de Suba no nordeste; e a área de Soacha, no Sudeste. ” (PALACIO; ROUILLON 2008, p. 161-162).

Apesar destas ações transformadoras que se começaram a apresentar ao oeste de Bogotá, os banhados ainda possuíam grandes extensões de espelhos de

água que serviam às pessoas para pescar o peixe capital que comiam ou vendiam na praça de mercado. Ademais serviam como lugares de recreação ativa e passiva, já que nestes setores nadavam e navegavam as pessoas do setor (Figura 6.3), e os meninos “reuniam-se a pescar, a pegar rãs, a praticar com as atiradeiras, a elevar cometas e de vez em quando a nadar, quando o clima o permitia” (ZAMUDIO 2011, p. 179).



Figura 6-3 Áreas úmidas de Bogotá – décadas dos 30 e o 40. Fonte: Byron Calvachi. Em: ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. SECRETARÍA DISTRITAL DE AMBIENTE SDA. 2008, p. 84

## **6.2. CONTEXTO SEGUNDA PARTE DO SÉCULO XX: A CIDADE E A LOCALIDADE DE FONTIBÓN**

“O desenvolvimento da cidade na segunda metade do século XX está marcado pelos acontecimentos sucedidos na sexta-feira nove de abril de 1948, quando a uncontainable ira popular se converteu em uma máquina de destruição que recaiu sobre as casonas e os edificios de Bogotá.” (CARDEÑO 2007, p. 49).

A área Metropolitana define-se como o espaço territorial circundante de grandes centros urbanos que integram funcionalmente a espaços urbanos de menor tamanho, fazendo-os interdependentes em suas dimensões tanto socioculturais e econômicas, influenciando sua estrutura territorial e adaptando funções urbanas

centradas às necessidades do núcleo urbano hierárquico.

Como se expôs anteriormente, a cidade de Bogotá nasce no altiplano, sua história está diretamente relacionada desde os tempos coloniais com as populações vizinhas, pode ser afirmado que as relações dos povoados da savana se articulam com Bogotá. O “mapa colonial” lhe adjudicaria a conotação de centro de poder da coroa e a sociedade maior da época. Gerar-se-á intensas relações sociais regionais para a época colonial e posterior à independência os povos da Sabana, mantivessem-se baixo o controle por parte de fazendeiros e *criollos* tradicionais, Umaña (1992) anota o seguinte sobre as relações de Bogotá e a savana, em século XIX e princípios do XX: “O que sucede em Bogotá e a Sabana são uma coisa e o resto de Cundinamarca é outra coisa muito diferente. A Sabana pertence espiritualmente à cidade, e as duas se compenetraram absoluta e definitivamente” (UMAÑA 1946, em MONTAÑEZ, ARCILA & PACHECO 1992, p. 32).

Claramente as relações dos municípios da savana com a capital têm sido parte de uma história comum, mas as características do processo de metropolização e conurbação de Bogotá têm sido de caráter espontâneo e anárquico (UTRIA, 2000). O acontecimento mais importante para a expansão urbana ocorreu em 1954, onde se determinou a criação do Distrito Especial de Bogotá mediante o Decreto Legislativo 3640, o qual se conformou com: Bogotá, Usme, Bosa, Fontibón, Engativá, Suba e Usaquén.

Assim mesmo, as relações funcionais determinaram a formalidade de um Distrito Capital, ao se configurar uma área metropolitana por anexação ou dito de outra maneira, o resultado do avanço não planejado da cidade; esse decreto foi formalizado após a ditadura do general Rojas Pinilla, em 1957.

As razões para a aplicação desta política devem-se possivelmente às necessidades da capital do país: a busca de controlar e administrar o território influenciado pela cidade, prevenindo as disputas territoriais com prefeitos e o departamento de Cundinamarca; a possibilidade de controlar as bacias circundantes que contribuía a água para a cidade como a atual área da localidade de Sumapaz e por suposto garantir a livre expansão urbana.

Posteriormente é gerada a anexação física dos municípios pela cidade, porque são territórios que se convertem em áreas necessárias para a expansão

urbana da capital. A anexação começaria no período de 1960-1970, se tomamos em conta as expansões sobre seus antigos espaços rurais. Entre 1980-1990 se evidencia a conurbação sobre o perímetro urbano do antigo município – a figura 6.4, mostra de forma geral, a expansão da cidade de Bogotá desde o período de 1912 até o 1990.

Esta necessidade crescente da cidade por controlar os territórios vizinhos, historicamente começa com a morte de Jorge Eliecer Gaitán Ayala, ocorrida o nove de abril de 1948, porque desencadeia uma violência generalizada em todo o país, o que produz uma alta taxa de camponeses deslocados que terminam chegando às cidades. No caso de Bogotá, este fenômeno produziu um aumento considerável em sua população.

A segunda parte do século XX, a cidade começaria a consolidar com uma estrutura urbana monocêntrica, com um padrão radial configurado por suas principais vias. As posteriores políticas de planejamento para a cidade centraram seus estudos na regulamentação e zoneamento a área urbana e destacam-se os limites de proteção para áreas estratégicas como: os cerros circundantes, a planície aluvial dos rios.

O anterior relaciona-se com dois instrumentos de planejamento, transcendentais para a expansão da cidade, sendo o limite urbano e a zoneamento instrumentos de ordem legal que têm articulado o desenvolvimento da cidade. O perímetro urbano entende-se como se definiu em 1979 pelo distrito como um limite máximo à prestação de serviços e como limite de perímetro urbano, asilado dentro da normatividade como limite administrativo. O zoneamento entende-se como a regulamentação legal do solo e a terra urbana, sendo ademais uma ferramenta de poder para a execução das políticas urbanas distritais.

Os dois elementos anteriores são centrais para explicar que desde os planos de 1960, Plano Distrital de 1961 na prefeitura de Jorge Gaitán Cortês, se regulamentou o limite urbano onde se mantinha os limites de rios, banhados e cerros. Na década dos setenta as políticas para a região recomendaram preservar o caráter aberto, verde e rural da Sabana e gerar uma política de usos de águas na região e estudar os rios Bogotá e Tunjuelo para prevenção de desastres.



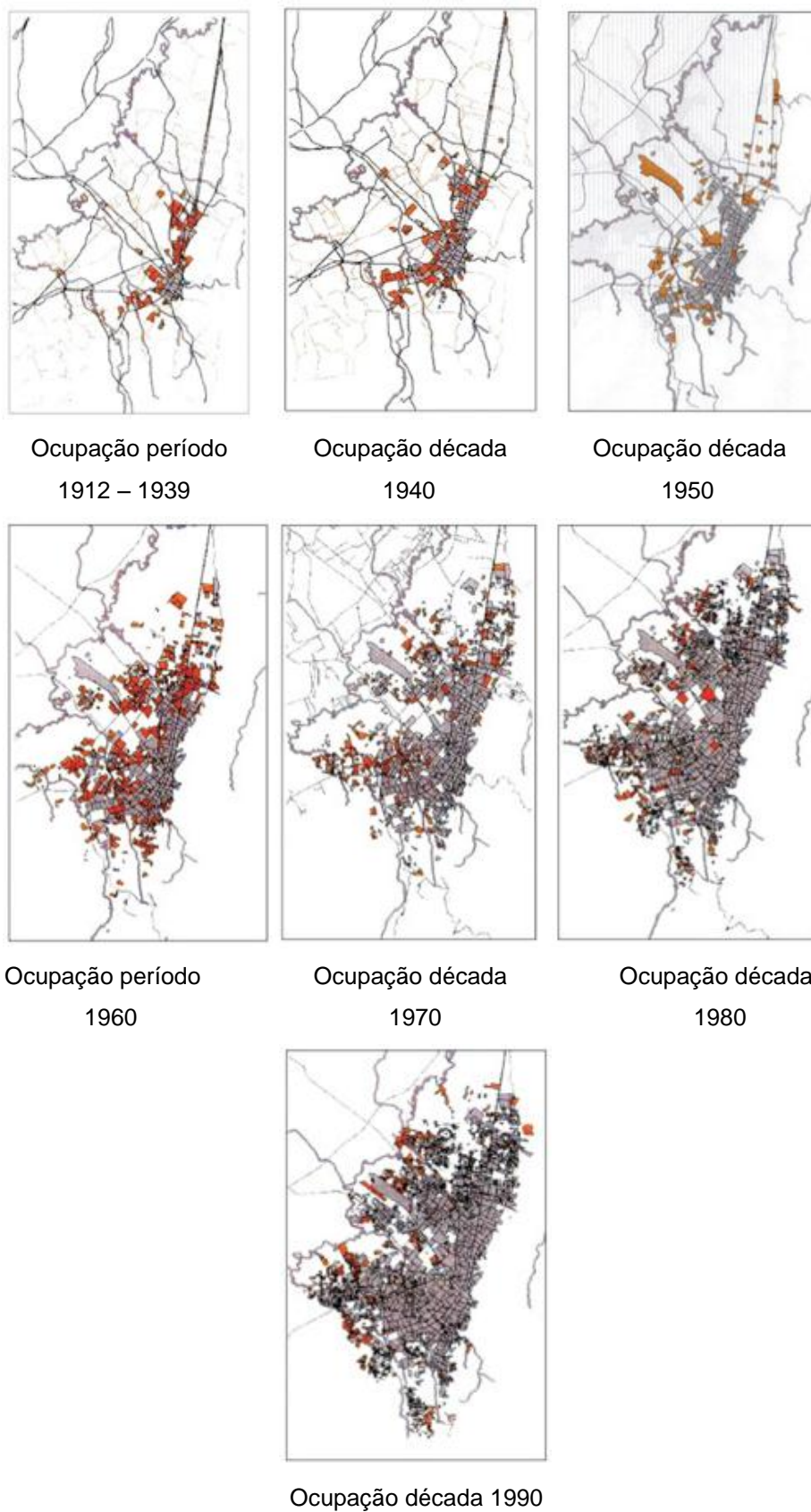


Figura 6-4 Crescimento da área urbana ao oeste de Bogotá, 1912-1990. FONTE: “*Bogotá: Ciudad densa y Compacta*” Salazar, J y Roa, F. (2008), em: *Arquitectura Urbana Bogotá. Centro Expandido*. Página Virtual de la Universidad de los Andes, Facultad de Arquitectura y Diseño <http://portfolios.uniandes.edu.co/gallery/16063157/ARQ-URBANA-Bogota-Centro-Expandido->

O estudo do transporte *Fase I e fase II 1970-1972* dariam impulso à construção de moradia na localidade de Fontibón e por suposto ao processo de expansão urbana ao oeste, ao propor-se uma cidade poli-central e a orientação do controle e da construção ao oeste e sul da cidade sem superar os limites do rio Bogotá e restringir a urbanização sobre os cerros da localidade de Suba. O crescimento propôs-se sobre o eixo *Centro Administrativo Nacional CAN* e Modelia-Fontibón, o eixo Suba-Engativá e o município de Soacha.

O dito anteriormente serve para entender as características que se tomam em conta na organização e controle de espaço urbano na história da cidade e a localidade de Fontibón, a qual em um princípio foi fonte de produtos para a cidade e posteriormente território estratégico para urbanizar. O discutido também serve para realçar a pouca incidência das políticas e sua pouca eficiência no controle real da expansão urbana sobre zonas ambientais frágeis e da construção ilegal que tem sido o tipo de urbanização mais lesivo para os banhados.

Um exemplo dos discursos de grande incidência no planejamento urbano do passado século foi guiado por pensamentos como o de Lauchlin Currie (exconselheiro presidencial e de planejamento urbano), uma de suas ideias mestres foi, que não só era inútil lutar contra o crescimento das cidades muito grandes de América, senão que era uma evolução irreduzível, por que:

“... as grandes cidades apresentam grandes vantagens sobre as médias e pequenas cidades nos países periféricos, pois permitem que o Estado ponha a disposição de um maior número de pessoas serviços coletivos de qualidade (o menor custo) e porque constituem uma base mais sólida para o crescimento econômico nacional” (GOUSET 1998, p. 187).

Isto levaria a um enfoque de cidade simplesmente unido à economia como o fator regulador do desenvolvimento urbano. Estas e outras razões mais complexas contribuiriam a mercantilizar e especular a terra urbana, mercantilização que se materializaria em posteriores planos como o *Plano General de Desarrollo Integral de 1970*: “Marcou-se assim o fim do segundo período do planejamento de Bogotá e se iniciou outro, baseado em considerações de índole econômica e em concordância

com as demandas do mercado imobiliário, fortalecido pelo sistema *UPAC*<sup>30</sup> (SALDARRIAGA 2000, p. 133).

Apesar desta mercantilização, Bogotá converte-se na receptora de uma grande quantidade de pessoas que chegam de todo o país, procurando refúgio, segurança e um rápido progresso econômico na “cidade moderna” de Colômbia. Mas a realidade é que a capital não conseguiria satisfazer nem as necessidades de moradia, nem as necessidades urbanas para o grosso dos recém-chegados, conduzindo a uma edificação muitas vezes marginal, com precárias condições de cobertura de serviços. A contínua fragmentação da terra de mãos dos especuladores urbanos foi construindo uma cidade com tendência de autoconstrução, produzindo graves problemas de risco natural para a população, além de alterar de forma direta as dinâmicas naturais da Sabana de Bogotá.

Em Fontibón, na segunda metade do século XX realizam-se a construção e posta em marcha do aeroporto Eldorado o dez de dezembro de 1959 (SANLEMENTE; PALÁCIO 2008. Pág. 119); as indústrias que se concentravam sobre a Avenida 13 e o setor de Fontibón; a construção de grandes avenidas como a Avenida Boyacá, a Avenida Cidade de Cali, a Avenida cale 26 ou Avenida *Eldorado*, a Avenida da *Esperanza*, a Avenida *del Ferrocarril* ou Avenida Cale 22. Ademais, a aprovação da construção da *Avenida Longitudinal de Occidente ALO*. Assim mesmo, a criação do *Centro Administrativo Nacional CAN*, o Terminal de Transporte de Bogotá; a construção de Cidade Salitre e a consolidação do corredor tecnológico e cientista de Bogotá, convertendo este setor em um polo de desenvolvimento da cidade.

Para os anos oitenta, Fontibón já contava com “cinquenta bairros” (VELANDIA 1983. Pág. 186), para o 2002 esta localidade já tinha 80 bairros

---

<sup>30</sup> De acordo a Jessica Castaño (2011), o *UPAC* (Unidade de Poder Aquisitivo Constante) é um sistema econômico que se criou em Colômbia em no ano de 1972, com a ideia de promover a poupança e a construção massiva de vivenda. De acordo a esta autora: “O sistema propunha que as poupanças e os prestamos se expressassem e se operassem em *UPAC*. Os interesses também em *UPAC* e se aplicavam a saldos em *UPAC*.” (CASTAÑO, 2011; p. 6). Este sistema funcionou de acordo ao planejado em a década do setenta e oitenta, mas para a década dos noventa o governo privatiza a banca hipotecaria, mudam as regras de jogo e o sistema perde seu norte. Para o fim desta década o *UPAC* terminou porque muitas pessoas perderam suas casas ao não poder pagar os créditos que tinham adquirido, já que os interesses que os bancos cobravam eram demasiado altos. Em este momento perderam-se os objetivos pelos que se tinha originado esta iniciativa, dando pé para que o Corte Constitucional de Colômbia em setembro de 1999 lhe exigisse ao governo nacional que adotasse uma nova estratégia para o financiamento de moradia.



mais exclusiva de uso de moradia e as áreas de estrato socioeconômico três mais associadas a uma paisagem urbana dinâmico, variado e de maior vitalidade que associa a moradia e as atividades produtivas tanto no espaço privado, como no espaço público. ” (CONSERVACIÓN INTERNACIONAL, 2008; p.6-65).

### **6.3. Transformação Espaço-temporal da Paisagem: Área Úmida Capellanía**

Com base nas fotos aéreas e as imagens de satélite, analisou-se a transformação da paisagem a Área Úmida Capellanía durante o século XX, de uma forma descritiva e tendo como referentes os agentes políticos, econômicos e sociais que intervieram de uma forma ou outra para que este ecossistema se tenha convertido num dos menores da cidade de Bogotá.

#### **6.3.1 Área Úmida Capellanía em 1952**

A Área Úmida de Capellanía localiza-se em Fontibón. As crônicas mostram a este antigo povo de índios, como um assentamento indígena estratégico para a comunicação da sociedade muisca, não só com o resto da Sabana, senão com outros assentamentos indígenas da região. Seu nome prove dos vocábulos indígenas *Hyntiba*, *Hontybón* e *Ontibón* (CONSERVACIÓN INTERNACIONAL, 2008; p.6-5).

A Área Úmida Capellanía pertence à bacia do Rio Fucha, rio com o qual se interconectavam biofisicamente. Não se conhece exatamente a origem do nome deste banhado, mas pelas referências históricas encontradas durante esta investigação, parece que neste sector se encontrava a extensão de terra que deixou o Cacique Dom Juan de Fontibón, no ano de 1647, à igreja para que fizesse uma Capellanía.

O início do assentamento começa com assentamentos dos indígenas muisca, os quais se localizaram em imediações dos cerros, a planície de inundação



do rio Bogotá e banhados (lugares sagrados e de atividade agrícola). A partir da colônia, este lugar se converteu em trânsito obrigado para as pessoas que chegavam ou saíam da capital pelo Oeste, já que era o principal caminho que unia a Bogotá com o rio Magdalena, isto é, ligava os mais importantes portos da época.

Desde então, este lugar inicia uma transformação contínua da paisagem produto das mudanças na forma de produção agrícola, que vão desde fazendas de cultivos de tipo extensivo, até fazendas de agricultura intensiva no século XIX. Posteriormente, para os primeiros anos do século XX, começa a chegar à cidade de Bogotá e a Fontibón, um número significativo de pessoas que tentam escapar da violência generalizada em Colômbia, começa então, um trânsito de zona rural de anos (centro indígena, povo de índios e Povo da Real Coroa), a processos urbanos (localidade nove de Bogotá) com a contínua fragmentação de fazendas para criar bairros e a anexação física progressiva à cidade de Bogotá (1954).

Para 1952 (Figuras 6.6 e 6.7), a área estimada do banhado Capellanía estava em 43,05 hectares (área delimitada: plano de inundação, flora aquática e terrestre). No início do século XX, a intervenção mais severa que tinha tido este banhado tinha sido de tipo agropecuária (cultivos, prados e canais de dessecação e irrigação).



Figura 6-5 Área Úmida Capellanía 1952. Foto aérea, escala 1:10.000 Fonte: IGAC



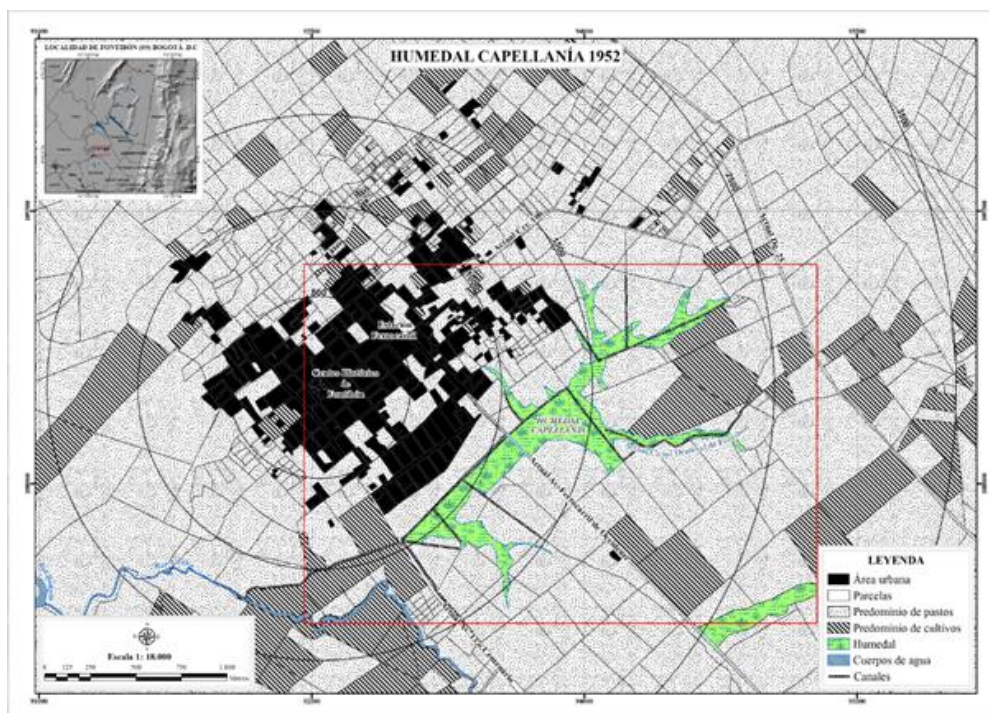


Figura 6-6 Área Úmida Capellanía 1952. Escala 1:18.000. Fonte: SALAZAR-SALAMANCA Pedro; CUSVA Alexi; BARRERA Susana; POVEDA Eder.

### 6.3.2 Área Úmida Capellanía em 1973

Fontibón durante as décadas de 60 e 70, ao igual que os outros cinco municípios anexados à capital (Bosa, Usaquén, Engativá, Usme e Suba), crescem velozmente, sem dar tempo a um planejamento urbano adequado. A anexação física de Bogotá com o capacete urbano histórico de Fontibón (processo de conurbação) inicia-se na década dos setentas e consolida-se nos noventas, impulsionado pela construção da Avenida 26 ou Avenida O Dourado, o aeroporto Eldorado (1959) e a Avenida 24 (Avenida a Esperanza ou Avenida Luis Carlos Galan) (Figuras 6.8 e 6.9).

As antigas fazendas dividem-se em lotes que são convertidos posteriormente em bairros, como *Villemar*, *A Laguna*, *O Carmen*, *Ponte Grande* e *Versalles*. Alguns centros habitacionais como urbanizações ou conjuntos residenciais também fazem seu aparecimento, entre eles estão *Ferrocaja*, *O Cortijo*, *Boston*, a *Cofradía* e *Capellanía*. No caso de bairros como *Villamar* e *Modelia* sector D, invadem terrenos do banhado, ademais que começam a verter águas contaminadas, escombros (recheados) e canalizações.



Figura 6-7 Área Úmida Capellanía 1973. Foto aérea, escala 1:10.000 Fuente: IGAC

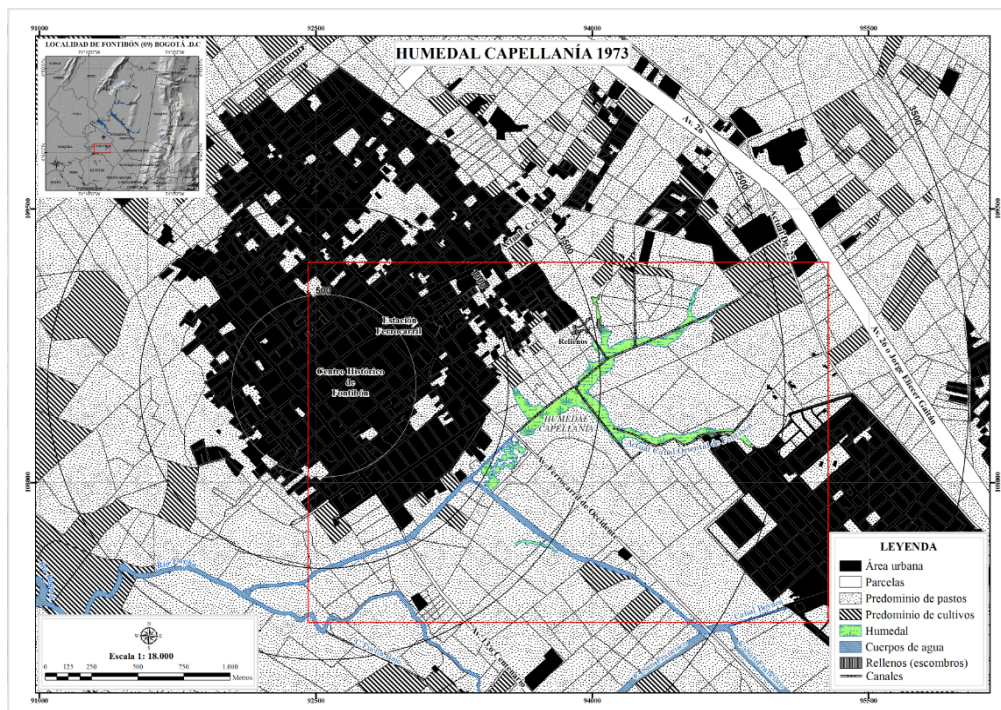


Figura 6-8 Área Úmida Capellanía 1973. Escala 1:18.000 Fuente: SALAZAR-SALAMANCA Pedro; CUSVA Alexi; BARRERA Susana; POVEDA Eder.



Para este ano o banhado possui 17,38 hectares, a redução de área relaciona-se com as contínuas atividades agropecuárias, além do processo histórico de relações funcionais urbanas com Bogotá e com a via ao Magdalena, a Avenida cale 13 (primeira via que fragmenta o banhado). Ademais, o caminho da ferrovia (Estação de trem Fontibón 1909) contribui e incentivam atividades industriais, comerciais e residenciais neste sector, funções que se intensificam na segunda metade do século XX.

### **6.3.3 Área Úmida Capellanía em 1985**

Fontibón já é um lugar estratégico na cidade de Bogotá, porque nesta localidade se encontram obras como o Aeroporto o Dourado (1959) e o Terminal de Transporte (1984) que a convertem num polo de desenvolvimento. Em 1977 estabelece-se como Prefeitura Menor e em 1991 se converte numa das Localidades de Bogotá, mais exatamente, a localidade número nove.

Para 1985 o banhado Capellanía possui 9,81 hectares (Figuras 6.10 e 6.11). A perda que se aprecia na extensão do banhado, é produto do sucesso que tem para esta época o plano urbano “Plano Vial Fase II” no qual se dispôs um grande processo de expansão urbana ao ocidente da cidade. Este processo se observa claramente no fato que é notável a construção de novos bairros na localidade de Fontibón, e em que os antigos crescem constantemente.

Neste momento da história começa-se a apreciar o grande dano que a urbanização, em constante crescimento, faz aos banhados da zona, a planície de inundação do rio Bogotá e as zonas ao redor dele. No caso específico do banhado Capellanía, a perda dá-se especialmente pela construção de bairros de tipo formal (Capellanía), informal e de autoconstrução (Cofradía).

É necessário anotar que a construção de urbanizações ao redor do banhado para esta época, faz que a zona tenha duas paisagens diferentes, o primeiro e mais antigo, baseava na autoconstrução porque o que se adquiria era o lote, o terreno e nada mais; e o segundo, o de casas já construídas, com uma estética diferente e que era habitado por pessoas de classe média. Por último, em esta imagem aprecia-se

que o Canal Fontibón Oriental está canalizado.



Figura 6-9 Área Úmida Capellanía 1985. Foto aérea, escala 1:10.000 Fuente: IGAC

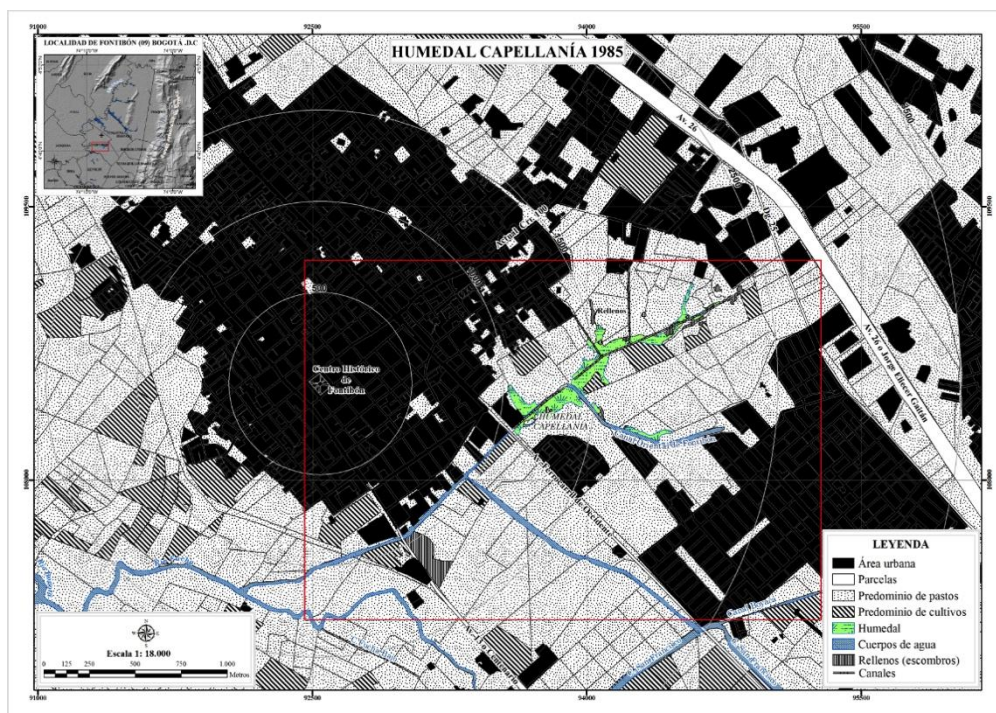


Figura 6-10 Área Úmida Capellanía 1985. Escala 1:18.000. Fuente: SALAZAR-SALAMANCA Pedro; CUSVA Alexi; BARRERA Susana; POVEDA Eder.

#### 6.3.4 Área Úmida Capellanía 1997

No ano de 1994 começa-se a construção da Zona Franca, construção que termina em 1997 convertendo, agora sim, a Fontibón um de centros industriais mais importantes de Bogotá, devido à ampla oferta trabalhista e de serviços que possui isto tem levado a um rápido crescimento da localidade o que tem feito que a estrutura viária seja, para este momento, insuficiente para o ônus que tem que suportar. Ademais, por localizar-se tão perto ao aeroporto, converte-se num sector muito apetecido para a construção de edifícios e urbanizações.

É por isso que muitos políticos e economistas propuseram a ideia de ampliar as vias existentes, criar, além de construir soluções de moradia que alberguem à grande quantidade de gente que se relaciona de uma forma ou outra com as diferentes atividades econômicas que oferece o sector, ou áreas próximas.

Desde este ponto de vista, as pessoas que procuram o desenvolvimento econômico veem ao banhado como um “obstáculo” para o progresso, porque eles sentem que o banhado se encontra localizado num sector que precisa mover grande quantidade de materiais, equipas, mercadorias, passageiros e pedestres, mas que o banhado impede realizar alguma “melhora” estrutural, devido que atentariam de forma direta com a frágil estabilidade ambiental do sector.

Mas apesar das leis “protecionistas”, esta percepção tem conseguido impactar negativamente este ecossistema e já para este ano, o Banhado Capellanía conta com 3,87 hectares (Figuras 6.12 e 6.13)





Figura 6-11 Área Úmida Capellanía 1997. Foto aérea, escala 1:10.000. Fuente: MUÑOZ Jhon.

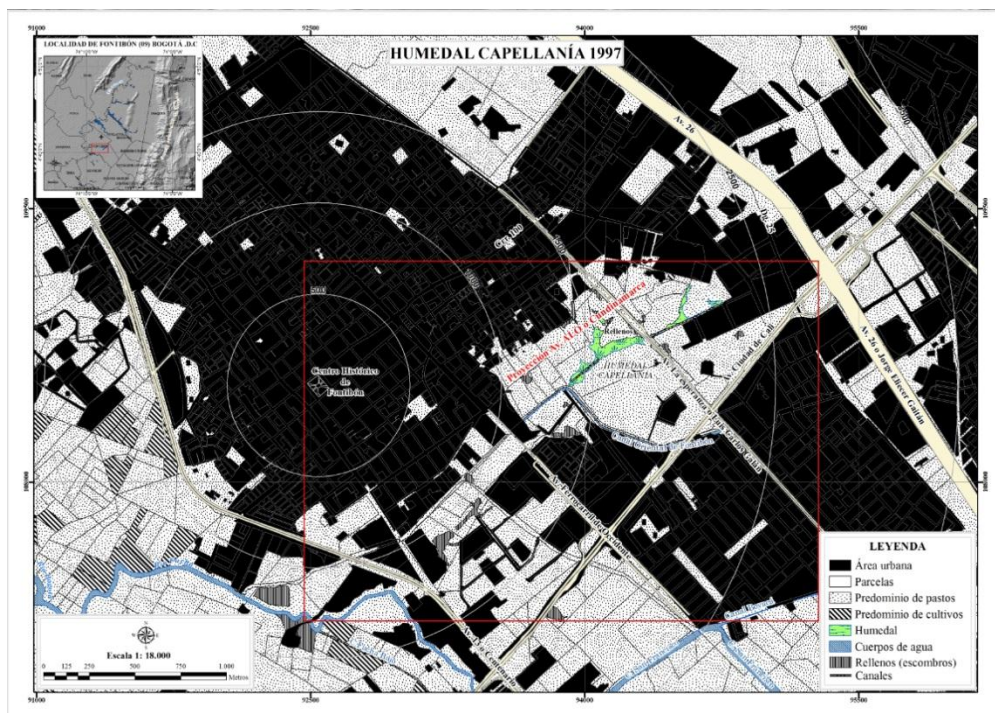


Figura 6-12 Área Úmida Capellanía 1997. Escala 1:18.000. Fuente: SALAZAR-SALAMANCA Pedro; CUSVA Alexi; BARRERA Susana; POVEDA Eder.



Pode-se estabelecer em este ponto da investigação, que a redução de sua área total é causada principalmente pelo crescimento urbanístico acelerado de tipo formal e informal que se apresentou na localidade sobre o banhado. Este ecossistema é impactado com a ampliação de rede viária que une Bogotá com Fontibón, Avenidas como a Cali, a Avenida *Esperanza* y proxicamente a ALO (*Avenida Longitudinal de Occidente*), fragmentam este ecossistema, diminuendo suas qualidades biofísicas (flora, fauna, solos, geomorfologia, corpo de água, rede de drenagem natural). Igualmente perdeu-se o patrimônio cultural e memória histórica da localidade em frente a este banhado.

O crescimento concêntrico que apresentava Fontibón altera para um crescimento linear que segue a direção das avenidas que unem a Bogotá com Fontibón, principalmente a Avenida Cale 13 e a Avenida *Ferrocarril de Occidente*. As intervenções da área e a mudança de curso da rede hídrica natural da bacia do Rio Fucha e conexões com o banhado foram determinantes na redução da área e sua biodiversidade.

#### **6.4. CONTEXTO PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI**

O nível internacional na cidade de Ramsar, no Irã, o dois de Fevereiro de 1971 adotou-se a convenção RAMSAR “Convenção Relativa aos Banhados de Importância Internacional, especialmente como Habitat de Aves Aquáticas” (ALCALDÍA MAYOR; SECRETARÍA DE AMBIENTE 2008, p. 19).

Nesta convenção os banhados são definidos como: extensões de marismas, pântanos e turfeira ou superfícies cobertas de água, sem importar se são de origem natural ou artificial, permanentes ou temporárias, estancadas ou correntes, doces, salobres ou salgadas, incluídas algumas extensões de água marinha que não excedam os 6 metros de profundidade com respeito ao nível médio das marés baixas. Estas são áreas onde a água é o principal fator de controle do ambiente e da vida silvestre relacionada a ela.

RAMSAR criou três linhas de trabalho sobre as quais se fundamentam os estudos, acordos e soluções propostas aos diferentes Estados, que fazem parte

deste tratado, para diminuir de forma progressiva os problemas que afetam os banhados da cada nação, e assim diminuir em um curto, médio e longo prazo a depredação aos que têm sido submetidos estes ecossistemas.

O primeiro aspecto é usar de forma racional os recursos de banhados de cada país; o segundo aspecto, é a designação de banhados de importância internacional, e a terceira parte corresponde à cooperação internacional (ASTRÁLAGA 2002).

Quanto ao primeiro aspecto, os países que fazem parte do contrato, se comprometem a elaborar planos de ordenamento territorial nos quais se ditam leis para a conservação destes ecossistemas, levando a cabo um uso adequado e planejado de seus benefícios, sem acabar com eles. Quanto ao segundo aspecto, este indica que a cada país deve ter pelo menos um banhado incluído na Lista de Banhados de Importância Internacional.

Por último, o terceiro aspecto sobre o qual se baseia a convenção Ramsar é a cooperação internacional. Esta se realiza principalmente com empréstimos financeiros, acadêmicos e técnicos de país a país. Ademais na assinatura de tratados bilaterais para o cuidado e proteção dos banhados, principalmente aqueles ecossistemas que ocupam mais de um território nacional ou sua influência abarca mais de um Estado.

Apesar de ter-se assinado este convênio em 1971, Colômbia só começou a ser parte dele até o outubro 18 de 1998, data na qual entrou a reger a Lei 357 do janeiro 21 de 1997 (ALCALDÍA MAYOR; SECRETARÍA DE AMBIENTE 2008. Pág. 18). Depois:

“... o Ministério de Ambiente, Moradia e Desenvolvimento Territorial, aplicou o previsto em dita lei, com fundamento no numeral 24 do artigo 5 da lei 99 de 1993 e, mediante a Resolução 157 de fevereiro 12 de 2004, regulamentou-se o uso sustentável, a conservação e o manejo dos banhados, e desenvolvem-se aspectos relativos à aplicação da Convenção Ramsar.” (ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ; DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DEL MEDIO AMBIENTE 2006, p. 14).

Colômbia, como país assinante da convenção Ramsar, começou a planificar e fortalecer as decisões correspondentes à preservação destes habitats tendo como

base os lineamentos para Elaborar e Aplicar Políticas Nacionais de Banhados propostos na 7º COP (Conferência das Partes) celebrada em Costa Rica em 1999. Entre elas encontramos de acordo ao Ministério do Meio ambiente (2002):

- Criar objetivos de tipo governamental para a conservação dos banhados.
- Fortalecer a comunicação interna entre as entidades do Estado.
- Incentivar o cuidado e proteção dos banhados no país.
- Proteger as áreas de banhados que tenha adquirido o Estado.
- Fomentar investigações e o estudo interno destes ecossistemas.
- Educar à comunidade das bondades destes habitats.
- Fomentar a participação de entidades governamentais e não governamentais na recuperação e cuidado dos banhados.

Apesar de que RAMSAR entrou em vigência no ano de 1998, já para essa época tanto o Estado colombiano como as comunidades vizinhas aos banhados, já tinham começado a empreender ações para a proteção destes ecossistemas.

O país promulgou uma série de leis e normas encaminhadas à proteção dos ecossistemas, tendo como base a participação das diferentes comunidades. Algumas destas, e que relacionam diretamente aos banhados com a sociedade civil ditam:

- Constituição Nacional de 1991, em seu artigo 79 A lei garante a participação da comunidade nas decisões que possam a afetar.
- Lei 99 de 1993: “A ação para a proteção e recuperação ambiental é tarefa conjunta do estado, comunidade, ONG e setor privado” (Artigo 1º num. 10). “O Estado apoiará e incentivará a conformação de organismos não governamentais para a proteção ambiental e poderá delegar neles algumas funções” (Art. 1º Princípios gerais num. 10). “O manejo ambiental do país será descentralizado, democrático e participativo” (Artigo 1º Princípios gerais ambientais, num. 12).

- Lei 388 de 1997 na qual se regulamentam os Planos de Ordenamento Territorial (POT) regulamenta a participação cidadã no artigo número 4.
- O ministério de Moradia e Desenvolvimento Territorial promulga a Lei 0157 de fevereiro de 2004, onde “regulamenta-se o uso sustentável, conservação e manejo dos banhados, por médio da elaboração e implementação de planos de manejo ambiental nos banhados a nível nacional”.
- Convênio 021 de 2005 entre *A Empresa de Acueducto e Alcantarillado de Bogotá* e o antigo *DAMA*: o Acueducto faz os Planos de Manejo Ambiental PMA dos banhados de Bogotá.

Quanto à educação:

- Lei 115 de 1994 estabelece a educação ambiental como obrigatória na educação básica. O decreto 1860 de 1994 regulamenta a Lei 115 de 1994, “incluindo o Projeto Educativo Institucional, PEI para todos os estabelecimentos educativos o qual deve levar entre seus componentes o PRAE”. O decreto 1743 de 1994 estabelece o projeto de educação ambiental PRAE, “pelo qual todos os níveis de educação formal, fixam critérios para a promoção da educação ambiental não formal e informal e estabelecem-se os mecanismos de coordenação entre o ministério de Educação Nacional e o Ministério de Meio ambiente”.

Por parte das comunidades vizinhas aos banhados, para 1993 registram-se as primeiras ações de sensibilização e participação comunitária em pró do banhado a *Conejera* na localidade de Suba. Em um começo realizaram ações de fato contra os carreteiros e motoristas de caminhão de lixo que se dirigiam ao banhado a botar resíduos. Posteriormente a comunidade organizou-se em comitês de vigilância para não permitir a realização de atividades que danificassem de algum modo este ecossistema. Atualmente a comunidade já está organizada ao redor da *Fundación Humedal la Conejera*, que se converteu no exemplo a seguir nas demais localidades que possuem banhados em perigo (Figura 6.14).



Figura 6-13 Atividades educativas com meninos no banhado a *Conejera*. FONTE: THOMAS McNISH. Em ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ; SECRETARÍA DISTRITAL DE AMBIENTE 2008, p. 203.

Quanto a Capellanía, ainda que são muitas as pessoas que se preocuparam e têm trabalhado por este banhado, há um que se recorda o Fontibón com muito aprecio, era dom Jorge Zamudio, “Em Fontibón diziam-lhe “o louco do chapéu” a cada vez que o viam chegar, porque em sua indumentária nunca faltava um chapéu de dril, dos que usam os exploradores. ” (ZAMUDIO 2011, p. 179), mas assim mesmo lhe diziam louco porque “¡tinha que estar louco para se pôr a defender cloacas!” (ZAMUDIO 2011, p. 180).

Bem como no Banhado a *Conejera*, no banhado Capellanía também se tomaram ações de fato para a proteção deste ecossistema, exemplo disso, quando Jorge Zamudio se opôs a que um motorista de caminhão de lixo botara resíduos no banhado:

“Uma das cenas mais impactantes de minha vida foi ver a meu papai em frente a um caminhão de lixo cheio de escombros e como lhe enfrentava ao motorista para que não seguisse recheando o banhado; eu estava aí com ele e ¡o susto foi terrível! porque o motorista tentou seguir adiante, mas meu papai não se moveu nem titubeou um minuto” (ZAMUDIO 2011, p. 180).

Além destas ações individuais, a comunidade em general tem realizado marchas pela Avenida Cidade de Cali para parar a construção da ALO, bem como a instauração de queixas e demandas contra os entes Distritais por sua inoperância, ao permitir a contínua construção de novos edifícios para apartamentos, e o recheado de algumas partes do banhado para ampliar estacionamentos (Figuras



6.15; 6.16; 6.17).



Figura 6-14 Construção de edifícios para apartamentos sobre terrenos que pertenciam ao banhado.  
FONTE: Fotografias próprias.

Apesar dos compromissos internacionais que adquiriu o país ao assinar RAMSAR, Colômbia, e mais exatamente na Sabana de Bogotá, ainda se apresentam ações que vão na contramão da reabilitação dos banhados, principalmente por estamentos do Estado e entidades privadas com grandes capitais para investir. No caso específico de Capellanía, este banhado é dos lugares prediletos para as intervenções urbanas, invasão de seus terrenos para a edificação de casas e apartamentos – pela beleza da paisagem que oferece o banhado – Ademais para a construção de vias – Avenida Longitudinal de Occidente, ALO – (Figura 6.15) que se supõem vão contribuir com o desenvolvimento do Distrito Especial de Bogotá e a Região, mas que vai a fraccionar ainda mais o banhado, isto apesar que o Estado têm toda uma base legislativa ambiental para planificar de uma maneira mais amável com o meio.





VIAS PROJETADAS — ZONAS VERDES — DIVISÃO PREDIAL —

Figura 6-15 Vias que têm fragmentado a Área Úmida Capellanía e traçado da Avenida Longitudinal de Ocidente – ALO -FONTE: DAPD GOOGLE EARTH. Em BOTERO 2009, p. 10.

Ademais, as obras futuras da ampliação do aeroporto (ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ; DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DEL MEDIO AMBIENTE 2006, p. 114), afetarão de uma maneira negativa ao banhado, devido à contaminação visual e auditiva que este vai produzir. Por último, algumas entidades do Estado, como as Curadorias Distritais, permitem o constante recheado e desflorestação de setores do banhado ao dar-lhes permissões de construção às pessoas e entes que o solicitem (Figura 6.17).



Figura 6-16 Aterro realizado com licença ambiental da curadoria da zona. FONTE: Fotografias próprias.

Felizmente, a Mesa Ambiental de Fontibón e diversas ONGs do setor, estão dando uma forte oposição pacífica, baseada na educação e a sensibilização com respeito aos antigos métodos de destruição ambiental aos que os habitantes da Sabana de Bogotá se tinham acostumado. De acordo a um de seus membros: “se conseguiu muito, mas o perigo ainda é latente”.

## **Capítulo 7. Análises de Resultados**

---

A metodologia proposta realizou-se de acordo ao proposto. Os resultados obtidos apresentam-se a seguir.

### **7.1 EVOLUÇÃO DA PERCEPÇÃO DAS ÁREAS ÚMIDAS DE FONTIBÓN**

Ao realizar a análise da percepção histórica com respeito ao banhado, o primeiro que há que realçar é que nos diferentes períodos estudados, a exceção da primeira década do século XXI, as percepções e imagens ambientais que dominam e dizem a forma de proceder, pensar e de atuar são as estabelecidas pelas classes hegemônicas, de acordo a uns interesses particulares, mas nunca gerais; as paisagens que se criam a partir destas relações de poder sobre o ambiente em sua totalidade deixa umas impressões que permanecem constantes e que depois nos dá pistas históricas da ética, estética e valores de uma sociedade qualquer.

As elites eram e são as que tomavam e tomam as decisões correspondentes ao planejamento do território; as classes baixas e médias simplesmente seguiam as disposições ordenadas. De acordo à investigação realizada, as classes dominantes “orientam” às pessoas de uma comunidade qualquer para que acatem, sigam e creiam em uma forma específica de fazer as coisas seguindo uma estética determinada e para isso procedem de duas formas diferentes: em primeiro lugar, por médio da educação, doutrinando à gente, mostrando o caminho, dando o exemplo. Em segunda instância, por médio de pressões sociais, repressão e castigos.

Ademais há que anotar, que a partir do período colonial até o presente, a imagem da natureza muda em pouca medida, produzindo uma conduta específica para ela que originou assim mesmo, no caso específico de Fontibón, transformações nas paisagens que deixaram impressões profundas na zona, algumas apreciáveis ainda em nossos dias. Assim mesmo, se aprecia que existiram eventos relacionais que mudaram a forma de ver, apreciar e sentir o meio, em outras palavras, transformou a percepção do ambiente ocasionando alterações nas condutas



culturais que se materializaram na paisagem.

Para o primeiro contexto histórico que se pesquisou, o contexto pré-hispânico, a forma em que os muisca se relacionaram com seu ambiente foi de forma monista, sendo um com a natureza, convivendo respeitosamente com seu meio. Esta forma de ver e apreciar o meio forja-se através dos ensinamentos ancestrais que se baseavam na lenda da grande inundação que se produziu na Sabana de Bogotá e que tem sido narrada por meio do mito de Bochica. Toda a vida da família Muisca girava em torno da água, convertendo no alfa e ômega de suas vidas.

A lenda de Bochica dá as primeiras pistas sobre um evento que mostrava as possíveis consequências do mau comportamento do ser humano na contramão do ambiente, deixando como ensinamento para o povo muisca, que a natureza deve ser respeitada e protegida especialmente os corpos de água, lagoas, lagos, rios e por suposto banhados. Toda a hierarquia social dos muisca procurava manter uma estreita relação de convivência com seu meio, desde o cacique até o último dos povoadores da cada comunidade; exemplos claros deste comportamento encontram-se muitos, especialmente em seus rituais ou lendas como a do mítico dourado.

A comunidade muisca conviveu com a água e seus ciclos; construiu *camellones* e sulcos que não alteravam o curso natural dos diferentes ecossistemas com os que se relacionavam, construíram centros astronômicos desde os quais podiam prever as mudanças no clima e de acordo a eles planejavam suas rotinas, não tinham povos fixos que alterassem a ordem do sistema natural senão que suas casas, iam-se mudando de acordo ao momento, isto é, em seu proceder e seu atuar demonstra-se que se sentiam como se fossem um com a natureza e ainda que impactassem o território no que habitavam, este impacto foi mínimo.

Esta relação de tipo monista rompe-se com o segundo evento relacional, a chegada dos espanhóis carregados com os costumes, valores e pensamentos modernistas da época. Com a chegada dos europeus começa a colônia, e com eles mudou radicalmente a forma de relacionar-se com o ambiente. Os recém-chegados eram possuidores de uma cultura baseada na relação dualista com o meio. Ao separar a cultura e a sociedade da natureza, esta última se converteu em uma mercadoria que possuía um valor determinado pela capacidade que tinha para produzir dinheiro. Mas assim mesmo, se converteu em um obstáculo para o transporte, a administração das colônias e a economia.

Es por ello que comienza la lenta pero constante desecación de las tierras de occidente de la capital para poder sembrar y criar ganado, actividades que causaron el primer gran impacto en el humedal de Capellanía. Uma vez implementaram-se estas atividades econômicas na Sabana, originou-se a necessidade de agilizar a entrada e saída de pessoas e mercadorias desde e para Bogotá. É por isso que se começou a construir estradas, obras que transformaram profundamente a paisagem de a savana e que se causaram o segundo grande impacto aos banhados. No caso de Capellanía, foi a construção da Rua 13 ou Avenida Colón a que impediu seu contato natural com o rio Fucha, mudando radicalmente seu ciclo hidrológico natural, isto é, as primeiras intervenções diretas ao banhado Capellanía realizaram-se no século XVII, e não na segunda metade do século XX, como o propõem alguns pesquisadores.

Nesta época, os principais terratenentes foram os *encomenderos*, mas à medida que passava o tempo viram como seu poder ia descendo, primeiro com as com diversas comunidades religiosas que começaram a ser possuidores de terrenos por médio das capellanías, pedaços de terra que alguns crentes lhes iam doando para se salvar de seus pecados, e assim deste modo, pouco a pouco se converteram em um dos terratenentes da Sabana de Bogotá e do resto de Colômbia. Os *encomenderos* ademais perdem poder com burocratas, militares e outras pessoas que chegavam de Europa à Sabana de Bogotá em procura de fortuna; o caleidoscópio de propriedades e de donos de terra na Sabana completava-se com os brancos pobres, mestiços, mulatos e índios que também eram possuidores de terras (DELGADO 2010) e como tais, também atores que incidiam em a transformação da paisagem (Figura 7.1).

Ao chegar a República, procura-se o progresso da nação baseado nos ideais liberais da época, mas as constantes guerras internas não permitem atingir este objetivo, fato que ocasiona a continuidade da paisagem colonial. Durante este período, mas mais exatamente, após a segunda metade do século XIX, se evidencia uma mudança radical nas formas de propriedade da terra, devido às leis que implantou o governo nacional. Durante este período é evidente como as fazendas se expandiram aproveitando a Lei de Desamortização de Terras (1850), por médio da qual, os grandes fazendeiros começaram a comprar a preços irrisórios as terras dos antigos resguardos e de passagem as terras dos camponeses que possuíam granjas de média e pequena extensão. Também aproveitaram as vantagens que lhe deu a

Lei de Desamortização de Mãos Mortidas (1863) que lhe tirou as terras às diferentes comunidades religiosas da época. Estas mudanças na forma de apropriação, tenência e uso da terra ocasionaram a seguinte mudança na paisagem (Figura 7.2).



Figura 7-1 Em esta gráfica aparecem aos quatro atores principais transformadores da paisagem durante a Colônia em a Sabana de Bogotá. Elaboração própria baseado: JARAMILLO (1994) e Harvey (1977).



Figura 7-2 Em esta gráfica aparecem aos quatro atores principais transformadores da paisagem durante a República em a Sabana de Bogotá. Elaboração própria baseado em: JARAMILLO (1994) e Harvey (1977).



Durante a República, ainda que não pudesse ser acabado por completo o legado da colônia, o que sim se consegue é cimentar as bases ideológicas e legislativas sobre as quais se levaram a cabo as grandes mudanças em Bogotá e Fontibón durante o século XX, século no que por fim se começou a construir a cidade moderna, produto de quatro eventos relacionais principais: a guerra dos mil dias, a primeira guerra mundial com sua conseqüente crise econômica mundial, a necessidade de progresso interno baseado na indústria e a grande quantidade de dinheiro que entrou ao país pela exportação do café e a venda de Panamá; século no qual a tecnologia representada principalmente no trem, em um começo, e o automóvel até nossos dias, mudasse dramaticamente a paisagem da região.

Na metade do século XX, o sonho modernista de cimentar uma nova cidade deu-se com a destruição de grande parte da capital com o chamado “*Bogotazo*”, evento que ocorreu em 1948 e no qual se queimou parte do centro e outros lugares da cidade, propiciando a construção de uma nova e moderna urbe sobre as cinzas do protesto generalizado pelo magnicídio de Jorge Eliécer Gaitán. Para 1954 amplia-se o território que conforma Bogotá e começa a “conquista e colonização” do Oeste do que agora é o Distrito Capital pela urbanização, processo no qual se destruíram quase por completo os banhados deste setor.

O planejamento urbano baseou-se nos automóveis, tipo de transporte que encurta os tempos e as distâncias, precipitando a expansão da cidade desde os cerros orientais (limite oriental de Bogotá), até o rio Bogotá (limite ocidental da cidade); e desde Usaquén e Suba (norte de Bogotá), até o páramo de Sumapaz (sul da cidade). A natureza converte-se em coisa e como tal pode ser comercializada. Se ao começo da chegada dos espanhóis a grande mudança na paisagem produziu-o a agricultura e as incipientes vias que se construíram, neste século a mudança o produz a urbanização, especialmente durante a segunda metade do século XX, aspectos que se promoveram por médio de imaginários de progresso.

Fontibón cresce até a primeira metade do século XX em forma concêntrica e de forma lenta ao redor de sua praça central. Na década do cinquenta incrementa-se a violência em Colômbia, ocasionando que muitos camponeses fujam de suas terras e cheguem à capital. Este fato, somado à anexação de Fontibón a Bogotá em 1954, faz que mude o tipo de crescimento, agora é vertiginoso e linear, seguindo as vias

de comunicação, em especial a Avenida Eldorado e a Rua 13, avenidas que com tempo já não são suficientes para suportar o grande ônus de autos, passageiros e pedestres que a utilizam, originando a necessidade de incrementar o número de avenidas na zona, razão pela qual se constroem a avenida a Esperança, a Avenida Cali, e possivelmente em um futuro, a *Avenida Longitudinal de Occidente* (ALO).

Esta avenida em especial, a ALO, leva muitos anos de planejada, mas sua construção é constantemente detida devido aos problemas ambientais que pode causar em todo o trajeto pelo qual se traçou. Para muitas pessoas estes impactos negativos são necessários para levar o progresso às comunidades de bairros distantes e antigos nos que, aparentemente, ainda prevalece a imagem ambiental que os banhados são lugares que atraem, albergam e acumulam aspectos negativos de e para a sociedade: a insegurança, a sujeira, as pragas, etc., (ASTRÁLAGA 2002), ou no caso do banhado Capellanía, como “um criadouro de ratas, pernilongo e refúgio de maconheiros e ladrões. E o melhor que podiam fazer era o recheiar e passar uma via por aí.” (ZAMUDIO 2011. Pág. 181).

Para a primeira década do século XXI, os dirigentes e administradores do Estado mantêm a visão modernista de progresso e desenvolvimento que regeu durante o século XX, baseada na construção e ampliação da cidade, sem ter em conta os vestígios da natureza que ainda ficam na capital da República. Esta forma de atuar e perceber a natureza são compartilhados pelos fazendeiros que se têm lucrado nos últimos 60 anos por médio da divisão e venda das antigas fazendas da zona para convertê-las em bairros ou urbanizações, pessoas que só veem o lucro dos terrenos que conformam o banhado. Na mesma frequência estão as indústrias que se encontram assentadas em áreas vizinhas a Capellanía.

Mas ante este panorama desolador para os ambientalistas, os vizinhos aos banhados têm alçado sua voz na contramão das atitudes e transformações espaciais baseadas na modernidade e sua atitude destruidora. O evento que tem mudado progressivamente a imagem dos banhados em diferentes e variadas comunidades da cidade é a educação ambiental que se está dando atualmente nos colégios, escolas e universidades, porque estão fomentando uma crescente sensibilização nas pessoas com respeito aos banhados, propiciando assim uma progressiva apropriação da sociedade para estes ecossistemas estratégicos. Na atualidade é muito comum ver protestos que exigem o respeito pela natureza e a proteção e preservação destes relictos naturais que ainda se encontram na cidade. Esta atitude

é fortalecida pela constituição de 1991 na qual se dão as bases jurídicas que protegem a natureza, e promulgam, promovem e respaldam a criação de uma série de projetos educativos em todos os níveis da sociedade (Figura 7.3).

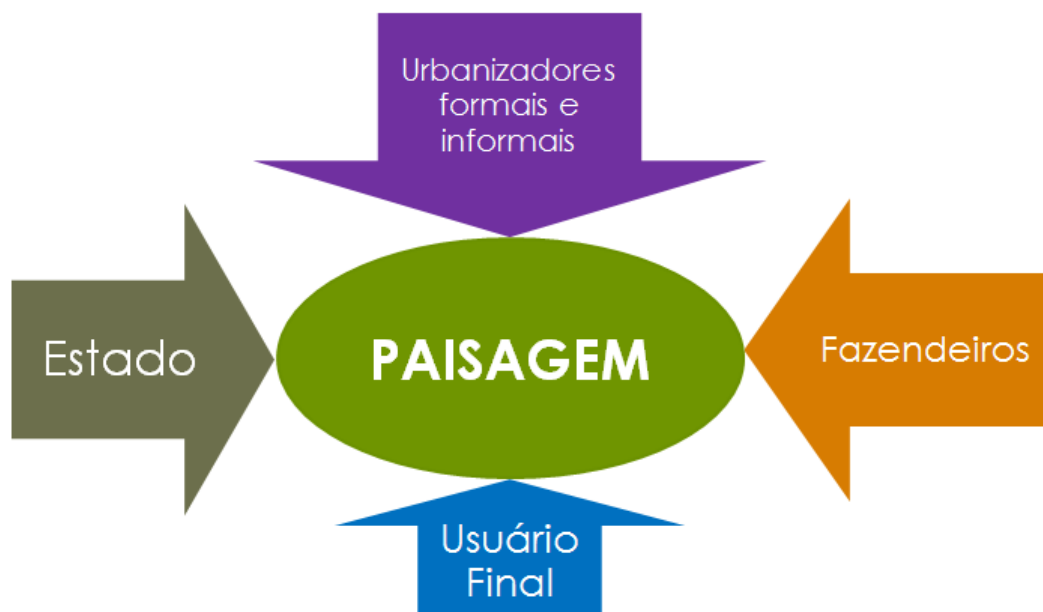


Figura 7-3 Em esta gráfica aparecem aos quatro atores principais transformadores da paisagem durante o século XX e a primeira década do século XXI em a Sabana de Bogotá. Elaboração própria baseado: JARAMILLO (1994) e Harvey (1977).

É aqui quando há que retomar autores como Santos (1996), Zárte (1991) e Estébanez (1982), para quem a imagem não é simplesmente uma aparência e enfatizam que os estudos baseados na paisagem não simplesmente devem ser baseados na estética e a sensibilidade (MADERUELO, 2005), senão que “deve ir para além e procurar metodologias e modelos que identifiquem e expliquem os elementos históricos causais que originaram e estruturaram as paisagens em um tempo e espaço determinados.” (SALAZAR-SALAMANCA & RODRÍGUEZ, 2014: p. 133).

Para Estébanez, "ou conceito de imagem ou realidade percebida é a ligação média entre ou ambiente real e ou comportamento humano, portanto, não pode compreender-se nem comportamento, nem ou relacionamento meio/homem, sem entender a imagem" (1981, p. 17) (Figura 7.4).



Figura 7-4 Resumo da abordagem operacional do Paradigma Comportamental pela Geografia e Percepção. Fonte: ESTÉBANEZ, 1982.

Mas ao realizar a análise histórica da paisagem do Banhado Capellanía, pode ser apreciado que este esquema está incompleto, porque há um vazio entre a conduta e o meio, mostrando a transformação deste, como um sistema fechado contínuo e repetitivo, mas isso não concorda totalmente com a realidade. A cada transformação do ambiente origina uma mudança na paisagem, paisagem que pertence a um tempo e espaço determinado, no qual se relaciona um meio natural que possui umas características específicas e próprias, com uma comunidade ou grupo de comunidades de seres humanos que têm sua própria cultura e é através dessa cultura, que é como “o braço armado do homem” (ANGEL, 1996) que se cria a imagem do ambiente que se materializa no espaço (Figura 7.5).

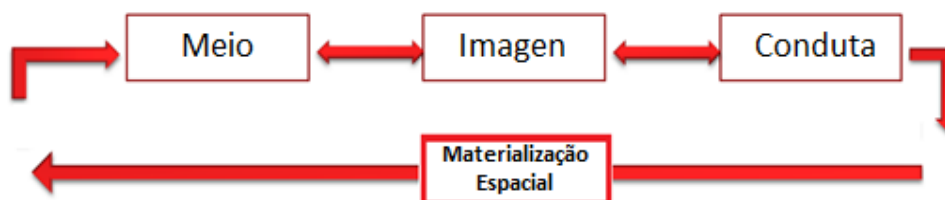


Figura 7-5 Resumo do comportamento da Geografia na abordagem do paradigma operacional e da percepção 2. Fonte: Modificado Estébanez, 1982 em SALAZAR-SALAMANCA & RODRÍGUEZ, 2014: p. 144.

Esta forma de materialização da imagem causa mudanças contínuas no ambiente. Consequentemente, a realização espacial ocasiona uma paisagem diferente anterior, que permanece até que mudem as necessidades, objetivos e visões do indivíduo ou da coletividade. Na maioria dos casos, a mudança é lenta, mas, por vezes apresentam-se "eventos" (BARRERA, 2010), que aceleram e legitimam a transformação (Figura 7.6).



Figura 7-6 Resumo do paradigma operacional na abordagem à geografia do comportamento e da percepção 3. Fonte: Modificado de Estébanez, 1982; em SALAZAR-SALAMANCA & RODRÍGUEZ, 2014: p. 144.

Ao ocorrer uma mudança em a paisagem, muda o meio, algumas vezes de forma imperceptível, mas outros, que já são de maior magnitude como em o caso do aquecimento global já são processos muito difíceis de ocultar. O ciclo continua, a mudança da paisagem dá-se, mas com certeza, o médio natural já não será o mesmo.

Analisando a investigação histórica realizada, podem ser aclaradas algumas das imagens ambientais que se tinham com respeito aos banhados do oeste de Bogotá, mais exatamente em relação com a Área Úmida Capellanía a partir da época pré-hispânica até o século XX, e que causaram as contínuas mudanças na paisagem deste setor (Figura 7.7).

Esta figura mostra como o banhado Capellanía tem resistido 500 anos de assédio contínuo por parte do ser humano e suas condutas, criadas no pensamento moderno. Este ecossistema é um claro exemplo das mudanças ambientais negativos que se produziram e se produzem atualmente no mundo pela imagem mercantilista que o ser humano lhe dá à natureza, na qual, esta sozinho vale pelo ganho econômico que possa ser obtido dela. O caso de Capellanía, ao ser um fenômeno de tipo local e a micro escala, até faz alguns anos tinha passado inadvertido para a maioria de pesquisadores ambientais, mas não para as pessoas que se relacionavam diretamente com ele.

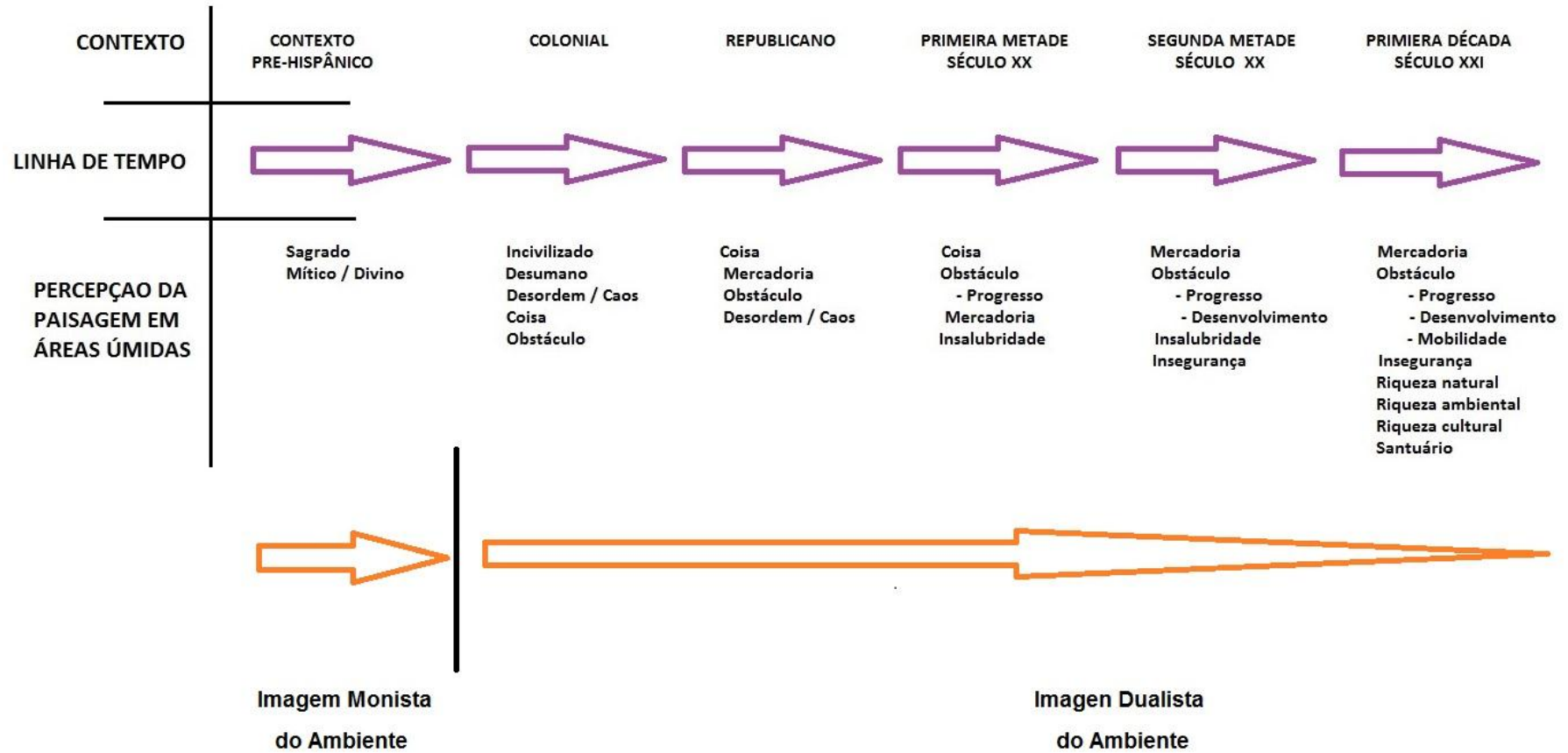


Figura 7-7 Resumo Percepção da Paisagem em áreas úmidas. Fonte: Elaboração própria



Os vizinhos do lugar, os de maior idade especialmente, têm visto como a urbanização tem construído sobre as áreas próprias do banhado. Na revisão das fotos aéreas desde o ano de 1938 adverte-se como a mancha da cidade se “lança” sobre o banhado (Figura 7.8, Figura 7.9 e Figura 7.10).

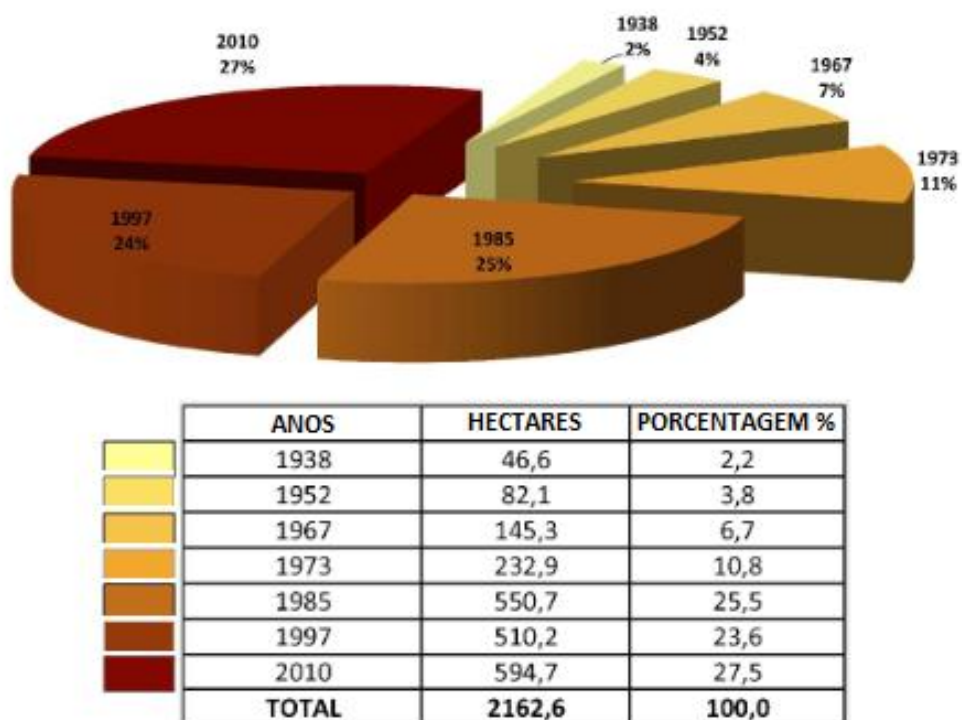


Figura 7-8 Crescimento Urbano 1938-2010; períodos de urbanização. Fonte: SALAZAR-SALAMANCA Pedro; CUSVA Alexi; BARRERA Susana 2015.





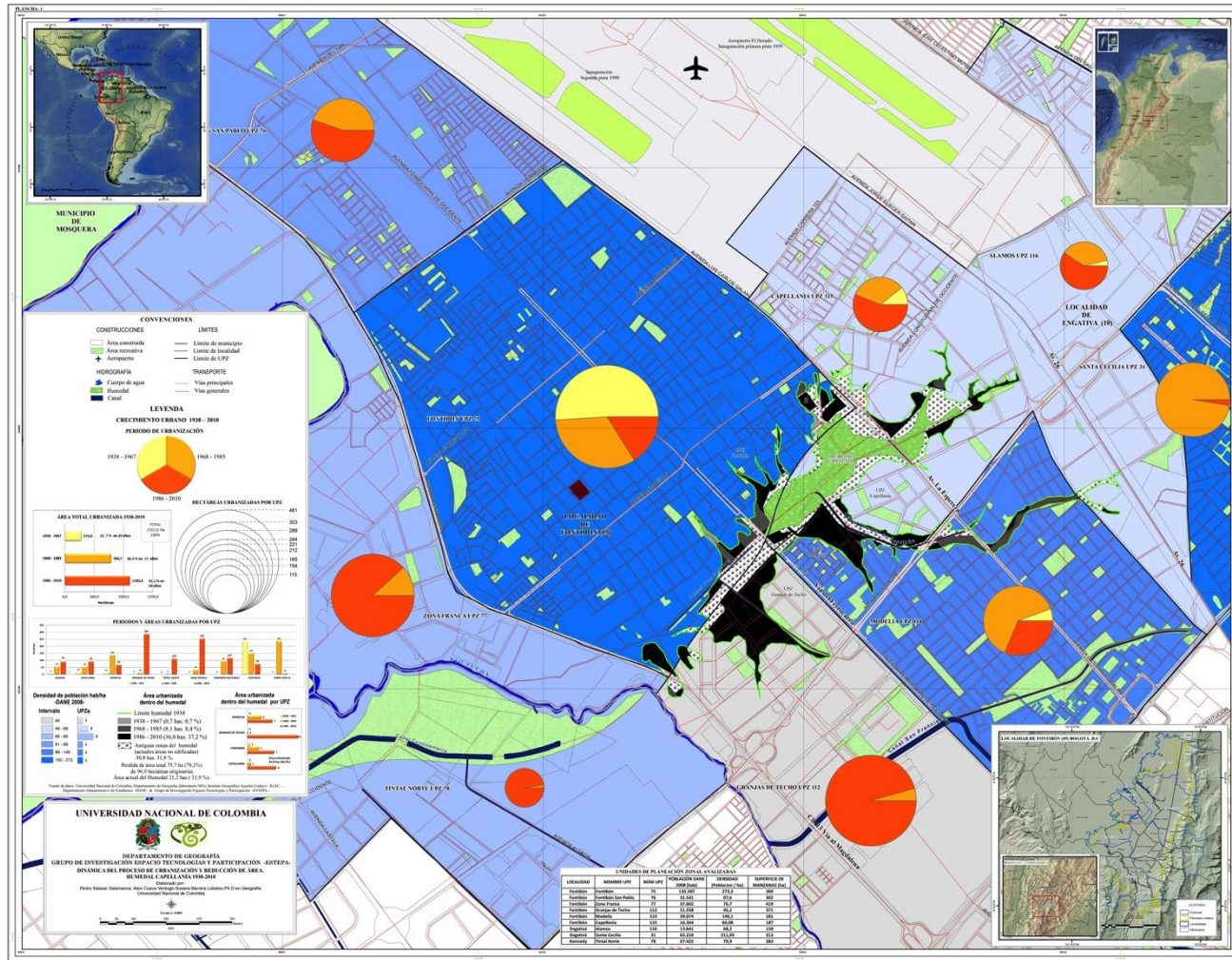


Figura 7-10 Dinâmica do Processo de Urbanização e Redução de área Banhado Capellanía 1938-2010. Fonte: SALAZAR-SALAMANCA Pedro; CUSVA Alexi; BARRERA Susana 2015.

Observa-se como a partir de 1952 se disparou a construção de casas neste setor, com um bico muito alto durante a década do oitenta, que tem permanecido até o presente. O grande problema que se apresenta com esta taxa de edificação arraiga no número de hectares, próprias do banhado que se utilizaram para construir (Figura 7.11):

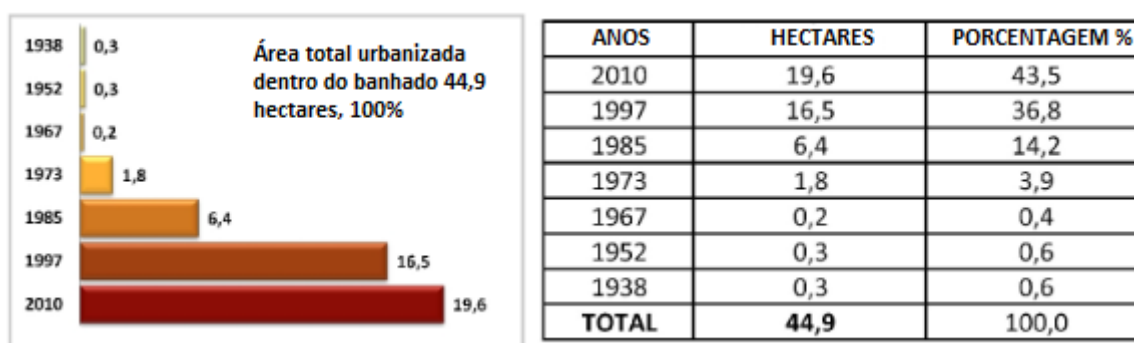


Figura 7-11 Área urbanizada dentro do Banhado Capellanía por ano. Fonte: SALAZAR-SALAMANCA Pedro; CUSVA Alexi; BARRERA Susana 2015.

Desde 1938 ao presente perderam-se um total de 44,9 hectares devido à construção de urbanizações e bairros em zonas ambientais inadequadas para esta atividade. Ao olhar o mapa de figura-a número 7.9, comprova-se a anterior afirmação, mas neste caso, podemos definir claramente quem têm sido os atores principais na tomada e apropriação dos terrenos do banhado. De 2162,6 hectares construídos, nos últimos 24 anos construíram-se mais dos 50 % do total.

Descobre-se que a UPZ que mais dano de tem causado ao banhado Capellanía é a de Granjas de Techo, que em um período de 24 anos utilizou os 14 hectares que possuía de banhado para a construção de casas, urbanizações ou converteram em zonas de pastos, mas que já perderam a maioria das características próprias de um banhado. Neste momento, pelos planos a curto e médio prazo que se observam no setor para a construção de moradia além de outras vias, pode ser apreciado que o banhado ainda está propenso a perder mais hectares por conta das construtoras privadas e os planos de desenvolvimento do Estado.

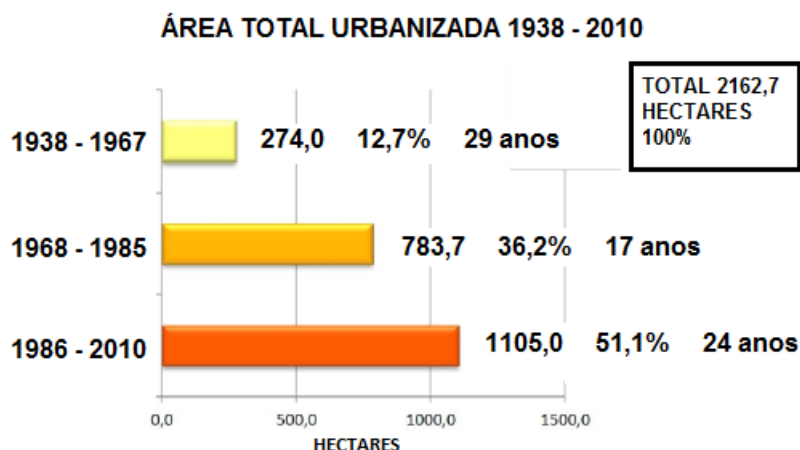


Figura 7-12 Crescimento Urbano 1938-2010. Fonte: SALAZAR-SALAMANCA Pedro; CUSVA Alexi; BARRERA Susana 2015.

## 7.2 QUESTIONÁRIOS

O formato deste questionário baseou-se na efetuada por Bermúdez (2005) para a realização das representações sociais e mapas mentais do campus universitário na *Universidad Nacional de Colômbia*, sede Bogotá. Este questionário se fez a 60 pessoas da localidade de Fontibón; está dividido em três partes assim: uma primeira, em onde se encontram perguntas pessoais de cada um dos indivíduos que contestaram as perguntas. Na segunda parte, fazem-se perguntas com respeito ao estado do banhado. Por último, as perguntas fazem referência à relação que a cada pessoa interrogada tem com o banhado Capellanía.

### 7.2.1 PERGUNTAS REFERENTES AO ESTADO DO BANHADO

Estas perguntas fazer referência à segunda parte do questionário. Quanto a este item, em uma primeira instância perguntou-lhe aos interrogados por sua percepção da qualidade do ar, a contaminação visual, a qualidade da água, a limpeza do banhado, a presença de flora e fauna, a delimitação do banhado e o estado geral do banhado, para analisar, de forma subjetiva, o estado em que se encontra o banhado para os entrevistados. A cada pessoa deu uma qualificação de 1 a 5 para a cada um dos itens nomeados anteriormente em onde 5 corresponde a ótimo, 4 bom, 3 regular, 2 ruim e 1 péssimo.

De acordo com as respostas dos entrevistados com respeito ao estado do

banhado Capellanía, 42 pessoas consideram que o banhado tem uma qualidade ar que varia de regular a péssima (Figura 7.13); 37 pessoas pensam que o banhado apresenta uma contaminação visual que vai de regular a péssima (Figura 7.14). 39 pessoas opinam que o água de Capellanía é má, enquanto 13 dizem que é regular (Figura 7.15). Enquanto, 48 pessoas consideram que a limpeza no banhado é péssima ou regular (Figura 7,16). Quanto à presença de flora e fauna, 36 pessoas pensam que é péssima ou regular (Figura 7.17). Ademais, 42 pessoas opinam que ao banhado lhe falta uma melhor delimitação (Figura 7.18). Por último, 51 pessoas contestaram que o estado geral do banhado é péssimo ou regular (Figura 7.19).

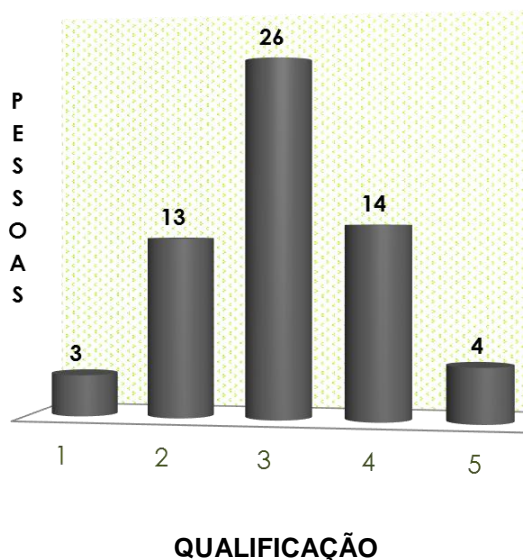


Figura 7-13 Qualidade do ar. Fonte: Elaboração própria

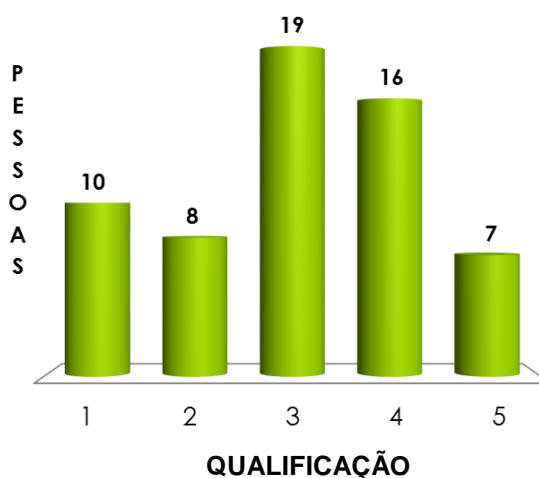


Figura 7-14 Contaminação Visual. Fonte: Elaboração própria



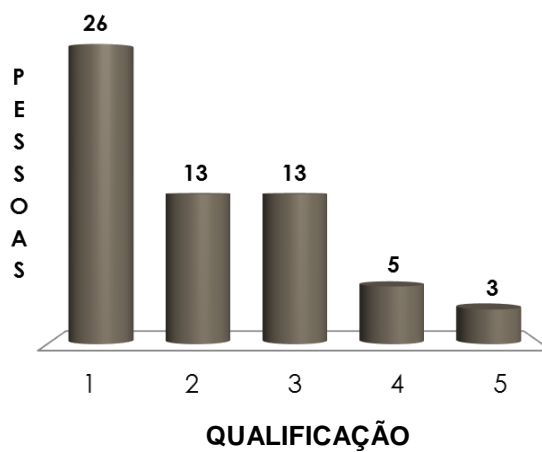


Figura 7-15 Qualidade da água. Fonte: Elaboração própria

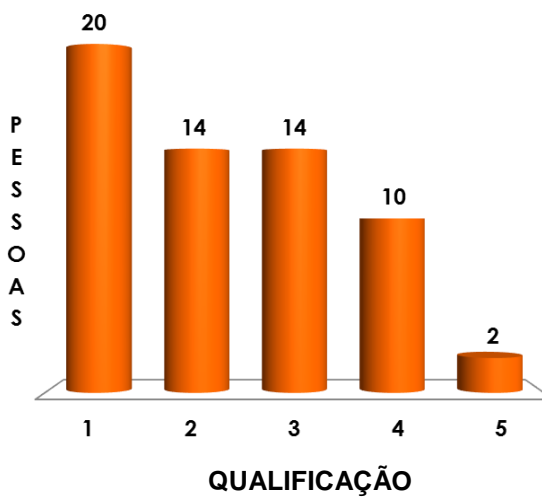


Figura 7-16 Limpeza do Banhado. Fonte: Elaboração própria

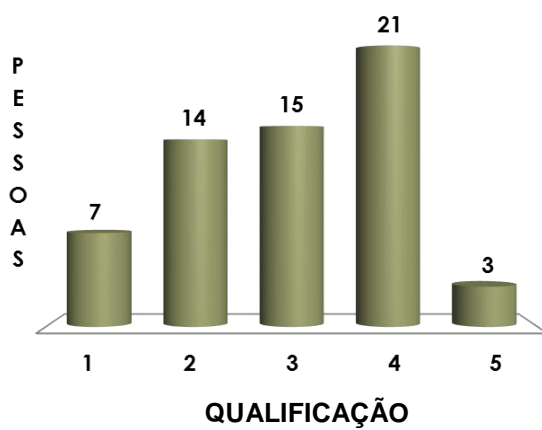


Figura 7-17 Presença de flora e fauna. Fonte: Elaboração própria

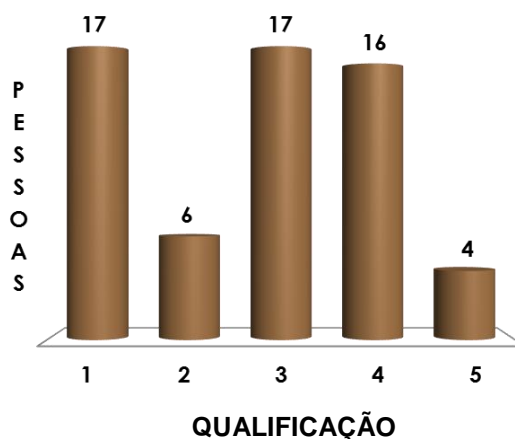


Figura 7-18 Delimitação do Banhado. Fonte: Elaboração própria

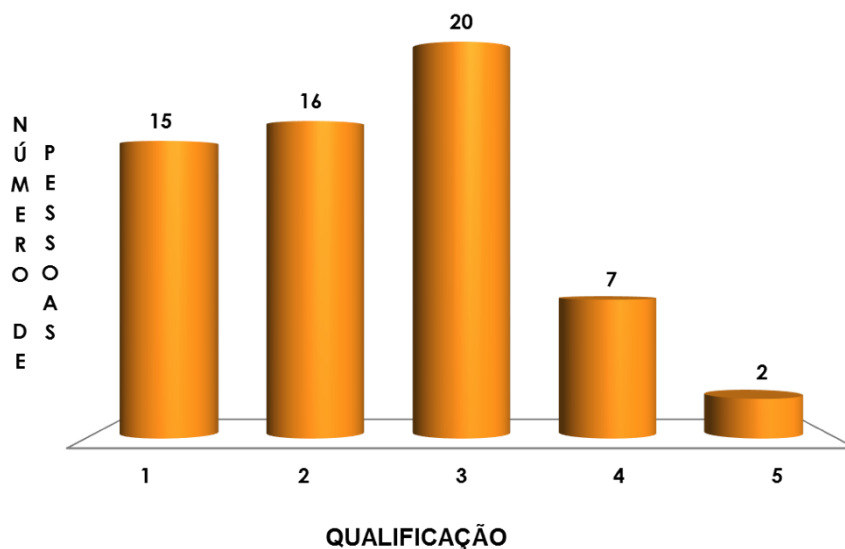


Figura 7-19 Estado geral do Banhado. Fonte: Elaboração própria

De acordo a estas respostas, de 60 pessoas interrogadas, uma média de 44, isto é, o 73.3 % delas, considera que o banhado Capellanía apresenta mais desvantagens que vantagens. Estas deteriorações presentes indicam que requer uma intervenção imediata por parte do Estado, entidades encarregadas de seu cuidado, particulares e da cidadania em general, especialmente dos vizinhos a este ecossistema.

Esta média tão alta no índice de percepções negativas com respeito ao banhado concorda com a Figura 7.20, a qual indica que o 85% das pessoas consideram que Capellanía está desprotegido; a situação piora ao analisar a gráfica 7.21, correspondente à segurança que sente a gente ao estar nele, porque o 80%

das pessoas sentem insegurança dentro deste ecossistema.

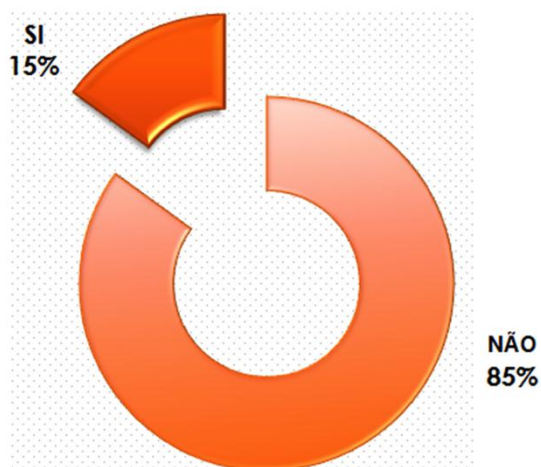


Figura 7-20 ¿Considera que o Banhado está bem protegido? Fonte: Elaboração própria

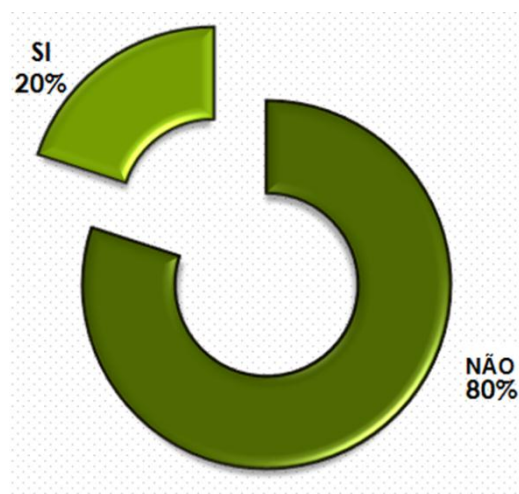


Figura 7-21 você se sente seguro para caminhar o Banhado? Fonte: Elaboração própria

As respostas dadas mostram que as pessoas percebem ao banhado como um ecossistema que apresenta uma grande deterioração generalizada, mas que apresenta um ponto forte ao que há que proteger, e esse são a presença de flora e fauna. Até agora, e pelo que se aprecia na pesquisa histórica e na restituição cartográfica feita, que as intervenções urbanísticas na zona não têm demonstrado com fatos que lhe preste atenção à importância estratégica deste banhado.

Ao perguntar pelos aspectos positivos do banhado (Figura 7.22), a única parte que se manteve, de acordo à consulta é a flora e fauna residente nele. Esta característica, somado a que alguns o consideram como um pulmão para o distrito e possuidor de uma paisagem formosa aos olhos dos vizinhos faz que este lugar se converta em centro de atenção das pessoas residentes nos bairros vizinhos a Capellanía, e divida as opiniões sobre as intervenções que lhe devem fazer a futuro.

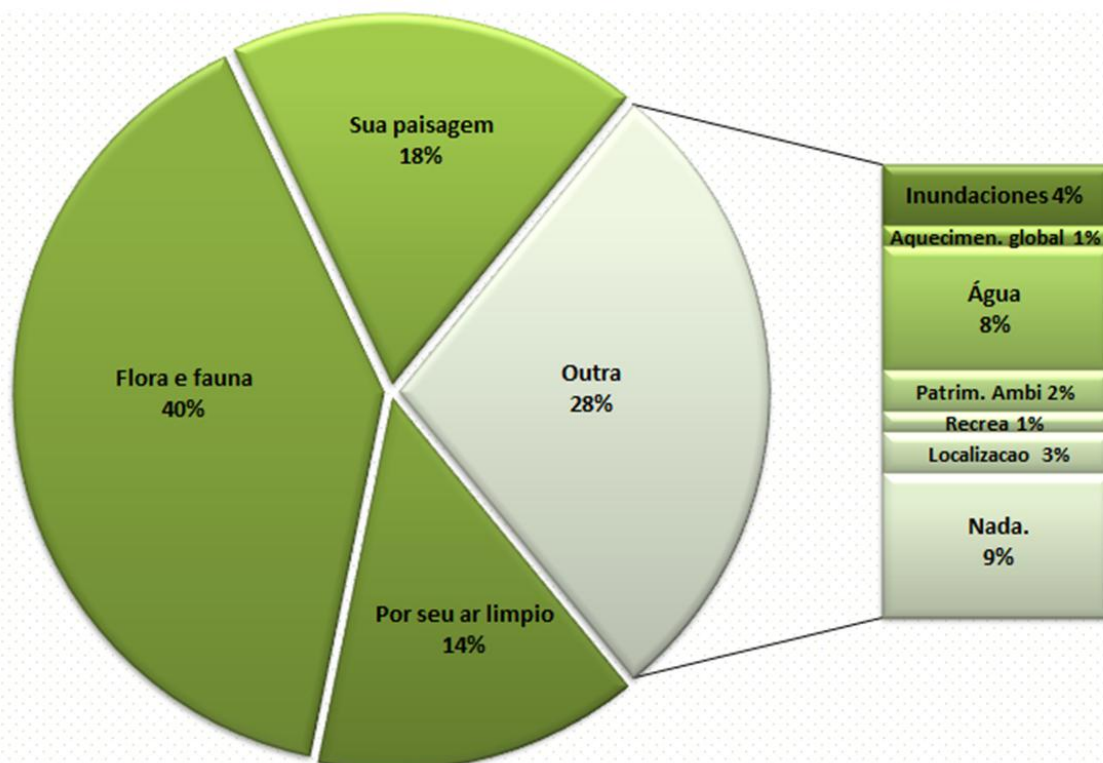


Figura 7-22 Aspectos positivos do Banhado. Fonte: Elaboração própria

Neste ponto é preciso esclarecer duas opiniões que aparentemente se contradizem. Em primeiro lugar, encontra-se a flora e a fauna. Na primeira parte do questionário, 36 pessoas acham que uma das deficiências do banhado é a falta de flora e fauna, e agora escrevem que esta é um dos aspectos positivos. O que sucede é que apesar de ser tão escassas, as pessoas que trabalham com o banhado são conscientes que muito lentamente se está recuperando, isto é, o pouco que há se conseguiu com muito esforço.

Em segunda instância, o terceiro item com mais votação com respeito aos aspectos positivos do banhado é a correspondente a considerá-lo como um pulmão para a cidade. Das 60 pessoas que contestaram o questionário, 18 dizem que o ar deste banhado é bom ou excelente, enquanto neste ponto, 23.3 pessoas respondem

que é um pulmão para Fontibón, o qual indica que a diferença não é muita, ademais vale realçar que Fontibón é das localidades com menos hectares de parques públicos, pelo que se se intervém uma vez mais o banhado, a localidade como tal teria uma grande perda.

Também nos questionários começam a aparecer três itens interessantes, nos que se aprecia o banhado como um ecossistema estratégico, e estes consistem em que ajudam à região a minorar as inundações, o aquecimento global e pela água que possui.

Quanto aos aspectos negativos que apresenta o banhado e que produzem sentimentos de topofobia para este (Figura 7.23), são principalmente, a contaminação, produto das indústrias que se encontram a sua ao redor, ao grande número de automóveis que passam por seus quatro pontos cardinais, porque está rodeado por grandes avenidas, as conexões erradas e o aeroporto que se encontra em suas cercanias.

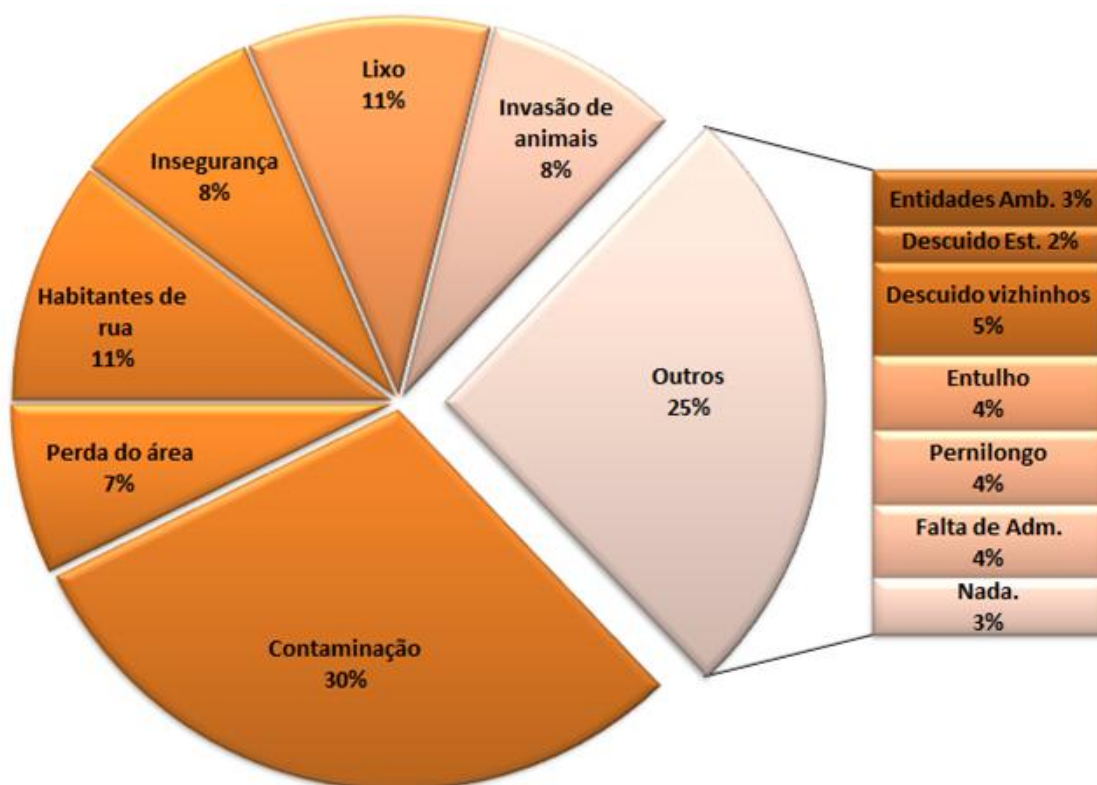


Figura 7-23 Aspectos negativos do Banhado. Fonte: Elaboração própria

Assim mesmo outros aspectos negativos são os habitantes da rua, os lixos,



a insegurança e a invasão de animais alheios ao banhado como vacas, cães, porcos e ratas, produzindo em si sentimento de insegurança ao visitar a área úmida Capellanía.

### 7.2.2 RELAÇÃO COM A ÁREA ÚMIDA CAPELLANÍA

A segunda parte do questionário faz referência à relação que os interrogados têm com o banhado. Em uma primeira instância, o banhado aparece como um ponto de reunião para as pessoas próximas de Capellanía, já que a exceção de um mínimo de interrogados que não se relaciona diretamente com este lugar (Figura 7.24), o resto de pessoas vai ao banhado por eventos ambientais, a praticar desportos, e a se reunir com amigos e vizinhos, tornando-se um ponto estratégico que convoca à comunidade.

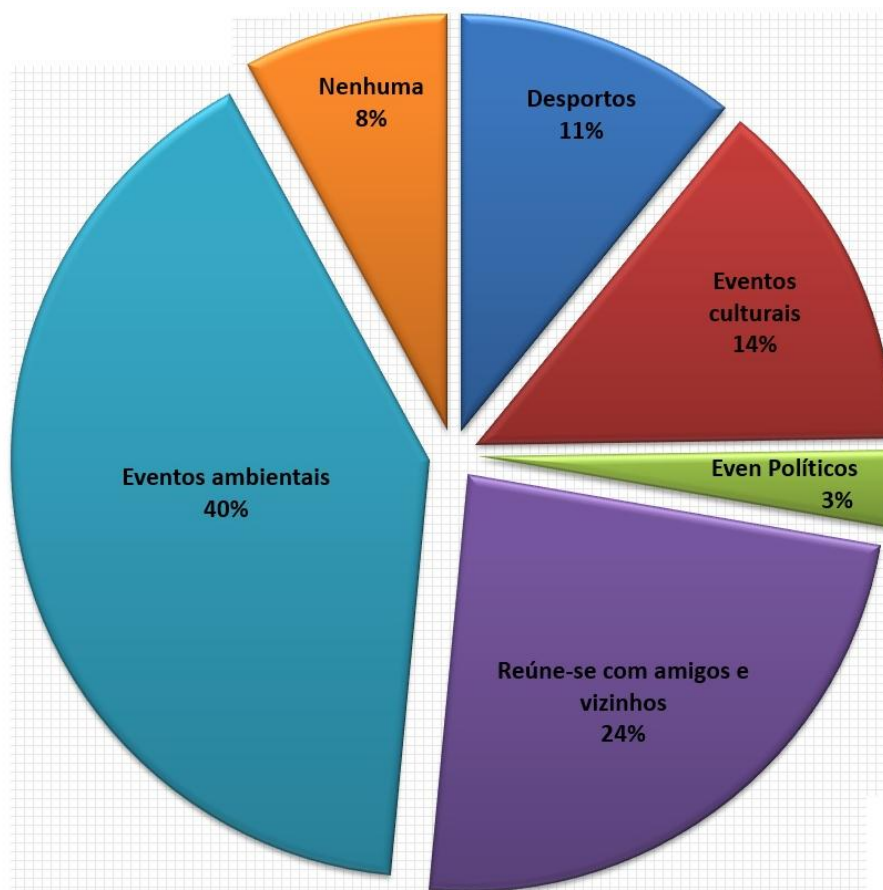


Figura 7-24 Atividades que realiza no Banhado. Fonte: Elaboração própria

À pergunta sobre as situações negativas para o banhado (Figura 7.25), a

que mais preocupa aos interrogados é a perda da área total de Capellanía, principalmente pela próxima intervenção urbana que têm planejada a Prefeitura Mayor de Bogotá, com a construção do *Autopista Longitudinal de Occidente, ALO*.

Muito relacionada com esta, se encontra a perda da flora e fauna do banhado, que como já se disse anteriormente, está em uma situação muito delicada pela alta contaminação auditiva que se apresenta no setor. Além destas, se encontra a grande quantidade de lixos que são depositadas dentro do banhado, principalmente porque em muitas ocasiões se convertem em recheados para construir urbanizações que “roubam” os terrenos próprios do banhado.

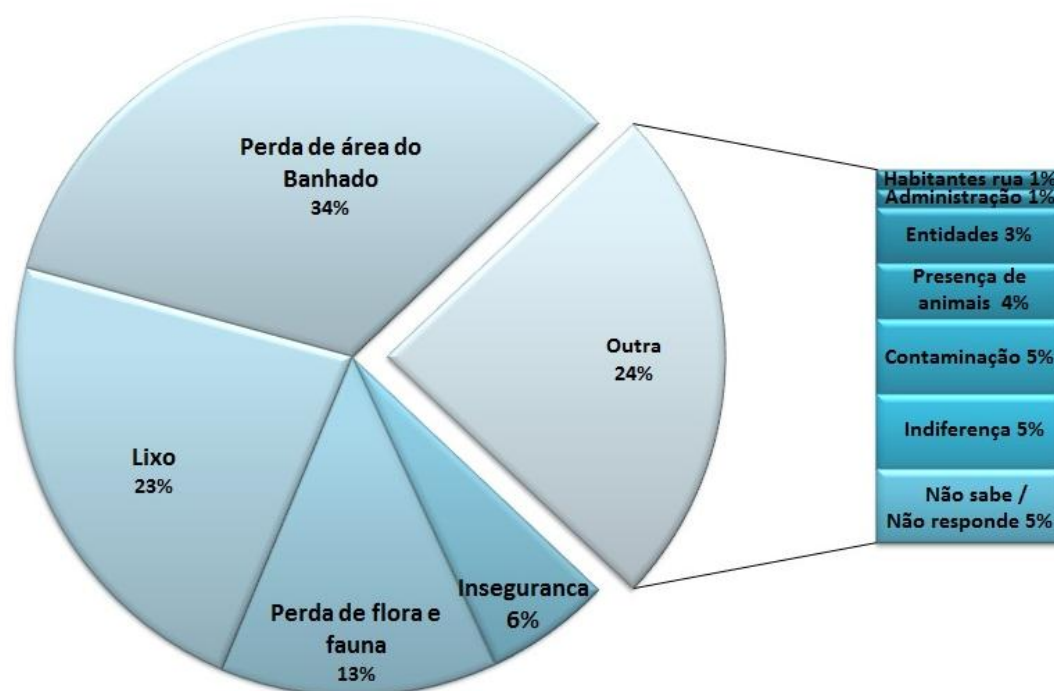


Figura 7-25 Situações negativas para o Banhado. Fonte: Elaboração própria

Ante estas situações a comunidade começou-se a sensibilizar e a tomar ações ante estes fatos que vão na contramão do ecossistema. Isto se representa na pergunta sobre como reage ante estes fatos negativos (Figura 7.26). Somente o 14% da gente interrogada é indiferente ou não reage ante estes fatos. O resto da comunidade faz algo. É bem como o 25% diz que somente a recusa, o 19% já toma ações concretas e denuncia os fatos negativos que se estejam realizando dentro do banhado, ou em imediações a ele. O 32% das respostas indicam que a primeira opção é educar aos infratores e trabalhar no banhado. Por último, só 10% acham que a melhor maneira de reagir é por mérito das ações de fato, já sejam individuais,

impedindo a ação, 5%, ou organizando marchas outros 5%.

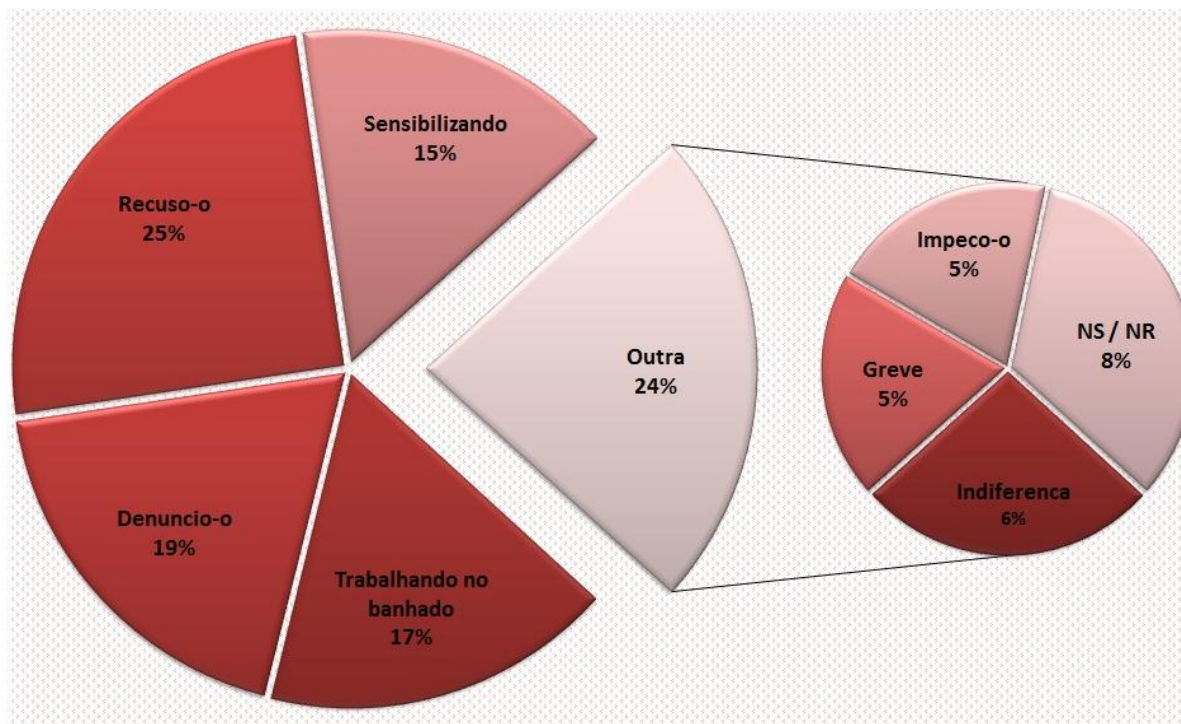


Figura 7-26 Reações ante as ações negativas na contramão do Banhado. Fonte: Elaboração própria

À pergunta de como mudar ou proteger ao banhado ante estas situações que o afetam (Figura 7.27), a maioria das pessoas coincidem em afirmar que a comunidade deve vigiar, educar e trabalhar pelo banhado. Uma percentagem menor considera que a solução é cercar com grades ou colocar qualquer tipo de barreira que impeça o livre trânsito para o banhado. Por último, encontram-se ademais, um grupo de pessoas que consideram que a responsabilidade recai unicamente nos entes estatais.

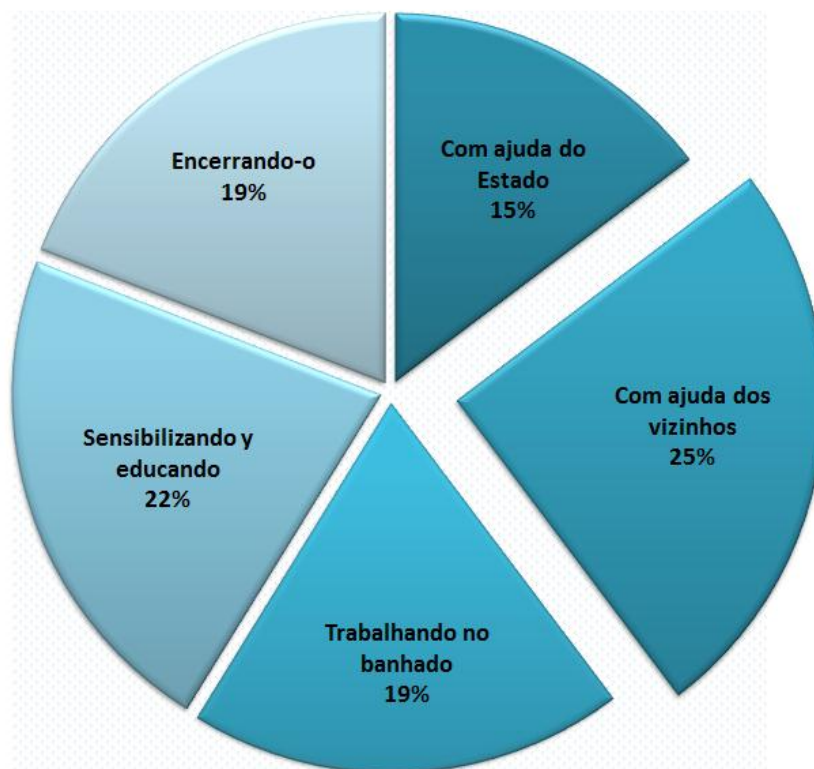


Figura 7-27 Como mudar as atitudes negativas na contramão do Banhado? Fonte: Elaboração própria

Ao questionar às pessoas que resolveram este questionário sobre os compromissos que adquiriam a partir de agora (Figura 7.28), a metade das pessoas se comprometeram a trabalhar pelo banhado, alguns educando e sensibilizando a familiares, vizinhos e amigos sobre os benefícios que o este ecossistema presta à comunidade de Fontibón. Outros, participando em campanhas ecológicas que se criassem desde a mesa ambiental ou as diferentes ONGs que existem na localidade.

Aproximadamente um quarto das pessoas que participaram no questionário considerou que era parte do problema e não da solução, pelo que assumem dar um primeiro passo na conservação de Capellanía, e este consiste em mudar sua atitude ante a natureza, um primeiro passo de grande importância para a reabilitação não só deste ecossistema, senão de todos os banhados que se encontram na capital.

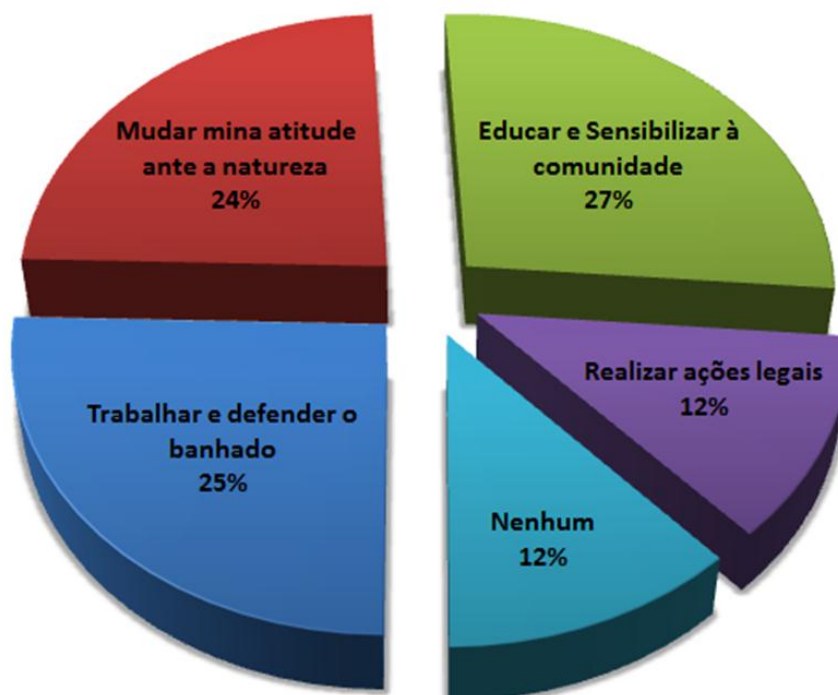


Figura 7-28 Compromissos que assume a comunidade em defesa do Banhado Capellanía.  
Fonte: Fonte: Elaboração própria

### 7.3 CARTOGRAFÍA PARTICIPATIVA

Para a realização desta atividade, cada pessoa recebeu os úteis escolares necessários para fazer os respectivos mapas. A cada participante desenhou o banhado Capellanía mostrando os espaços agradáveis, e desagradáveis que ele ou ela considerem apropriados. Seus limites e as coisas que mais lhe chamavam a atenção dele.

Ao começar o exercício explicou-se claramente que no mapa, se colorisse com vermelho as ações, espaços ou objetos que não gostassem ou parecessem negativas do banhado. Assim mesmo, se colorisse com cor verde as ações, espaços ou objetos que gostassem ou parecessem positivas do ou para o banhado.

Ao revisar os mapas, as coisas que mais se repetem neles são a cerca, edifícios em, ou bem perto ao banhado, vegetação de grande tamanho, e avenidas que se encontram dividindo a área úmida. Coisa significativa que aparece nos desenhos dos meninos, é que quando aparece um homem ou mulher no banhado está danificando de alguma forma.

Há coisas que não aparecem nos desenhos e que são de relevância



analisar. Uma delas é a falta de animais na maioria dos gráficos, isto demonstra um dos problemas graves de Capellanía, e é a pouca fauna que existe nele. Outro aspecto é a falta de corpos de água dentro do banhado. Só em muito poucos mapas se apreciam e estes são os realizados por pessoas da mesa ambiental, os quais conhecem este habitat desde faz muito tempo.

Tendo em conta a regra da cor vermelha e a cor verde, obteve-se como resultado que o aspecto que mais gosta do banhado é a flora e a fauna do banhado (Figuras 7.29; 7.30; 7.31; 7.32 e 7.33). Em segundo lugar, encontra-se o banhado visto e apreciado como um todo (Figura 7.34). Um terceiro aspecto positivo são os labores de conservação que está levando a cabo a *Empresa de Acueducto e Alcantarillado de Bogotá* (Figura 7.30 e 7.33).



Figura7-29 Homem despejando lixo. Fonte: Atividade realizada pelo autor.

Quanto aos aspectos negativos descritos nos mapas, aprecia-se em primeiro lugar, a perto que rodeia ao banhado (Figura 7.29; 7.30 e 7.31). É necessário anotar que para muitas pessoas de maior idade, uma das coisas que considera urgente para a proteção do banhado é a presença de uma malha que o encerre e não permita a entrada de pessoas não desejadas, que na maioria de casos são vistos como provocadores de insegurança, mas para os meninos, esta malha lhes impede o livre acesso a Capellanía.

O segundo aspecto negativo que se apresenta é a construção de edifícios nos arredores do banhado, diminuindo a área total deste ecossistema, contaminando com suas águas e acabando com o equilíbrio hídrico da zona (Figura



7.29; 7.31 y 7.33). O terceiro e quarto posto ocupam-no respectivamente, os lixos localizados nos arredores e dentro do banhado (Figuras 7.29; 7.30; 7.32 y 7.33), e a pressão das avenidas ALO, a Avenida da Esperança e a Avenida Cidade de Cali sobre o banhado Capellanía (Figura 7.34).

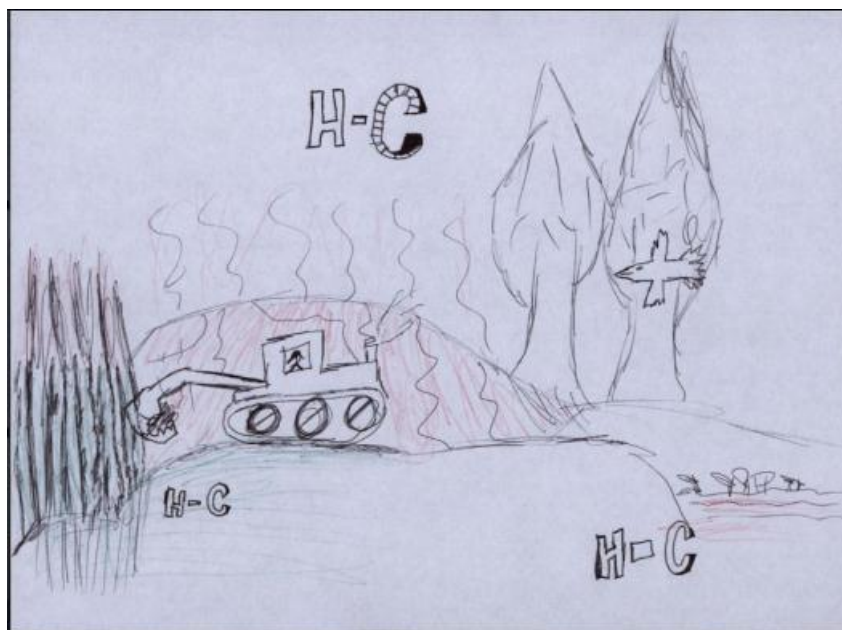


Figura7-30 Maquinaria da Empresa de Acueducto e Alcantarillado de Bogotá intervindo o banhado. Fonte: Atividade realizada pelo autor.



Figura 7-31 Fauna e flora do banhado. Fonte: Atividade realizada pelo autor.



Figura 7-32 Cerca como aspecto negativo do banhado. Fonte: Atividade realizada pelo autor.



Figura 7-33 Construção de edifícios ao redor do banhado. Fonte: Atividade realizada pelo autor.

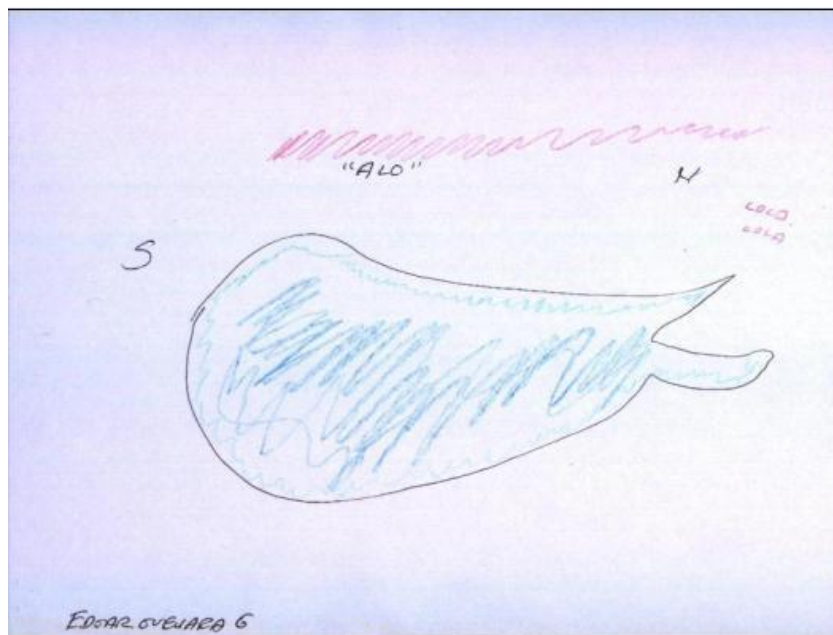


Figura 7-34 O Autopista Longitudinal de Occidente como fator de risco para os corpos de água.  
Fonte: Atividade realizada pelo autor.

Por último aparecem os canais próximos, as conexões erradas, a vegetação alta, e a contaminação em general (Figura 7.35). O último item registrado nos desenhos é o da presença de pernilongos.

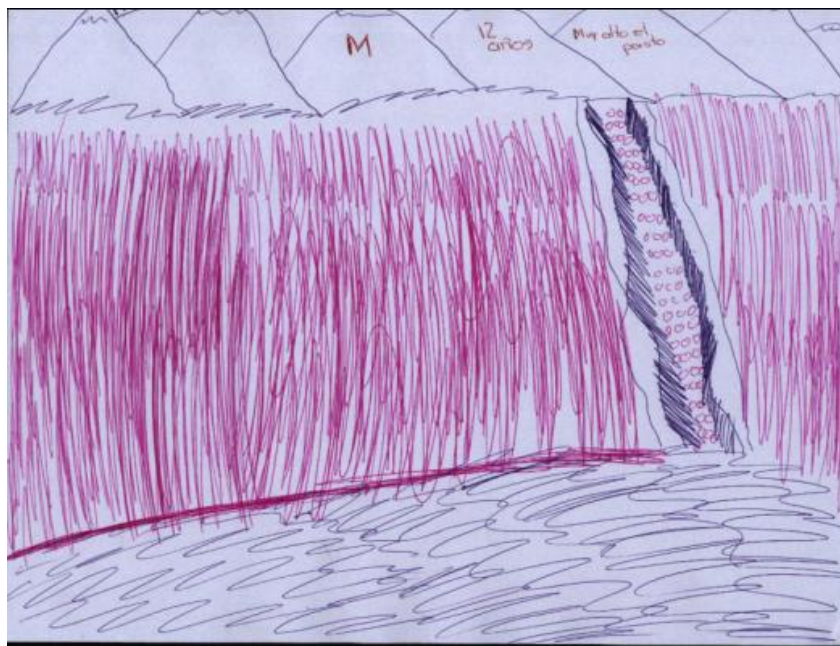


Figura 7-35 Vegetação alta. Fonte: Atividade realizada pelo autor.

## 7.4 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

Esta metodologia de investigação procura encontrar as percepções e imagens mentais que influenciam o comportamento das pessoas com o ambiente em o que se desenvolvem e examinar assim a conduta que apresentam ao se relacionar com um paisagem em particular, para este caso, o banhado Capellanía.

Realizaram-se um total de 8 entrevistas em profundidade seguindo a metodologia proposta. Examinam-se dois aspetos principalmente: em primeira instância aqueles que causam sentimentos de topofilia (sentimentos de alegria e gosto com respeito à paisagem); em segunda instância aqueles que causam topofobia (sentimentos de medo e angústia com respeito à paisagem).

Com respeito aos primeiros, os sentimentos que causam topofilia, se encontro que o que mais gosta deste Banhado é que é um símbolo da natureza pura, um dos poucos que se pode encontrar em a cidade de Bogotá. Em segunda instância, a paisagem que se pode apreciar e em terceira instância que é um lugar ao que todas as pessoas podem aceder, sem distinção de raça, género, idade, credo ou status económico (Figura 7.36).

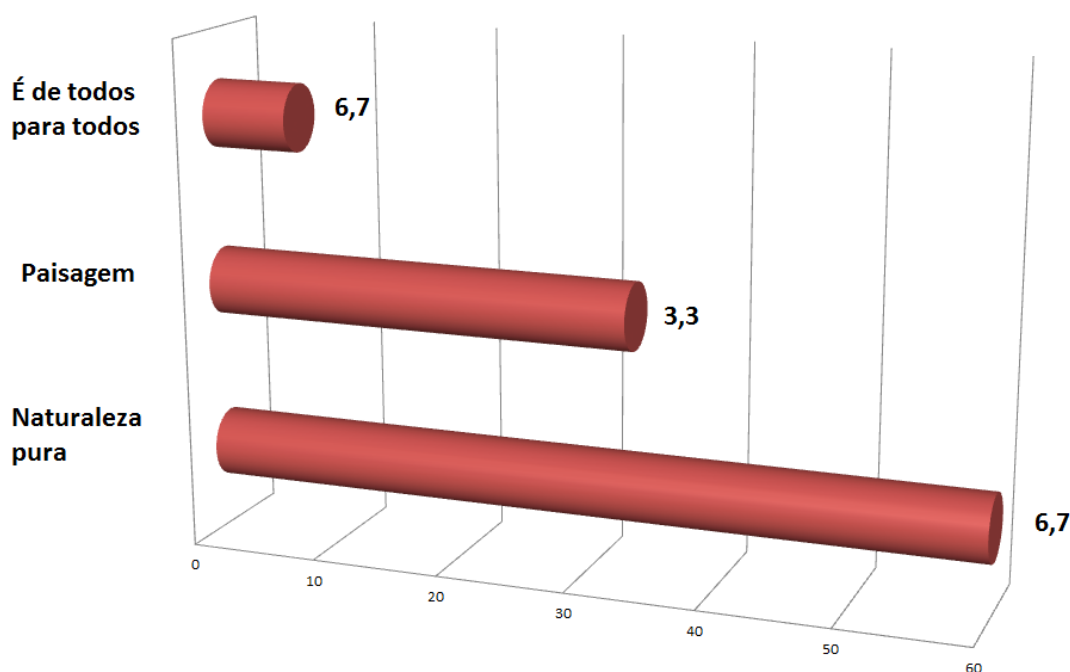


Figura 7-36 Resultados obtidos ao indagar sobre os aspectos que causam sentimentos de topofilia para o banhado Capellanía



Em quanto aos sentimentos que causam topofobia, se encontro que o principal fator que a causa é a insegurança que as pessoas sentem ao estar em, perto ou em os arredores deste lugar. Este sentimento deve-se aos habitantes de rua que em algumas ocasiões dormem dentro dele, cães ferais e em algumas ocasiões porque há sido um foco de venda de droga e alucinógenos, ainda que este último fator está controlado quase em seu totalidade.

Em segunda instância, encontra-se a sujeira que se encontra dentro dele bem como em os arredores e por último os pernilongos e mosquitos que se encontram em este ecossistema. Uma coisa de grande importância que se encontro em as entrevistas realizadas, é que para um terço dos entrevistados, o banhado Capellanía não apresenta nenhum sentimento que provoque aversão, medo ou tristeza para ele (Figura 7.37).

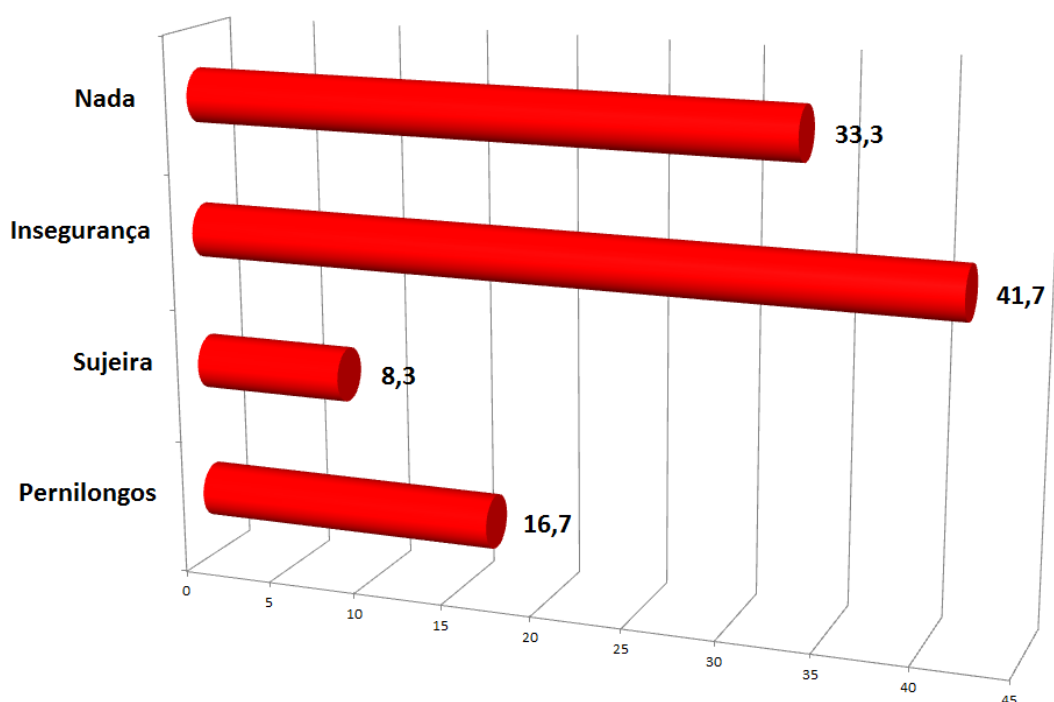


Figura 7.37. Resultados obtidos ao pesquisar as características que produzem sentimentos de topofobia para o banhado Capellanía.

Em general, ao examiná-las pode ser apreciado que as pessoas que trabalham pelo banhado Capellanía o fazem principalmente pelo amor que sentem para ele. Alguns o fazem por compromisso com a natureza, que em Fontibón, está representada por este ecossistema.



Também o protegem porque é um sistema estratégico para a localidade, e para a capital, mas principalmente para Fontibón. Percebem-no como um contêiner de vida que há que proteger, não só porque representam o verde da natureza que se está desvanecendo nas cidades, senão ademais porque é uma espécie de presente de Deus.

Por último, trabalham pelo banhado para melhorar a qualidade paisagística da zona, de seu território, recordando novamente que Fontibón é das localidades da capital que menos zonas verdes têm. Qualquer hectare que se perca é uma perda imensa para a gente do setor. É por isso que apesar de estar de acordo com o desenvolvimento da cidade e de sua localidade, clamam por intervenções urbanísticas que sejam ambientalmente amigáveis e que preservem e valorizem a riqueza natural que representa o Banhado Capellanía.

A causa principal que produz topofobia aos vizinhos do lugar, definitivamente é a insegurança em certos pontos do banhado, mas já se estão fazendo campanhas com a comunidade e as autoridades apropriadas para atacar este flagelo.

## **Capítulo 8. Conclusões**

---

Através da história, e de acordo aos resultados obtidos nesta investigação, a percepção da comunidade com respeito aos banhados tem flutuou em duas direções: em uma primeira instância, na época pré-hispânica, consideravam-se lugares sagrados, pelo qual a interação que se dava entre a comunidade e este ecossistema faziam parte do mítico sagrado, motivo para protegê-los e os cuidar.

Eles eram parte principal da cosmogonia própria da cultura muisca. Nos corpos de água nascia-se e morria-se; faziam-se homens ou mulheres; fortaleciam-se laços sociais e míticos religiosos.

Em uma segunda instância, a partir da chegada dos espanhóis à Sabana de Bogotá, os banhados converteram-se lugares com um alto ônus simbólico negativa. Desde o começo converteram-se nos grandes obstáculos para o progresso da capital. Estas extensões de água e terra úmida, de acordo aos espanhóis e fazendeiros desta região, não permitiam aproveitar toda a terra que se encontrava na Sabana, porque em grande parte do ano se encontravam inundadas, motivo ademais que entorpeciam o livre trânsito de produtos desde ou para Bogotá.

À medida que decorreu o tempo, a estas percepções agregaram-lhe a de ser focos de contaminação, mau cheiro, doenças e insegurança, percepções que deram como resultado o desejo generalizado de acabar com estes ecossistemas “pelo bem dos cidadãos que se encontravam para perto de eles”. É bem como desde a conquista espanhola, começaram-se a drenar os banhados, principalmente por médio de construções como canais, e a incorporação de espécies vegetais como o eucalipto, que têm a capacidade de absorver grandes quantidades de água durante sua vida natural.

Na primeira década do século XXI, ainda que a comunidade continue apresentando uma percepção negativa com respeito ao banhado, esta não está generalizada a todo o ecossistema, senão a pontos específicos que os vizinhos já detectaram e estão enfrentando. O principal motivo desta reação é a educação ambiental que se está dando nas instituições formais de educação, tornando-se visível a importância dos banhados para Bogotá.

Com base neste conhecimento está-se gestando um movimento que está os

protegendo, os cuidando e tomando ações para preservá-los. Neste ponto, estão-se acordando nas diferentes pessoas que se relacionam de alguma forma com o banhado Capellanía, afeto, carinho e em muitas ocasiões, amor para ele, motivados já seja pela consciência ambiental que algumas pessoas possuem ou por motivos espirituais, como na atualidade muitas pessoas há uma correlação entre o natural e o divino, criando relações de topofilia para este lugar (Yi Fu Tuan, 2007).

De acordo às entrevistas, questionários e a cartografia participativa realizada para este trabalho, a comunidade considera que os aspectos negativos que o banhado apresenta são a contaminação, os habitantes de rua, o lixo, a insegurança, a invasão de animais ao banhado e a perda de área contínua que apresenta este ecossistema pela construção de vias e urbanizações dentro de sua área natural. Outros aspectos negativos são o descuido de entidades oficiais, é descuido do Estado, o descuido dos vizinhos, os escombros, os pernalongos e a falta de administração.

Estes aspectos negativos podem ser divididos em três grupos assim: em uma primeira instância encontram-se aqueles relacionados com a contaminação. Esta é produzida pelos automóveis que circundam o Banhado Capellanía nas grandes avenidas que o rodeiam: a Avenida Cidade de Cali, a Avenida da Ferrovia e a Avenida da Esperança. A isto se soma que para perto de este ecossistema se localizaram empresas como Coca-Cola, Kokorico, além de adegas e as oficinas de Transmilenio. Uma delas, Coca-Cola foi sancionada, por, aparentemente, verter águas contaminadas ao banhado.

Além do anterior, aprecia-se contaminação auditiva pelo grande ruído que produzem os aviões que decolam e aterrissam no aeroporto Eldorado. A isto há que lhe somar as conexões erradas que ainda existem, o lixo e os escombros que vizinhos e carreteiros arrojaram em pontos estratégicos do banhado. Ante esta situação, é fácil dar-se conta que este é o primeiro aspecto negativo a solucionar.

Um segundo grupo, corresponde à percepção de insegurança que a comunidade sente neste lugar e que se aprecia claramente na figura 7.20, na qual o 80 % das pessoas se sentem inseguras em e os arredores do banhado. Esta situação dá-se pela solidão no banhado, a falta de presença de autoridades nos arredores deste, e a presença de habitantes da rua dentro do ecossistema. Também porque em algumas ocasiões o tomam como centro estratégico para a venda de droga e alucinógenos.

Ao terceiro grupo de aspectos negativos do banhado corresponde a perda de área contínua deste, característica que se relaciona diretamente com o descuido e a falta de compromisso do Estado e Entidades ambientais que deveriam estar pendentes e ao tanto da problemática deste ecossistema, mas para uns e outros prevalece a noção de desenvolvimento e progresso acima da natureza.

Quanto aos pontos positivos, apreciam-se dois principalmente: o primeiro relacionado com as características próprias de um ecossistema estratégico como este, representado na flora e a fauna que possui o ser um pulmão natural para a cidade e a localidade de Fontibón, sua água, e as propriedades que tem para mitigar o aquecimento global e as inundações, que são muito conhecidas ao ocidente da cidade por se encontrar tão perto do rio Bogotá.

O segundo ponto, já faz parte do subjetivo, e é o relacionado com as características paisagísticas que tem. Por ser uma área verde, acalmada, presta-se para fazer recreação passiva e afastar do ruído e o estresse próprio da cidade, estando na cidade.

Quanto aos compromissos que a comunidade assume com o banhado, estes podem ser divididos em quatro direções diferentes, mas muito relacionadas: um primeiro aspecto faz referência à responsabilidade pessoal do cada indivíduo, em uma clara atitude de reflexão ante as ações pessoais como participe no problema e não na solução.

O segundo e terceiro aspectos, relacionam-se com a educação e a proteção do banhado por médio de ações grupais, em busca de uma mudança cultural significativo que leve a uma mudança generalizada nos comportamentos da sociedade atual. O quarto aspecto toma em conta as ações legais, ações que vão desde pedidos como indivíduo, ou pedidos como comunidade, em relação com a proteção da natureza. Este é um claro exemplo de interação das três partes que, para este pesquisador, fazem, criam e conformam o ambiente.

Para finalizar, pode ser afirmado que ainda que a percepção negativa da comunidade permaneça em grande parte, já se está consolidando uma força que se move em direção à conservação e proteção dos banhados, uma força em franca oposição que preferia destruir o natural para criar grandes moles de concreto em prol do desenvolvimento e da prosperidade.

Com este trabalho conclui-se que ainda que o Banhado Capellanía apresenta vários pontos negativos, sim há um sentimento profundo de amor e

respeito para ele, há uma relação de topofilia da comunidade com este ecossistema e que a apropriação de Fontibón com este ecossistema é grande e não vai permitir que se extinga este relicto da natureza na cidade de Bogotá.



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ABRAMO, Pedro. **La Ciudad Caleidoscópica**. Una Visión Heterodoxa de la Economía Urbana. Editorial NETBIBLO. España. 2006
- ACEBEDO, LUIS. **Las Industrias en el Proceso de Expansión de Bogotá Hacia el Occidente**. Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Artes Sede Bogotá. Colección Punto y Aparte. Colombia Mayo de 2006.
- ACNUR, Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los refugiados. **Los Pueblos Indígenas de Colombia en el Umbral del Nuevo Milenio**. Libro Digital, visto en diciembre de 2014 y descargado de [http://bases.cortesaragon.es/bases/NDocumen.nsf/b4e47719711a1d49c12576cd002660cc/e9440f5f7b0a0bedc1257401004033f0/\\$FILE/acnur-consideraciones.pdf](http://bases.cortesaragon.es/bases/NDocumen.nsf/b4e47719711a1d49c12576cd002660cc/e9440f5f7b0a0bedc1257401004033f0/$FILE/acnur-consideraciones.pdf)
- ACOSTA, Olga. Bogotá vista a través del olvido de un objeto de culto. En **Revista de Estudios Sociales**, Número: 11, p. 92-97 de 2002. Visto en <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2793700> en noviembre de 2013.
- ADESSA (Asociación para el Desarrollo Social y Ambiental); Empresa de Acueducto y Alcantarillado de Bogotá ESP. **Plan de Manejo Ambiental Humedal Jaboque**. Bogotá Colombia 2006. Visto en <http://ambientebogota.gov.co/documents/10157/2316609/Diagn%C3%B3stico+PMA+Humedal+Jaboque+06-13.pdf> Noviembre 2014.
- ALCALDÍA LOCAL DE FONTIBÓN. FONDO DE DESARROLLO LOCAL. BOGOTÁ POSITIVA. CORPORACIÓN INTEYMA. **Fontibón, Patrimonio Cultural Vivo. Ayer, Hoy y Siempre**. Bogotá D. C. Colombia, Junio de 2008.
- ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DEL MEDIO AMBIENTE DAMA. **Política de Humedales del Distrito Capital. DAMA**, Bogotá, D.C., Colombia. Enero de 2006.
- ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ D. C.; ALCALDÍA LOCAL DE FONTIBÓN. **Plan Ambiental Local de Fontibón**. Bogotá Humana – Fontibón, Diálogo Social y Concertación Hacia una Localidad más Humana. Bogotá 2012. Visto en Diciembre de 2014, en:

- <http://www.ambientebogota.gov.co/documents/10157/2883163/PAL+Fontib%C3%B3n+2013-2016.pdf>
- ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. SECRETARÍA DISTRITAL DE AMBIENTE, SDA.  
 \_\_\_\_\_ **Plan de Manejo Humedal de Capellanía**, 2009.  
 \_\_\_\_\_ **Protocolo de Recuperación y Rehabilitación Ecológica de Humedales en Centros Urbanos**. Impreso en Colombia. Primera Edición Octubre de 2008.
  - ÁNGEL, Augusto.  
 \_\_\_\_\_ **La Diosa Némesis. Desarrollo Sostenible o Cambio Cultural**. Universidad Autónoma de Occidente. Volumen 2 Cali Colombia 2003.  
 \_\_\_\_\_ **El Retorno de Ícaro. La Razón de la Vida. Muerte y Vida da la Filosofía. Una Propuesta Ambiental**. ASOCARES / IDCA / PNUMA / UNDP. 2002  
 \_\_\_\_\_ **Cultura y Medio Ambiente. Una Introducción al Estudio del Medio Ambiente**. En **Hábitat, Ambiente y Educación. Fronteras hacia el Progreso**. Memorias 20 Taller Latinoamericano: Educación para la Gestión Local del Medio Ambiente: Organizado por CEHAP y Cofinanciado por OEA, ICETEX, Universidad Nacional de Colombia 1997  
 \_\_\_\_\_ **El Reto de la Vida. Ecosistema y Cultura. Una Introducción al Estudio del Medio Ambiente**. Serie: Construyendo el Futuro No 4. ECOFONDO, Noviembre de 1996.
  - ARGIBAY, Juan. Muestra en Investigación Cuantitativa. Subjetividad y Procesos Cognitivos. En revista **SUBJETIVIDAD Y PROCESOS COGNITIVOS** (en línea) Universidad de Ciencias Empresariales y sociales, UCES, 13 (1) p. 13-29, 2009. Visto en Diciembre de 2013, en <http://dspace.uces.edu.ar:8180/xmlui/handle/123456789/719>
  - ASTRÁLAGA, Margarita. La Convención de Ramsar. En **Manejo de Humedales; Memorias Curso de Entrenamiento**. Ministerio del Medio Ambiente, 2002
  - BARRERA-LOBATON Myriam. **Chainging Landscape of Scheiner Creek**

- Deiring the 20o Century.** Chapter 2. Literature Review. Doctoral Disertation Wilfrid Lauriel University. (2010)
- BERMÚDEZ, Olga María. Representaciones Sociales y Mapas Mentales del Campus Universitario. Primera Etapa Facultad de Artes. En: **Ideas 6. Universidad Nacional de Colombia.** Sede Bogotá. IDEA Instituto de Estudios Ambientales UN. 2005
  - BERMÚDEZ, Susy. URBANO, Diana. Los espacios en los hogares de la élite santafereña en el siglo XIX desde una perspectiva de género. En **Revista Historia Crítica.** Número 19. Junio de 2000. Colombia. Departamento de Historia de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de los Andes. Descarga realizada en Diciembre de 2013, del sitio: [http://oceanodigital.oceano.com/Saber/detalle\\_documento/FqXRF1nirhfpMbgUeUsXLg](http://oceanodigital.oceano.com/Saber/detalle_documento/FqXRF1nirhfpMbgUeUsXLg)
  - BERTRAN, Georges. FROLOVA, Marina. Geografía y Paisaje. En **Tratado de geografía humana,** eds. D. Hiernaux y A. Lindon, 254-272. Barcelona: Anthropos y Universidad Autónoma Metropolitana. 2006
  - BOADA, Martí. TOLEDO, Víctor. **El Planeta, Nuestro Cuerpo. La Ecología, el Ambientalismo y la Crisis de la Modernidad.** Fondo de Cultura Económica 2003.
  - BOTERO, Mario. **Parque Ecológico Humedal Capellanía. La Recuperación de un Ecosistema Urbano.** Proyecto de Grado. Universidad de los Andes. Facultad Arquitectura y Diseño. Departamento de Arquitectura. Bogotá D.C. 2009.
  - BRAND, Peter. Los Usos de la Tierra: Un Concepto Obsoleto. Hacia las Nuevas Relaciones Funcionales y Simbólicas del Urbanismo Ecológico. En **III Encuentro Internacional: Hábitat Colombia. Memorias del Seminario Especializado “A la Búsqueda de Ciudades Sostenibles”** Fundación Hábitat Colombia. 1994
  - CAILLAVET, Chantal. Historia y Agricultura Autóctona en los Andes Ecuatorianos. El Complejo Campos Elevados, en Ecosistemas Diversos (Siglos XV-XVII). En **Agricultura Ancestral. Camellones y Albarradas. Contexto Social, Usos y Retos del Pasado y el Presente.** Coloquio Agricultura Prehispánica Sistemas Basados en el Drenaje y en la Elevación

- de los Suelos Cultivados. Impreso en Quito Ecuador Enero de 2006.
- CANTONI, Nélica. Técnicas de muestreo y determinación del tamaño de la muestra en investigación cuantitativa. En **Revista Argentina de Humanidades y Ciencias Sociales** (en línea). Volumen 7, N° 2 (2009). Vista en [http://www.sai.com.ar/metodologia/rahycs/rahycs\\_v7\\_n2\\_06.htm](http://www.sai.com.ar/metodologia/rahycs/rahycs_v7_n2_06.htm) Dic. de 2013
  - CARDEÑO, Freddy. **Historia del Desarrollo Urbano del Centro de la Ciudad (Localidad de los Mártires)** Alcaldía Mayor de Bogotá. Secretaría Distrital de Cultura, Recreación y Deporte – observatorio de Culturas. Colombia Octubre de 2007.
  - CARREIRA, Ana María. De las perturbadoras y conflictivas relaciones de los bogotanos con sus aguas. **Revista Tabula Rosa**. Número 6, p. 263-285, enero junio de 2007. Bogotá Colombia. Visto en diciembre de 2013 en: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-24892007000100012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-24892007000100012&script=sci_arttext)
  - CARRIZOSA, Julio:
 

\_\_\_\_\_ **Desequilibrios Territoriales y Sostenibilidad Local. Conceptos, Metodologías y Realidades**. Universidad Nacional de Colombia. Instituto de Estudios Ambientales, IDEA. Bogotá 2005.

\_\_\_\_\_ Colombia de lo Imaginario a lo Complejo: Reflexiones y Notas Acerca de Ambiente, Desarrollo y Paz. En: **IDEAS 3**. Universidad Nacional de Colombia Sede Bogotá. IDEA Instituto de Estudios Ambientales U. N. Bogotá 2003

\_\_\_\_\_ Vías de Comunicación y Cobertura Arbórea. En **Naturaleza en Disputa. Ensayos de Historia Ambiental de Colombia 1850-1995**, p. 173-218. Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Derecho, Ciencias Políticas y Sociales. Instituto Colombiano de Antropología e Historia ICANH. UNIBIBLOS Bogotá 2001.
  - CASTAÑO, Jessica. **La Crisis Hipotecaria a Finales de la Década de los Noventa en Colombia**. Proyecto de grado II. Universidad ICESI. Facultad de Ciencias Administrativas y Económicas. Programa de Economía con Énfasis en Políticas Públicas. Dirigida por el Profesor Juan Esteban Carranza

- Romero. Santiago de Cali 29 de Noviembre de 2011. Visto en [https://bibliotecadigital.icesi.edu.co/biblioteca\\_digital/bitstream/10906/67549/1/crisis\\_hipotecaria\\_colombia.pdf](https://bibliotecadigital.icesi.edu.co/biblioteca_digital/bitstream/10906/67549/1/crisis_hipotecaria_colombia.pdf) en Diciembre de 2014.
- CLARK, Mery. Conflictos entre el Estado y las élites locales sobre la educación colombiana durante las décadas de 1820 y 1830 En: **Revista Historia Crítica** Número 34. Junio de 2007. Colombia. Departamento de Historia de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de los Andes. Descarga realizada en diciembre de 2013 de: [http://oceanodigital.oceano.com/Saber/detalle\\_documento/\\_FqXRF1nirhfpMbgUeUsXLg](http://oceanodigital.oceano.com/Saber/detalle_documento/_FqXRF1nirhfpMbgUeUsXLg).
  - CONSERVACIÓN INTERNACIONAL - COLÔMBIA 2008. **Plan de Manejo Ambiental Humedal Capellanía**. Convenio de Cooperación Tecnológica Acueducto de Bogotá – Conservación Internacional – Colombia. Producto Número 9. Julio de 2008.
  - CORBETT, Jon. **Buenas Prácticas en Cartografía Participativa**. Análisis Preparado para el Fondo Internacional de Desarrollo Internacional de Desarrollo Agrícola (FIDA). Universidad de la Columbia Británica Okanagan, Canadá 2009. Visto en [http://www.ifad.org/pub/map/pm\\_web\\_s.pdf](http://www.ifad.org/pub/map/pm_web_s.pdf) en Agosto de 2014
  - CORRÊA DA SILVA, Armando. A Aparência, o Ser e a Forma (Geografia e Método). **GEOgraphia**, Ano II N° 3 p. 7-25. 2000.
  - CORREA, François  
 \_\_\_\_\_ **Sociedad y Naturaleza en la Mitología Muisca** En: **Colombia Tabula Rasa**. No 3. Enero-Diciembre de 2005. Pág. 197-222. Visto en [http://www.revistatabularasa.org/numero\\_tres/correa.pdf](http://www.revistatabularasa.org/numero_tres/correa.pdf) En Septiembre de 2013  
 \_\_\_\_\_ **El Sol del Poder: Simbología y Política entre los Muiscas del Norte de los Andes**. Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas. Departamento de Antropología. Bogotá Colombia. 2004.
  - COSGROVE, Denis.  
 \_\_\_\_\_ **Observando la Naturaleza: El Paisaje y el Sentido**

**Europeo de la Vista.** Universidad de California, Los Ángeles. Boletín de la A.G.E. N° 34 2002, págs. 63-89. Descarga de <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=660033> en diciembre de 2013.

\_\_\_\_\_ Prospect, Perspective and the Evolution of the Landscape Idea **Transactions of the Institute of British Geographers**, New Series, Vol. 10, No. 1 (1985), pp. 45-62 Published by: Blackwell Publishing on behalf of The Royal Geographical Society (with the Institute of British Geographers) Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/622249> Accessed: 12/12/2013 15:41. Traducción del autor.

- DAMA Política de Humedales del Distrito Capital de Bogotá: plan estratégico para su restauración, conservación y manejo. Bogotá D.C., mayo de 2004.
- DELGADO, Juan. **La Construcción Social del Paisaje de la Sabana de Bogotá 1880 – 1890.** Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, Departamento de Historia. Monografía para Optar al Título de Magíster en Historia. Universidad Nacional de Colombia, sede Bogotá, Febrero de 2010.
- DELGADO, Ovidio. **Debates Sobre el Espacio en la Geografía Contemporánea.** Universidad Nacional de Colombia. Red de Estudios de Espacio y Territorio, RET. UNIBIBLOS. Bogotá Colombia. 2003
- DIAZ CRUZ, Nathaly. Las “Abuelas de Piedra” de los Muisca. En **Talleres de Crónica. Memorias del Agua en Bogotá. Antología.** p. 37-43. Editora, Maryluz Vallejo, Facultad de Comunicación y Lenguaje Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá Colombia 2011.
- DÍAZ-FORERO, Pilar. Influencia de los Patrones de Ocupación y Urbanización del Territorio en la Deseccación del Suelo en la Sabana de Bogotá. En **Revista Nodo**, N° 15, Vol. 8, año 8, p. 97-117, Julio-Diciembre de 2013. Visto en <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4701592> en diciembre de 2014
- ECHEVERRÍA, María. Habitar, Poblar, Urbanizar y Territorializar el Discurso Ambiental. ¿Lo Urbano / Ambiental y lo Ambiental / Urbano? En **Hábitat, Ambiente y Educación. Fronteras hacia el Progreso.** Memorias 20 Taller



Latinoamericano: Educación para la Gestión Local del Medio Ambiente: Organizado por CEHAP y Cofinanciado por OEA, ICETEX, Universidad Nacional de Colombia. 1997

- EMBRAPA. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Embrapa Solos; p. 367; 2009.

- ESTÉBANEZ, José.

\_\_\_\_\_ La dimensión espacial en el estudio de la ciudad En: **Anales de Geografía de la Universidad Complutense**, ISSN 0211-9803, Nº 12, 1992, págs. 63-72. Visto en Agosto de 2013, en <http://www.ucm.es/BUCM/revistas/ghi/02119803/articulos/>

\_\_\_\_\_ **Tendencias y Problemática Actual de la Geografía**. Cuadernos de Estudio. Número 1. Serie Geografía. Editorial Cincel, S.A. Madrid 1982.

\_\_\_\_\_ La Geografía Humanística. En **Anales de Geografía de la Universidad Complutense**. ISSN 0211-9803, Nº 2, 1982, págs. 11-31. 1982. Visto en <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=86164> Agosto de 2013

\_\_\_\_\_ Problemas de interpretación y Valoración de los Mapas Mentales En: **Anales de geografía de la Universidad Complutense**, ISSN 0211-9803, Nº 1, 1981, págs. 15-40 Visto en <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo> Agosto de 2011 Agosto de 2013

\_\_\_\_\_ Consideraciones sobre la Geografía de la Percepción En **Paralelo 37**, ISSN 0210-3796 Nº. 3, 1979, págs. 5-22. Visto en <http://dialnet.unirioja.es/servlet/busquedadoc?t> Agosto de 2013

- FERNÁNDEZ CHRISTLIEB, F.

\_\_\_\_\_; GARZA, Gustavo. La pintura geográfica en el siglo XVI y su relación con una propuesta actual de la definición de paisaje. **Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales Universidad de Barcelona**. V. 10, n.º 218: (69). Agosto de 2006. Vista en Diciembre de 2013 en <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-69.htm>

\_\_\_\_\_ Antecedentes para el Estudio Cultural del Paisaje Urbano en la Nueva España del Siglo XVI en **GeoTrópico**, 2 (1) Pág. 10-20, 2004 versión pdf Online: [http://www.geotropico.org/2\\_1\\_F-Fernandez.pdf](http://www.geotropico.org/2_1_F-Fernandez.pdf) Grupo

GEOLAT, 2004 Bogotá D.C. Colombia. Descarga en Diciembre de 2013

- FORERO, Jaime. **Economía y Sociedad Rural en los Andes Colombianos**. IEPRU, Bogotá - Colombia, 1999
- FROLOVA, Marina. Los orígenes de la ciencia del paisaje en la geografía rusa **Scripta Nova: Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, ISSN- e 1138-9788, Nº. 5, 79-104, 2001. Visto en <http://www.ub.edu/geocrit/sn-102.htm> en Diciembre de 2013
- GALOCHET, Marc. El Medio Ambiente en el Pensamiento Geográfico Francés: Fundamentos Epistemológicos y Posiciones Científicas. **Cuadernos Geográficos**, (44) p. 7-28. 2009 Descarga en Diciembre de 2013 de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=17111823001>
- GLACKEN, Clarence. **Huellas en la Playa de Rodas. Naturaleza y Cultura en el Pensamiento Occidental desde la Antigüedad hasta Finales del Siglo XVIII**. Traducción de Juan Carlos García Borrón. España 1996.
- GONZÁLEZ, Diana. Organización Social y Política Muisca: Pueblos de Fontibón y Engativá (1550-1650) En: **Los Muiscas en los Siglos XVI y XVII: Miradas desde la Arqueología, la Antropología y la Historia**, p. 233-256. Universidad de los Andes, Facultad de Ciencias Sociales, Departamento de Historia. Centro de Estudios Socioculturales e Internacionales CESO. Bogotá D.C. Colombia 2008.
- GONZÁLEZ, Elisa. **Percepción y Uso de Espacios Públicos Madrileños**. Memoria para Optar al Grado de Doctor, bajo la Dirección de la Doctora María González. Universidad Complutense de Madrid Facultad de Ciencias Políticas y Sociología. Departamento de Ciencia Política y de Administración (Teorías y Formas Políticas y Geografía Humana) Madrid 2008. Visto en <http://dialnet.unirioja.es/servlet/busquedadoc?t=Percepci%C3%B3n+y+Uso+d e+Espacios+P%C3%BAblicos+Madrile%C3%B1os.&db=1&td=todo> en diciembre de 2013.
- GONZÁLEZ, Juan. Una Aproximación al Estudio de la Transformación Ecológica del Paisaje Rural Colombiano: 1850-1990. En **Naturaleza en Disputa. Ensayos de Historia Ambiental de Colombia 1850-1995**, p. 75-115. Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Derecho, Ciencias

- Políticas y Sociales. Instituto Colombiano de Antropología e Historia ICANH. UNIBIBLOS Bogotá 2001
- GOUSET, Vincent. **Bogotá, Nacimiento de una Metrópoli : la Originalidad del Proceso de Concentración Urbana en Colombia en el Siglo XX.** Tercer Mundo, Bogotá 1998.
  - GRASSI, Ernesto. **Heidegger y el Problema del Humanismo.** Editorial Anthropos. Barcelona, España 2006
  - GUIO, Camilo. PALACIO, Germán. Bogotá: El Tortuoso y Catastrófico (Des) Encuentro entre el Río y la Ciudad. En **Historia Ambiental de Bogotá y la Sabana, 1850-2005.** Pág. 194-249. Universidad Nacional de Colombia Sede Amazonía. Instituto Amazónico de Investigaciones IMANI. Leticia Amazonas, Colombia, Suramérica. Editorial NOMOS. 2008
  - GUTIERREZ, M.; SALINAS, A. **Diseño de un modelo matemático para la determinación de la capacidad de almacenamiento del Humedal de Capellanía.** Bogotá D.C. Tesis de Grado 2005.
  - HARVEY, David. **Urbanismo y Desigualdad Social.** Traducción de Marina González Arenas. Impreso en Closas-Orcoyen, S.L. Madrid España. 1977
  - HENSEL, Franz. Castigo y Orden Social en la América Latina Colonial. El Nuevo Reino de Granada, un Esbozo Preliminar. En **Historia Crítica** No 24. Pág. 141-161. Revista de la Universidad de los Andes. Facultad de Ciencias Sociales Departamento de Historia. Versión en Línea. ISSN 0121-1617. Vista en <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2186459> en Septiembre de 2013.
  - HERNÁNDEZ, Silvia. **Administración Pública y Entrega de Tierras a Pueblos Indígenas en Colombia. Una Referencia Específica: el Caso de Cristiania Municipio de Jardín, departamento de Antioquia.** Tesis Presentada a la Facultad de Jurisprudencia de la Universidad del Rosario para Obtener el Título de Magister en Derecho Administrativo, en la Universidad Colegio Mayor de Nuestra Señora del Rosario. Facultad de Jurisprudencia. Bogotá D.C. 2012. Directora de Tesis: Dra. Beatriz Londoño Toro. Semestre I, 2012. Visto en diciembre de 2014 en: <http://repository.urosario.edu.co/bitstream/handle/10336/2757/33368183-2012.pdf?sequence=1>

- HERNÁNDEZ-GÓMEZ, Alicia; ROJAS-ROBLES, Alicia; SÁNCHEZ-CALDERÓN Fabio. Cambios en el Uso del Suelo Asociados a la Expansión Urbana y la Planeación en el Corregimiento de Pasquilla, Zona Rural de Bogotá (Colombia). En **Cuadernos de Geografía. Revista Colombiana de Geografía**. Vol. 22, n. ° 2, jul.-dic. del 2013. Bogotá, Colombia. p. 257-271. Visto en <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4410582> en diciembre de 2013
- HERRERA ANGEL, Marta.  
 \_\_\_\_\_ Autoridades Indígenas en la Provincia de Santa fe siglo XVIII. En **Revista Colombiana de Antropología**, Vol. XXX, p. 8-35, Bogotá Colombia. 1993. Visto en Diciembre de 2013, en: [http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:3EdbjKBfGTUJ:kt.micrositios.net/action.php%3Fkt\\_path\\_info%3Dktcore.actions.document.view%26fDocumentId%3D16651+&cd=1&hl=es&ct=clnk&gl=co](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:3EdbjKBfGTUJ:kt.micrositios.net/action.php%3Fkt_path_info%3Dktcore.actions.document.view%26fDocumentId%3D16651+&cd=1&hl=es&ct=clnk&gl=co)  
 \_\_\_\_\_ & BONNETT Diana. Ordenamiento Espacial y Territorial Colonial en la “Región Central” Neo Granadina. Siglo XVIII. Las visitas de la tierra como fuente para la historia agraria del siglo XVIII, 2001. Este Texto es la Primera Parte de un Trabajo más Extenso Producido por las Autoras como Resultado de sus Investigaciones Sobre la Necesidad de Estudiar más a Fondo el Problema del Ordenamiento Espacial y Territorial Colonial. Visto en <http://www.acuedi.org/doc/761/ordenamiento-espacial-y-territorial-colonial-en-la-%80%9Cregi%26Atilde%3B%26sup3%3Bn-central%80%9D-neogranadina-siglo-xviii-las-visitas-de-la-tierra-como-fuente-para-la-historia-agraria-del-siglo-xviii-.html> en Diciembre de 2014.
- HERRERA, Yimy; DIAZ, Marta; VARGAS, Piedad; RODAS, Julio; DIAZ, Carlos. **Política de Humedales del Distrito Capital de Bogotá. Plan Estratégico para su Restauración, Conservación y Manejo**. Bogotá D. C., mayo de 2004. Visto en Diciembre de 2014. La descarga fue realizada de: [http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=8&ved=0CD4QFjAH&url=http%3A%2F%2Fsistemamid.com%2Fdownload.php%3Fa%3D6379&ei=VEEkVeCTFoKWgwTzj4DYCw&usq=AFQjCNGzLA0nOg75R1MF6koSXh3jvy\\_Eow](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=8&ved=0CD4QFjAH&url=http%3A%2F%2Fsistemamid.com%2Fdownload.php%3Fa%3D6379&ei=VEEkVeCTFoKWgwTzj4DYCw&usq=AFQjCNGzLA0nOg75R1MF6koSXh3jvy_Eow)
- HOTTOIS, Gilbert. “Cultura Tecnocientífica y Medio Ambiente. La Biodiversidad en el Tecnocosmos.” En **Bioética y Medio Ambiente**. Segunda

Edición Octubre del 2005. Colección Bíos y Ethos. Ediciones el Bosque. ISBN 95896186-1-8. Visto en Agosto de 2011 en:

[http://www.bioeticaunbosque.edu.co/publicaciones/biosyethos/Bios\\_Ethos\\_12.pdf](http://www.bioeticaunbosque.edu.co/publicaciones/biosyethos/Bios_Ethos_12.pdf)

- HUMBOLDT, Alexander von.  
 \_\_\_\_\_ **Cosmos, Ensayo de una Descripción Física del Mundo.** Tomo I. Madrid. Traducido por Francisco Díaz Quintero. 1851 Madrid España. En <http://books.google.com> Descargado en Diciembre de 2013  
 \_\_\_\_\_ **Cosmos, Ensayo de una Descripción Física del Mundo.** Tomo II. 1874. Madrid, España. Traducido por Bernardo Giner y José de Fuentes
- INSTITUTO COLOMBIANO DE CULTURA HISPÁNICA. El Bohío o Casa Comunal. En: **Geografía Humana de Colombia. Nordeste Indígena (Tomo II)** Edición original: Bogotá, Instituto Colombiano de Cultura Hispánica. 2000. En <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/geografia/geograf2/bari4.htm> visto en Diciembre de 2014.
- JARAMILLO, Samuel. **Hacia una Teoría de la Renta del Suelo Urbano.** Ediciones UNIANDES Santafé de Bogotá Colombia. 1994.
- JIMÉNEZ, Luis. **Crecimiento de Bogotá D.C., 1890-1998. Exploración de un Método de Lectura Gráfica para el Desarrollo del Conocimiento de la Ciudad.** Trabajo de Promoción de Profesor Asistente a Profesor Asociado. Universidad Nacional. 2005
- JIMÉNEZ, Yolanda. PORCEL, Laura. Metodología para el Estudio Evolutivo del Paisaje: Aplicación al Espacio Protegido de Sierra Nevada. En **Revista: Cuadernos Geográficos** N° 43 de 2008 (2) p. 151-179. Visto en Diciembre de 2013 en <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=17104308>
- LEFF, Enrique. **La Complejidad Ambiental** Siglo XXI. México D. F. 2000.
- LÓPEZ, Diego. **El Medio Ambiente.** Bogotá Colombia 2001
- LUNA, Antonio. ¿Qué hay de Nuevo en la Nueva Geografía Cultural? En **Documents d'anàlisi geogràfica**, Universitat Pompeu Fabra. Facultat d'Humanitats. Departament d'Humanitats N° 34, 1999, p. 69-80 Barcelona España. Visto en Diciembre de 2013. Descarga de: <http://ddd.uab.cat/pub/dag/02121573n34/02121573n34p69.pdf>
- LYNCH, Kevin. **Administración del Paisaje.** Traducción Cortes Rodrigo.

Grupo editorial Norma. Bogotá. 1992

- MADERUELO, Javier.  
 \_\_\_\_\_ El paisaje Urbano. En **Estudios Geográficos** Vol. 71, Nº 269, 2010, págs. 575-600. Visto en Diciembre de 2013 en: <http://estudiosgeograficos.revistas.csic.es/index.php/estudiosgeograficos/articloe/view/322/322>
- \_\_\_\_\_ El Paisaje: Génesis de un Concepto. **Lecturas. Serie Historia del Arte y de la Arquitectura.** ABADA EDITORES. Madrid España. 2005.
- MALAGÓN, Dimas. El Recurso Suelo en Colombia. Inventario y Problemática. En **Revista Académica Colombiana de Ciencias.** 22 (82), p. 13-52. 1998.
- MARTINEZ, Santiago; R. CASALLAS; M. N. CHIGUASUQUE. **Los Seres del Agua. Memoria, Contaminación Ambiental y Cultura en el Cabildo Indígena Muisca de Bosa.** Hospital Pablo VI Bosa E. S. E. Bogotá D. C. 2007. Visto en <https://www.yumpu.com/es/document/view/14696821/los-seres-del-agua-hospital-pablo-vi-bosa/3> Diciembre de 2014.
- MASMELA, Paula. **El paisaje como elemento de la ordenación territorial. Un análisis de paisaje desde su enfoque visual en el Borde Centro Oriental de Medellín, Colombia.** Trabajo de tesis presentado en cumplimiento de los requisitos para optar al título de magíster en estudios urbano-regionales, Escuela de Planeación Urbano- Regional Facultad de Arquitectura, Universidad Nacional de Colombia, Medellín. 2010
- MENDOZA, Alberto. Evolución Histórica de las Divisiones Político Administrativas de Colombia desde 1509 Hasta Hoy. En Boletín de la Sociedad Geográfica de Colombia, Números 122-123, Volumen 39, 1988-1989. Sociedad Geográfica de Colombia, Academia de Ciencias Geográficas. Visto en [http://www.sogeocol.edu.co/documentos/evol\\_fron.pdf](http://www.sogeocol.edu.co/documentos/evol_fron.pdf) en Diciembre de 2013.
- MENÉNDEZ, Miguel. El Trato al Indio y las Leyes Nuevas: una Aproximación a un Debate del Siglo XVI. En **Revista Tiempo y sociedad** Núm. 1, 2009, p. 23-47. Visto en <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4036739> en Diciembre de 2014



- MINA, Lucía. Estratificación Socioeconómica como Instrumento de Focalización. En **Revista Economía y Desarrollo**, Volumen 3 Número 1, p. 53-67 Marzo de 2004. Visto en <http://www.fuac.edu.co/revista/III/III/tres.pdf> en Diciembre de 2014.
- MIRANDA, Miguel. El Cosmos de Humboldt **Geocrítica. Cuadernos Críticos de Geografía Humana**. Revista Electrónica. Universidad de Barcelona Año II. N° 11 Septiembre de 1977. Descargado de [www.ub.edu/geocrit/geo11.htm](http://www.ub.edu/geocrit/geo11.htm) visto en Diciembre de 2013.
- MONTAÑEZ, Gustavo; ARCILA, Oscar; PACHECO, Juan. **¿Hacia Dónde va la Sabana de Bogotá? Modernización, Conflicto, Ambiente y Sociedad**. Universidad Nacional de Colombia, Centro de Estudios Sociales CES. Servicio Nacional de Aprendizaje SENA, Regional Bogotá Cundinamarca. Santafé de Bogotá, D. C. 1992.
- MONTOYA, Vladimir. El mapa de lo invisible. Silencios y gramática del poder en la cartografía. **Universitas Humanística**, Norteamérica, 63, jun. 2007. Fecha de acceso: 25 jun. 2015. Disponible en: <http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/univhumanistica/article/view/2341>.
- MUÑOZ-BARRERA, Jhon. **Estudio de Sedimentos Hídricos de Cinco Humedales de Bogotá y el Sector de Campo Verde en la Localidad de Bosa**. Empresa de Acueducto de Bogotá. Gerencia Ambiental. Junio de 2006.
- NOGUÉ, Joan.  
 \_\_\_\_\_ El paisaje en la ordenación del territorio. La experiencia del Observatorio del Paisaje de Cataluña. En **Estudios Geográficos** Vol. LXXI, N° 269, p. 415-448. Julio-diciembre 2010. Descarga de <http://estudiosgeograficos.revistas.csic.es/index.php/estudiosgeograficos/articloe/view/317/317> en diciembre de 2013  
 \_\_\_\_\_ & SALA, Pere. El Paisaje en la Ordenación del Territorio. Los Catálogos de Paisaje de Cataluña. En **Cuadernos Geográficos de la Universidad de Granada**, N° 43 (2008-2) (Ejemplar dedicado a: La Convención Europea del Paisaje: desarrollos prácticos), p. 69-98 2008. Descarga realizada en diciembre del 2013 de: [http://dialnet.unirioja.es/buscar/documentos?query=Dismax.DOCUMENTAL\\_T.ODO=joan+noqu%C3%A9+%22el+paisaje+en+la+ordenaci%C3%B3n+del+te](http://dialnet.unirioja.es/buscar/documentos?query=Dismax.DOCUMENTAL_T.ODO=joan+noqu%C3%A9+%22el+paisaje+en+la+ordenaci%C3%B3n+del+te)

[ritorio%22](#)

- OJEDA, Juan. Paisaje y Desarrollo Contemporáneo. Manuscrito No Publicado. **Universidad Pablo de Olavide**. Sevilla, España. 2010
- ORTEGA, Nicolás. Romanticismo, Paisaje y Geografía. Los Relatos de Viajes por España en la Primera Mitad del Siglo XIX en **Revista Ería** N° 49. Pág. 121-128. 1999 Visto en Diciembre de 2013 en <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=34896>
- OSLENDER, U. Espacio, lugar y movimientos sociales: hacia una "espacialidad de resistencia". En **SCRIPTA NOVA. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, Universidad de Barcelona, vol. VI, núm. 115, 1 de junio de 2002. <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-115.htm> [ISSN: 1138-9788]. Descargada en Noviembre de 2014
- OSORIO, Laura.
 

\_\_\_\_\_ **Escuela para la Participación y la Gestión Ambiental Territorial y Local**. Universidad Nacional de Colombia Sede Bogotá. Instituto de Estudios Ambientales IDEA. Alcaldía Mayor de Bogotá. 2009

\_\_\_\_\_ Los Pueblos de Indios Vinculados con las Políticas de Separación Residencial en el Nuevo Reino de Granada. En **Revista Historia Crítica**, N° 27, Enero Junio de 2004, p. 277-298. Universidad de los Andes, Colombia. Visto en <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=81102715> en Diciembre de 2014.
- PALACIO, Germán.
 

\_\_\_\_\_ Urbanismo, Naturaleza y Territorio en la Bogotá Republicana (1810-1910) En: Palacio, Germán (Editor). **Historia Ambiental de Bogotá y la Sabana, 1850-2005**. p. 18-46. Universidad Nacional de Colombia Sede Amazonía. Instituto Amazónico de Investigaciones IMANI. Leticia Amazonas, Colombia, Suramérica. Editorial NOMOS. 2008.

\_\_\_\_\_ ROUILLON, Manuel. La Urbe Modernizada: Elementos para una Historia Ambiental de Bogotá (1920-1980) En **Historia Ambiental de Bogotá y la Sabana, 1850-2005**. p. 124-168. Universidad Nacional de Colombia Sede Amazonía. Instituto Amazónico de Investigaciones IMANI. Leticia Amazonas, Colombia, Suramérica. Editorial NOMOS. 2008.

- PASCUAL, Antonio. Dinámica Reciente de Usos del Suelo en el Continuo Metropolitano de Valencia (1956-1998). En **Cuadernos de Geografía** N° 76. p. 183-202. Valencia 2004. Visto en Diciembre de 2013. En [http://www.uv.es/cuadernosgeo/CG76\\_183\\_202.pdf](http://www.uv.es/cuadernosgeo/CG76_183_202.pdf)
- PEIMBERT, J. Espacio Público, Lugar y Paisaje: Proximidades y Distancias para una Antropología Urbana. En **CONTEXTO**. Revista de la Facultad de Arquitectura de la Universidad Autónoma de Nuevo León. Vol. VIII, N° 8, Marzo de 2014, p. 51-68. Universidad Autónoma de Nuevo León, **Nuevo León México**. Visto en Noviembre de 2014. Descarga de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=353632027004>
- PÉREZ, Alfonso. La Estructura Ecológica Principal de la Sabana de Bogotá. **Disertación en los “Martes del Planetario” Primer Semestre de 2000**. Evento Organizado por la Sociedad Geográfica de Colombia. Págs. 1-37. (2000) en [http://www.sogeocol.edu.co/documentos/est\\_eco.pdf](http://www.sogeocol.edu.co/documentos/est_eco.pdf) acceso en Noviembre de 2013
- PEREZ-RINCÓN, Mario. **Conflictos Ambientales en Colombia: Inventario, Caracterización y Análisis. Estudio para 72 Casos de Injusticia Ambiental**. Instituto CINARA, Cali, Colombia, Abril de 2014. Visto en <http://cinara.univalle.edu.co/archivos/pdf/202.pdf> en Noviembre de 2014.
- PÉRGOLIS, J. C. El deseo de modernidad en la Bogotá republicana. Un ejercicio sobre comunicación y ciudad. **Revista de Arquitectura**, V. 13, p. 4-12. Universidad Católica de Colombia, Facultad de Arquitectura. Bogotá. Enero Diciembre de 2011. Visto en diciembre de 2014 en: [http://portalweb.ucatolica.edu.co/easyWeb2/files/8\\_7097\\_revista-13-004.pdf](http://portalweb.ucatolica.edu.co/easyWeb2/files/8_7097_revista-13-004.pdf)
- PICKENHAYN, Jorge. Semiótica del paisaje En **Revista Geográfica**. N° 141 Enero Junio del 2007; páginas. 7 - 22. Descargado en Diciembre de 2013 <http://www.jstor.org/discover/10.2307/40996739?uid=2129&uid=2134&uid=37778821&uid=377788811&uid=2&uid=70&uid=3&uid=60&purchase-type=both&accessType=none&sid=21103235954781&showMyJstorPss=false&seq=1&showAccess=false>
- PIRES, Claudia. **A Cidade Jardim e Seus Espelhos: Paisagens e Suas Geografias**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Instituto de Geociências. Programa de Pós-graduação em Geografia. Orientadora: Profa. Dra. Dirce Maria Antunes Suertegaray. 2010.
- RANGEL, Orlando. El Antiguo Lago de la Sabana de Bogotá, Su Vegetación y su Flora en el Tiempo. En: **Los Humedales de Bogotá y la Sabana**. Acueducto y Alcantarillado de Bogotá, p. 53-68. Bogotá, Colombia 2003.
  - RESTREPO, Roberto. Las Mujeres en las Sociedades Prehispánicas. En **Las Mujeres En la Historia de Colombia**. Tomo I. Mujeres, Historia y Política, p. 1 – 42. Editorial Norma. Santafé de Bogotá Marzo de 1995.
  - RINCÓN, Alberto. **Las Ideas Educativas en Colombia (1760-1830)** Tesis Presentada en Opción al Grado Científico de Doctor en Ciencias Pedagógicas. Dirigida por el Dr. C. Justo Chávez. Instituto Central de Ciencias Pedagógicas. Ciudad de la Habana, Cuba, 2005. Editorial Universitaria 2008. Descarga realizada en diciembre 2013, de <http://site.ebrary.com/lib/lablaavirtualsp/docDetail.action?docID=10246590&p00=periodo%20republicano%20colombia%20ambiente>
  - RIVASPLATA, P. Representaciones Precolombinas de Paisajes Andinos: Paisajes en Macro "(in situ)" y en Micro "(in visu)". En **Temas Americanistas**. Nº 25, 2010, Pág. 55-109. Descarga diciembre de 2013 de <http://dialnet.unirioa.es/servlet/articulo?codigo=3723569>.
  - ROBLES, Bernardo. La Entrevista en Profundidad: Una Técnica Útil Dentro del Campo Antropofísico. En **Cuicuilco** Vol. 18, Nº 52, Sep. – Dic. 2011, p. 39-49. Escuela Nacional de Antropología e Historia. Distrito Federal, México. Visto en <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35124304004> Agosto de 2013.
  - RODRIGUEZ, Fernando. **Medio Ambiente, Desarrollo y Paisaje en las Sociedades Postindustriales. Usos, Valores, Alianzas y Conflictos**. Tese de Doutorado Departamento de Sociología II (Ecología Humana y Población) Facultad de Ciencias Políticas y Sociología. **Universidad Complutense de Madrid 1997**. Director de Tesis Tomás Rodríguez Villasante. 1997. Visto en <http://dialnet.unirioja.es/servlet/busquedadoc?t=Medio+Ambiente%2C+Desarrollo+y+Paisaje+en+las+Sociedades+Postindustriales.+Usos%2C+Valores%2C+Alianzas+y+Conflictos&db=1&td=todo> Julio de 2013
  - RODRÍGUEZ, V. La Configuración de los Paisajes Hidráulicos. Visión desde el Enfoque Sistémico. En **Revista NIMBUS**. Revista de Climatología,

- Meteorología y Paisaje. N° 17-18. ISSN 1139-7136. Del año 2006. P. 145-157. Departamento de Historia, Geografía e Historia del Arte. Universidad de Almería. ALMERIA ESPAÑA. Descargada en Noviembre de 2014 en: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2355714>
- ROJAS, Rodrigo. **Humedales de la Sabana de Bogotá. una Mirada Histórica Durante los Siglos XV a XIX.** ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ D.C. INSTITUTO DISTRITAL DE CULTURA Y TURISMO. Oficina Asesora de Investigaciones de Ciudad. Impreso en Colombia. Diciembre de 2000.
  - RUIZ, Julián. La Mita en los Siglos XVI y XVII. En **Revista Temas Americanistas**. Número 7, 1990, p. 1-20. Visto en Diciembre de 2013 en: [http://institucional.us.es/revistas/americanistas/7/art\\_1.pdf](http://institucional.us.es/revistas/americanistas/7/art_1.pdf)
  - RUIZ, Margarita. Lineamientos para una Historia Agroambiental de la Sabana de Bogotá (1850-1999). En **Historia Ambiental de Bogotá y la Sabana, 1850-2005**, p. 48-71. Universidad Nacional de Colombia Sede Amazonía. Instituto Amazónico de Investigaciones IMANI. Leticia Amazonas, Colombia, Suramérica. Editorial NOMOS. 2008.
  - SALAZAR-SALAMANCA, Pedro  
 \_\_\_\_\_; LEÓN, Nohra. Reflexiones sobre la Percepción del Ambiente como Base para la Construcción y Transformación de Paisajes. **Perspectivas sobre el Paisaje**. p. 133 – 159. Universidad Nacional de Colombia; Jardín Botánico Bogotá Colombia. 2014  
 \_\_\_\_\_; CUSVA, Alexi Administración del Paisaje. **Perspectivas sobre el Paisaje**. p. 371 – 418. Universidad Nacional de Colombia; Jardín Botánico Bogotá Colombia. 2014.
  - SALDARRIAGA, Alberto. **Bogotá Siglo XX. Urbanismo, Arquitectura y Vida Urbana.** DAPD. Bogotá, 2000.
  - SANABRIA, Álvaro. **Espacio Ambiente y Renta del Suelo.** Universidad Nacional de Colombia. Sede Bogotá. Instituto de Estudios Ambientales IDEA. Programa de Maestría en Medio Ambiente y Desarrollo PMAD 2007
  - SÁNCHEZ, Ricardo. **Ecología y Medio Ambiente.** El Desafío Ambiental. Cooperativa Editorial Magisterio. Bogotá 2004.
  - SANCLEMENTE, Sonia; PALACIO, Germán. Sabana de Bogotá: Vías de

- Comunicación e Integración Territorial. En **Historia Ambiental de Bogotá y la Sabana, 1850-2005**, p. 72-123. Universidad Nacional de Colombia Sede Amazonía. Instituto Amazónico de Investigaciones IMANI. Leticia Amazonas, Colombia, Suramérica. Editorial NOMOS. 2008
- SANTIAGO, Henry. Importancia Histórica y Cultural de los Humedales del Borde Norte Bogotá (Colombia). En Revista **U.D.C.A. Actualidad & Divulgación Científica**, 15 (1): p. 167-180, 2012. Visto en <http://www.scielo.org.co/pdf/rudca/v15n1/v15n1a18>. Descarga en Noviembre de 2014.
  - SANTOS, Milton.
 

\_\_\_\_\_ **La Naturaleza del Espacio. Técnica y Tiempo. Razón y Emoción.** Traducción de María Laura Silveira. Ariel Geografía. España. 2000

\_\_\_\_\_ **Metamorfosis del Espacio Habitado.** Traducción de Gloria María Vargas López de Mesa 1995 OIKOS-TAU Barcelona. 1996.
  - SAUER, Carl O. La Morfología del Paisaje. **Polis Revista de la Universidad Bolivariana.** (en línea) Vol. 5 N° 15. 2006. Chile. Descarga de: <https://drive.google.com/viewerng/viewer?url=http://www.redalyc.org/pdf/305/30517306019.pdf> Vista en Diciembre de 2013.
  - SUÁREZ, Adolfo. **La Transformación de Bogotá, Desde sus Haciendas Hasta sus Barrios. La Hacienda el Chicó, Parte de la Evolución.** Trabajo de Grado para Optar por el Título de Magister en Historia. Dirigido por Germán Mejía. Pontificia Universidad Javeriana. Facultad de Ciencias Sociales. Maestría en Historia. Bogotá D. C., Febrero de 2009. Visto en <http://www.javeriana.edu.co/biblos/tesis/csociales/tesis49.pdf> en Diciembre de 2014.
  - SUCH María. **Turismo y Medio Ambiente en la Comunidad Valenciana.** Tesis Doctoral Dirigida por Fernando Vera Rebollo. Departamento de Análisis Geográfico Regional. Instituto Universitario de Geografía. **Universidad de Alicante. Alicante, España**, septiembre de 2000. Descarga de <http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/4073> en Julio de 2013
  - THIELE Paulo. **Análise das Políticas Ambientais Aplicadas aos Moradores das Margens do Arroio Pampa no Município de Novo**



- Hamburgo.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Orientador Roberto Verdum, 2004.
- ULLOA, Astrid. De una Naturaleza Dual a la Proliferación de Sentido: La Discusión Antropológica en Torno a la Naturaleza, la Ecología y el Medio Ambiente. En Palacio, Germán y Astrid Ulloa (Editores). **Repensando la Naturaleza. Encuentros y Desencuentros Disciplinarios en Torno a lo Ambiental.** Universidad Nacional de Colombia, Sede Leticia. Instituto Amazónico de Investigaciones IMANÍ. Instituto Colombiano de Antropología e Historia. Colciencias. Colombia. 2002
  - URIBE-MALLARINO, Consuelo. Estratificación Social en Bogotá: de la Política Pública a la Dinámica de la Segregación Social. En Revista **Universitas Humanística**, Pontificia Universidad Javeriana, Número 65, Enero-Junio de 2008, p. 139-171 Bogotá Colombia. Visto en <http://www.scielo.org.co/pdf/unih/n65/n65a08.pdf> en Diciembre de 2014
  - URQUIJO, Pedro.; BARRERA, Narciso. Historia y Paisaje. Explorando un Concepto Geográfico Monista. En: **Andamios**. Volumen 5 Número 10; p. 227-252. Abril de 2009. Descarga en diciembre de 2013 de <http://www.scielo.org.mx/pdf/anda/v5n10/v5n10a10.pdf>
  - USDA-NRCS (United States Department of Agriculture – Natural Resources Conservation Service). Claves para la taxonomía de suelos. 11 Ed. Washington, DC: USDA. 2010
  - UTRIA, Rubén. Metropolización de Bogotá y la Sabana. En **Cuadernos de la Sociedad Colombiana de Planificación (SCP)**. N° 1. Segunda Época. Bogotá, 2000.
  - TUAN, Yi. **Topofilia. Un estudio de las Percepciones, Actitudes y Valores sobre el Entorno.** Traducción de Flor Durán de Zapata. Melusina España. 2007
  - VAN DER HAMMEN, Thomas.

---

**Protocolo de Recuperación y Rehabilitación Ecológica de Humedales en Centros Urbanos.** Secretaría Distrital de Ambiente Bogotá D. C., Colombia 2008

\_\_\_\_\_ Los Humedales de la Sabana. Origen, Evolución, degradación y Restauración. En: **Los Humedales de Bogotá y la Sabana**. Acueducto y Alcantarillado de Bogotá. Acueducto y Alcantarillado de Bogotá, p. 19-48. Bogotá, Colombia 2003.

\_\_\_\_\_ (ed.) Neógeno y Cuaternario del Altiplano de Bogotá y Alrededores. **Análisis Geográficos** Número 26. Bogotá. 2003.

- VARGAS, Gloria. Naturaleza y Medio Ambiente: Una Visión Geográfica En **Revista Geográfica Venezolana**. Vol 46 (2) 2005 p. 289 – 304. Descarga realizada en Diciembre de 2013 de <http://www.saber.ula.ve/bitstream/123456789/24648/2/articulo5.pdf>
- VEEDURÍA DISTRITAL. **El Control Social de lo Público: Un Derecho y un Deber Ciudadano**. Diagnóstico de las Localidades de Bogotá. Localidad de Fontibón. Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Derecho, Ciencias Políticas y Sociales. Unidad de Investigaciones Jurídico Sociales y Políticas “Gerardo Molina”. UNIJUS Colombia 2004.
- VELANDIA, Roberto. **Fontibón, Pueblo de la Real Corona**. Imprenta Distrital de Bogotá Julio de 1983.
- VELEZ, Irene. RÁTIVA, Sandra. VARELA Daniel. Cartografía Social como Metodología Participativa y Colaborativa de Investigación en el Territorio Afrodescendiente de la Cuenca Alta del Río Cauca. En **Cuadernos de Geografía**. Revista Colombiana de Geografía (en línea). Vista en <http://www.revistas.unal.edu.co/index.php/rcg/article/view/25774/32863> Diciembre de 2013.
- YEPEZ, Fabio. Ganadería y Transformación de Ecosistemas: Un Análisis Ambiental de la Política de Apropiación Territorial. En **Naturaleza en Disputa. Ensayos de Historia Ambiental de Colombia 1850-1995**, p. 117-172. Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Derecho, Ciencias Políticas y Sociales. Instituto Colombiano de Antropología e Historia ICANH. UNIBIBLOS Bogotá 2001
- ZAMBRANO, Fabio. Breve Historia de Bogotá. En: **Memorias programa "Decada Funcionario un Alcalde"**. Bogotá D.C.: Alcaldía Mayor de Bogotá, 1997. En: <http://institudeestudiosurbanos.info/endatos/0000/resenia.htm>

Visto en Diciembre de 2013.

- ZAMUDIO, María. El Loco del Sombrero. **En Memorias del Agua en Bogotá.** Biblioteca Luis Ángel Arango. Alcaldía Mayor de Bogotá. Facultad de Comunicación y Lenguaje Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá Colombia 2011.
- ZÁRATE, Antonio. **El Espacio Interior de la Ciudad.** Colección Espacios y Sociedades Serie General Número 12. Editorial Síntesis S. A. 1991.

## **ANEXO A**

(FORMATO DE LA ENCUESTA SOCIOAMBIENTAL)

ENCUESTADOR: \_\_\_\_\_

ENCUESTA N° \_\_\_\_\_

FECHA DE APLICACIÓN DE LA ENCUESTA: \_\_\_\_\_

### **I INFORMACIÓN DEL ENCUESTADO**

1. Barrio: \_\_\_\_\_

2. Dirección: \_\_\_\_\_

3. Edad: \_\_\_\_\_

4. Sexo: \_\_\_\_\_

5. Escolaridad: \_\_\_\_\_

6. Número de años siendo vecino del humedal: \_\_\_\_\_

7. Pertenece a algún grupo ecológico, de caminantes, montañismo, ambiental o similares

SI \_\_\_\_\_ NO \_\_\_\_\_

### **II. ESTADO DEL HUMEDAL**

8. Según su conocimiento del humedal, qué calificación obtendrían los siguientes aspectos ambientales de él, en los siguientes temas (la escala de calificación va e 1 a 5, donde 1 es el mínimo y 5 el valor máximo):

a. Calidad del aire \_\_\_\_\_

b. Contaminación visual \_\_\_\_\_

c. Calidad del agua \_\_\_\_\_

d. Aseo del Humedal \_\_\_\_\_

e. Presencia de flora y fauna \_\_\_\_\_

f. Delimitación del Humedal \_\_\_\_\_

g. Estado general del Humedal \_\_\_\_\_

9. Considera que el Humedal Capellanía está bien protegido SI \_\_\_\_\_ NO \_\_\_\_\_

10. Se siente seguro al recorrer el Humedal SI \_\_\_\_\_ NO \_\_\_\_\_

11. Para usted, ¿cuál es el aspecto ambiental más positivo del Humedal?

---

---

---

12. Para usted, ¿cuál es el aspecto ambiental más negativo del Humedal?

---

---

---

### III. RELACIÓN CON EL HUMEDAL

13. Coloque una X en las actividades que usted realiza en el Humedal

a. Practica deportes \_\_\_\_\_

b. Asiste a eventos culturales \_\_\_\_\_

c. Asiste a Eventos políticos \_\_\_\_\_

d. Se reúne con compañeros, vecinos y amigos \_\_\_\_\_

e. Participa en eventos ambientales \_\_\_\_\_

f. Otra, ¿cuál? \_\_\_\_\_

14. Señale tres aspectos que caractericen al Humedal Capellanía

a. \_\_\_\_\_

b. \_\_\_\_\_

c. \_\_\_\_\_

15. Utilizando una escala de 1 a 5 califique la responsabilidad que tiene cada uno de los siguientes actores en la solución de los problemas ambientales del Humedal Capellanía. (1 es lo mínimo, 5 es lo máximo)

a. Usted \_\_\_\_\_

b. Los adultos \_\_\_\_\_

c. Los niños y jóvenes \_\_\_\_\_

d. Entidades del Estado \_\_\_\_\_

e. Las diferentes alcaldías \_\_\_\_\_

f. Entidades privadas \_\_\_\_\_

g. Otra, ¿cuál? \_\_\_\_\_

16. ¿Cuál es su reacción ante las siguientes situaciones que se pueden presentar en el Humedal Capellanía? Marque con una X la respuesta que corresponda.

	Indiferencia	Lo apruebo	Lo rechazo	Participo	Hago sugerencias	Emprendo acciones	Lo impido
Mal manejo de la basura							
Deterioro del espacio físico							
Destrucción de flora y fauna							
Pérdida de área del Humedal							
Actividades de pastoreo en el Humedal							
Jornadas de limpieza del Humedal							
Actividades pedagógicas							
Inseguridad en el Humedal							
Otras, ¿cuáles? _____							

17. De las situaciones escritas anteriormente, ¿cuál considera que es la más negativa para la protección y conservación del humedal?

\_\_\_\_\_

18. ¿Cómo reacciona ante esa situación? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

19. ¿Cómo le gustaría cambiar esta situación? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

20. ¿Qué compromiso asume usted para que la situación cambie?

\_\_\_\_\_

21. De las siguientes actividades ¿en cuál le gustaría participar?

- Organizar grupos ambientales \_\_\_\_\_



- Fomentar la capacitación en temas ambientales. \_\_\_\_\_
- Promover el conocimiento de los humedales a través de actividades como recorridos, jornadas pedagógicas, etc. \_\_\_\_\_
- Generar pactos con la comunidad y actores privados para mejorar la calidad ambiental del Humedal. \_\_\_\_\_
- Otro, ¿cuál? \_\_\_\_\_